

CAMILLA LÄCKBERG



UMA GAIOLA DE OURO

COMO A VINGANÇA DE UMA MULHER
PODE SER BELA E BRUTAL





Camilla Läckberg

UMA GAIOLA DE OURO

Tradução de
ELIN BAGINHA





Para Christina

PRIMEIRA PARTE

—Não poderá estar apenas ferida? — perguntou Faye.

Baixou os olhos para a mesa, não conseguia enfrentar os seus olhares.

Alguns segundos de hesitação, seguidos de uma voz pesarosa.

—Há mesmo muito sangue. De um corpo tão pequeno. Contudo, não quero especular antes de um médico legista poder fazer uma avaliação.

Faye assentiu com a cabeça. Deram-lhe água num copo de plástico transparente, Faye levou-o à boca, mas tremia tão violentamente que algumas gotas lhe escorreram ao longo do queixo até à blusa. A agente da polícia loira, com uns amáveis olhos azuis, inclinou-se para a frente e deu-lhe um lenço de papel, para se poder limpar.

Faye secou-se lentamente. A água iria deixar manchas feias na blusa de seda. Não que isso tivesse alguma importância agora.

—Não há dúvida nenhuma? Absolutamente nenhuma?

A polícia olhou de relance para o colega, antes de abanar a cabeça em negação. Ponderou as palavras cuidadosamente.

—Como lhe disse há pouco, um médico terá de fazer uma avaliação com base nas descobertas feitas no local do crime. Mas, neste momento, tudo aponta para a mesma coisa: o seu ex-marido, Jack, matou a vossa filha.

Faye fechou os olhos e reprimiu um soluço.

Julienne dormia, finalmente. O seu cabelo estava espalhado pela almofada cor-de-rosa. A respiração estava calma. Faye acariciou-lhe o rosto cuidadosamente, para não a acordar.

Jack iria regressar da viagem de trabalho a Londres naquela noite. Ou seria Hamburgo? Faye não se recordava. O marido estaria cansado e stressado quando chegasse a casa, mas Faye faria os possíveis para que ele pudesse relaxar adequadamente.

Fechou a porta do quarto lentamente para não acordar Julienne, saiu para o corredor e verificou se a porta da rua estava trancada. Na cozinha, passou com a mão pela bancada. Mármore branco, com três metros de comprimento. Carrara, obviamente. Infelizmente, era tão pouco prático que chegava a ser atroz a forma como o mármore poroso absorvia tudo como uma esponja, até já começara a ficar com manchas feias. Todavia, Jack nem pusera a hipótese de escolher algo mais prático. A cozinha do apartamento na rua Narvavägen custara quase um milhão de coroas, e não se tinham poupado a nenhuma despesa.

Faye estendeu o braço para uma garrafa de *Amarone* e colocou um copo de vinho em cima da bancada. Copos de vinho a pousar em lajes de mármore, o gorgolejar de vinho a sair de garrafas — era esse o resumo das noites de Faye em casa, quando Jack estava fora. Serviu o vinho cuidadosamente, de maneira a não ficar com ainda mais manchas de tinto na superfície de mármore branco, e fechou os olhos ao levantar o copo até aos lábios.

Reduziu a intensidade da luz com o *dimmer* e saiu para o corredor, onde os retratos a preto e branco dela própria, de Jack e de Julienne estavam pendurados. Tirados por Kate Gabor, a fotógrafa não oficial da princesa real, que todos os anos tirava novas fotografias cativantes das crianças reais a brincarem com as folhas de Outono, em roupas imaculadamente brancas. Faye e Jack tinham optado por tirar retratos de Verão. Relaxadamente divertidos, à beira-mar. Julienne, no meio dos dois, com os cabelos louros a flutuarem ao vento. Roupas brancas, evidentemente. Ela própria com um vestido de algodão simples *Armani*, Jack em camisa e calças arregaçadas *Hugo Boss*, Julienne com um vestido de renda da mais recente colecção infantil de *Stella McCartney*. Tinham acabado de discutir, antes de

tirarem as fotografias. Faye não se recordava do motivo da discussão, sabia apenas que a culpa fora dela. Porém, nada relativo à discórdia anterior era visível nos retratos.

Faye subiu as escadas. Hesitou à porta do escritório de Jack, mas acabou por abri-la. A divisão ficava numa torre, com vista para todas as direcções. Uma planta única, num imóvel único, como o agente imobiliário lhes dissera, quando lhes mostrara o apartamento, havia cinco anos. Na altura, ainda tinha Julianne na barriga e a cabeça cheia de esperanças brilhantes para o futuro.

Faye adorava o quarto da torre. O espaço e a luz que as janelas deixavam entrar davam-lhe a sensação de estar a voar. E, agora que a escuridão estava compacta, lá fora, as paredes abobadadas rodeavam-na como um casulo quente.

Faye decorara o quarto sozinha, tal como o resto do apartamento. Escolhera o papel de parede, as estantes, a secretária, as fotografias e a arte para pendurar nas paredes. E Jack adorava o resultado. Nunca questionava o gosto de Faye e, além disso, ficava sempre extremamente orgulhoso quando os convidados pediam o contacto do decorador que tinham utilizado.

Nesses instantes, Jack deixava Faye brilhar.

Enquanto todas as outras divisões tinham uma decoração moderna, luminosa e arejada, o escritório de Jack era mais masculino. Mais pesado. Faye dedicara mais tempo e esforço a esta divisão, do que ao quarto de bebé de Julianne e ao resto do apartamento em conjunto. Jack iria passar muito tempo ali e tomar muitas decisões importantes que influenciariam o futuro da sua família. O mínimo que ela podia fazer era proporcionar-lhe um santuário, ali em cima, quase a aflorar as nuvens.

Faye acariciou ligeiramente a secretária rústica de Jack, que ela própria comprara num leilão da Bukowski e que, em tempos, pertencera a Ingmar Bergman. Jack não era um grande conhecedor de Bergman, preferia filmes de acção com Jackie Chan ou comédias com Ben Stiller, mas, tal como Faye, gostava quando os móveis tinham uma história.

Quando faziam uma visita guiada aos convidados, pelo apartamento, Jack batia sempre com a palma da mão duas vezes no tampo da mesa e contava, como que por acaso, que o belo móvel, em tempos, fizera parte do lar do cineasta mundialmente famoso. Sempre que fazia aquilo, Faye sorria, pois, ao mesmo tempo que Jack pronunciava aquelas palavras, os seus olhares costumavam encontrar-se. Era mais uma das incontáveis coisas que haviam partilhado, e ainda partilhavam, nas suas

vidas. Aqueles olhares familiares, os pequenos momentos irrelevantes e relevantes que construía uma relação.

Faye afundou-se na cadeira atrás do computador, rodou-a meia-volta e ficou de frente para a janela. A neve caía lá fora e transformava-se em lama na rua, lá bem no fundo. Quando se inclinou para a frente para olhar para baixo, conseguiu ver um carro arrastar-se pela noite escura de Fevereiro. Na rua Banérgatan, o condutor virou o volante e desapareceu na direcção do centro da cidade. Por momentos, esqueceu-se do que fora ali fazer, do motivo pelo qual estava sentada no escritório de Jack. Era demasiado fácil desaparecer na escuridão e deixar-se hipnotizar pelos flocos de neve, que caíam lentamente e perfuravam a negrura.

Faye piscou os olhos, endireitou as costas e virou a cadeira para ficar novamente de frente para o grande monitor da Apple, mexeu no rato, e o ecrã despertou. Perguntou-se o que Jack teria feito com o tapete do rato que ela lhe oferecera pelo Natal, aquele com uma fotografia sua e de Julianne.

Em vez desse, tinha um feio, azul, do banco Nordea. O presente de Natal desse ano para os clientes de *private banking*.

Sabia a sua palavra-passe. *Julienne2010*. Pelo menos não tinha o Nordea como protector de ecrã, mantinha a fotografia que lhe tirara, a ela e a Julianne, em Marbella. Estavam deitadas à beira-mar, Faye levantava a filha com os braços esticados, na direcção do céu. Estavam ambas a rir, mas o riso de Faye sentia-se mais do que se via, ali, deitada de costas, com os cabelos a flutuarem à sua volta, na água. Os olhos azuis brilhantes de Julianne olhavam directamente para a câmara, quase atravessavam a lente. Para os olhos igualmente azuis de Jack.

Faye inclinou-se um pouco mais, deixou o olhar percorrer o seu corpo bronzeado e brilhante com a água salgada do mar. Apesar de, na altura, só se terem passado alguns meses desde o parto, estava em melhor forma do que agora. A barriga estava lisa, os braços finos. As coxas magras e firmes. Agora, mais de três anos mais tarde, pesava pelo menos mais dez quilos do que em Espanha. Talvez quinze. Há muito tempo que não tinha coragem de se pesar.

Desviou o olhar do seu próprio corpo no ecrã e abriu o explorador da Internet, acedeu ao histórico de pesquisas e escreveu *porn*. Ligação atrás de ligação reveladas, apresentadas por data. Faye pôde seguir facilmente as fantasias sexuais de Jack nos últimos meses. Como uma enciclopédia sobre a sua tesão. Uma espécie de «fantasias sexuais para totós».

No dia 26 de Outubro, Jack acedera a dois vídeos. *Russian teen gets slammed by big cock* e *Skinny teen brutally hammered*. Dissesse-se o que se quisesse sobre a indústria pornográfica, pelo menos os títulos dos filmes eram esclarecedores. Nada de rodeios. Nenhuma tentativa de embelezar, disfarçar ou mentir sobre o que iria ser disponibilizado ou sobre o que a pessoa em frente ao monitor realmente queria ver. Um diálogo directo, comunicação aberta e sincera.

Jack via pornografia desde que ela o conhecia, e ela própria também via, às vezes, quando estava sozinha. Faye desprezava as amigas que afirmavam que jamais passaria pela cabeça dos seus maridos verem filmes pornográficos. Que bloqueio mental tão óbvio.

Anteriormente, Jack nunca deixara o consumo de pornografia afectar a vida sexual dos dois enquanto casal. Nunca fora uma situação de «ou uma coisa ou outra». Porém, agora já não procurava Faye, apesar de continuar a procurar satisfação em *Skinny teen brutally hammered*.

O nó na barriga de Faye ficava cada vez mais apertado, a cada vídeo que via. As raparigas eram jovens, magras e submissas. Jack sempre gostara das mulheres jovens e magras. Não fora ele quem mudara, fora ela. E não seria assim que a maior parte dos homens queria as mulheres? Na zona de Östermalm não havia espaço para envelhecimento e aumentos de peso. Pelo menos, não para as mulheres.

No último mês, Jack vira o mesmo vídeo sete ou oito vezes. *Young petite schoolgirl brutally fucked by her teacher*. Faye carregou no *play*. Uma jovem rapariga, com uma minissaia de xadrez, camisa branca, gravata, meias e tranças à Pipi das meias altas, tem problemas na escola. As maiores dificuldades surgem quando vai estudar Biologia. Os pais, preocupados e responsáveis, organizam explicações e deixam a filha sozinha em casa. Alguém toca à campainha. Um homem, à volta dos quarenta anos, vestido com um *blazer* remendado nos cotovelos e uma pasta debaixo do braço, está à porta. Vão os dois para uma cozinha luminosa. A rapariga vai buscar os livros da escola e abre-os em cima de uma mesa. Fazem uma revisão aos músculos do corpo.

—Quando eu disser o nome de um músculo, tu mostras no teu próprio corpo onde ele está. Achas que consegues? — pergunta o professor, com a voz grave.

A rapariga arregala os olhos, assente com a cabeça e faz beicinho. Consegue apontar dois músculos. Quando ele diz *gluteus maximus*, o músculo principal das

nádegas, ela levanta ligeiramente a saia, de maneira que a borda das cuecas fique visível na imagem, e aponta para a parte exterior da virilha. O professor abana a cabeça com um sorriso.

—*Levanta-te para eu te mostrar* — diz-lhe.

A rapariga afasta a cadeira e levanta-se. O professor, com a sua grande mão, percorre-lhe a perna desde a dobra do joelho, subindo, por baixo da saia. Levanta-lhe a saia ainda mais e empurra as cuecas para o lado. Insere um dedo. A rapariga geme. Um supergemido perfeitamente pornográfico. Mas ainda com uma sugestão de inocência assustada e um certo sentimento de culpa. Uma admissão face ao espectador de que sabe que não devia. Que é proibido. Mas que não consegue evitar. Que a tentação é demasiado grande para conseguir resistir.

O professor penetra-a com o dedo algumas vezes. Debruça-a de seguida sobre a mesa e fode-a. Ela grita, geme, arranha a mesa. Pede mais. A cena termina com o professor a pedir para a rapariga voltar a pôr os óculos, que tinham caído durante o espectáculo, antes de se vir na sua cara. Com a cara distorcida pelo prazer e com a boca entreaberta, a estudante recebe o esperma.

Em mais lado nenhum para além dos filmes pornográficos transparece com tanta clareza o elevado grau de importância que os homens atribuem ao seu próprio esperma. É como um bem valioso, distribuído a mulheres langorosas e devotas, de boca entreaberta, sempre de boca entreaberta, como se fosse uma dádiva.

Faye desligou o computador com alguns cliques no rato contra o tapete feio do banco Nordea. Se era aquilo que Jack queria, era aquilo que iria ter.

Empurrou a cadeira para trás, que rangeu relutantemente, e levantou-se. Já era noite cerrada lá fora. A ligeira precipitação de neve cessara. Faye pegou no copo de vinho e saiu do escritório.

O seu *closet* tinha tudo o que era necessário. Faye olhou para o relógio, eram nove e meia. O avião de Jack estava prestes a aterrar, daí a pouco ele estaria sentado num táxi. Evidentemente, Jack tinha acesso ao serviço VIP do aeroporto, por isso não levaria muito tempo até sair de lá.

Tomou um duche rápido e depilou os poucos pêlos púbicos que tinham crescido. Lavou todo o corpo e maquillhou-se, não da forma habitual, mas mais desleixada, mais juvenil. Esborratou as bochechas com *blush*, exagerou no rímel e, em jeito de cereja no topo do bolo, pintou os lábios com um batom cor-de-rosa-brilhante, que encontrou no fundo da gaveta de maquillagem e que provavelmente teria recebido

como brinde em algum evento.

Jack não iria tê-la a ela — não a Faye, sua esposa, mãe da sua filha —, mas alguém mais jovem e inocente, alguém intocado. Era disso que ele precisava.

Escolheu uma das gravatas cinzentas mais finas de Jack e atou-a com um nó descuidado. Pôs uns óculos de leitura que ele tinha vergonha de usar à frente de outras pessoas e que escondia numa gaveta, quando recebiam visitas. Rectangulares, pretos, *Dolce & Gabanna*. Faye observou o resultado ao espelho. Parecia dez anos mais nova. Quase como fora, quando deixara Fjällbacka.

Não era esposa de ninguém. Não era mãe de ninguém. Estava perfeita.

Faye entrou sorrateiramente no quarto de Julianne, para ir buscar um dos seus cadernos e uma caneta com penas cor-de-rosa na ponta. Deteve-se ao ouvir Julianne murmurar no sono. Estaria a acordar? Não. Passados alguns segundos, ouviu-a respirar calmamente outra vez.

Foi até à cozinha para voltar a encher o copo de vinho, mas deteve-se e abriu uma gaveta com os copos de plástico de Julianne. Serviu o vinho tinto num grande copo da *Hello Kitty*, com tampa e palhinha de plástico incluída. Perfeito.

Quando a chave rodou no trinco da porta da rua, Faye estava sentada a folhear a revista *The Economist*, que Jack insistia em ter à vista. Ela era a única na família que realmente lia a publicação.

Jack pousou a mala de viagem no chão, descalçou os sapatos e enfiou as armações de madeira de cedro que eram necessárias para que os seus sapatos italianos de couro macio, cosidos à mão, mantivessem a sua forma perfeita. Faye manteve-se quieta. Ao contrário do seu habitual e discreto brilho labial da *Lancôme*, este batom cor-de-rosa colava-se aos lábios e tinha um cheiro ligeiramente sintético.

Jack abriu a porta do frigorífico cuidadosamente. Continuava sem a ter visto. Movia-se em silêncio, provavelmente convencido de que tanto ela como Julianne estariam a dormir.

Faye observou-o a partir do seu lugar na escuridão da sala de estar. Como um estranho a olhar através de uma janela, podia estudar o marido, sem ele saber que estava a ser observado. Noutros casos, Jack estava sempre tenso. Agora, quando pensava que ninguém o via, movia-se de maneira diferente. Relaxadamente, quase de forma descuidada. O corpo, normalmente tão ativo, estava ligeiramente descaído, não muito, mas o suficiente para que Faye, que o conhecia tão bem, conseguisse perceber a diferença. A sua cara estava mais suave, sem aquela ruga de

preocupação constante que agora tinha tantas vezes, mesmo em contextos sociais que estavam tão intimamente ligados à sua carreira, às suas vidas, onde as gargalhadas e o tilintar de copos se podiam traduzir imediatamente em negócios de milhões no dia seguinte.

Faye recordava-se de como Jack fora em jovem, quando se haviam conhecido pela primeira vez. O olhar provocador, o riso alegre, as mãos que tinham de tocar nela constantemente, que nunca se cansavam dela.

A luz do interior do frigorífico iluminou-lhe o rosto, e Faye não conseguia tirar os olhos de Jack. Amava-o. Adorava as suas costas largas. Adorava as suas grandes mãos que agora seguravam no pacote de sumo e o levavam à boca. Daí a pouco estariam no corpo dela, dentro dela. Meu Deus, como ela o desejava.

Talvez o desejo tivesse feito que o seu corpo se movesse, pois, de repente, Jack virou a cara para a porta brilhante do forno e viu o reflexo de Faye. Sobressaltou-se e deu meia-volta. Continuava com o pacote de sumo na mão, a meio caminho da boca.

Pousou-o na ilha da cozinha.

—Estás acordada? — perguntou-lhe, surpreendido. A ruga entre as sobrancelhas bem arranjadas estava de volta.

Faye não respondeu, limitou-se a levantar-se e deu alguns passos na direcção dele. Os olhos de Jack percorriam todo o seu corpo. Havia muito tempo que não olhava para ela daquela maneira.

—Anda cá — disse Faye suavemente, com a voz doce.

Jack fechou a porta do frigorífico, e a cozinha ficou novamente às escuras. Contudo, as luzes da cidade, lá fora, iluminavam o espaço suficientemente para que se pudessem ver um ao outro. Jack contornou a ilha da cozinha, limpou a boca com as costas da mão e inclinou-se para a frente, para a beijar. Mas Faye virou a cara e empurrou-o para uma cadeira. Agora era ela quem decidia. Quando ele estendeu a mão para a sua saia, deu-lhe uma palmada, mas apenas para a colocar na dobra do joelho imediatamente a seguir. Levantou a saia até ele conseguir ver as cuecas de renda, na esperança de que as reconhecesse, na esperança de que ele visse que eram iguais. Às dela. A rapariga da escola. A inocente.

A mão de Jack continuou a subir, e Faye não conseguiu evitar deixar escapar um gemido. Em vez de fazer como no filme e de empurrar as cuecas para o lado, Jack rasgou-as. Faye gemeu novamente, mais alto desta vez, debruçou-se sobre a mesa, arqueou as costas enquanto ele desapertava as calças e, num só movimento, as

despiu juntamente com os *boxers*. Jack agarrou-a pelo cabelo e empurrou-a contra o tampo da mesa. Inclinou-se sobre ela com todo o seu peso, mordiscou-lhe o pescoço com dentadas fortes, e Faye conseguiu sentir o cheiro do sumo de laranja misturado com o *whiskey* do voo. Jack afastou-lhe as pernas com as suas, em movimentos bruscos, pôs-se de pé atrás dela e penetrou-a.

Jack fodeu-a com força e agressividade, e, a cada penetração, o canto do tampo da mesa golpeava a barriga de Faye. Estava a magoá-la ligeiramente, mas a dor era uma libertação, fazia que esquecesse tudo o resto para poder concentrar-se apenas no prazer.

Ela era dele. O seu prazer era dele. O seu corpo era dele.

—Avisa-me quando te estiveres quase a vir — gemeu Faye, com a cara contra a superfície da mesa despida, onde o batom deixara manchas pegajosas.

—Agora — arfou Jack.

Faye colocou-se de joelhos à frente dele. Jack estava ofegante e empurrou o pénis para dentro da sua boca aberta. Agarrou-lhe a parte de trás da cabeça com as duas mãos e pressionou-a contra si. Faye lutou contra o reflexo de vômito, tentou não virar a cabeça. Apenas aceitar. Sempre apenas aceitar.

Faye visualizava a cena do filme pornográfico e, quando Jack se veio, apreciou ver a mesma expressão na sua cara que o professor fizera quando subjugara a jovem inocente.

—Bem-vindo a casa, amor — disse-lhe, com um sorriso forçado.

Foi uma das últimas vezes que tiveram relações sexuais enquanto casados.

Estocolmo, Verão de 2001

As primeiras semanas em Estocolmo haviam sido solitárias. Dois anos depois de acabar o liceu, deixei Fjällbacka para trás. Tanto a nível mental como fisicamente. Não conseguia afastar-me suficientemente depressa daquela pequena localidade claustrofóbica. Fazia-me sentir asfixiada, com as suas vielas pitorescas e os seus habitantes curiosos, cujos olhares nunca me deixavam em paz. Comigo levava quinze mil coroas e nota máxima a todas as disciplinas.

Preferira ter partido ainda mais cedo. No entanto, levava mais tempo a tratar de todas as coisas práticas do que esperara. Vender a casa, arrumar as coisas, manter à distância todos os fantasmas que se intrometiam.

As memórias eram tão dolorosas... Quando me passeava pela minha casa de infância, via-os a toda a hora, à minha frente: o Sebastian. A minha mãe. E não menos o meu pai. Não havia mais nada para mim em Fjällbacka. Apenas bisbilhotice. E morte.

Ninguém me apoiara naquela altura. Nem agora. Então, fiz a mala e apanhei o comboio para Estocolmo, sem olhar para trás.

E jurei que nunca mais regressaria.

Na estação central de Estocolmo, parei junto a um cesto de papéis, abri o telemóvel e deitei o cartão SIM para o lixo.

Agora nenhuma sombra do passado me poderia alcançar. Ninguém poderia ameaçar-me e perseguir-me.

Aluguei um quarto durante o Verão, num apartamento que ficava no mesmo edifício que o Fältöversten, o centro comercial horrível a que os habitantes do bairro de Östermalm torcem o nariz, enquanto murmuram que «a culpa foi dos socialistas, não descansaram enquanto não estragaram o nosso belo Östermalm». Mas sobre essas coisas eu não sabia nada, nessa altura. Estava habituada à loja de conveniência Ica Hedemyrs de Tanumshede e achava que o Fältöversten era mesmo glamoroso.

Adorei Estocolmo desde o primeiro momento. Da janela do sétimo andar, olhava

para as belas fachadas dos edifícios à volta, para os parques frondosos, os carros bonitos, e pensava que um dia iria viver numa daquelas casas imponentes do século XIX, com marido, três filhos perfeitos e um cão.

O meu marido ia ser artista. Ou escritor. Ou músico. O mais diferente possível do meu pai. Sofisticado, intelectual e civilizado. Ia cheirar bem e vestir-se com elegância. Seria uma pessoa um pouco difícil para os outros, mas nunca para mim, porque eu seria a única pessoa que o compreenderia.

Naquelas primeiras noites claras e longas, dava grandes passeios pelas ruas de Estocolmo. Via as cenas de pancada nos becos, quando as esplanadas fechavam. Ouvia os gritos, os choros, os risos. Carros de emergência que chiavam, a caminho de enfrentar perigos e salvar vidas. Observava com espanto as prostitutas no centro da cidade, com maquilhagem dos anos oitenta e botas altas, a pele cavernosa e os braços cheios de picadas de agulhas, que tentavam esconder por baixo de blusas de mangas compridas ou camisolas. Pedia-lhes cigarros e fantasiava sobre as vidas delas. A liberdade de já estar no fundo. Sem o risco de cair ainda mais profundamente na merda. Brincava com a ideia de eu própria me pôr ali, apenas para perceber o que isso implicava, quem eram os homens que compravam uns instantes de proximidade imunda, nos seus *Volvos* com cadeiras de criança no assento traseiro e fraldas extra e toalhetes no porta-luvas.

Foi durante este período que a vida começou de verdade. Tinha o passado preso como uma corrente à volta dos pés. Puxava-me para baixo, incomodava-me, restringia-me. Contudo, cada célula do meu corpo vibrava de curiosidade. Era eu contra o mundo. Longe de casa, numa cidade com a qual sonhara toda a vida. Não ansiara apenas por partir. Ansiara por *chegar*. Lentamente, transformei Estocolmo na minha cidade. Ela dava-me esperança de conseguir cicatrizar e esquecer.

No início de Julho, a minha senhoria, uma professora reformada, foi de viagem até Norrland para visitar os netos.

—Nada de visitas — disse autoritariamente, antes de fechar a porta.

—Nada de visitas — repeti, obedientemente.

Nessa noite, maquillei-me e bebi o álcool dela. *Gin* e *whiskey*. Licor *Kirsberry* e *Amarula*. Sabia terrivelmente mal, mas não fazia diferença, era a intoxicação que eu queria alcançar, a embriaguez que prometia esquecimento e se espalhava como um calor pelo corpo.

Depois de beber até me sentir corajosa, vesti um vestido de algodão e fui a pé até

à praça Stureplan. Depois de alguma hesitação, sentei-me numa esplanada que parecia agradável. Caras conhecidas que até então só tinha visto na televisão passavam por mim. A rir, embriagadas. Pelo álcool e pelo Verão.

Por volta da meia-noite, pus-me numa fila para uma discoteca do outro lado da rua. A atmosfera era de impaciência, e não tinha a certeza se ia conseguir entrar. Tentei imitar as outras pessoas. Comportar-me como elas, mesmo tendo mais tarde percebido que também deviam ser turistas. Tão perdidos quanto eu, mas com coragem fingida.

Ouvi gargalhadas atrás de mim. Dois rapazes da minha idade contornaram a fila e aproximaram-se dos seguranças. Um assentir de cabeças e apertos de mãos. Todos os olhares estavam postos neles, invejosos e fascinados. Horas de preparativos e risinhos, à volta de copos de *rosé*, para depois sentir o frio nas pernas atrás de uma corda. Quando podia ser assim tão simples. Se apenas se fosse alguém.

Ao contrário de mim, estes rapazes eram pessoas visíveis, respeitadas e que pertenciam ali. Eram *Alguém*. Ali, naquele momento, decidi que eu também ia ser alguém.

Nesse preciso momento, um dos rapazes virou-se e observou com curiosidade a massa de pessoas que acabavam de passar. Os nossos olhares cruzaram-se.

Eu desviei o olhar, comecei a remexer a mala, à procura de um cigarro. Não queria parecer estúpida, não queria parecer aquilo que era: a rapariga da província, na sua primeira saída à noite na capital. Embriagada de *gin* e *Amarula* roubados. Mas, no momento a seguir, ele estava à minha frente. Tinha o cabelo rapado, os olhos azuis e simpáticos. Orelhas ligeiramente proeminentes. Estava vestido com uma camisa bege e calças de ganga escuras.

—Como te chamas?

—Matilda — respondi-lhe.

O nome que eu detestava. O nome que pertencia a outra vida, a outra pessoa. Alguém que já não era eu. Alguém que eu deixara para trás, ao entrar no comboio para Estocolmo.

—Eu chamo-me Viktor. Estás aqui sozinha?

Não lhe respondi.

—Vai lá para a frente e fica ao pé do segurança — disse o Viktor.

—Não estou na lista — murmurei.

—Eu também não.

Um sorriso cintilante. Saí da fila. Recebi olhares ansiosos e invejosos das raparigas, com roupa demasiado curta, e dos rapazes, com demasiado gel no cabelo.

—Ela está comigo.

O monte de músculos que estava à porta levantou a corda e disse:

—Bem-vinda!

No meio da multidão, Viktor pegou na minha mão e levou-nos ainda mais para a escuridão. Sombras humanas, luzes tremeluzentes de várias cores, batimentos vibrantes de baixos, corpos entrelaçados, dança. Parámos ao fundo de um bar comprido, e o Viktor cumprimentou o *barman*.

—O que queres beber? — perguntou-me.

Com um sabor persistente e enjoativo a licor ainda na boca, respondi-lhe:

—Cerveja.

—Ótimo, gosto de raparigas que bebem cerveja. É classe.

—Classe?

—Sim. É fixe. Mesmo.

Passou-me uma *Heineken*. Levantou a garrafa dele num brinde. Eu sorri-lhe e bebi um gole.

—Quais são os teus sonhos na vida, Matilda?

—Ser alguém — respondi-lhe. Sem pensar duas vezes.

—Mas tu já és alguém, ou não?

—Outra pessoa.

—Não acho que haja alguma coisa de mal contigo.

O Viktor deu alguns passos de dança para o lado, abanou a cabeça ao ritmo da música.

—E tu, com que sonhas?

—Eu? Eu só quero tocar música.

—És músico?

Tive de me inclinar para a frente e de levantar a voz para me fazer ouvir.

—Sou DJ. Mas hoje estou de folga. Amanhã vou pôr som. E então vou estar ali em cima.

Segui o dedo dele. Num pequeno palco junto a uma das paredes, atrás de um gira-discos, estava o rapaz com quem o Viktor tinha vindo, a curtir ao som da música. Passado algum tempo, veio ter connosco. Apresentou-se como Axel, parecia simpático e inofensivo.

—Prazer em conhecer-te, Matilda — disse e esticou a mão.

Pensei em quão diferentes eram dos rapazes da minha região. Polidos. Eloquentes. O Axel pediu uma bebida e desapareceu. Eu e o Viktor brindámos outra vez. A minha cerveja estava quase no fim.

—Amanhã, antes da actuação, vamos fazer uma festa com alguns amigos. Não queres lá passar?

—Talvez — respondi-lhe e olhei para ele, pensativa. — Porque querias que entrasse aqui contigo?

Bebi ostensivamente o que restava da minha garrafa de cerveja. Tinha esperança de que ele pedisse mais. O que ele fez. Uma para mim e outra para ele. E depois respondeu à minha pergunta. Os seus olhos azuis brilhavam no escuro.

—Porque és querida. E parecias sozinha. Estás arrependida?

—Não, nada disso.

Tirou um pacote de *Marlboro* do bolso de trás das calças e ofereceu-me um cigarro. Eu não me importava nada que me oferecessem, assim os meus duravam mais tempo. Já não restava muito das quinze mil coroas que tinham sobrado da venda da casa, depois do empréstimo e de tudo o resto estar pago.

As nossas mãos tocaram-se quando ele acendeu o meu cigarro. A mão dele era grande e estava bronzeada. Senti falta do toque dele assim que desapareceu.

—Tens um olhar triste, sabes? — perguntou-me e deu uma passa profunda no cigarro.

—O que queres dizer com isso?

—Que parece haver uma tristeza dentro de ti. Acho bonito. As pessoas que estão sempre felizes aborrecem-me. Não fomos feitos para estarmos constantemente felizes, se fosse assim o mundo parava.

Não lhe respondi, fiquei na dúvida sobre se ele estava a gozar comigo ou não.

De repente, senti a cabeça às voltas do álcool. Decidi levar uma lembrança daquela noite, inclinei-me para a frente, pus a mão na nuca dele e puxei-o para mim. Um gesto que me deve ter feito parecer mais autoconfiante do que realmente estava. Os nossos lábios encontraram-se. Ele sabia a cerveja e a *Marlboro* e beijava bem. Suave mas intensamente.

—Vamos para minha casa? — perguntou-me.

Jack estava sentado à mesa da cozinha, com o seu robe azul-escuro, a ler o jornal *Dagens Industri*. Nem levantou o olhar quando Faye entrou na cozinha, mas ela já estava habituada a isso quando ele estava stressado. E, tendo em conta toda a responsabilidade que tinha no trabalho e todas as horas que passava no escritório, merecia ser deixado em paz nas manhãs de fim-de-semana.

O andar de quatrocentos metros quadrados, que era o resultado da junção de quatro apartamentos, parecia claustrofóbico quando Jack precisava de estar em paz. Faye ainda não sabia como se deveria comportar nesses dias.

No carro, no caminho de regresso de Lidingö, onde Julianne ficara a brincar com uma amiga do infantário, Faye imaginara como ela e Jack passariam a manhã juntos. Apenas os dois. Iam enfiar-se na cama, ver algum programa de televisão que podiam condenar em conjunto pela sua estupidez e vulgaridade. Queria que Jack lhe falasse sobre a sua semana. Dar um passeio por Djurgården de mãos dadas.

Conversar como tinham feito antigamente.

Faye arrumou os restos do seu pequeno-almoço e do de Julianne. Os flocos de cereais tinham amolecido no iogurte líquido. Detestava a sensação dos flocos molhados e do cheiro a azedo e teve de reprimir um vômito ao limpá-los com o pano.

Havia migalhas de pão espalhadas pela ilha da cozinha e, na borda, numa luta contra a lei da gravidade, uma sandes por acabar em equilíbrio precário. A única coisa que a mantinha ali era o facto de estar com o lado da manteiga para baixo.

—Podes pelo menos tentar arrumar as coisas, antes de saíres de casa? — perguntou Jack, sem tirar os olhos do jornal. — Ou agora até aos fins-de-semana vamos precisar de serviços de limpeza?

—Desculpa — Faye tentou engolir o nó que tinha na garganta e passou uma esponja pela bancada da cozinha. — A Julianne só queria ir-se embora, já estava a começar a gritar.

Jack murmurou qualquer coisa e continuou a ler. Tinha acabado de tomar um duche depois da sua corrida matinal. Cheirava bem a *Armani Code*, o perfume que usava desde que se tinham conhecido. Julianne ficara decepcionada por não poder ver o pai de manhã, mas ele saíra antes de ela acordar e só regressara depois de Faye

a ter levado. Fora uma manhã conflituosa. Nenhuma das quatro alternativas de pequeno-almoço que Faye oferecera a Julianne a convencera, e o ritual de vestir fora uma maratona dolorosa e cansativa.

Mas, pelo menos, a bancada da cozinha estava limpa, agora. O rescaldo da guerra estava arrumado.

Faye colocou a esponja no lava-louça e observou Jack sentado à mesa da cozinha. Apesar de ele ser alto, de estar em boa forma, de ser responsável, bem-sucedido, no fundo todos os atributos clássicos de um homem de sucesso, em muitos aspectos ainda era um rapazinho. Faye era a única pessoa que o via por quem ele realmente era.

Iria amá-lo para sempre, independentemente do que acontecesse.

—Está quase na altura de um corte de cabelo, amor.

Faye esticou uma mão e teve tempo de agarrar algumas madeixas do cabelo húmido antes de Jack conseguir desviar a cabeça.

—Não tenho tempo. Esta expansão é complicada e tenho de estar concentrado a cem por cento. Não posso ir a correr para o cabeleireiro dia sim, dia não, como tu.

Faye sentou-se na cadeira ao lado da dele. Colocou as mãos em cima dos joelhos e tentou recordar-se da última vez que cortara o cabelo.

—Queres falar sobre isso?

—Sobre o quê?

—A Compare.

Lentamente, Jack desviou o olhar do jornal para Faye. Abanou a cabeça e suspirou. Faye arrependeu-se de ter falado. Arrependeu-se de não ter simplesmente continuado a limpar migalhas de pão da bancada da cozinha. Apesar disso, prosseguiu.

—Dantes querias sempre...

Jack sobressaltou-se e pousou o jornal. A franja, demasiado comprida alguns milímetros, caiu-lhe sobre a cara, e ele sacudiu a cabeça com irritação. Mas por que motivo não podia ela simplesmente deixá-lo ler em paz? Limitar-se a limpar a bancada. Ser magra e bonita e submissa. Ele trabalhara a semana toda. Se bem o conhecia, iria fechar-se no escritório da torre e continuar a trabalhar. Por ela e por Julianne. Para que pudessem ter uma boa vida. Porque era esse o objectivo *deles*. Não o dele. O deles.

—Em que me iria ajudar falar sobre isso? Tu já não sabes nada sobre negócios,

pois não? Estas coisas são como produtos do dia, não se pode descansar à sombra dos louros conquistados.

Faye dedilhou a aliança de casamento. Rodou-a à volta do dedo, uma e outra vez.

Se não tivesse dito nada, poderiam ter tido a manhã com que ela sonhara. Todavia, deitara tudo isso a perder por uma pergunta estúpida. Quando já devia estar prevenida.

—Sabes sequer como se chama o ministro da Economia sueco? — perguntou Jack.

—Mikael Damberg — respondeu Faye instintivamente. Instintiva e correctamente.

Quando viu a expressão de Jack, arrependeu-se. Mas porque não podia simplesmente ficar calada?

—Ok, em breve vai ser promulgada uma nova lei. Sabes qual é?

Faye sabia. Mas abanou lentamente a cabeça.

—Não, claro que não sabes — continuou Jack. — Está relacionada com o facto de nós, as empresas, agora sermos obrigados a comunicar aos nossos clientes, com um mês de antecedência, que os contratos estão a chegar ao fim. Dantes eram automaticamente renovados. Percebes o que isso implica?

Claro que Faye percebia. Poderia até dar-lhe os números exactos do que aquilo implicava para a Compare. Mas amava-o. Estava ali sentada, na sua cozinha de um milhão de coroas, com o seu marido, que era um miúdo no corpo de um homem, um homem que apenas ela conhecia e que amava acima de tudo. E, por isso, abanou a cabeça. Em vez de dizer que a Leasando AB, uma pequena empresa de energia eléctrica subsidiária da Compare, iria perder aproximadamente vinte por cento dos clientes, cujos contratos, até então, simplesmente se renovavam. Numa estimativa por alto, o volume de negócios iria diminuir em quinhentos milhões de coroas por ano. Os lucros, em duzentos milhões.

Faye limitou-se a abanar a cabeça.

Continuou a mexer na aliança.

—Não sabes — acabou Jack por dizer. — Então agora podes deixar-me ler em paz?

Levantou o jornal outra vez. Regressou ao mundo dos números, cotações de acções, novas emissões e compras de empresas, a que Faye também dedicara três anos na Faculdade de Economia e Gestão, antes de desistir do curso. Por Jack. Pela

empresa. Pela família.

Passou a esponja por água debaixo da torneira, com as mãos apanhou os flocos de cereais e migalhas de pão molhados que se tinham acumulado no ralo e deitou-os para o lixo. Atrás de si, ouviu o farfalhar do jornal de Jack. Fechou a porta do armário com cuidado para não o incomodar.

Estocolmo, Verão de 2001

Viktor Blom tinha um sinal de nascença castanho-claro no pescoço e as costas largas bronzeadas. Estava a dormir profundamente, e eu tinha todo o tempo do mundo para o observar, a ele e ao quarto onde estávamos deitados. As janelas não tinham cortinados e, para além da cama de casal, só havia uma cadeira a transbordar de roupa suja. O Sol formava prismas que dançavam nas paredes brancas.

As minhas pernas nuas estavam embrulhadas num lençol húmido e sujo. Puxei-o para cima, enrolei-o à volta do corpo como uma toalha e abri a porta do quarto cuidadosamente. O *duplex* parcamente mobilado, que o Viktor e o Axel tinham arrendado durante o Verão, ocupava o rés-do-chão e o primeiro andar, na rua Brantingsgatan, no bairro de Gärdet. No exterior, havia um pequeno jardim com uma mesa, cadeiras de madeira e um grelhador portátil preto. Em cima dessa mesa, estava uma lata de *Fanta* velha, completamente cheia de beatas de cigarros.

Do interior do quarto de Axel ouviam-se roncos fortes. No piso de baixo, ficava a sala de estar e a cozinha. Desci até lá, fiz café e vasculhei a minha mala, que estava caída no chão do corredor, até encontrar o maço de cigarros. Depois, peguei no café e no maço e afundei-me numa cadeira, no jardim.

À minha frente, estendia-se o jardim Tessinparken. O Sol ainda estava bastante baixo e obrigou-me a semicerrar os olhos.

Não queria ser chata e importuna. Aquela história de o Viktor querer que eu também fosse à festa deles hoje devia ser só isso, conversa. Para me levar para a cama. Já tinha ouvido promessas bastante mais bombásticas serem feitas na noite. O Viktor parecia ter-se divertido comigo. E eu com ele. Mas era melhor deixar as coisas assim. Apaguei o cigarro na lata de *Fanta* e levantei-me para ir lá dentro procurar a roupa. Ao mesmo tempo, a porta atrás de mim abriu-se.

—Estás aí! — disse o Viktor, sonolento. — Tens um cigarro?

Estendi-lhe um. Ele sentou-se na cadeira onde eu tinha estado e piscou os olhos na direcção do Sol. Sentei-me ao lado dele.

—Estava mesmo a ir-me embora — disse-lhe.

Preparei-me para a expressão de alívio na cara dele. A gratidão por eu não ser uma daquelas miúdas chatas, uma daquelas que não percebia que se devia ir embora.

Mas o Viktor surpreendeu-me.

—Embora?! — exclamou. — Porquê?

—Porque eu não moro aqui.

—E então?

—Tu e o Axel não me devem querer aqui de um lado para o outro. Percebo que foi uma coisa de uma noite e que agora queres estar à vontade. Não quero ser a miúda chata que não descola.

O Viktor desviou o olhar e ficou a olhar para o jardim Tessinparken. Eu resisti a um impulso de lhe acariciar o cabelo curto que lhe despontava na cabeça rapada. Numa fotografia na parede do quarto dele, via-se que tinha um cabelo grosso e claro, com caracóis, quando o deixava crescer. Ele continuou sentado em silêncio e, por momentos, pensei que tinha adivinhado correctamente. Que era tão previsível como todos os outros tipos.

E, por fim, ele disse:

—Não sei como os gajos te costumam tratar, como são as coisas de onde tu vens, mas eu acho que tu és fixe. És diferente, verdadeira. Se queres ir-te embora, claro que podes ir, mas eu gostava que ficasses mais um bocado. Estava a pensar ir lá abaixo comprar sumo e *croissants* ao Seven Eleven, depois apanhar um bocado de Sol e, mais tarde, encomendar uma piza.

—Está bem. — A resposta saiu-me, sem ter tempo de pensar.

Uma vespa voava perto da minha cara. Enxotei-a com as mãos, nunca tinha tido medo de vespas. Havia tantas coisas muito piores das quais se podia ter medo.

—«Está bem»? Sinceramente, que tipo de gajos costumam conhecer?

—De onde eu sou, os gajos costumam... não sei. Costumam querer levar a miúda para a cama e depois que ela se vá embora, tipo isso. Têm outras coisas para fazer no dia seguinte.

Não lhe disse nada sobre os olhares. As palavras. A vergonha que eu tinha de carregar, apesar de ela pertencer a outra pessoa. Oferecer o meu corpo a quem o queria não era nada, comparado com tudo o resto.

Viktor levantou a mão para tapar os olhos do Sol.

—Há quanto tempo estás a viver em Estocolmo?

—Há um mês.

—Bem-vinda.

—Obrigada.

Por volta das sete da tarde, o apartamento começou a encher-se de gente. A maior parte das pessoas eram mais velhas do que eu, e, de início, senti-me um bocado deslocada. O Viktor desapareceu na massa de gente, e eu acabei junto à mesa do jardim, com o Axel. Dei alguns goles numa bebida e fumei cigarros, enquanto ele contava histórias que me faziam rir às gargalhadas, sobre o *inter-rail* dele e do Viktor no Verão anterior. Duas raparigas vieram ter connosco e apresentaram-se como Julia e Sara. A Julia tinha o cabelo castanho comprido, olhos verdes e estava vestida com um vestido azul-escuro lindo. A Sara tinha uma saia de ganga, uma blusa branca e o cabelo loiro apanhado com um nó descuidado.

—Estou tão ansiosa em relação ao Outono — disse a Julia e inclinou-se para a frente. — Quero mesmo desistir, pelo menos fazer um ano sabático, mas o meu pai recusa-se a deixar-me. Fica pior que estragado assim que tento falar do assunto. Porra, detesto mesmo Lund.

—Coitada — respondeu a Sara e fez uns anéis de fumo.

—Quem me dera ter nota para entrar na Faculdade de Economia e Gestão. Mas caga nisso, hoje à noite vamo-nos divertir.

A Julia endireitou as costas e olhou para mim, como se tivesse acabado de reparar que eu estava ali sentada.

—Tu trabalhas em quê?

Aclarei a garganta e expirei um bocado de fumo. Não estava com vontade nenhuma de contar os meus planos a uma pessoa que tinha acabado de conhecer.

—Neste momento, não estou a fazer nada de especial.

—Olha que bom. Mas queres estudar?

Tinha-me candidatado a vários cursos em Estocolmo, por isso assenti com a cabeça. Pensei na minha conta bancária, que estava a ficar cada vez mais vazia.

—Estava a pensar nisso. Mas ainda vai demorar algum tempo até receber respostas — respondi-lhe.

—Como conheces o Axel?

Foi a outra, a Sara, que perguntou, com um gesto da cabeça na direcção dele.

—Conheci o Viktor, não sei se o conhecem, ontem, no Buddha Bar.

—Dormiste aqui?

Assenti com a cabeça.

Elas acabaram de fumar os seus cigarros em silêncio, antes de se levantarem.

—A Julia e o Viktor eram um casal antes — disse o Axel depois de elas se terem ido embora.

—Antes?

—Até há três meses ou assim. É a primeira vez que eles se vêem desde que ela voltou de Lund.

A Julia e a Sara também foram ao Buddha Bar. Mantiveram-se perto do Viktor e estavam constantemente a olhar para mim de trombas. Quanto mais álcool eu bebia, mais irritada ficava.

O Viktor fez uma pausa do gira-discos e veio ter comigo e com o Axel. Pus os braços à volta da cintura dele e enfrentei o olhar zangado da Julia. Ele beijou-me, e eu mordi-lhe o lábio inferior devagarinho. Quando estava na hora de ele voltar para a cabine do DJ, perguntou-me se eu queria fazer-lhe companhia. Manteve o braço à volta da minha cintura enquanto atravessávamos o mar de gente. Demorou algum tempo porque as pessoas estavam sempre a querer pará-lo para falar com ele. Finalmente, chegámos lá acima. O Viktor pôs os auscultadores, regulou algumas coisas na mesa e começou a mexer-se ao ritmo da música.

Eu fiz a mesma coisa. Depois peguei-lhe numa das mãos, puxei-a para debaixo do meu vestido e pu-la entre as minhas pernas. Não trazia cuecas.

—Vens comigo para casa hoje? — perguntou ele.

—Sim. Queres que vá?

Ele lançou-me um olhar intenso, que tornava qualquer resposta dispensável.

—E o que vamos fazer? — perguntei-lhe num tom provocador.

O Viktor riu-se e mudou de música.

Era uma sensação maravilhosa. Agora estava livre. Livre de fazer o que quisesse. Sem o passado a cagar tudo à minha volta, tudo em mim. Sem todas as pessoas que me tinham puxado para baixo. Estava lentamente, pedaço a pedaço, a transformar-me noutra pessoa.

Olhei para as pessoas a dançarem na pista, fechei os olhos e pensei nas coisas em Fjällbacka. Na bisbilhotice, nos olhares que me perseguiam para todo o lado, na

mistura de fascínio e pena, pegajosa, pesada, sufocante. Aqui ninguém sabia. Aqui ninguém via. O meu lugar era aqui. Em Estocolmo.

—Vou à casa de banho — gritei.

—Está bem. Acabo de pôr som daqui a dez minutos. Encontramo-nos à saída?

Assenti com a cabeça e fui para a casa de banho. Pus-me na fila e sorri para mim própria a pensar que o Viktor era meu e de mais ninguém. Sentia-se a batida da música na pista de dança, ao longe, que fazia que o espelho na parede vibrasse ao seu ritmo.

Olhei para o meu próprio reflexo. O cabelo estava mais loiro do que o costume e senti-me bronzeada e revigorada. Achei que parecia mais velha do que apenas há umas semanas. Junto ao lavatório, uma rapariga apontou um lata cor-de-rosa de *spray* para o cabelo e disparou uma nuvem. O cheiro adocicado picava no nariz, mas fazia um contraste agradável com o cheiro a suor, álcool e roupas cheias de fumo.

Atrás de mim abriu-se uma porta e, por alguns segundos, a música ficou mais alta.

Senti tocarem-me no ombro e virei-me. Tive tempo de vislumbrar a Julia antes de a bebida dela voar na minha direcção. Um cubo de gelo acertou-me na testa, caiu para o chão e desapareceu a ressaltar. Os olhos ardiam-me, e pisquei-os várias vezes, tanto de estupefacção como de dor.

—Que merda estás a fazer? — gritei e dei um passo para trás.

—Sua puta saloia — disse a Julia antes de dar meia-volta e desaparecer.

Algumas das outras raparigas riram-se. Limpei-me com um guardanapo. Senti a humilhação a rastejar-me pelo corpo como insectos. Senti-me como o meu antigo «eu». Aquela que se encolhia, que se escondia nas sombras. Aquela que se vergava por baixo do peso de demasiados segredos.

Depois endireitei-me e olhei-me ao espelho. Nunca mais.

Uma semana mais tarde recebi uma carta. Tinha entrado para o curso de Economia da Faculdade de Economia e Gestão. Copiei a carta, procurei a morada da Julia, comprei um envelope e enfiei lá a carta de admissão, juntamente com uma fotografia que o Viktor tinha tirado com o temporizador da máquina fotográfica, comigo de quatro e o Viktor por trás, com a cara retorcida de prazer. Quando enfiei o envelope na caixa do correio da família da Julia, só tinha um pensamento na cabeça: nunca mais ia deixar que me humilhassem outra vez.

Um mês depois, inscrevi-me na Faculdade de Economia e Gestão com o meu nome do meio, Faye, em homenagem à autora do livro preferido da minha mãe. A Matilda deixara de existir.

Um empregado de mesa passou apressadamente atrás de Faye, dirigindo-se certamente para algum dos homens barrigudos, sentados umas mesas ao lado. Havia sempre pressa para esse tipo de homens. O que não era de estranhar, tendo em conta que todos pareciam estar à distância de um bife com batatas fritas de ter um ataque cardíaco.

Faye observou Alice, que acabava de se sentar à sua frente. Quando a conhecera pela primeira vez, a ela e às outras mulheres de classe alta que se moviam no mesmo meio, dera-lhes a alcunha de «patas», uma vez que a sua função principal era porem ovos para os maridos. Deviam concentrar-se em produzir herdeiros e, depois, manter as crianças insuportavelmente mimadas debaixo das suas asas cobertas de *Gucci*. Quando os miúdos entravam para os infantários escolhidos a dedo, era altura de se entreterem com interesses apropriados: ioga, arranjar as unhas, organizar jantares, certificarem-se de que a empregada doméstica mantinha a casa arrumada, organizar os exércitos de *babysitters*, manter o peso sob controlo ou, de preferência, a falta dele, estarem molhadas e excitadas e, o mais importante de tudo, aprender a fechar os olhos às ocasiões em que os maridos chegavam tarde a casa, depois de um «jantar de negócios», com a camisa meio de fora das calças.

Ao início, ridicularizara-as. A sua falta de cultura geral, o seu desinteresse pelos valores reais da vida, as suas ambições que não se estendiam para além do último modelo das malas *Valentino Rock Stud* e a escolha entre ir para Saint Moritz ou para as Maldivas, nas férias de Carnaval.

Porém, Jack quisera que ela «mantivesse boas relações» com elas. Principalmente com Alice, a mulher de Henrik. E, por isso, agora encontrava-se com «as patas» regularmente.

Nem Faye nem Alice nutriam sentimentos especialmente calorosos uma pela outra. Mas, quer quisessem quer não, estavam ligadas uma à outra através da empresa dos maridos. Através da *incrível amizade* dos maridos, como um jornal de negócios uma vez lhe chamara.

Alice Bergendahl tinha vinte e nove anos, era três anos mais nova que Faye. Tinha as maçãs do rosto bem delineadas, a cintura de uma criança de dez anos, pernas como a Heidi Klum sobre andas. Além disso, tinha parido duas crianças

lindas e perfeitas. Provavelmente com um sorriso nos lábios, durante todo o trabalho de parto. E, entre as contracções, entretivera-se possivelmente a tricotar um belo gorro para o prodígio que lhe rasgava a rata perfumada em duas metades perfeitas. Porque Alice Bergendahl não era apenas linda, feminina, magra e perfumada. Também era criativa e social, organizava pequenos eventos adoráveis onde se esperava que todas as «patas» fossem e levassem os seus maridos, se não acabariam na lista negra de Alice. O que, na alta sociedade de Estocolmo, era o correspondente a Guantánamo.

Consigo para o restaurante Riche, Alice levava outra mulher de pernas longas chamada Iris, que era casada com o financeiro Jesper, o qual trabalhava com *trading*. Um pobretana naquele contexto, mas uma possível revelação, e Iris estava numa espécie de período experimental na comitiva de Alice, até ao sucesso de Jesper ser confirmado. O seu destino seria provavelmente decidido dentro de alguns meses.

Pediram salada, meia para cada uma, obviamente, não uma inteira, e três copos de *Cava*. Comeram pequenas garfadas e sorriram umas para as outras, enquanto conversavam sobre os filhos. O único assunto de que falavam. Para além dos maridos.

—O Jesper tirou férias na Páscoa — disse Iris. — Já viram isto? Estamos casados há quatro anos, e ele nunca esteve de férias mais de uma semana por ano. Mas agora chegou a casa há uns dias e surpreendeu-me com uma viagem às Seychelles!

Faye sentiu uma pontada de ciúmes. Engoliu-os com um pouco do espumante.

—Que bom — respondeu.

Contudo, estava a pensar para si própria qual seria o motivo pelo qual Jesper sentia necessidade de apaziguar a sua má consciência deste modo.

O restaurante estava cheio. Os turistas sentados nas mesas à janela, satisfeitos por terem conseguido um lugar. Cheios de sacos de compras por baixo das mesas. Tentavam parecer indiferentes, mas, entre as dentadas, olhavam em volta com os olhos arregalados. Quando o olhar se fixava em alguma pessoa conhecida, inclinavam-se por cima dos pratos e sussurravam uns para os outros, impressionados pelos apresentadores de televisão, artistas e políticos presentes no local. No entanto, não reconheciam o verdadeiro poder que estava naquela sala. Aqueles que puxavam os cordelinhos e se mantinham nas sombras. Mas Faye sabia exactamente quem eram.

—Uma ida às Seychelles é mesmo maravilhoso — disse Alice. — Tão exótico... Mas como é com a segurança? Tem havido alguns... problemas por ali.

—As Seychelles ficam no Médio Oriente? — perguntou Iris, insegura, enquanto empurrava um pedaço de abacate pelo prato.

Faye bebeu um gole do espumante para não começar a rir.

—Sim, tipo por ali? Não é o Estado Islâmico e toda essa coisa?

Alice franziu o nariz ao som borbulhante que vinha da garganta de Faye.

—Não deve haver problema — respondeu Iris, que agora empurrava uma metade de ovo com o garfo. — O Jesper nunca nos sujeitaria, a mim e ao pequeno Orvar, a qualquer risco.

Pequeno «Orvar»? Mas porque se haveria de dar o nome de um marinheiro do século XVIII, infectado com sífilis, ao próprio filho? Na realidade, Faye tinha de admitir que Julianne também era bastante snobe. Mas fora Jack quem o sugerira. Soava bem e funcionaria num contexto internacional. E era importante garantir a viabilidade global dos filhos logo no útero. Essa parte parecia um pouco perdida com a escolha de «Orvar», mas era sempre possível mudar mais tarde. Há uns meses, um «Sixten» da escola de Julianne transformara-se repentinamente num «Henri». A confusão da criança de três anos deve ter sido completa, mas não se podia dar importância a essas coisas, se se quisesse que o rapaz se afirmasse num contexto internacional.

Faye acabou com o que tinha no copo e acenou discretamente para que a empregada de mesa viesse enchê-lo novamente.

—Não, claro que ele não vos ia expor a qualquer risco — disse Alice e mastigou pornograficamente uma folha de alface.

Não obstante, como tinha lido numa revista de saúde que devia mastigar a comida pelo menos trinta vezes, a sensualidade rapidamente se transformou numa impressão de vaca ruminante.

Faye olhou melancolicamente para o seu próprio prato. Tinha devorado a sua meia salada e continuava cheia de fome. Observou com uma certa nostalgia o pedido da mesa do lado, que acabava de ser servido. Bife *Rydberg*. Almôndegas. Massas. Os pratos eram colocados à frente dos homens arredondados de fato e gravata. Desses que se podiam dar ao luxo de ter barriga. Homens pobres eram gordos, enquanto os homens ricos tinham presença. Faye desviou o olhar das almôndegas. Na companhia de Alice não se podia comer almôndegas com molho de

natas e puré de batata.

—Não achas que te faria bem estar algumas semanas raptada, Iris? — perguntou Faye. — Seria a superdieta perfeita. Se perguntasses com jeitinho, de certeza que até te arranjavam um tapete de ioga.

Olhou para a salada intocada de Iris.

—Não se brinca com essas coisas. Isso é horrível!

Alice abanou a cabeça, e Faye suspirou.

—As Seychelles são um grupo de ilhas no oceano Índico. Estamos mais perto do Médio Oriente aqui e agora.

Ficaram em silêncio. Iris e Alice concentraram-se nas suas saladas, e Faye no seu espumante, que, mais uma vez, estava quase a acabar.

—Estão a ver quem ali está? — murmurou Iris, inclinando-se para a frente com o olhar dirigido para a porta.

Faye tentou perceber de quem ela estaria a falar.

—Ali. Aquele que acabou de entrar. Está a falar com o *barman*.

Faye conseguiu ver. Era o cantor John Descentis, o artista preferido de Jack. Tinha entrado em decadência há alguns anos, aparecia sobretudo em tablóides devido a relações falhadas com mulheres, falências e rumores embaraçosos com celebridades de segunda categoria. Juntamente com a sua acompanhante, uma rapariga engraçada à volta dos vinte e cinco anos, com o cabelo pintado de preto e um casaco de cabedal, foi acompanhado até à mesa em frente à delas.

—Duas cervejas — disse para a empregada. — Para começar.

Alice e Iris reviraram os olhos.

—Até este consegue mesa aqui — murmurou Alice. — Este sítio está mesmo a ficar deplorável.

Iris virou o corpo de forma tão acentuada que as pulseiras rígidas de ouro da *Cartier* chocalharam.

Faye observou John Descentis. Andava a planear a festa de aniversário de Jack há algum tempo, e ele iria adorar se John Descentis lá fosse tocar. Levantou-se. Com os olhares horrorizados de Alice e Iris cravados nas costas, foi até à mesa do artista.

—Desculpem incomodar-vos. Chamo-me Faye.

John Descentis olhou para ela, de cima a baixo.

—Olá, Faye — respondeu com um sorriso irónico. — Não há problema, não incomodas nada.

—O meu marido, o Jack, faz anos em Abril, e vou organizar-lhe uma festa no restaurante Hasselbacken. Ele adora-te. Estava a pensar perguntar-te se estás livre nessa altura e se gostavas de vir tocar algumas músicas.

—É o Jack Adelheim? O empresário?

A rapariga de cabelo preto torceu a boca, mas John endireitara-se na cadeira.

Faye sorriu para ele.

—Sim, é ele. Tem uma empresa chamada Compare.

—Claro que sei quem é. Sim, não há problema nenhum. Não sabia que ele gostava do meu trabalho.

—É teu fã desde que era adolescente. Tem todos os teus álbuns em casa. Sim, os álbuns físicos!

Faye riu-se.

—Isso não deve ser uma coisa para se gabar em entrevistas com a imprensa de negócios — comentou John.

A rapariga suspirou audivelmente, levantou-se da mesa e anunciou monotonamente que ia à casa de banho.

Faye sentou-se no lugar dela. Estava tentada a roubar a cerveja que o empregado colocara na mesa, mas controlou-se. Pelo canto do olho, conseguia ver Alice e Iris a olharem fixamente para ela.

Mal podia esperar por contar o sucedido a Jack. Na verdade, devia manter o caso em segredo, fazer-lhe uma surpresa, mas conhecia-se a si própria e sabia que nunca o conseguiria fazer.

—Posso... há algum problema em ficar com o teu número de telefone? Para podermos combinar os detalhes. E para discutir um valor e isso.

—Claro, se me deres o teu número, mando-te uma mensagem.

John escreveu uma mensagem de texto para Faye e formou um sorriso nos lábios que ainda tinha algum charme desgastado.

Havia rumores de que não era apenas o álcool que amiúde o levava a procurar centros de desintoxicação, mas, naquele momento, não parecia estar sob o efeito de nada.

O telemóvel apitou, e Faye lançou um olhar rápido à mensagem, um *smiley* sorridente, antes de voltar para a sua mesa.

—O que lhe disseste? — murmurou Alice, apesar de, provavelmente, ter ouvido a conversa toda.

Se Faye não soubesse que ela fizera injeções de *botox* na testa, quase poderia jurar que conseguia ver uma ruga de preocupação.

—Vai tocar no aniversário do Jack.

—Ele?! — sibilou Alice.

—Sim, precisamente. O John Descentis. O Jack adora-o.

—O Jack não vai gostar disso. Vão lá estar possíveis contactos de negócios. Simplesmente não vai dar uma boa imagem.

—Acho que sei do que o meu marido gosta ou deixa de gostar, Alice. Cuida da tua família que eu cuido da minha!

Faye apertou melhor o casaco quando finalmente saiu do Riche. Um vento gelado soprava da direcção de Nybroviken. O céu estava cinzento. As pessoas andavam inclinadas para a frente, a passos apressados. Os saldos de setenta por cento da Schuterman começavam a aproximar-se do fim, e a loja estava com um aspecto escolhido e vazio.

Faye tinha uma hora livre até ter de ir para casa para substituir a ama. Começara a andar na direcção da praça Stureplan, quando um *Porsche Boxter* vermelho-vivo travou a fundo e fez que o condutor do táxi imediatamente atrás se atirasse furiosamente à buzina.

A janela do carro abriu-se, e Chris Nydahl inclinou-se sobre o lugar do passageiro, com o braço pousado em cima do volante.

—Queres boleia, ó giraça? — perguntou-lhe, em tom de engate fingido.

Jack detestava Chris, e Faye olhou, preocupada, à sua volta. Mas as queques *Gucci* continuavam no Riche, certamente ainda em estado de choque devido ao seu comportamento, e, de imediato, Faye apercebeu-se da falta que Chris lhe fazia. Do seu humor cru, das suas gargalhadas e das fantásticas histórias sobre aventuras de uma noite sem significado e festas loucas. Havia sido as duas inseparáveis, em tempos.

Faye abriu a porta do carro e saltou lá para dentro. Os assentos de pele tinham um estampado leopardo e chiaram quando se sentou.

—Que belo carro — disse. — Muito discreto.

Chris agarrou nos sacos de compras que estavam aos pés do assento do passageiro e atirou-os despreocupadamente para o espaço mínimo atrás delas. Um carro buzinou.

—Cabrão! — exclamou Chris, levantou um dedo para o retrovisor e pôs o carro em movimento.

Faye abanou a cabeça e riu-se. Na companhia da amiga sentia-se sempre dez anos mais nova.

—Qual é a piada de ter dinheiro «cala-te já» se nunca dizemos «cala-te já» às pessoas? — murmurou Chris e olhou para o retrovisor.

—Onde vais buscar essas coisas?

—Por acaso ouvi esta expressão numa série televisiva.

Chris virou-se para olhar para Faye, que preferia que Chris olhasse para a estrada.

—Quanto tempo temos até teres de ir para casa cumprir os teus deveres de esposa e fada do lar, de que te vais arrepender quando estiveres velha e incontinente?

Faye agarrou-se, apavorada, ao cinto de segurança quando Chris pareceu não reparar que o semáforo à sua frente já estava vermelho.

—Pouco mais de uma hora.

—Ótimo!

Sem qualquer aviso, Chris virou completamente o volante, fez inversão de marcha e, por milímetros, evitou embater de frente contra um autocarro. Faye agarrou-se ainda com mais força ao cinto de segurança.

—Vamos até Djurgården — disse Chris.

Faye só conseguiu assentir com a cabeça.

Encontraram um restaurante aberto e pediram cafés. Como sempre, Chris parecia totalmente desinteressada dos olhares que os outros clientes lhe lançavam. Chris tinha uma crónica na revista *Elle*, onde escrevia sobre empreendedorismo feminino e participava regularmente nos programas da manhã. Na semana anterior, fora convidada no programa da Malou.

Imediatamente a seguir aos estudos, que ela, ao contrário de Faye, havia concluído, Chris abriu o seu primeiro espaço de cabeleireiro, daquele que viria a tornar-se o grupo Queen, um império de cuidados para o cabelo, baseado na ideia de que todas as mulheres eram dignas de se sentirem rainhas. Chris tinha um curso inicial de cabeleireira, e fora com isso que se sustentara durante os estudos para se tornar economista. Logo da primeira vez que conhecera Faye, Chris declarara que tencionava fundar um império. Cinco anos depois da licenciatura, existiam dez salões Queen espalhados pela maior parte das grandes cidades escandinavas. Porém,

a maior parte do dinheiro fora ganha com a venda dos produtos que desenvolvera. Um pensamento ecológico, a alta qualidade e as embalagens maravilhosas, em combinação com o talento para as vendas de Chris, fizeram que a sua linha de produtos de cuidados para o cabelo agora estivesse disponível nos maiores revendedores da Europa. E, lentamente, começara a entrar no apetecível mercado norte-americano.

—Não percebo como aguentas almoçar com aquela múmia e sua comitiva funerária todas as semanas.

—A Alice? Na verdade, não é assim tão má ...

Faye sabia que Chris sabia que ela estava a mentir. Mas Jack nunca lhe perdoaria se ela escolhesse o lado de Chris em vez de Alice.

Durante os tempos de estudante, Chris tivera um curto mas intenso romance com Henrik, o marido de Alice. Faye, Jack, Chris e Henrik haviam sido um quarteto inseparável. Contudo, um dia Chris abriu o jornal e vira um anúncio de noivado, que informava sobre o compromisso assumido entre Henrik e Alice. Henrik escolhera boas linhagens, dinheiro e docilidade representativa, em vez de amor.

Desde então, ao longo dos anos, Chris apenas utilizara os homens como bens de consumo. Faye sabia que Chris ficara profundamente magoada e desconfiava de que ela, de certa maneira, ainda chorava por Henrik, mesmo que nunca o admitisse. Porém, Jack contara a Faye tudo o que se passava por baixo da linda superfície, todas as indiscrições de Henrik. Que ele, que sempre fora tímido, com os anos e a fortuna crescente, se transformara noutra pessoa, que parecia querer compensar o tempo perdido.

—Claro, se tu o dizes — respondeu Chris. — Mas não me digas que não achas estranho?

—O quê?

—Que ela, apesar de todos os milhões que o Henrik lhe atira para cima, ainda não tenha conseguido pagar a alguém para lhe tirar aquele pau que traz enfiado no cu!

Faye abafou uma gargalhada.

—Sinceramente, Faye. Não percebo como aguentas. Sei da importância gigantesca que tiveste na construção da Compare, a maldita ideia foi toda tua, e tu ajudaste o Jack e o Henrik a criar a estrutura da empresa. Mas isso nunca transparece quando eles se sentam com as revistas de negócios a vangloriarem-se

dos seus sucessos. Não dos vossos. Não dos teus. Mas dos deles. Porque hás-de passar os dias em casa a dedicar-te a... olha, sei lá! É um desperdício de recursos! Tu és uma das pessoas mais espertas que encontrei, e olha que encontro-me comigo própria todos os dias!

Chris sorriu, mas foi um sorriso forçado. Abriu a boca para continuar, mas Faye interrompeu-a.

—Pára com isso. Eu adoro a minha vida.

A raiva ardia-lhe no estômago, como a azia que tivera durante os últimos meses de gravidez. Faye adorava Chris, mas não aguentava quando ela tentava falar mal de Jack. Quando virava as coisas de maneira a parecerem uma coisa que não eram. Chris não compreendia que tudo o que Jack fazia era por ela e por Julianne. Não via tudo o que ele sacrificava por elas, todas as escolhas difíceis que tinha de fazer, durante o tempo que era forçado a dedicar à empresa. E qual era o problema se ela não recebia qualquer reconhecimento público por tudo o que investira na Compare, por tudo aquilo com que contribuíra? Jack sabia. E Henrik sabia. Isso era suficiente para Faye.

Também era mais vantajoso para a empresa cultivar o mito à volta de Jack e de Henrik e da sua parceria única. Mas Chris não tinha família, saltava apenas de homem em homem. Não compreendia aquilo da responsabilidade familiar. Os sacrifícios que se faziam. Chris nunca precisava de transigir em nada.

—Espero que tenhas razão. — respondeu Chris. — Mas o que aconteceria se ele te deixasse? Como já disse, és uma das pessoas mais inteligentes que conheço. Diz-me pelo menos que alteraram o acordo pré-nupcial depois de a Julianne nascer! Com mais segurança para ti...? Só na eventualidade de...?

Faye sorriu. Na verdade, a preocupação de Chris com ela era enternecedora.

Abanou a cabeça.

—Essa ideia não foi do Jack, foi do Henrik. Claro que o Jack não queria acordo pré-nupcial rigorosamente nenhum, mas os investidores exigiram.

—Se vocês se divorciarem, tu não recebes nada. Zero.

Chris falava clara e pausadamente. Como se falasse para uma criança. Quem pensava ela que era? Só porque não conseguia encontrar alguém como Jack.

Faye inspirou profundamente algumas vezes.

—Nós não nos vamos divorciar. Estamos mais felizes do que nunca. Tens de aceitar que a vida é minha e que a levo como eu quiser.

Chris ficou calada por alguns momentos. Depois levantou as mãos num gesto de rendição.

—Desculpa, tens razão, vou parar de meter o meu grande nariz onde não sou chamada.

Sorriu com aquele sorriso a que era impossível resistir. E Faye sabia que Chris só lhe queria bem. Não queria zangar-se com ela.

—Vamos falar de alguma coisa mais divertida. O que dizes de irmos passar um fim-de-semana a qualquer lado? Só nós as duas?

—Sim, era giro — respondeu Faye e olhou para o relógio. Teria de se despachar agora. — Tenho só de ver com o Jack primeiro.

Faye atirou um beijo a Chris, ao mesmo tempo que marcava o número dos táxis. Quando correu lá para fora, Chris permaneceu sentada, a observá-la.

Estocolmo, Agosto de 2001

Fiquei na cama a escrever no diário, despejei todos os meus sentimentos. Era uma libertação a Matilda já não existir. Ninguém me conhecia de antigamente. Ninguém sabia o que acontecera. Quando alguém perguntava sobre a minha família, eu respondia simplesmente que os meus pais tinham morrido. Um acidente de carro. E que não tinha irmãos. O que era verdade. Eu não tinha irmãos. Já não tinha.

Mas, às vezes, o Sebastian vinha ter comigo em sonhos. Sempre fora de alcance. Sempre exactamente atrás do ponto em que eu o poderia alcançar, se esticasse os braços. Ainda conseguia sentir o cheiro dele quando fechava os olhos.

Quando sonhava com o Sebastian, acordava sempre a transpirar. Via-o tão claramente na minha mente. O seu cabelo escuro e os olhos azuis vivos. Era tão parecido com o nosso pai, apesar de serem tão diferentes em personalidade. Costumava demorar algum tempo a conseguir voltar a adormecer.

Mas a minha nova identidade como Faye dava-me força. Até agora, mantinha-a em segredo do Viktor, ele talvez não compreendesse. Mas, para todas as outras pessoas, mostrava o meu novo «eu» autoconfiante, que não tinha nada a ver com a Matilda. E, o mais importante, era que as cartas da prisão já não conseguiam chegar até mim. Nunca abrira uma única. Mas lembrava-me do pânico que sentira quando vi a letra do pai no envelope. Agora, ele já não sabia onde eu estava, não podia contactar-me. Ele já não existia. Pertencia ao mundo da Matilda.

Estiquei-me para a minha mala, guardei o diário na bolsa interior e corri o fecho.

Se não fossem os sonhos, poderia acreditar na minha própria mentira de que o passado estava enterrado. Mas o Sebastian continuava a vir ter comigo à noite. Primeiro vivo, com aquele olhar penetrante que perfurava tão profundamente. Depois, pendurado pelo cinto.

Domingo de manhã. Faye apressou-se a arrumar as coisas do pequeno-almoço de Julianne, para que Jack não precisasse de ver o caos que ela deixara atrás de si. Bem, talvez não transformasse propriamente a cozinha num Pearl Harbor, mas Faye percebia o que Jack queria dizer com não ser agradável descer de manhã para uma cozinha desarrumada.

Decidira não incomodar Jack com o eventual fim-de-semana fora, dela e de Chris. Só iria provocar irritação e discussões.

Mesmo não tendo querido admiti-lo perante Chris, ela e Jack estavam a passar por um período difícil. Todos os casais passavam por isso. O trabalho de Jack exigia muito dele, e Faye não seria com certeza a primeira mulher da história da humanidade a sentir que o trabalho recebia o melhor do seu marido. Obviamente desejava que ele tivesse mais energia e disponibilidade. Para ela e para Julianne. Mas depressa afastava esse tipo de pensamento. Pertenciam ao percentil mais rico do país, que era talvez o mais próspero do mundo. Faye não precisava de trabalhar, de pensar em contas para pagar ou sequer de ir buscar crianças ao infantário. Havia um batalhão de amas e empregadas de limpeza, prontas a ajudar com tudo. Por vezes, Faye até fazia compras com entrega ao domicílio para não ter de carregar os sacos.

Jack, por outro lado, tinha uma responsabilidade enorme, uma responsabilidade que o podia tornar brusco e frio. Pelo menos para com ela. Mas Faye sabia que era apenas temporário. Daí a alguns anos, iriam cuidar mais um do outro. Viajariam juntos. Teriam mais tempo para as suas vidas e para os seus sonhos.

—Percebes que eu não acho que seja divertido trabalhar tanto, não percebes? — costumava Jack perguntar-lhe. — Claro que preferia estar em casa a gozar a vida contigo e com a Julianne, sem precisar de pensar em como vamos pagar as contas. Mas, em breve, vamos ser nós os dois, amor.

Talvez já se tivesse passado algum tempo desde que ele o dissesse pela última vez. Mas a promessa estava no ar. Faye confiava nele.

Julianne estava deitada no sofá, com o *iPad* no colo. Faye ligara os auscultadores sem fios para ela não incomodar Jack. Ele tinha o sono leve, por isso Faye ensinara a filha a ser o mais silenciosa possível de manhã.

Afundou-se no sofá ao lado da filha, afastou-lhe uma madeixa de cabelo dos

olhos, reparou, sem surpresa, que Julianne estava a ver o *Frozen*, provavelmente pela milésima vez. Faye ligou a televisão no jornal da manhã e reduziu o volume quase até ao mínimo. Desfrutou da sensação do corpo quente de Julianne encostado ao seu. Da proximidade entre as duas.

A porta do quarto abriu-se, e Faye ouviu Jack dirigir-se para a cozinha. Escutou atentamente os seus passos, para tentar perceber com que tipo de disposição acordara. Susteve a respiração.

Jack aclarou a garganta.

—Podes vir aqui? — chamou-a com a voz rouca matinal.

Faye apressou-se para a cozinha. Sorriu para Jack.

—O que é isto? — perguntou-lhe e apontou com a mão.

—O quê?

Faye detestava quando não o percebia, aquela sensação de que a comunicação entre os dois falhava. Sempre haviam sido «Jack e Faye». Iguais. Uma equipa que se conhecia por dentro e por fora.

—Achas que isto é um balcão de cozinha onde se tem vontade de preparar uma sandes? — perguntou Jack e passou com a mão pelo balcão de mármore. — Eu, pelo menos, não tenho!

Levantou a mão. Tinha algumas migalhas presas à palma.

Como podia ser tão estúpida? Tão descuidada. Já devia estar preparada.

Faye pegou imediatamente na esponja. O seu coração batia tão depressa que sentia a pulsação nos ouvidos. Limpou o resto das migalhas, apanhou-as com a mão que tinha livre e atirou-as para o lava-louça. Depois de lançar um olhar para Jack, abriu a torneira e lavou o lava-louça com a escova.

Pendurou a esponja e voltou a colocar a escova no seu elegante suporte prateado brilhante.

Jack ficou onde estava, quieto.

—Queres café, amor? — perguntou-lhe Faye.

Abriu o armário onde estavam guardadas as cápsulas de café *Nespresso* e tirou automaticamente duas roxas, as favoritas de Jack. Um *Lungo* e um *Espresso*, numa chávena com uma pinga de leite vaporizado. Jack queria o seu café forte.

Jack virou a cabeça e olhou para a sala de estar.

—Sempre que olho para ela, está com os olhos colados a um ecrã. Tens de te esforçar mais, lê-lhe qualquer coisa, brinca com ela.

Algumas gotas de café escorreram pelo canto da chávena branca. Faye limpou-as com o dedo e colocou a chávena na mão de Jack. Ele pareceu nem reparar.

—Sabes o que o Henrik me contou? Que a Saga e o Carl não podem usar os *iPads* mais de uma hora por dia. Em vez disso, vão a museus, têm aulas de piano e de ténis, lêem livros. A Saga também anda no *ballet*, três vezes por semana, na academia de dança.

—A Julianne quer jogar futebol — disse Faye.

—Nem pensar! Tu já viste as pernas com que as raparigas ficam quando jogam futebol? Parecem troncos. E queres ver que ia jogar com um monte de miúdas dos subúrbios? Daquelas com paizinhos que ficam a berrar palavrões e insultos ao árbitro?

—Tudo bem.

—Tudo bem o quê?

—A Julianne não vai jogar futebol.

Faye colocou a sua mão contra o peito de Jack, apertou-se contra ele. Percorreu-lhe a barriga com os dedos, parou com a mão entre as suas pernas.

Jack olhou para ela, surpreendido.

—Pára com isso.

No vidro brilhante do forno, Faye viu reflectidos os contornos do seu braço pálido e gordo. Claro que Jack não queria tocar-lhe, ela deixara a decadência prolongar-se por demasiado tempo.

Faye trancou-se na casa de banho. Despiu toda a roupa e inspeccionou minuciosamente o seu corpo nu, de diferentes ângulos. O peito parecia deprimido. Como tulipas murchas num vaso. Será que deveria falar com Jack sobre um aumento mamário? Faye sabia que Alice fizera um. Era tudo uma questão de fazê-lo com bom gosto. Não podia ser foleiro. Não podiam ficar dois balões.

Há muito tempo que não tinha a barriga lisa, e as pernas pareciam uma massa pálida e desleixada. Quando apertava as nádegas, ficava com a pele cheia de buraquinhos. Pareciam a superfície da Lua.

Levantou o olhar. Os olhos estavam com um aspecto oco e sem brilho. A tez e o cabelo estavam baços, e já não tinha nada a que se pudesse chamar um penteado. Quando se aproximou mais do espelho, conseguiu ver alguns cabelos brancos, grossos. Arrancou-os rapidamente e atirou-os para o ralo.

Só esperava que Jack não tivesse começado a sentir vergonha dela. Será que se

queixava dela aos amigos? Teriam gozado com ela? A partir de agora, só iria comer coisas saudáveis e treinar uma, não, duas vezes por dia. Nada de vinho, nada de bons jantares, nada de petiscos à noite enquanto esperava que Jack chegasse a casa.

Jack bateu à porta.

—Não vais sair daí?

Faye sobressaltou-se.

—Daqui a nada, amor — respondeu, com a voz rouca.

Jack continuou do outro lado, e Faye ficou nervosa.

—Sei que tenho andado ocupado ultimamente — disse-lhe Jack. — O que achas de irmos jantar fora na quarta-feira? Só nós os dois?

Os olhos de Faye humedeceram-se de lágrimas, ali nua, na casa de banho. Vestiu-se rapidamente. O seu Jack. O seu adorado, adorado Jack.

Destrancou a porta.

—Adorava, meu amor!

Duas horas mais tarde, Faye estava em frente ao balcão da carne, no supermercado de Karlaplan, à procura de algo bom para o almoço. Tudo estava na mesma. Os preços demasiado altos. Os gritos de crianças e o permanente murmúrio dos congeladores. O cheiro a molhado dos casacos de dezenas de milhares de coroas e das peles genuínas, nada de versões sintéticas politicamente correctas por aqui. A única coisa sintética que se poderia pensar em vestir naquele bairro era algo de Stella McCartney. Se fosse suficientemente caro.

Faye pegou num pacote de peitos de pato e dirigiu-se para as caixas. Escolheu aquela onde estava Max. Ele costumava trabalhar aos domingos.

Observou os braços musculados de Max, enquanto ele passava os produtos dos clientes à sua frente pelo leitor. Deve ter sentido o olhar fixo de Faye, pois virou-se subitamente para ela e sorriu-lhe.

Quando chegou a vez de Faye, o sorriso ficou ainda maior. Os olhos brilhavam.

—Então como está hoje a mulher mais bela de Estocolmo?

Faye corou. Percebia que ele dizia aquilo à maior parte das mulheres, mas mesmo assim. Ele *via-a*.

Saiu da loja com passos leves.

Quando chegou a casa, apressou-se a arrumar as compras nos respectivos sítios. Nunca corria bem se as deixasse demasiado tempo à vista.

—Saíste nessa figura?

Faye virou-se. Jack estava à porta. A testa franzida.

—O que queres dizer com isso?

Jack fez um gesto com a mão para a sua roupa.

—Não podes ir à loja em fato-de-treino! Imagina que dás de caras com alguém que conhecemos?

Faye fechou a porta do frigorífico.

—O Max da caixa pareceu apreciar. Chamou-me a mulher mais bonita de Estocolmo.

Jack cerrou os maxilares. Faye percebeu que cometera um erro. Já devia saber que não podia brincar sobre essas coisas com Jack.

—Agora entras em *flirts* com o pessoal das caixas?

—Não, não entro em *flirts*. Eu amo-te, Jack, sabes isso, mas não posso evitar que me elogiem, não é?

Jack bufou. Faye observou as costas de Jack quando ele se afastou na direcção do escritório. Apesar de ter ficado com um nó na barriga, também ficou surpreendentemente contente com aquela pequena erupção.

Ele importa-se, pensou para si própria. Importa-se mesmo.

Julienne dormia. Jack e Faye estavam deitados na cama. Ele com o computador ao colo, ela a ver uma repetição de um programa de televisão.

—Queres que baixe o som?

Jack empurrou os óculos para a ponta do nariz e puxou o monitor do portátil para baixo, até conseguir ver a televisão.

—Não, não há problema — respondeu, distraidamente.

A apresentadora do programa, com as mãos cheias de cartões manuscritos, apresentava um dos participantes.

—É a Lisa Jakobsson? — perguntou-lhe.

—Sim.

—Ela até costumava ser gira. Está tão velha. E gorda.

Jack abriu novamente o ecrã do computador.

Quando Jack adormeceu, Faye pegou no seu *iPhone*, usou uma das mãos para tapar a luz do ecrã e abriu a *Wikipedia*. Lisa Jakobsson era dois anos mais nova do que ela.

Estocolmo, Agosto de 2001

As praxes da Faculdade de Economia e Gestão eram secretas, a direcção da escola não podia saber absolutamente nada sobre a maneira como nós, os alunos do primeiro ano, íamos ser humilhados e embebedados. A participação era voluntária, mas, para mim, não havia escolha. Tinha decidido fazer tudo o que fosse preciso para me integrar no grupo, para pertencer. Agora que era uma folha em branco, isso podia finalmente acontecer.

Éramos quinze raparigas nervosas, que nos encontrámos num pequeno prado junto à água, no jardim Hagaparken. Mais ou menos o mesmo número de estudantes do segundo ano já lá estava também. Eram exclusivamente rapazes. E, com eles, traziam vários sacos grandes do IKEA, cheios de acessórios. Colocaram-nos em fila, umas ao lado das outras, e inspeccionaram-nos detalhadamente, uma a uma. Disseram-nos para nos despirmos até ficarmos em roupa interior e entregaram-nos sacos do lixo pretos com buracos, para colocarmos por cima da cabeça. Depois tivemos de beber dois *shots* de vodka. Ao meu lado, estava uma rapariga alta e rechonchuda, com sardas e o cabelo ruivo despenteado.

—Ponham-se de joelhos! — gritou Mikael, o líder não declarado do segundo ano, filho de um conhecido magnata do imobiliário.

Tinha o cabelo loiro cortado à tigela, pequenos olhos de porco e parecia habituado a dar ordens e a vê-las cumpridas. Apressámo-nos a fazer o que ele dizia.

—Muito bem — continuou. Tinha um ovo na mão. — A gema deste ovo tem de passar de boca em boca. Para a frente e para trás na fila. E, quando a primeira pessoa da fila a receber de volta, tem de a engolir. E isso vais ser tu. Como te chamas?

Toda a gente na fila virou a cabeça para ver a quem tinha saído a sorte grande.

—Chris — respondeu a rapariga ao meu lado.

Mikael partiu o ovo contra o joelho, deixou a clara escorrer para a relva e estendeu a casca com a gema para Chris. Ela recebeu-a, pôs a gema na boca sem qualquer hesitação e inclinou-se para mim. Os nossos lábios tocaram-se, e os rapazes gritaram e bateram palmas. A gema mudou de dona, enquanto eu lutava

contra os vômitos. Virei a cabeça para a esquerda e repeti o procedimento com a rapariga seguinte.

—Vais mesmo engoli-la depois? — perguntei à Chris.

Ela encolheu os ombros.

—Eu sou de Sollentuna, já engoli coisas piores.

Abafei uma gargalhada. A cara dela continuou neutra.

—Também vais à festa?

—Sim. Mesmo sendo alérgica a estes miúdos mimados com sede de poder. Só se estão a aproveitar de raparigas nervosas e impressionáveis. Estes génios são a escória da escola. É por isso que a praxe se faz logo no início do semestre, para não termos tempo de descobrir os falhados completos que eles são. Daqui a duas semanas, nenhuma destas miúdas vai sequer olhar para eles.

—Então porque estás aqui?

—Tenho de separar o trigo do joio, para saber quem é quem e poder evitá-los — respondeu Chris, sem papas na língua. — A propósito, tens bons lábios. Se ficar bêbeda e não arranjar ninguém com quem me enrolar, vou à tua procura.

Tive esperança de que ela o fizesse.

O resto da tarde continuou com actividades regadas a álcool, que pareciam todas ter como objectivo dar tesão aos rapazes. Entornaram molho de arenque fermentado nos nossos cabelos, para sermos obrigadas a tomar banho de roupa interior. Escreveram grandes zeros nas testas das que perdiam os jogos, e as raparigas mais embriagadas receberam a honra de serem autografadas pelos rapazes no peito, nas coxas ou no rabo. Cada vez mais raparigas se afastavam para ir vomitar, mas continuavam a dar-nos álcool constantemente.

Quando escureceu, estava na hora de terminar. Demos um último mergulho, e devolveram-nos a roupa. Tinham arranjado um velho autocarro para nos levar à festa, o qual já estava meio cheio com os estudantes do primeiro ano que não tinham tido coragem de participar na praxe.

Quando entrámos, os outros taparam o nariz. Cheirávamos a vomitado, água do lago e arenque fermentado. E tresandávamos a álcool. Duas raparigas tiveram de ser levadas ao colo lá para dentro, e puseram-nas, em roupa interior, no corredor, entre os assentos. Uma delas tinha o *soutien* descaído. Era possível ver a mama branca como cal e o mamilo escuro. Os rapazes riam-se e apontavam. Um deles saltou do assento e dirigia-se para ela com uma máquina fotográfica digital. A Chris reagiu

num segundo. Primeiro esticou um braço para fora, como uma cancela, e depois levantou-se para lhe travar o caminho.

—E onde pensas que vais, bebé?

—Ela de qualquer maneira não vai reparar — balbuciou ele. — Está a dormir. Sai da frente.

A Chris cruzou os braços e bufou. Reparei que ainda tinha algumas algas no cabelo, mas emanava uma autoridade evidente. Mantinha-se estável como uma estátua, apesar de o autocarro estar em movimento, com travagens e viragens. Como se os pés estivessem colados ao corredor. O rapaz, que tinha pelo menos mais um palmo que ela, começou a ficar inseguro.

—Não sejas chata, é só a gozar. És o quê, tu, uma feminista ou quê? — continuou o rapaz, e pronunciou a palavra «feminista» como se fosse um insulto, enquanto sorria com desprezo.

Chris não se mexeu um milímetro. E agora toda a gente olhava para eles.

—Pronto, caga nisso.

O rapaz riu-se às gargalhadas e tentou fazer parecer que não tinha acabado de enfrentar uma rapariga e que perdera.

—Onde vais? — chamou Chris atrás dele quando começou a ir-se embora.

Sustive a respiração. Será que ela ainda não tinha acabado com ele?

—Vou-me sentar — respondeu ele, inseguro.

—Nem penses, agora voltas para aqui.

O rapaz deu meia-volta e alguns passos contrariados na direcção dela.

—Despe a camisola — disse-lhe a Chris.

—O quê? — o rapaz arregalou os olhos. — Isso não vou fazer, de certeza.

Olhou à volta dele à procura de apoio, mas toda a gente observava a cena com sorrisos divertidos.

—Despe essa camisola horrorosa. O piqué está tão fora de moda! E passa-a para cá. Despacha-te, não vês que ela está com frio?

Ele resignou-se, fez o que a Chris lhe dizia, abanou a cabeça e voltou para o lugar dele. Por baixo da camisola de piqué cor-de-rosa escondia-se um tronco gordo e pálido, com umas evidentes mamas de homem, e ele não parecia completamente à vontade.

Chris acordou a rapariga, puxou-lhe os braços para cima e vestiu-lhe a camisola.

—Dá-me isso — disse para mim quando se sentou ao meu lado outra vez. Bebeu

alguns goles de cerveja.

—Bem-feito! — sussurrei e pousei a garrafa de cerveja no colo.

—Obrigada, mas é quase maus-tratos obrigar a coitada a vestir aquela camisola horrorosa — respondeu Chris.

Depois de ter deixado Julianne no infantário, Faye vagueou sem rumo definido pela zona de Östermalm. Já chegava de passar os dias em casa. Ia manter-se em movimento. Queimar gorduras e ficar magra e em forma. A decadência tinha de ser interrompida a todo o custo.

O estômago de Faye roncou, insatisfeito. Não tomara pequeno-almoço. Bebera apenas café simples, para acelerar a queima de gordura durante o passeio. Se regressasse a casa, não iria resistir à tentação de esvaziar a despensa. Acelerou o passo. Percorreu a rua Karlavägen, na direcção do jardim Humlegården. Fez um esgar quando sentiu o suor nojento escorrer-lhe pelas costas. Simplesmente não gostava de transpirar. Mas, como a Alice costumava dizer: «o suor é apenas a gordura a chorar.» Não que alguma vez tivesse visto a Alice com a mais pequena gota de suor.

As fachadas do século XIX inclinavam-se sobre ela com autoridade. Vigilantes e impassíveis. O céu estava azul-claro, e o sol reflectia-se na neve acabada de cair, que ainda não tivera tempo de ganhar uma cobertura cinzenta de sujidade. Apesar da transpiração, há meses que não se sentia tão animada. O inesperado convite para jantar de Jack fora um ponto de viragem. *Seria* um ponto de viragem.

Faye tinha uma responsabilidade enorme no facto de a relação deles ter estagnado. Estava na altura de se tornar novamente aquela que ele desejava. Seria uma nova era.

Decidiu, de uma vez por todas, não falar da sugestão de Chris de irem para fora as duas. Precisavam dela em casa, e seria egoísta desaparecer num fim-de-semana sem sentido. Evitou as chamadas de Chris. Já sabia de antemão como a amiga iria reagir e o que iria dizer.

Faye aumentou a velocidade. Parecia-lhe conseguir sentir os quilos desaparecerem completamente, passo a passo, grama a grama. O suor odioso era sugado pela roupa.

Alguns alunos da escola Östra Real estavam junto ao muro de tijolos vermelhos, a fumar às escondidas. Duas raparigas e dois rapazes. Fumo cinzento saía-lhes do nariz e da boca, quando se riam. Pareciam não ter qualquer preocupação na vida. Há alguns anos, noutra altura, noutra vida, aqueles jovens poderiam perfeitamente ter

sido Jack, Faye, Henrik e Chris.

Jack, o brincalhão descontraído. O aristocrata despreocupado, que tinha sempre um convite para uma festa no bolso das calças. Cinturão-negro nas actividades sociais e a fazer as pessoas rir. Henrik era o estratega e o pensador. Vinha de uma família humilde, de um dos arredores de Estocolmo, e fora graças à sua cabeça que conseguira de lá sair. Estava a tirar um curso de Economia Industrial na Universidade Real Técnica, ao mesmo tempo que estudava na Faculdade de Economia e Gestão.

Faye passou pela pastelaria Tösses. Bolos, tartes e biscoitos empilhados na montra. A produção de saliva na boca aumentou, e Faye obrigou-se a desviar o olhar. Estugou ainda mais o passo. Fugiu. Junto à rua Nybrogatan, fez uma pausa. Abriu a porta do café Mocco e pediu um chá verde. Sem açúcar. Era amargo e sabia terrivelmente mal sem adoçante, mas, ainda assim, bebeu-o, pois lera algures que o chá verde aumentava a queima de gorduras. Folheou algumas revistas e encontrou o último número da *DI Weekend*, com Henrik e Jack na capa. Fora uma sessão fotográfica cara. Estavam sentados numa moto *vintage* com *sidecar*. Óculos de sol e casacos de cabedal. Jack no assento da moto, Henrik no *sidecar*, com um gorro de cabedal na cabeça, modelo aviador. Expressões satisfeitas, sorrisos rasgados.

«O império multimilionário contra-ataca» era o título. Faye abriu a revista e procurou as páginas da entrevista. O repórter, Ivan Uggla, acompanhara os dois amigos durante uma semana. Era estranho Jack não lhe ter contado nada. Era verdade que era entrevistado frequentemente, mas não em reportagens tão extensas.

O texto começava com uma cena no escritório de ambos, em Blasieholmen. Jack contava a história sobre o trabalho árduo, nos tempos iniciais da Compare. Descrevia que morara em Bergshamra, estudara durante o dia e matara-se a trabalhar com o plano de negócios, à noite. No início, tinham pensado que a Compare iria ser uma empresa de vendas agressivas por telefone.

«Para sermos bem-sucedidos, eu sabia que tinha de abdicar de tudo, de dar tudo à empresa e ao Henrik. Não havia nem tempo nem dinheiro para nada além de trabalho, trabalho, trabalho, tanto com a Compare como com o nosso próprio sustento durante essa época. Para ganhar à grande é preciso apostar em grande.»

A verdade era que Jack nunca precisara de trabalhar paralelamente aos estudos, uma vez que Faye desistira do curso para o sustentar e passara os dias a limpar mesas no Café Madeleine. Ao mesmo tempo, tinham chegado a esta estratégia de

marketing em conjunto. Era a melhor opção para a imagem da empresa.

A entrevista continuava no mesmo estilo. No ano de 2005, a Compare passara de ser a empresa de *telemarketing* mais bem-sucedida do país para se tornar uma empresa de investimento. Compravam empresas mais pequenas, tornavam-nas mais eficientes e vendiam-nas com lucros astronómicos. Não era raro dividirem as empresas em partes e venderem as fatias por mais do que o valor total do bolo. Isso significava que haviam pisado os calos de algumas pessoas ao longo dos anos, todavia, os lucros falavam por si, e, numa área onde os resultados eram a única coisa que importava, Jack Adelheim e Henrik Bergendahl haviam sido declarados génios no mundo dos negócios, por unanimidade.

Uns tempos mais tarde, tinham vendido praticamente tudo para, em vez disso, investirem uma parte em empresas eléctricas e outra parte em empresas sociais: lares da terceira idade privados, residências assistidas e escolas. Com os mesmos resultados. Tudo aquilo em que Jack e Henrik tocavam parecia transformar-se em ouro, e toda a gente queria ser vista com os jovens Midas. O nome utilizado nos primeiros anos, aquele que Faye sugerira, fora sempre mantido. Não fazia sentido mudar nenhuma das premissas quando os dados pareciam calhar constantemente no seis.

Aqueles anos iniciais, quando Faye sustentara Jack, ao mesmo tempo que os ajudara a cimentar as bases da Compare, haviam sido completamente apagados. De vez em quando, Faye perguntava-se se Jack e Henrik se lembravam sequer dessa altura ou se, até para eles próprios, tinham reformulado o passado. O papel de Faye naquela história não encaixava na imagem pública dos dois jovens corajosos e tenazes empreendedores Jack Adelheim e Henrik Bergendahl. Além disso, a dramaturgia era realmente perfeita, ela própria o frisara, na altura. Jack, com as suas origens aristocráticas, a sua bela aparência e o seu ar dândi; e Henrik, que vinha da classe trabalhadora e dos subúrbios, bem-parecido, de uma maneira mais rústica, e que era a epítome de alguém que subira na vida a pulso. Eram a combinação perfeita. Faye fazia melhor em manter-se nas sombras. Para não complicar aquela comunicação mediática simples.

O repórter acompanhara Jack numa corrida matinal pela zona de Djurgården. Ivan Ugglä reportava com entusiasmo os tempos e distância. As especulações de que a Compare estava prestes a ser listada em Bolsa foram fintadas por Jack com uma gargalhada entre os passos de corrida.

Na última página da reportagem, havia uma fotografia de Jack, tirada no escritório. Estava inclinado sobre uma secretária, profundamente concentrado numa conversa, enquanto apontava para um papel. Ao seu lado, mais próxima da câmara, via-se Ylva Lehndorf, de pé. Vestida com uma saia azul-clara travada, com o cabelo firmemente apertado num rabo-de-cavalo.

O primeiro sucesso de Ylva fora no mundo editorial. Conseguira transformar números desesperadamente negativos em lucros. Racionalizara, modernizara, questionara todos os que afirmavam «mas sempre fizemos assim». Mudara estruturas e derrubara muros. Faye conhecera-a numa festa, três anos antes, e Ylva mencionara que andava à procura de novos desafios. Faye ficara impressionada com a sua força e perspicácia e, duas semanas depois, e a conselho de Faye, Jack contratara-a. Um ano mais tarde, Ylva fora promovida a directora financeira da Compare. O facto de parecer bem ter uma mulher num cargo de direcção também influenciara essa decisão. O que Faye também salientara a Jack. Não podia ser ela própria a assumir o cargo, uma vez que tinham, em conjunto, decidido que ela ficaria em casa durante os primeiros anos de Julien.

Faye passou o dedo pela fotografia, pelo contorno de Ylva, seguiu a linha das costas, do rabo, das pernas magras e bronzeadas, até aos saltos altos pretos. Ylva era tudo aquilo que Faye sonhara tornar-se. Tinham uma diferença de idades de apenas cinco anos, mas que também podiam ser vinte. E, em vez de estar no olho do furacão de um escritório, estava ali sentada no Mocco, a beber um chá verde intragável e a sonhar com os bolos junto à caixa. Melancólica, fechou a revista. Fizera a sua escolha. Por Jack. Pela família.

Faye estava deitada num tapete de ioga, num fato-de-treino acabado de comprar, a fazer a posição de cão invertido em frente à televisão, quando Jack chegou a casa. Atirou a pasta para cima de uma cadeira e ficou de pé, atrás de Faye. A sala encheu-se de uma mistura de perfume e álcool. Faye terminou o exercício, levantou-se e foi até Jack. Quando tentou dar-lhe um beijo, ele virou a cara.

—Divertiram-se? — perguntou-lhe.

O nó no estômago estava de volta.

Jack agarrou bruscamente no comando que estava em cima da mesinha de centro e desligou a televisão, onde passava um vídeo do YouTube com ioga para principiantes.

—Falaste com o John Descentis para ele vir tocar à minha festa? — perguntou Jack.

—Pensei que...

—Ele é um bêbedo, Faye. Não estás a organizar a minha festa de finalistas. Vão lá estar clientes. Investidores. Familiares que toda a vida olharam para mim como um falhado, por causa do meu pai. Essa noite é para lhes mostrar o caminho que já percorri. Mostrar-lhes que não sou o lixo do meu pai!

Jack tinha a respiração acelerada, e a voz subira em falsete.

—E tu vais convidar o John Descentis como entretenimento! Como se fôssemos uma gentalha qualquer.

Faye recuou alguns passos.

—Tu estás sempre a ouvir as coisas dele. Tens todos os discos. Pensei que ias...

—Pára! Que imagem achas que vamos passar, se o John Descentis tocar na minha festa? Não nos queremos associar a pessoas como ele. É um bêbedo! Exactamente como o meu pai!

Jack afundou-se no sofá e suspirou alto.

—No fundo, a culpa é minha — começou a dizer. — Não devia ter-te deixado organizar esta festa. Até deixaste a Julianne fazer o aniversário dela no McDonald's!

Faye pensou responder que fora o desejo de Julianne e que todas as crianças tinham adorado, mas sentiu as lágrimas a arderem-lhe nos olhos quando Jack bufou.

—Como posso ter pensado que ias ser capaz de organizar uma festa para trezentas pessoas no Hasselbacken?

—Eu sou capaz, Jack, tu sabes disso. Esquecemos o John Descentis, eu ainda nem sequer lhe telefonei. Deixa-me fazer isto por ti. Quero muito que tenhas uma noite espectacular, a noite com que sonhaste.

—Agora é tarde demais.

—O que queres dizer com isso?

—Contactei uma empresa de eventos que vai tratar de tudo. Podes voltar ao teu... sim, ao teu treino.

Fez um gesto com a mão para o fato-de-treino de Faye. O nó no estômago estava cada vez mais apertado.

Jack foi até à aparelhagem, puxou alguns CD da estante, continuou em direcção à cozinha e deitou-os no caixote do lixo.

Faye não precisou de olhar para saber de que música se tratava.

Esfregou as mãos na cara. Como podia ter sido tão estúpida? Como não compreendera que isto poderia prejudicar Jack? Devia ter percebido. Conhecia Jack melhor do que ninguém.

Enrolou o tapete de ioga e apagou a luz. Quando acabou de lavar a cara e os dentes, Jack já estava a dormir. Estava deitado de costas para ela, na ponta do seu lado da cama, virado para a janela. Cautelosamente, Faye subiu para a cama e aproximou-se o mais possível dele sem arriscar acordá-lo. Inspirou o seu odor.

Demorou muito tempo até conseguir adormecer.



No dia seguinte, as coisas continuavam frias entre os dois. Jack estava sentado na cozinha a trabalhar, enquanto Faye estava deitada no sofá a ver uma telenovela.

Do *hall*, ouviu-se o som estridente de um telefone a tocar, mas, por uma vez, Faye decidiu ignorá-lo. Ouviu um suspiro vindo da cozinha, passos irritados e depois o toque do telefone ficou em silêncio.

—É para ti — disse-lhe.

Faye estendeu a mão para Jack, mas este escolheu ignorá-la e colocou o telefone portátil em cima da mesinha de centro, antes de regressar para a cozinha.

Faye levantou o auscultador até à orelha e sentiu-se como se tivesse quinze anos outra vez.

—Nunca mais disseste nada sobre a viagem — disse Chris. — Falaste com o Jack?

—Ah, não. Espera um segundo.

Faye levantou-se e foi até à casa de banho. Trancou a porta.

—Estou?

Sentou-se em cima da tampa da sanita.

—Agora não vai dar — respondeu. — Estou demasiado ocupada com coisas aqui em casa, tenho de organizar a festa do Jack também. Podemos deixar para o Verão, o que achas?

Chris suspirou.

—Faye, eu... uma miúda que eu conheço que trabalha como RP disse-me que a empresa dela foi contratada para organizar a festa do Jack.

Com o pé, Faye puxou a balança que estava debaixo do lavatório. Colocou-se em cima dela. Nenhuma alteração. Estava condenada à obesidade eterna.

—Pois, eu achei que não ia ter tempo para fazer tudo sozinha. Desculpa, mas não posso estar a falar ao telefone, vou jantar fora com o meu marido agora.

—Faye...? — a voz quente de Chris do outro lado da linha.

Faye recordava-se do quanto rira naquela noite em que tinham saído as duas com Jack e Henrik e Chris de repente sugerira que deviam dançar em cima da mesa. Jack dera a mão a Faye. Apertara-a com força.

—Diz?

—Não podemos ir a qualquer lado para ficares com alguma perspectiva sobre as coisas? Caga na festa do Jack. Eu sei que nenhuma empresa de eventos vai fazer um trabalho melhor que o teu.

Faye empurrou a balança novamente para debaixo do lavatório e prometeu a si própria que não se pesaria durante uma semana. Para poder ver algum resultado.

—Tenho andado a pensar numa coisa — continuou Chris. — Precisava de alguém como tu na minha empresa. Uma pessoa inteligente que perceba de negócios e saiba o que as mulheres querem. Não era divertido começas a trabalhar outra vez? De qualquer maneira, a Julienne agora já anda na creche.

Faye fechou os olhos. Não suportava ver o seu próprio reflexo no espelho.

—Infantário, Chris.

—O quê?

—Não se chama creche, chama-se infantário. E, não, não quero, nem preciso, que me dê trabalho. Se quisesse um emprego, já o teria arranjado sozinha, não achas?

—Mas...

—Sabes qual é o teu problema, Chris? É que achas que és melhor do que eu. Estás convencida de que toda a gente quer viver a tua vida sem sentido, mas eu não acho que seja particularmente divertido passar as noites a foder com um PT de vinte e quatro anos ou ficar tão bêbeda que não me lembre de nada no dia a seguir. Acho isso ordinário e vergonhoso. Em vez de me estares a repreender, devias crescer. Eu amo o meu marido, amo a minha filha, tenho uma *família*! Quero estar com eles! E, na verdade, acho que tu tens inveja de mim e da minha vida. Acho que é disso que, no fundo, se trata. E percebo que nenhum homem aguenta viver contigo! E...

Chris tinha desligado o telefone. Faye olhou, espantada, para o reflexo do seu próprio rosto no espelho. Já não sabia quem era a mulher que a olhava de volta.

Estocolmo, Agosto de 2001

A cabana que era o destino final da festa ficava numa zona industrial deserta. Tinham feito um bar improvisado a um canto. Os êxitos do Verão ecoavam pelo jardim. Passado pouco tempo, as pessoas já estavam enroladas umas com as outras, aos beijos, ou, em pares, a caminho de um dos quartos minúsculos do andar de cima da casa.

Eu já estava a ficar sóbria e revirei os olhos para a Chris, que parecia aborrecida. Enviei uma mensagem escrita ao Viktor e perguntei-lhe o que estava a fazer. Sorri enquanto escrevia. Uns dias antes tínhamos falado sobre eu ir viver com ele para o novo apartamento no Gärdet, já que, de qualquer maneira, nunca ficava no pequeno estúdio que tinha acabado de subarrendar na rua Villagatan.

—Não tenho paciência para mais uma bebedeira desperdiçada. Vou voltar para o centro e sair à noite — disse Chris.

Observei a versão estudantil de Sodoma e Gomorra à minha frente.

—Posso ir contigo?

—Claro, vou só chamar um táxi. Paramos em minha casa primeiro e arranjamo-nos. Estamos a tresandar.

A Chris tinha duas assoalhadas subarrendadas na praça St. Eriksplan. Tinha roupa espalhada por cada um dos trinta e cinco metros quadrados. A cama estava por fazer, as paredes completamente vazias, à excepção de uma estante, de onde os livros do curso espreitavam para o quarto. Se eu tivesse dúvidas sobre como ela tinha conseguido entrar para a Faculdade de Economia e Gestão, a resposta estava em cima da secretária. Descuidadamente misturados com contas por pagar e folhetos de publicidade, estavam os resultados dos exames de acesso. Chris tinha conseguido 2,0. A pontuação máxima. Não fiquei surpreendida.

Tomámos um duche rápido.

—Tens umas mamas lindas — disse-me a Chris, impressionada, quando saí do banho com um par de cuecas dela. — E um corpo espectacular. É fixe ver alguém que não aderiu ao ideal anorético.

—Obrigada — respondi-lhe desajeitadamente.

Foi a primeira vez que recebi um elogio pelo meu peito, ou pelo meu corpo, da parte de uma rapariga.

—Tens um *soutien* que me possas emprestar? O meu cheira a arenque fermentado...

Mostrei-lhe o meu *soutien* nojento.

—Para que queres um *soutien*? Era o mesmo que andar a conduzir um *Ferrari* com uma lona por cima. Faz um favor a todas as lésbicas e gajos hétero do mundo e deixa essas belas mamas à solta.

—Achas então que queime o *soutien*? — perguntei-lhe, com um sorriso irónico.

—*Yeah, sister!* — gritou a Chris, pegando no *soutien* malcheiroso dela e agitando-o por cima da cabeça.

Ri-me e observei-me a mim própria no pequeno espelho que ela tinha encostado à parede do corredor, encolhendo os ombros. Quando me vi a mim própria através dos olhos da Chris, senti-me de repente muito melhor comigo mesma.

—Então onde vamos?

—Vamos a um dos bares baratos perto da faculdade. É lá que estão os verdadeiros achados. Bem, não estou a falar dos herdeiros e dos filhos dos banqueiros, esses já têm demasiada consanguinidade por esta altura, estou a falar dos que são realmente interessantes. Toma, experimenta isto!

Chris atirou-me um pedaço de tecido cinzento.

—É uma pega de cozinha? — perguntei-lhe com ironia e levantei a medo o vestido que mal me cobria as coxas.

—*Less is more, baby* — respondeu Chris, enquanto trabalhava as pestanas com enormes quantidades de rímel.

Vesti o vestido, que não deixava muito à imaginação. O decote era, no mínimo, generoso. Dei meia-volta. As costas também eram abertas.

—Quente, quente, quente! — gritou a Chris quando pousei à frente dela. — Se não conseguires levar ninguém para a cama com isso, nunca vais conseguir!

—Eu tenho namorado — disse eu.

—Isso são detalhes — respondeu a Chris, completamente indiferente. — Anda para aqui e senta-te, para eu te arranjar o cabelo. Parece que acabaste de sair da camioneta da santa terrinha.

Agitou uma mão com uma tesoura e um modelador de caracóis.

Fiquei céptica, mas fiz o que ela pediu. Não dava para contrariar a Chris.

Uma hora mais tarde, abrimos a porta do N'See Bar e entrámos. Tal como a Chris havia prometido, aquilo estava cheio de estudantes mais velhos da faculdade. Reconheci algumas caras.

—Vai procurar uma mesa que eu vou buscar cervejas — disse a Chris antes de avançar na direcção do bar.

Senti-me mal por ela já ter pago o táxi e agora as cervejas, mas eu não podia mesmo oferecer-lhe nada naquele momento. A bolsa de estudo chegava para comida e casa e pouco mais além disso, e eu andava desesperadamente à procura de trabalho extra.

Encontrei uma mesa livre ao fundo da sala. O «Don't Look Back in Anger» dos Oasis saía de uma coluna demasiado próxima da mesa para ser confortável.

A porta para a rua estava aberta. A esplanada já tinha fechado, alguns clientes estavam de pé, lá fora, e pareciam estar indecisos sobre ir-se embora ou não. Olhei para o telemóvel, nenhuma mensagem do Viktor.

A Chris pôs duas cervejas cheias de espuma em cima da mesa. O copo estava embaciado e ligeiramente escorregadio na mão quando lhe peguei. A minha cabeça latejava levemente de uma ressaca em fase inicial, depois de todo o álcool que tínhamos bebido durante o dia, mas a cerveja acalmou-a rapidamente. A Chris desenhou uma coisa na humidade do meu copo, com o dedo. Virei a cerveja para ver o que era. Um coração.

—Porque fizeste isso?

—É para dar sorte — respondeu a Chris e encolheu os ombros.

Apaguei o coração. A sorte nunca tivera lugar na minha vida anterior.

Levantei o copo e bebi a maior parte da cerveja gelada. Bebi para esquecer. A Matilda já não existia. Agora eu era a Faye e mais ninguém. Talvez ela tivesse mais. Desenhei um coração novo no meu copo.

A Chris estava a meio de um discurso sobre quão infantis os rapazes da praxe tinham sido, quando duas pessoas entraram pela porta.

—Estás a ouvir ou não? — perguntou-me ela e tocou-me no braço com a ponta do dedo.

Assenti distraidamente com a cabeça. O coração na humidade do copo ainda continuava lá, mas mais apagado. A Chris revirou os olhos e voltou-se para ver o que

captava a minha atenção.

—Eh lá! — murmurou.

—O que é?

—Não sabes quem é aquele? — perguntou, com o polegar a apontar para trás, na direcção da porta.

—Não. Devia saber?

Apetecia-me outra cerveja, mas tinha de esperar que ma oferecessem.

—É o Jack Adelheim — murmurou a Chris.

O nome não me dizia nada. Com o dedo, apaguei o coração que tinha desenhado.

Às seis e meia da tarde de quarta-feira tocaram à porta. Era Johanna, a ama de quem Julianne mais gostava. Enquanto Jack trabalhava, Faye vestira a sua roupa interior mais delicada da *La Perla*, mudara de roupa para o vestido preto *Dolce & Gabanna* que Jack adorava e maquilhara-se cuidadosamente.

—Está tão bonita! — disse Johanna e agachou-se para descalçar os sapatos.

—Obrigada! — respondeu Faye e deu meia-volta, o que fez Julianne começar aos risinhos de onde estava sentada, no sofá da sala.

—Que giro terem um encontro — comentou Johanna. — Onde vão?

—Ao Teatergrillen.

Faye reservara uma mesa na noite anterior. Adorava ouvir a mudança no tom de voz do chefe de sala e dos empregados de mesa, quando se apresentava e dizia que ela e o marido, Jack Adelheim, pensavam fazer-lhes uma visita.

Julienne estava a ver um programa infantil baseado numa das histórias de Astrid Lindgren. Faye sentou-se ao seu lado, abraçou-a e explicou-lhe que seria Johanna a deitá-la e que eles provavelmente chegariam tarde.

Johanna sentou-se no sofá ao lado de Julianne, colocou o braço à volta dela e perguntou-lhe como fora o seu dia e o que tinha feito. Julianne encostou-se mais a Johanna e começou a contar-lhe, com a voz alegre.

Faye sorriu, agradecida, para Johanna. Ela e Jack precisavam desta noite.

Faye queria que Jack visse o seu visual completo, teve esperança de que os seus olhos se iluminassem como faziam, durante os primeiros tempos juntos. Foi até ao quarto de vestir e calçou os sapatos de salto alto da *Yves Saint Laurent*, passou pelo carrinho das bebidas e serviu um *whiskey*. Com o copo na mão, bateu à porta do escritório. Inspirou o aroma da bebida antes de abrir a porta. Gostava mais do aroma a *whiskey* do que do sabor em si, que considerava detestável.

Jack estava sentado atrás da secretária, absorto no computador. O quarto da torre estava tão silencioso e calmo como sempre. A escuridão compacta, do lado de fora da janela.

—Sim? — murmurou Jack, sem levantar os olhos.

O cabelo estava despenteado. Como de costume, passara as mãos pela franja

enquanto trabalhava. Faye colocou o copo de *whiskey* à sua frente. Empurrou-o com dois dedos na sua direcção, por cima da mesa. Jack levantou o olhar, surpreendido. Os olhos vermelhos e cansados.

—O que foi?

Faye recuou e deu uma volta sobre si própria. Sentia-se realmente bonita pela primeira vez em muito tempo.

—Pus o vestido que tu adoras. O que me compraste em Milão.

—Faye...

—Espera, ainda não te mostrei o melhor — continuou ela, puxando o vestido para cima e mostrando-lhe as cuecas de renda preta.

Tinham custado mais de duas mil coroas, e o tecido de seda preta estava decorado com a renda francesa mais delicada. Tamanho médio. Com algum trabalho, Faye conseguiria em breve comprar outras em tamanho *small*. Ou talvez até *extra small*.

—Estás muito bonita.

Jack nem levantou a cabeça.

—Tirei um fato do roupeiro para ti. Bebe o *whiskey* para poderes mudar de roupa depois. Vamos primeiro beber um copo ao Grand Hôtel e depois temos mesa marcada no Teatergrillen. O táxi chega daqui a meia hora. Também podíamos ir a pé, mas com estes sapatos é um bocado difícil...

Mostrou-lhe os sapatos pretos de salto.

Uma sombra passou pela cara de Jack. Faye viu-se a si própria reflectida nos vidros das janelas do quarto da torre. Uma figura patética embrulhada em *Dolce & Gabanna*, saltos altos e esperanças ainda mais elevadas. Jack esquecera-se de que era naquela noite que iam sair. Beber, conversar, rir. Para que ele se pudesse recordar de como adorava passar tempo com ela. Recordar-se das noites passadas em Barcelona, Paris, Madrid e Roma. Dos primeiros tempos em Estocolmo, quando não se conseguiam largar.

Faye mordeu o lábio para não começar a chorar. As paredes do quarto da torre fechavam-se sobre ela, sufocavam-na. A escuridão do lado de fora das janelas era como um buraco negro, que devorava toda a sua existência. A expressão facial de Jack tornava-se cada vez mais angustiada. Faye detestava quando ele tinha pena dela. Aos seus olhos, ela devia parecer um cão abandonado, desesperado por um gesto de amor.

—Esqueci-me completamente. Tenho mesmo tanta coisa para fazer agora. Não imaginas o que o Henrik...

Faye obrigou-se a sorrir. Não podia ser incómoda nem exigente. Tinha de ser agradável e prestativa. Sem ocupar muito espaço. Contudo, viu no reflexo da janela quão forçado era o seu sorriso. Uma máscara grotesca.

—Eu percebo, amor. Continua a trabalhar. Jantamos noutro dia. Não há problema nenhum. Temos toda a vida pela frente.

A cara de Jack contorceu-se. Pequenos espasmos rápidos, tiques que tinha sempre que ficava stressado.

—Desculpa, eu compenso-te. Prometo.

—Eu sei. Não penses mais nisso.

Faye engoliu em seco e deu meia-volta, antes que Jack conseguisse ver o brilho nos seus olhos. Cuidadosamente, Faye fechou a porta do quarto da torre atrás de si.

No sofá, Julianne tentava fazer uma trança no cabelo ruivo de Johanna.

—Está a ficar muito bem — murmurou Johanna.

Faye normalmente gostava de conversar com ela. Agora, só queria que Johanna desaparecesse. As lágrimas não estavam longe, e o nó na garganta crescia.

—Foi a minha mãe que me ensinou — respondeu Julianne.

—Muito gira. E que livro queres ler hoje?

—A Madicken, acho eu. Ou a Pipi.

Depois da conversa com Jack na semana anterior, Faye comprara todos os livros de Astrid Lindgren que encontrara na livraria.

Faye aclarou a garganta. O rosto sardento de Johanna espreitou por cima das costas do sofá.

—Vão sair agora? — perguntou ela.

—Não. Mudança de planos. Vamos noutro dia, há uma emergência no trabalho.

Faye tentou disfarçar o que ia dentro de si com um riso, mas a escuridão interior ameaçava transbordar, subia e descia continuamente.

Johanna pôs a cabeça de lado.

—Que pena. Estava tão bonita. Quer que eu deite a Julianne na mesma?

—Não, não é preciso.

Faye engoliu o nó na garganta quando Julianne se agarrou ao braço de Johanna. Tirou duas notas de quinhentas coroas da mala e estendeu-as. Johanna levantou a

mão que tinha livre num sinal de protesto.

—Não é preciso, só estive aqui tipo quinze minutos.

—Mas de qualquer maneira bloqueámos a tua noite. Fica com o dinheiro, vou chamar-te um táxi, também.

Julienne soluçou e continuou agarrada ao braço de Johanna.

—Não quero que a Johanna se vá embora! Quero que ela fique aqui!

Johanna inclinou-se e fez-lhe uma festa na cara.

—Vemo-nos amanhã, quando te for buscar à escola. Aí podemos ler um livro logo no táxi, a caminho de casa.

—Prometes?

—Prometo. Adeus, querida.

Quando Faye trancou a porta atrás de Johanna, descalçou os saltos altos, atirou-os para o chão do corredor, levou Julienne ao colo até à casa de banho e disse-lhe para lavar os dentes.

—Agora cospe e vamos para o quarto ler a Madicken.

—Eu quero que a Johanna leia! Ela é mais divertida a ler.

—Mas a Johanna não está aqui agora. Tens de te contentar comigo.

Faye levou Julienne ao colo até ao quarto. A menina contorceu-se e bateu com força com os pés nos braços de Faye. Faye tinha cada vez mais dores de barriga, e o nó na garganta estava prestes a sufocá-la.

Voltou a pôr Julienne no chão e abanou-a. Com força. Demasiada força.

—Já chega!

O choro parou repentinamente.

Julienne olhou para a mãe, em choque. Faye, que nunca perdia a paciência com Julienne, que sempre sorria para ela, lhe acariciava a face, lhe dizia que era a melhor coisa do mundo. A escuridão dentro dela movia-se. Rugia a partir de um lugar que estava profundamente enterrado. Outro tempo. Outra vida.

Julienne encolheu-se na cama. Faye sabia que devia consolá-la, pedir-lhe desculpa, suavizar o golpe. Contudo, não tinha força. Estava completamente drenada.

Fechou os olhos e tentou recompor-se. Porém, o passado alcançara-a, mostrara-lhe quão pequena, na verdade, era. Quem era verdadeiramente.

—Boa noite — disse baixinho, apagou a luz e saiu do quarto.

Faye vagueava sem rumo pelos corredores da NK. Os antigos e tradicionais grandes armazéns eram um dos poucos lugares que proporcionavam a Faye algum tipo de tranquilidade. Por vezes, a sensação de sufoco era tão palpável que a única coisa capaz de acalmar a comichão dentro dela era vaguear pelas lojas com ar condicionado e tocar em todas as roupas bonitas.

Os empregados da loja reconheciam-na. Mulheres jovens que moldavam os lábios injectados até ao limite em sorrisos e que Faye sabia que fariam qualquer coisa para trocar de lugar com ela. No mundo delas, ela tinha tudo. Milhões no banco, estatuto, um marido que garantia o seu lugar cimeiro na hierarquia.

A NK estava praticamente vazia. Quando passava pela zona da marca *Tiger*, pensava sempre na antiga ministra dos negócios estrangeiros, Anna Lindh, e em como o assassino fugira pelos armazéns. Um daqueles momentos surrealistas em que o superficial e ligeiro depara com a feia realidade. O mundo parara por instantes. Observara a Suécia com olhos espantados. O país que, em grandes partes do resto do mundo, era visto como uma sociedade de sonho, sem problemas, sem criminalidade, povoado apenas por loiras altas voluptuosas em biquíni, mobilado pela IKEA e cantado pelos ABBA. Uma imagem tão falsa como a sua própria vida. Uma imagem tão irreal como a visão de Anna Lindh ali deitada, esfaqueada, junto aos fatos cinzentos e camisas brancas sem rugas da *Tiger*.

O estômago de Faye roncava lastimavelmente enquanto passava os dedos por um fato preto, que custava quase dez mil coroas. Em vez de comer, só bebia sumos que lhe eram entregues à porta. Cinco garrafas por dia. Verdes, amarelos, brancos e vermelhos. De acordo com a publicidade, cheios de todos os nutrientes necessários. E saborosos. Na prática, sabiam a merda. Principalmente a garrafa verde. Faye tinha de apertar o nariz enquanto os bebia e de lutar contra os vômitos para os engolir. A falta de algo para mastigar estava prestes a levá-la à loucura.

Alimentava-se unicamente de sumos havia já duas semanas. Uma ou outra vez, cedera à tentação de comer uma fruta. O que fazia que, para além de estar constantemente cansada, também respondesse mal a Julianne e a Jack. Lera na *net* que mudanças de humor substanciais eram um efeito secundário comum, mas não quisera acreditar nisso. Porque não haveria de conseguir fazer uma simples dieta sem ficar de mau humor, quando havia pessoas que faziam coisas impressionantes todos os dias? Tinham ido à Lua. Derrotado Hitler. Construído o Machu Picchu. A - Britney Spears retomara a sua carreira depois de um esgotamento em 2007. Não

deveria, por isso, conseguir estar com fome e, mesmo assim, ter uma atitude simpática para com a sua família e pessoas próximas? Principalmente porque Julianne estava mais frágil e ansiosa, desde aquela noite em que Faye perdera a paciência com ela. Porém, não podia conversar com a filha sobre aquilo. Não sabia o que devia dizer. Disse para si própria que o tempo curaria todas as feridas. Assim aconteceu com ela.

Quando saiu da loja com os pensamentos a remoerem-lhe a cabeça, quase chocou com uma mulher que sorria alegremente para ela.

—Olá! — exclamou Lisa Jakobsson. — Que bom ver-te outra vez! Como está a tua querida filha?

—Está bem, obrigada — respondeu Faye.

Tentou fervorosamente recordar-se da ocasião em que tivesse visto a apresentadora de televisão sem que houvesse um ecrã entre as duas.

—E o Jack? — Lisa pôs a cabeça de lado e fez um olhar de compaixão. — Coitado, parece trabalhar de forma desumana. Que sorte ter-te a ti para tomar conta dele.

Lisa continuou a falar sobre a importância do apoio de Faye, e, rapidamente, Faye ficou de melhor humor. Como era possível estar tão sedenta de elogios?

—Temos de fazer um jantar a quatro, qualquer dia — disse Lisa.

Faye recordava-se agora de que Lisa era casada com um colega de canal, responsável por alguns programas de entretenimento mais ou menos bem-sucedidos. Tinham ficado a conversar com ela e Jack demasiado tempo, depois de uma estreia de teatro.

—Sim, logo se vê — respondeu Faye, secamente, e o sorriso rasgado de Lisa tornou-se inseguro num instante. — Mas agora tenho de me ir embora.

Estocolmo era uma selva, onde ela e uma mão-cheia de outras esposas milionárias eram rainhas. Faye sabia que as pessoas analisavam cada palavra, cada sílaba que ela dizia, que se pavoneavam e a bajulavam apenas porque era a mulher de Jack Adelheim.

Sabia que Lisa não hesitaria um segundo em trocar o seu marido por Jack. Ou por alguém como ele. As mulheres eram atraídas por dinheiro e poder. Até as falsas feministas como Lisa.

E a riqueza era o poder que Faye ainda mantinha, e a sensação era tão intoxicante que, por momentos, se sobrepôs aos roncos da sua barriga. Mesmo que se detestasse a si própria por isso.

Depois de ter deixado Lisa, desceu as escadas rolantes até à secção de perfumaria e passou por um cartaz gigante, com uma modelo macilenta de olhos esfumados e boca entreaberta. O que a lembrou uma vez mais de todos os quilos que não conseguira perder.

Jack não lhe tocara desde a noite em que se esquecera do convite para jantar, mal olhava na sua direcção quando ela se deitava do seu lado da cama.

A barriga voltou a roncar.

Pegou no telemóvel e enviou uma mensagem a Jack.

«Amo-te!» Acrescentou um *emoji* coração.

Entrou na página de Facebook de Jack e descobriu que ele alterara a sua fotografia de perfil. Anteriormente tinha uma fotografia dela, de Julienne e dele próprio em frente ao palácio de Drottningholm, tirada uns anos antes. A nova fotografia era profissional, tirada da página da Compare. Abriu a lista de pessoas que tinham marcado «Gosto», clicou em todas as raparigas novas e percorreu os seus perfis. Pareciam todas feitas do mesmo molde, famintas, desejosas, perseguidoras. Eram todas magras, com lábios grandes e caros e o cabelo comprido bem arranjado.

Faye obrigou-se a guardar novamente o telemóvel na mala.

As empregadas atrás dos balcões de perfumes seguiam-na com o olhar. Levantou uma garrafa da *Gucci* e borrifou o conteúdo para o ar. Andava à procura de uma fragrância mais adocicada, mais juvenil. Deu alguns passos para trás. Encontrou uma garrafa cor-de-rosa da *Yves Saint Laurent* que lhe chamou a atenção. Pegou numa pequena faixa de cartão e borrifou-a duas vezes. Muito melhor. Lembrava-a vagamente de alguma coisa, mas não conseguia identificar exactamente o quê.

As assistentes de vendas cansaram-se de olhar para ela e viraram as costas. Faye pegou numa embalagem e pô-la na mala. De *parfum*, claro. Nada de garrafas baratas de *eau de cologne*.

O telemóvel apitou. Será que Jack finalmente respondera?

«Não chegaste a dizer-me nada. /John Descentis.»

Faye suspirou. Tivera esperança de que ele compreendesse a situação, se ela não lhe dissesse nada.

«Tenho pena, mas contratei outro artista. Fica para a próxima.»

Quando estava prestes a guardar o telemóvel na mala, ele apitou novamente.

«Não nos podemos encontrar e conversar?»

«Não posso, vou ao cinema.»

Cinema? Onde fora buscar aquilo? Quando era nova, adorava ir ao cinema. Ela, Sebastian e a mãe vestiam-se a rigor, iam até Grebbestad, lanchavam e viam dois filmes na mesma tarde. Os dois filmes que o pequeno cinema exibia. Sebastian procurava a sua mão no escuro. Depois, regressavam a casa com as barrigas cheias de pipocas e refrigerantes, enquanto a mãe e Sebastian não paravam de falar sobre os filmes. Só quando atravessavam a pequena ponte antes de Mörhult, onde os cisnes todos os anos nadavam com as suas crias, se calavam.

Faye estremeceu. Parecia que os pensamentos se encaminhavam cada vez mais para os caminhos da escuridão.

O telemóvel apitou na sua mão.

«Adoro cinema. Em que sala?»

«No Rigoletto.»

«Ótimo, encontramo-nos lá.»

Faye abanou a cabeça. O que estava a fazer? A que propósito haveria de ir ao cinema com John Descentis, de todas as pessoas no mundo?

Ao mesmo tempo, sentia-se bem por alguém querer encontrar-se com ela. Talvez a conseguisse fazer pensar noutra coisa para além de Jack e do jantar romântico falhado.

Quando Faye abriu as pesadas portas de entrada para o Rigoletto, John Descentis já estava sentado num banco, à espera. Por momentos, considerou virar as costas e sair discretamente outra vez, mas teve medo de que ele a conseguisse ver.

—Então sempre apareceste. — A voz estava rouca, mas animada. — Pensei que ia ser uma repetição da festa.

Faye sentou-se ao seu lado. Manteve uma certa distância.

John Descentis estava, como habitualmente, vestido com uma *T-shirt* e calças de ganga escuras. Por cima do braço, tinha um casaco de pele castanho-escuro. Na mão, um balde de pipocas, o tamanho maior.

—Como te escrevi, houve uma mudança de planos.

—Talvez no próximo aniversário, então — respondeu John, sempre a sorrir.

Aproximou-se mais dela.

—Que filme queres ver?

Cheirava ligeiramente a perfume, couro e cerveja velha. O corpo de Faye reagiu àquele odor de uma forma que a surpreendeu.

Apontou para o cartaz onde os olhos azuis de Bradley Cooper olhavam

directamente para a lente da câmara.

—Também gostava de ver esse — disse John.

—Mas porque querias que nos encontrássemos? — perguntou-lhe Faye. — O que queres de mim?

—Só achei que seria agradável conversar um bocado — respondeu John e levantou-se. — Pareceste ser uma pessoa a sério lá no Riche. Ao contrário de todas as outras...

John não terminou a frase.

Faye inspirou profundamente.

—Desculpa, não foi minha intenção soar antipática. Tive um dia complicado.

—Todos temos dias assim, às vezes. Toda a gente tem os seus segredos. E as suas merdas. A diferença é que as minhas toda a gente pode ler em todos os tablóides.

—O que disseste?

O que quereria ele dizer com aquilo? Conheceria os seus segredos?

—Como na minha canção. «Segredos. Todos temos os nossos segredos e as nossas merdas.» Cantei isso. Mas se calhar não conheces essa?

As portas da sala abriram-se, e John fez um gesto com a cabeça na sua direcção. Faye respirou calmamente, viu Sebastian e a mãe a rirem-se de uma comédia romântica, enquanto comiam pipocas de grandes baldes de papel. Livres por alguns momentos.

Compraram bilhetes, e Faye seguiu John para o salão vazio. Sentaram-se na fila mais atrás, e Faye pegou no telemóvel novamente. Jack continuava sem responder. A ansiedade aumentava cada vez mais. Será que já não a amava? Já não seria atraente aos seus olhos?

Durante os primeiros minutos do filme, Faye estava intensamente consciente dos olhares de John. Não percebia porquê, mas a proximidade dele afectava-a de uma maneira estranha. Sem realmente ter tomado uma decisão consciente, passou a mão pela perna dele. Com o olhar fixo no ecrã de cinema, no rosto bem definido de Bradley Cooper, desapertou-lhe os botões da braguilha e notou, com surpresa, que ele não trazia roupa interior. Nenhum dos dois disse nada, mas Faye reparou na respiração pesada de John, e isso excitou-a. Debruçou-se sobre ele e pô-lo na boca. Ouviu a respiração de John ficar cada vez mais acelerada, e, absurdamente, também que ele continuava a pôr pipocas na boca, enquanto gemia. Faye ficou húmida entre as pernas, esqueceu quem estava a chupar, estava a chupar Jack, a chupá-lo tão bem

que ele ia perceber a sorte que tinha em tê-la. De olhos fechados, levantou-se para despir as calças e as cuecas. Sentou-se com as pernas à volta do seu pénis duro, de John, de Jack, e afundou-se. Ele encheu-a em sítios de que Faye sentira falta, sítios que Faye esquecera. Continuou de olhos fechados e moveu-se cada vez mais depressa, enquanto murmurava:

—Fode-me, Jack, ah, fode-me.

Ao mesmo tempo que Faye se veio, John encheu-a com o seu esperma quente e pegajoso. Ele gemeu, enquanto a voz ardente de Bradley Cooper enchia a sala de cinema.

Durante alguns segundos, Faye permaneceu afundada e entorpecida nos braços de John Descentis. De seguida, levantou-se. O esperma escorreu-lhe pelas pernas, e aquilo que segundos antes lhe parecera tão excitante era agora apenas ordinário e vulgar.

Pegou na mala e saiu da sala de cinema, sem olhar para trás.

Estocolmo, Agosto de 2001

—O que há de especial com esse Jack Adel... ou... lá o que era? — perguntei à Chris, quando ela pôs mais uma cerveja à minha frente.

—Adelheim — disse a Chris e sentou-se. — Estás a gozar, não estás?

—Pronto, para além do óbvio, claro. Que ele é giro. Mas de uma maneira bastante estereotipada, se queres que te diga.

—«Giro» não chega. É um aristocrata. Com a reputação familiar manchada. Toda a gente na faculdade quer ser amiga dele, é à volta dele que tudo gira. Todas as raparigas o querem. Por mim, fodia-o até à inconsciência — respondeu a Chris secamente.

Tinha acabado de beber um grande gole e tive de pôr a mão à frente da boca para evitar cuspir a cerveja toda para cima da mesa. O comentário da Chris não tinha assim tanta graça, na verdade, mas o álcool estava a fazer a sala andar à roda e dava um toque humorístico adicional a tudo o que ela dizia.

Nesse momento exacto, Jack e o amigo aproximaram-se da nossa mesa. Parecia que andavam à procura de lugares.

—O que se passa? — bufou a Chris, que estava de costas para eles, mas reparou no meu olhar de curiosidade.

—Andam à procura de lugar para se sentarem... e...

A Chris arregalou os olhos e apertou a boca.

—Estão a vir para aqui — murmurei.

—Merda! Não olhes para eles! Pára de ficar espedada! Ri-te mas é. Ri-te como se eu tivesse acabado de contar a anedota mais engraçada que já ouviste na tua vida!

Eu inclinei-me para trás e ri-me com gargalhadas fingidas. Senti-me inacreditavelmente ridícula. A Chris também se riu. Uma gargalhada alta e exagerada, que, aos meus ouvidos, raiava a fronteira da loucura. O Jack Adelheim e o amigo esperaram até pararmos de rir.

—Podemos sentar-nos aqui? — perguntou o Jack. — Prometemos não vos incomodar.

Atrás dele, o amigo agarrava a cerveja com um pouco de força a mais e balançava-se ligeiramente, com um olhar enevoado.

—Claro — respondeu a Chris, distante, e olhou para cima, com surpresa fingida.

O Jack saltou para o banco estofado de costas altas ao meu lado, enquanto o amigo se sentou ao lado da Chris. O amigo estendeu uma mão instável por cima da mesa.

—Henrik.

—Mati... Faye — respondi-lhe, ainda pouco habituada ao meu novo «eu».

Era difícil mudar de pele. Mais difícil do que tinha pensado.

Virei-me e repeti o procedimento do aperto de mão com o Jack. Ele sorriu. Um sorriso bonito e aberto. Os olhos azuis olharam directamente para os meus. Ele *era* giro, não podia contradizer isso. Mas eu tinha o Viktor, e não era esse tipo de rapariga. Além disso, a Chris provavelmente partia-me o nariz com o copo de cerveja se me aproximasse do Jack.

—Prazer em conhecer-te.

Quando todos tínhamos apertado as mãos, a Chris inclinou-se para a frente e perguntou-me de uma maneira bastante demonstrativa o que eu achava do novo presidente dos Estados Unidos, o George W. Bush. Eu revirei os olhos e fiz um pequeno discurso que, em traços largos, era um resumo do editorial dessa mesma manhã do jornal *Dagens Nyheter*. O Jack e o Henrik meteram-se logo na discussão. Debateram os meus argumentos. O Jack do meu lado. O Henrik contra. O volume da música — o Bryan Adams a cantar «Summer of 69» — fez que eu só percebesse partes do que eles diziam.

Passado um bocado, já me tinha esquecido de tudo o que a Chris dissera sobre o Jack. Ele era só um tipo porreiro com quem era fácil conversar. O Henrik fora buscar uma nova rodada de cervejas.

—Para agradecer terem-nos oferecido os lugares — explicou e deu-nos duas cervejas.

Ele não conseguia tirar os olhos da Chris. Ela, por outro lado, nem se dignava olhar para ele.

O *barman* gritou que iam fechar dali a meia hora e que eram os últimos pedidos. A Chris começou a torcer-se no banco.

—Tenho de ir à casa de banho — disse em jeito de desculpa.

O Henrik levantou-se logo e deixou-a passar. O Jack virou-se para mim.

—Que planos têm para esta noite?

Hesitei. Lancei um olhar para o telemóvel, que continuava sem dar sinais de vida do Viktor.

—Não sei. A Chris quer seguir para outro lado, por isso devo ir com ela um bocado. E vocês?

O Jack tinha uma presença tão intensa que estava a deixar-me ligeiramente desconfortável. Afectava-me, parecia que se me entranhava na pele. Não estava segura do que achava disso.

O Henrik ficou de pé. Olhava em volta da sala.

—Nós devemos continuar a festa na casa do Henrik. Claro que vocês também podem vir, se quiserem.

—Sim, talvez. Deixa-me só ver com a Chris, primeiro.

—Faz isso — respondeu o Jack, sem tirar os olhos azuis dos meus. — Em que trabalhas? Ou estás a estudar?

As pestanas escuras e densas emolduravam-lhe os olhos e faziam o azul parecer ainda mais intenso. Por baixo da mesa, as nossas coxas tocavam-se.

—Estou a estudar na Faculdade de Economia — respondi-lhe, sem dar muita importância, e bebi um gole de cerveja.

Tinha sempre dificuldade em esconder o orgulho que sentia por aquilo que tinha alcançado. Tinha-me erguido acima do que acontecera, conseguira as notas exigidas, fizera aquilo com que muita gente sonhava, sem ter as mesmas condições que a maior parte dos que andavam na Faculdade de Economia e Gestão de Estocolmo tinham.

—Ah, sim? Eu também. No primeiro ano?

—Sim.

Agitei o meu copo de cerveja. A perguntar-me onde a Chris se tinha metido.

—E o que estás a achar? Estás a gostar?

Ele estava completamente concentrado em mim, e isso fez-me contorcer na cadeira. Só queria enfiar-me num buraco. O Viktor nunca olhava directamente para mim, daquela maneira. Essa era uma das razões pelas quais eu me sentia tão confortável com ele. Ele deixava os meus segredos continuarem em segredo. Mas o Jack parecia conseguir ver através de mim.

—Estou a gostar — respondi-lhe, um bocado arrastada. — Mesmo só estando lá há uma semana. Por isso é um bocado difícil dizer.

A Chris voltou para a mesa. Olhou para nós com curiosidade.

—Ele... eh, é Jack que te chamas? — perguntei-lhe, insegura, e ele assentiu com a cabeça. — O Jack perguntou se nós queremos ir com eles para casa do... Henrik? Mas nós vamos sair, não é?

Tive dificuldade em esconder o que realmente queria fazer.

Vi nos olhos da Chris que ela estava impressionada com a minha tomada de iniciativa. Mas, para surpresa minha, encolheu apenas os ombros.

—Talvez. Logo se vê — respondeu ela. — Quero ir dançar primeiro.

—Então podemos ir ao Sturecompagniet — disse logo o Henrik.

—Não tenho paciência para ficar à espera numa fila para entrar — comentou a Chris com um suspiro e atirou o cabelo ruivo para trás das costas.

—Não há problema. O Jack trata das entradas — disse o Henrik. — Não é, Jack?

—Claro — respondeu ele sem tirar os olhos de mim. — Não há problema nenhum.

O Jack levantou-se e estendeu-me a mão. Voltei a olhar para o telemóvel. Nenhuma mensagem. O Viktor perdeu logo importância. Guardei o telemóvel na mala e agarrei a mão do Jack.

Como o Jack tinha prometido, os seguranças mandaram-nos passar à frente da fila. A caminho da zona VIP, ele era constantemente parado por rapazes que queriam falar com ele sobre tudo e nada, e por raparigas, a pestanejarem freneticamente e a fazerem beicinho para se armarem. Convenci-me de que era imune ao poder de atracção do Jack e de que era apenas divertido que as pessoas, tanto homens como mulheres, se enfeitassem por ele daquela maneira.

Ele deu uma volta de honra pela zona VIP, a distribuir apertos de mão, como se fosse um presidente numa visita de Estado. Eu, a Chris e o Henrik fomos até ao bar, enquanto o Jack percorria a sala. O Henrik pediu bebidas e *shots*. O nível de bebedeira já atingira o máximo dentro da discoteca. As pessoas gritavam aos ouvidos umas das outras de uma maneira que até a saliva salpicava. As mulheres usavam vestidos mínimos ou pequenos *tops* e minissaias. Os homens tinham camisas finas de cores pastel com calças de ganga ou *chinos*. Eu estava num bom lugar da competição, com o meu vestido emprestado, sentia os olhares a percorrerem-me o corpo. Era avaliada, julgada, mas gostava da atenção. Vi que esta afectava o Jack, quando ele, de vez em quando, passava pelo meu campo de visão.

—Ele está sempre a desaparecer desta maneira? — gritou a Chris para o Henrik, que se mexia desconfortavelmente fora de ritmo.

—Sim. Como conhece toda a gente... — suspirou o Henrik. E depois iluminou-se: — Ainda bem que vocês vieram connosco, assim não tenho de ficar aqui sozinho!

Inclinei-me para eles para os ouvir melhor.

—E toda a gente o conhece a ele também? — perguntei-lhe.

—Não. Às vezes até me pergunto a mim próprio se eu o conheço. E somos amigos há muito tempo, e até vamos abrir uma empresa juntos. — O Henrik debruçou-se sobre o bar e bebeu alguns goles de um *cocktail*. — Ninguém consegue chegar realmente a ele, e é por isso que toda a gente fica fascinada. Pelo menos, é essa a minha teoria. Mais aquilo de ser da nobreza, em combinação com o passado decadente... E depois alguns conflitos familiares picantes e tragédias públicas em cima disso...

Já estava a balbuciar e bebeu mais um bocado da bebida pela palhinha cor-de-rosa. Depois endireitou-se e ajeitou os óculos.

O Jack tinha parado em frente a um grupo de raparigas, na outra ponta do bar. Elas riram-se quando ele deu alguns passos de dança a gozar. Quando se afastou, ficaram todas a olhar para ele, com um ar faminto.

Ele aproximou-se de nós e pôs os braços à volta da minha cintura e da Chris. Senti o calor da palma da mão dele contra a minha pele. Ele mexia o polegar para cima e para baixo. Umas cócegas leves espalharam-se pelo meu corpo.

—Não queriam dançar? — perguntou alegremente, antes de olhar para o Henrik.
—Porque não as levaste para a pista? Tenho de ser eu a fazer tudo?

O Henrik abriu os braços num gesto resignado.

—Tu sabes que eu não sei dançar.

—Sim, estou dolorosamente consciente disso. Eu e todos os donos de discotecas da cidade.

O Henrik corou, mas pareceu não se importar muito. Não havia nada de malicioso no tom deles um com o outro.

Jack piscou-lhe um olho.

—Um último *shot* e dançamos?

O Henrik parecia já estar a ficar cansado e desgastado, mas assentiu com a cabeça.

—Está bem.

O Jack chamou o empregado do bar, que se inclinou para a frente, lhe apertou a mão e trocou algumas palavras com ele. De repente, estavam quatro copos de *shots* à nossa frente.

—Oferta da casa! — gritou o *barman* e deu uma palmadinha no ombro do Jack, antes de se virar e de atender outro pedido.

Levantámos os copos num brinde, inclinámos a cabeça para trás, engolimos e fizemos caretas. Quando o Jack tinha pousado o copo no balcão, voltou a pôr a mão à volta da minha cintura e deixou-a vaguear pelo lado, até à barriga. Olhei um bocado nervosa para a Chris. Ela pareceu não reparar em nada e estava a conversar com o Henrik, parecia que se estavam a dar bem os dois. Já me tinham posto outra bebida nas mãos, e o álcool afogava qualquer remorso. A única coisa que importava era que a mão do Jack, aqui e agora, estava agradavelmente quente contra a minha barriga.

Mesmo assim, pensei no Viktor. Não era correcto estar aqui, desta maneira, com um gajo que tinha acabado de conhecer. Porque eu estava apaixonada pelo Viktor, claro que estava.

Também não queria estragar a minha amizade crescente com a Chris só por causa de um *flirt* sem importância nenhuma. Eu já a adorava. A Chris era uma força da natureza. E o Jack parecia ser mais importante para ela do que para mim.

Mas, ao mesmo tempo, o Jack tinha qualquer coisa que me provocava vertigens. A mão dele parara, os dedos descansavam levemente na minha anca. E eu queria que ele continuasse a tocar-me pelo corpo todo. De repente, apercebi-me de que tinha de acabar com aquilo. Mesmo antes de começar. Soltei-me do braço dele e reparei que ele ficou surpreendido, mesmo tendo feito o seu melhor para disfarçar.

—Tenho de me ir embora — disse-lhe e pus a minha bebida a meio em cima do balcão.

—Já? Mas nós ainda vamos para casa do Henrik fazer uma *after party*.

—Eu vou para casa — respondi-lhe, decidida. — Ter com o meu namorado.

—Ah, é? Tens um desses? — disse o Jack em tom de brincadeira, mas pareceu-me vislumbrar um traço de desilusão na cara dele. O que também podia ser uma ilusão da minha parte.

—Tenho.

—Mas acho que vou contigo na mesma.

—O quê? Porquê?

Ele apontou para qualquer coisa atrás de mim, e eu virei-me. A Chris e o Henrik estavam entrelaçados, com as línguas na boca um do outro. A Chris tinha uma mão na parte de trás da cabeça do Henrik e apertava-o para si.

Virei-me para o Jack outra vez.

—Vou-me embora. Até à próxima.

Ele agarrou-me o braço.

—Espera. Deixa-me levar-te a casa. Onde moras?

—Na zona do Gärdet. Ou melhor, o meu namorado vive lá, e eu vou lá dormir. Porque queres vir comigo? Podes sair daqui com qualquer uma das miúdas com quem estiveste a falar antes. Parece-me pouco provável que alguma delas diga que não.

Fiz um gesto com a cabeça para as raparigas na pista de dança, que se contorciam ao som do último sucesso das Sugababes.

—Mas não quero. Quero levar-te a casa. Tu és interessante. E bonita. És diferente.

—Ai sou?

Fiquei com um nó na barriga e lembrei-me de todas as vezes que me tinham chamado «diferente». Mas não como agora. Nada como agora.

—Sim — respondeu o Jack. — E gosto do teu nome. Fica-te bem.

Olhou-me directamente nos olhos. Suplicante como um rapazinho. Suspirei.

—Está bem. Mas então vamos para a minha casa. Na rua Villagatan. E só podes vir até à porta.

A cara do Jack iluminou-se.

Avançámos através da massa de gente em forma de meia-lua à porta da discoteca e descemos a rua Sturegatan. O Jack acendeu um cigarro e passou-mo, antes de acender outro para ele. Não tínhamos dito uma palavra um ao outro desde que tínhamos saído para a rua. Mas mesmo o silêncio era agradável.

Um táxi passou por nós. Olhei de lado para o Jack, que estava a sorrir para mim. Virámos para a rua Humlegården.

—Que tipo de empresa estão a criar?

—Ainda não existe, andamos à procura de uma boa ideia. Mas, assim que tivermos uma, vamos trabalhar no duro, fazer um plano de negócios profissional, encontrar investidores, ficar milionários.

—Investidores?

—Sim, queremos ser autónomos. Os meus pais não são uma alternativa. O meu pai... eu e o meu pai não temos contacto. E a minha mãe vive com o novo marido na Suíça e envia-me postais de Natal, mas nada mais do que isso. E nós precisamos de capital. Para arranjar um local, para contratar pessoas, para o *marketing* e relações públicas.

Uma pequena, quase imperceptível, mudança no tom de voz. Perguntei-me o que significava. O Jack seguia com o olhar um homem do outro lado da rua. Deu uma passa profunda no cigarro. Era já o terceiro do nosso curto passeio.

—Eu e o Henrik prometemos um ao outro que vamos ser economicamente independentes antes de fazermos trinta anos.

Fez um anel de fumo.

—Já têm um nome? Para a vossa empresa inexistente...

Sorri-lhe para lhe mostrar que o estava a provocar.

—Temos algumas alternativas, mas ainda nada que nos agrade completamente. Quero que o nome mostre que a nossa empresa é a melhor, que não tem adversários.

Fez outro anel de fumo.

—O que achas de Compare? — perguntei-lhe, depois de pensar um bocado. — Um nome confiante que mostra que a empresa está à vontade para ser comparada com todas as outras.

O Jack parou e ficou a olhar para mim.

—Gosto disso — respondeu lentamente. — Soa-me bem, fica no ouvido.

—Não te esqueças de me agradecer se um dia decidirem utilizar esse nome — disse-lhe, com um sorriso.

Tínhamos chegado à rua Karlavägen, e estremeci de frio. A noite começava a arrefecer, e eu não tinha trazido casaco.

De uma janela aberta, alguns metros à frente, ouvia-se música, e, ao mesmo tempo, a porta desse prédio abriu-se. Um homem e uma mulher saíram a tropeçar. O Jack deu uns passos rápidos, travou a porta com o pé, abriu-a e fez uma vénia teatral.

—O que estás a fazer? — perguntei-lhe e abracei-me a mim própria.

—*After party!*

—Mas tu conheces as pessoas que moram aqui? — perguntei-lhe, espantada, e segui-o para dentro do prédio.

—Daqui a pouco já vou conhecer. E tu também. Anda! — o Jack agarrou-me a

mão e puxou-me pela escadaria larga de pedra. — Bebemos qualquer coisa e depois vamos embora.

—Estás a gozar? — perguntei a rir e deixei-o puxar-me. — Estás a pensar chegar lá e bater à porta?

—Sim!

Já ia meio a correr escada acima comigo a reboque.

—És maluco!

Ri-me.

O Jack virou-se de repente e beijou-me rapidamente, o toque leve era eléctrico.

Tive de parar um bocado, antes de conseguir continuar atrás dele, até ao apartamento de onde a música vinha.

Dizia «Lindqvist» na placa com o nome. Tocámos à campainha, e uma mulher à volta dos trinta anos, com as bochechas coradas de álcool, abriu a porta. Atrás dela, o barulho de música, conversas, copos a tilintar e gargalhadas. O Jack fez o seu melhor sorriso, e eu tentei esconder-me, envergonhada, atrás dele.

—Olá, olá! — disse ele, cheio de vivacidade. — Não conseguimos deixar de ouvir que estavam a fazer uma festa, e pareceu-nos tão agradável! Há problema se eu e a minha namorada entrarmos e nos aquecermos um bocado?

Sobressaltei-me quando ele se referiu a mim como «a minha namorada», mas mantive a compostura. Alguma coisa na minha barriga se mexeu quando usou essa expressão sobre mim. A mulher soltou uma gargalhada calorosa. Assentiu com a cabeça e desviou-se para o lado.

—Entrem. Eu chamo-me Charlotte.

Apresentámo-nos. Toda a gente estava calçada, por isso não tirámos os sapatos. A Charlotte foi à nossa frente até um salão onde cerca de quarenta pessoas vestidas a rigor estavam espalhadas por baixo de um enorme candelabro de cristal. A Charlotte parou mesmo por baixo dele e levantou o copo que tinha na mão.

—Oiçam! Estes são o Jack e a Faye. Acharam que nos estávamos a divertir tanto que decidiram subir!

Gargalhadas dispersas. Alguém exclamou «Bem-vindos!», outra pessoa «serve-lhes uma bebida!» Antes de dar por mim, já estava a conversar com uma jurista, que se chamava Amanda, falava à sopinha de massa e, provavelmente, tinha mais dez anos que eu.

Toda a gente estava feliz, eram abertos, simpáticos e civilizados. Esqueci

rapidamente a minha timidez, quão perdida a Matilda se teria sentido. A Faye adorava as pessoas à volta dela, as conversas, o ambiente, as ondas de som que aumentavam e diminuía por baixo do grande candelabro de cristal. A Faye encaixava-se.

Também sabia que o Jack estava perto de mim. E, com ele, sentia-me segura. Enquanto falava com a Amanda, estava sempre ciente de onde ele estava. Parecia que a sala se inclinava na direcção dele. Ele deslumbrava toda a gente, andava por ali, dizia piadas, ria-se, enchia os copos vazios, como se a festa e o apartamento fossem dele. Havia uma evidência em tudo o que ele fazia que era enfeitiçadora. Nunca estivera perto de uma pessoa que brilhasse tanto como o Jack Adelheim.

Os nossos olhares encontraram-se. Ele piscou-me um olho, sorriu e levantou o copo para mim. As bolhas do champanhe reluziam no brilho do candelabro de cristal.

Alguém pôs a mão no ombro do Jack, e ele virou-se. Desapareceu. E, de repente, senti falta dele. Do olhar dele, do nosso segundo de cumplicidade, do sorriso dele. Virei-me outra vez e ouvi o que a Amanda tinha para dizer sobre as suas condições de trabalho inaceitáveis, numa das maiores sociedades de advogados de Estocolmo. Atrás de mim, a sala parecia fria sem o olhar do Jack em mim. Alguém me passou mais um copo de champanhe.

Uma hora depois os convidados começaram a desaparecer. Já começava a ver-se a luz do dia lá fora. Éramos dos últimos a deixar o apartamento. O Jack encontrou uma garrafa de vinho meio cheia e levou-a à boca.

—Bens para a viagem! — exclamou, a rir-se.

—Bens roubados! — repliquei.

—Oh!

Bebeu quase metade do que sobrava na garrafa e estendeu-ma. Pensei nos lábios dele a tocarem no gargalo da garrafa, convenci-me de que conseguia sentir o sabor dele, misturado com o vinho branco morno.

Enquanto passeávamos pela cidade silenciosa, falávamos um por cima do outro. Eu mal tinha tempo para respirar entre as gargalhadas. O Jack relatava-me conversas, imitava os convidados da festa com movimentos precisos. Eu contei-lhe sobre a Chris e o rapaz no autocarro.

Demasiado depressa, chegámos à porta do meu prédio. De repente, ficámos

calados. Pareceu-me completamente irreal e antinatural marcar o código de segurança, abrir a porta e entrar sem ele.

—Então pronto — disse o Jack, que imediatamente pareceu constrangido. — Até à próxima.

—Sim.

—*So long, Faye* — acrescentou ele, como uma despedida num filme barato de Hollywood, e virou-se.

—Espera!

Parou, virou-se outra vez, passou uma mão pelo cabelo e olhou para mim interrogativamente.

—Sim?

—Era... não era nada...

Ele virou-se outra vez. Começou a andar. Levantou a garrafa.

Fiquei parada. À espera de que ele se virasse novamente. Olhasse para mim uma última vez. Dissesse adeus. Viesse a correr de volta. Me beijasse outra vez, desta vez a sério. Ainda me lembrava da sensação dos lábios dele.

Mas ele limitou-se a acender um cigarro enquanto vagueava, despreocupado, pela rua Karlavägen abaixo. Depois, virou para a esquerda. E desapareceu.

Faye segurava Julienne com uma mão e, com a outra, puxava um pesado cesto de compras, pelos corredores do supermercado ICA Karlaplan. A sua governanta estava doente há dois dias, e Faye tencionava surpreender Jack com comida caseira. O seu famoso esparguete à bolonhesa. O segredo estava no aipo. E em três tipos de cebola. Além de ficar a apurar durante muito, muito tempo.

Quando eram novos e pobres, Faye fazia uma grande panela todas as segundas-feiras, que chegava para os dois até quinta. Foi buscar cebola-roxa, cebola-branca, cebola-pérola e aipo.

—Eu quero levar o cesto — disse Julienne.

—Achas que consegues?

—Siiim — respondeu Julienne e revirou os olhos.

—Pronto, está bem, querida.

Faye passou-lhe a pega do cesto e esfregou-lhe os dedos no cabelo, observando-a por instantes, no meio do *stress* da loja. Amava-a tanto que às vezes pensava que o seu coração podia rebentar.

—Diz-me se ficar demasiado pesado — disse para a filha, e dirigiu-se para o frigorífico da carne, para ir buscar carne picada.

Julienne puxava o cesto atrás de si.

Passaram por um homem mais velho, que ajudava uma mulher da mesma idade a tirar uma lata de conserva de uma prateleira. Faye não conseguia tirar os olhos dos dois. Ele passou a lata à mulher, que se debruçava pesadamente sobre um andarilho. Ela fez-lhe uma festa na mão, e a aliança brilhou à luz dos candeeiros fluorescentes.

Faye perguntou-se há quanto tempo estariam casados. Seria assim que ela e Jack ficariam um com o outro? Sempre conseguia visualizar esse futuro com clareza. Como envelheceriam, inseparáveis, ficariam enrugados e frágeis juntos. Faye nunca iria desistir dessa visão. Mesmo que ela e Jack estivessem a passar por um mau momento agora, iriam ser assim. Se perguntasse ao casal junto do andarilho, de certeza que também lhe poderiam contar as dificuldades que haviam tido ao longo do caminho. Dificuldades que tinham ultrapassado juntos.

Julienne levantou o olhar.

—Porque estás a chorar, mamã?

—Porque é tão bonito.

Julienne estava confusa.

—O quê?

—Que ele... ah, não é nada.

O casal de idosos dobrou a esquina de um corredor e desapareceu.

Faye pegou nas últimas coisas que eram precisas e dirigiu-se para a caixa, com Julienne atrás. As capas das revistas garantiam todas ter descoberto o truque para perder peso, o mais fácil e rapidamente possível. Faye pegou numa cópia do *Expressen* e confirmou uma última vez que tinha tudo aquilo de que precisava no cesto. Já desistira dos sumos há muito tempo e, em três dias, recuperara todo o peso que perdera. E mais algum.

Faye escolheu uma fila onde uma rapariga nova, bastante engraçada, trabalhava de forma rápida e eficiente. Uma mulher à sua frente colocou uma caixa de tampões na banda. No momento em que a rapariga da caixa passava o código de barras, Faye apercebeu-se de que estava atrasada. Consideravelmente atrasada. Devia ter tido o período há duas semanas. Talvez fosse por causa da dieta, pensou, mas queria ter a certeza.

Era a sua vez.

—Têm...? — olhou de lado para Julienne, que estava concentrada num pequeno caniche à entrada. — Testes de gravidez?

—Na máquina, ali ao fundo — respondeu a rapariga da caixa e apontou.

Suspiros e olhares, quando Faye voltou para trás na fila. Foi até à máquina automática e carregou no botão dos testes de gravidez. Julienne continuava a olhar para o cãozinho à entrada. Faye retirou dois testes e regressou para a caixa.

—Então fica em quatrocentas e oitenta e nove coroas — disse a rapariga, depois de passar os testes pelo leitor.

Faye pegou no seu cartão American Express e pagou.

—Desculpe — disse. — Por acaso sabe se... o Max está de folga?

A rapariga da caixa levantou uma sobrancelha. Estaria a sorrir levemente?

—O Max foi despedido. Qualquer coisa relacionada com incomodar os clientes.

—Compreendo — respondeu Faye. — Obrigada, então.

Despachou-se a sair da loja, agarrando Julienne com força.

Jack fizera que Max fosse despedido. Tinha a certeza. E isso significaria que se importava mesmo com ela? Apesar de tudo?

Julienne levava o jornal na mão e observava as fotografias na capa.

O que aconteceria se estivesse grávida? Como reagiria Jack? Quando se tinham conhecido, Jack dissera que queria ter quatro filhos. Porém, desde Julienne, não parecia particularmente interessado em ter mais. Nem sequer tinham falado do assunto. E ela própria? Desejaria mais filhos? Sim, desejava. Principalmente agora. Um irmãozinho ou irmãzinha para Julienne poderia tornar-se aquilo de que ela e Jack precisavam para se aproximarem novamente, para finalmente pôr fim àquele estranho limbo em que viviam agora.

E faria bem a Julienne ter um irmão. Poderiam tornar-se os melhores amigos. Ela própria sempre quisera ter uma irmã. Uma aliada.

Faye pôs os pensamentos rapidamente de lado. Aprendera a controlá-los, a não deixar o cérebro fugir nessa direcção. Não ganhava nada em pensar em coisas que não podia influenciar.

Quando chegaram a casa, Julienne atirou o jornal e o casaco para o chão. Faye pendurou o casaco no cabide, levou os sacos para a cozinha e começou a arrumar as coisas. Pelo canto do olho, viu Julienne sair do quarto com o *iPad* na mão e atirar-se para o sofá, ainda de botas calçadas.

—Descalça-te, se te vais deitar no sofá — disse-lhe Faye.

Nenhuma resposta. Faye pousou a frigideira e foi até à sala. Começou a descalçar as botas de Inverno sujas e molhadas de Julienne.

—Não quero!

Julienne começou a dar pontapés no ar. Bateu com uma das botas no sofá, que ficou sujo de lama. Merda, agora tinha de lavar e secar a capa do sofá antes de Jack chegar a casa. Os seus movimentos ficaram mais bruscos. Também caíra lama para a carpete.

—Não quero! Não quero! Não quero!

Julienne continuava a dar pontapés descontroladamente.

Faye conseguiu descalçar-lhe as botas e pôs Julienne no chão, que, aos gritos, se atirou para o sofá outra vez. Faye foi até à cozinha e regressou com uma esponja. Talvez conseguisse limpar a sujidade do tecido, se fosse rápida. Ignorou Julienne. Ficou aliviada ao conseguir limpar a nódoa mais visível do sofá e debruçou-se para também tentar limpar a nódoa do tapete. Julienne deu um pontapé na sua direcção, e Faye agarrou-lhe a perna.

—Não voltas a fazer isso!

—Volto!

A escuridão inundou-a. Ao mesmo tempo familiar e desconhecida. Faye engoliu em seco. Apertou e abriu os punhos algumas vezes.

Julienne deve ter reparado na mudança, pois olhou fixamente para Faye, a soluçar.

Faye passou a esponja pelo tapete uma última vez. Prendeu uma madeixa de cabelo que lhe tinha caído para a cara e virou as costas a Julienne.

—És gorda! — disse Julienne.

Faye virou-se.

—O que disseste?

Julienne olhou provocadoramente para a mãe.

—Balofa! — apontou para Faye com a sua pequena mão. — És uma balofa.

Faye deu um passo na direcção de Julienne.

—Não sou não. Não se diz isso!

—És sim! É o que o pai diz!

—O pai disse que eu sou gorda?

A voz tornou-se extremamente fraca. De repente, não sabia o que fazer, ficou parada, completamente desnorteada. Julienne pareceu perceber que fora longe demais e começou a chorar novamente.

Faye saiu da sala com passos instáveis. Sentia tudo a andar à roda. Mal sabia onde se encontrava. Atrás de si, ouviu Julienne chamá-la, aos soluços.

Fechou-se na casa de banho. Trancou e encostou a testa contra a porta, durante alguns segundos. Deixou a madeira fresca acalmá-la, revigorá-la. Pegou no teste de gravidez. Julienne estava do outro lado da porta, a bater com força e aos gritos. Faye despiu as calças e as cuecas até aos tornozelos. Sentou-se na sanita e abriu a embalagem com os dentes. Colocou o teste entre as pernas, tentou desconstrair-se e deixou que a urina quente inundasse o teste, sem se preocupar que estivesse a salpicar-lhe os dedos. Do outro lado da porta, Julienne continuava a gritar.

Estocolmo, Setembro de 2001

Estava sentada no autocarro, a olhar para os carros a passar a toda a velocidade, do outro lado da janela. O ar estava quente e abafado. O condutor tinha aberto a janela do tecto para deixar entrar oxigénio, mas não fazia diferença quase nenhuma, só sentia uma leve aragem no ombro. No assento ao lado do meu, estava uma mulher grande e suada, com uma criança a chorar ao colo.

Passámos o parque Humlegården. Foi por ali que eu e o Jack passeámos. Na minha cabeça, já tinha revivido aquela noite de Agosto centenas de vezes.

Desde então, aproveitava todas as oportunidades para ir a Chinatown, nome que a Chris dava à zona entre a Faculdade de Economia e a Escola Secundária Norra Real, na esperança de encontrar o Jack. Mas ele nunca apareceu.

Fora isso, e pela primeira vez, a minha vida era excitante e divertida. Os estudos eram fáceis, mas sempre tinham sido. Desde que entrara para a primeira classe que a escola era o meu santuário, o meu lugar na Terra onde me destacava facilmente. Os professores regavam-me com elogios. As cadeiras eram divertidas e interessantes, e eu estava a adorar.

Eu e a Chris passávamos quase todo o tempo livre na companhia uma da outra. Nenhuma de nós precisava de estudar muito. A Chris, porque se contentava em passar nos exames, e eu, porque, desde pequena, só precisava de ler um texto algumas vezes para me lembrar dele na íntegra.

O papel principal do Viktor na minha vida até ali transformou-se num papel secundário. Não conseguia realmente explicar a mim própria o que mudara, mas, depois do encontro com o Jack, os meus sentimentos pelo Viktor haviam arrefecido. Afastei-me dele. Inventava exames que não existiam para justificar o facto de não ter tempo para nos encontrarmos. Evitava as chamadas dele e deixava passar dois ou três dias sem as devolver. Adiei tanto os planos de me mudar para a casa dele que o Viktor, por fim, deixou de falar no assunto.

A minha frieza mudou o Viktor, tornou-o patético e inseguro. Ficou cada vez menos confiante, mais dependente, e eu cada vez mais fria. A nossa relação estava a

morrer, mas ele agarrava-se a mim como se se estivesse a afogar. Ligava-me a todas as horas, inundava-me de presentes e declarações de amor, perguntava constantemente onde eu estava e o que estava a fazer. De repente, começou a fazer perguntas sobre o meu passado, a minha família, sobre a minha vida antes de o conhecer. Eu recusava-me a responder. O que havia de dizer? Mas a minha resistência, a minha relutância em contar-lhe qualquer coisa sobre mim própria, só o tornava mais desesperado. Transformei-me numa mensagem cifrada que ele tinha de resolver. Era como se ele pensasse que, se conseguisse decifrar o código, eu o amaria outra vez.

O pior era que não havia nada de errado com o Viktor. Era giro, simpático e ambicioso. Tratava-me como uma princesa. Era fiel e de confiança, características raras na selva de Estocolmo.

Mas o problema era não ser o Jack Adelheim. E eu estava consciente de que ia ter de acabar com ele. Mesmo assim, andava a adiar. Mas agora já não dava mais.

Quando o autocarro abrandou junto ao parque Tessinparken, não sentia quaisquer dúvidas. Ia ser desagradável magoá-lo, mas tinha mesmo de acabar.

—Desculpe, vou sair aqui — disse.

A mulher com a criança levantou-se com dificuldade e deixou-me passar. Estava com um ar cansado e abatido. Por baixo de uma *T-shirt* demasiado apertada e a transbordar por cima da cintura das calças de ganga, viam-se os pneus da barriga. O miúdo babava-se. Tinha ranho verde pendurado do nariz como se fosse cachos de uvas. Meu Deus. Nunca seria uma mãe daquelas. E o meu filho ia estar sempre perfeito. O meu e o do Jack. Sobressaltei-me, corei de vergonha daquele devaneio ridículo e embaraçoso. Mas todos os meus pensamentos agora giravam à volta do Jack. Tanto quando estava acordada como enquanto dormia. Já não havia espaço para alguém como o Viktor.

As portas abriram-se com um assobio sonoro, e fui atingida pelo Sol abrasador. O Viktor vinha ter comigo ao ponto central do parque Tessinparken, como fazíamos sempre. Imaginei-o a sair do prédio dele. Contento, a pensar que íamos comer uma piza. Para depois irmos para casa ver um filme, irmos para a cama e adormecermos juntos. Nada disso ia acontecer hoje.

Tinha pena dele num plano racional, mas não sentia nada. O desejo pelo Jack ofuscava tudo o resto e deixava-me indiferente. E a nova versão do Viktor irritava-me. Crescera na sua pequena bolha protegida, tudo fora fácil para ele. O que me

atraíra primeiro fora a sua ingenuidade, mas agora só me incomodava. Ele não sabia nada da vida, enquanto eu sabia demasiadas coisas. O Viktor não fazia a menor ideia de quem eu era. Ou *do que* eu era. Vestira uma camisa de ganga e *chinos* claros. Sorria abertamente, inclinou-se para a frente e deu-me um beijo na cara.

—Tive saudades tuas — disse e abraçou-me. — Estás a levar esses estudos demasiado a sério. A que pizaria vamos? À Valhalla ou à Theodoras?

—Preciso de falar contigo — respondi-lhe. — Anda, vamos sentar-nos.

Puxei-o para um banco verde. O Viktor virou-se para mim e tirou os óculos de sol. Fechou-os com cuidado e guardou-os no bolso da camisa. O olhar a vaguear.

—Aconteceu alguma coisa? Estás bem? — perguntou-me, a fingir que não percebera o que eu ia dizer a seguir.

A alguns passos de nós estava um grupo de alcoólicos a jogar petanca e a beber vinho. As vozes alegres, roucas.

—Já não quero estar mais contigo. Temos de acabar.

Percebi logo quão fria soava e fiz um esforço para tentar parecer triste. O Viktor tinha o olhar fixo num ponto em frente.

—Ok... foi alguma coisa que eu tenha feito?

Contorcia-se no banco. Evitava o meu olhar. Engolia. E engolia outra vez.

—Não. Não é nada que tenhas feito.

Tive dificuldade em olhar para ele, não queria que o meu desprezo fosse visível. Em vez disso, segui o jogo de petanca. O nível de álcool dos bêbedos fazia que as bolas metálicas acabassem espalhadas por todo o lado, mas eles gritavam e ficavam contentes na mesma. Atrás deles, uma criança tropeçou e caiu. A mãe dela veio logo a correr. Limpou-lhe a roupa suja e os joelhos sangrentos, pegou-a ao colo, abraçou-a.

—É alguma coisa que eu possa mudar? Talvez só precises de algum tempo?

A voz dele estava rouca e tremida. Apercebia-se do significado do que eu lhe tinha dito e estava à beira das lágrimas. Olhei à minha volta. Se ele começasse a chorar, eu levantava-me e ia-me embora. Não era capaz de estar ao pé de pessoas a chorar. Já tinha visto lágrimas suficientes para uma vida inteira.

—Não. Tenho pena, mas já não estou apaixonada por ti.

—Mas eu estou completamente apaixonado por ti! És a melhor coisa que me aconteceu. A melhor pessoa que já conheci!

Pôs a mão por cima da minha. Apertou-a, fez-lhe festas. Como se isso me pudesse

fazer reconsiderar. Como se fosse eu, e não ele, que precisasse de consolo.

O grande problema das pessoas, apercebi-me, é que transpõem as suas próprias mágoas para os outros. Querem partilhá-las. Pensam que, só por termos um ADN parecido, vamos sentir tristeza perante as mesmas situações. A tristeza não se torna mais fácil de suportar por ser partilhada, antes pelo contrário, fica apenas mais pesada. E o Viktor não fazia a menor ideia do que verdadeira tristeza implicava.

—Ok, eu percebo — disse e assentiu com a cabeça. — Mas não podes vir comigo até casa para podermos conversar à vontade? Não consigo estar aqui no meio desta gente toda. Dá-me uma última noite. Só uma. Depois desapareço da tua vida, sigo o meu caminho sem protestar. Por favor...

Apertou-me a mão com tanta força que me magoou, e eu sabia que devia dizer que não. Que isso não lhe serviria de consolo nenhum. Mas era uma saída fácil para mim, e aceitei.

Durante o curto passeio até casa dele tive tempo de me arrepender várias vezes, mas talvez a ruptura fosse mais fácil se o deixasse dizer o que tivesse para dizer. Ao mesmo tempo, também queria adiar a conversa incómoda que me esperava. Não tinha paciência para ouvir mais declarações de amor e recriminações. Ele tinha necessidade de ouvir respostas, mas eu não tinha nenhuma para lhe dar. Só sabia que o meu coração pertencia a outra pessoa e que tinha de avançar.

Para ganhar algum tempo, ofereci-me para ir comprar uma piza. Desconfiava de que seria uma noite longa e de que ambos precisaríamos de comer. O Viktor não respondeu. Continuou sentado na cama, completamente imóvel, com os ombros encolhidos de desespero.

—Venho já — disse-lhe e evitei o olhar acusador dele.

Depois tirei a carteira da mala e fechei a porta atrás de mim. Posso dar-lhe uma noite, pensei para mim mesma. Depois estou livre.

Vinte minutos depois, voltei. O Viktor olhou para mim de uma maneira estranha quando pus as pizzas em cima da mesa do estúdio dele. Parecia quase triunfante. Continuava sentado em cima da cama, mas, ao lado dele, estava uma coisa que eu reconheci logo. Fiquei com o coração aos saltos. Era o meu diário. O Viktor tinha andado a mexer na minha mala. O meu caderno também estava ali. Aquele onde eu apontava coisas enquanto estudava e que, nos últimos tempos, se tinha enchido de parvoíces infantis. O nome do Jack num coração. O meu nome com o apelido dele. Ridículo. Parvo. Mas, para o Viktor, não havia nada de parvo naquilo.

—Agora já sei quem tu realmente és — disse ele, calmamente.

A voz inexpressiva. Morta. Como se alguma coisa se tivesse partido dentro dele.

—Eu sei quem tu és. A questão é se *ele* sabe...

A palavra «ele» parecia uma acusação. O pânico espalhou-se dentro de mim. Ninguém podia saber. O que estava descrito no diário era a minha vida anterior. A verdade sobre aquilo mudaria tudo. Sofreria os mesmos olhares de quando ainda era a Matilda. Passaria pela mesma humilhação. Ninguém olharia para mim da mesma maneira outra vez. Principalmente o Jack.

—Foste infiel. Foste para a cama com o Jack Adelheim. Tenho todo o direito de lhe contar. Ele sabe sobre nós? Sabe que tens namorado?

Percebi que não valia a pena tentar explicar. Não ia fazer diferença que não tivéssemos ido para a cama, que só tivesse havido um beijo rápido.

O Viktor parecia um animal ferido, os olhos negros de raiva e desespero. Percebi que era capaz de qualquer coisa para me recuperar. Ou para se vingar. Para me fazer sentir a mesma dor que agora o despedaçava. Ia contar a verdade sobre quem eu realmente era, não apenas ao Jack, mas a toda a gente. E então a minha nova vida como Faye acabava. Então tudo acabava.

O pânico foi substituído por um frio gelado que reconheci de antigamente. Uma calma estranha abateu-se sobre mim, e apercebi-me de que não tinha alternativa. Não ia deixar o Viktor impedir-me.

Quando enfrentei o olhar dele, senti ódio. Pagara um preço tão alto para chegar onde chegara, e agora ele estava ali sentado, como se fosse a merda de um juiz. Não sabia nada sobre a dor que eu tivera de suportar, sobre as acções que eu fora obrigada a tomar, sobre as imagens com que teria de viver para o resto da minha vida.

Mas guardei tudo isso dentro de mim. Os homens eram simples. Os homens eram fáceis de manipular, e o Viktor não ia ser excepção. Já o fizera antes e podia fazê-lo outra vez.

Sentei-me ao lado dele. Peguei-lhe na mão. Falei com ele em voz baixa, carinhosa, a passar-lhe o polegar pelas costas da mão. Senti-o a relaxar. Contrariado.

—Podes fazer o que quiseres. Eu compreendo-te. Compreendo que estejas triste e magoado. Mas eu não fui infiel com o Jack e não quero separar-me de ti zangada. Fazemos o que tu querias. Uma última noite juntos. Até posso ficar cá a noite toda. A manhã. E depois podes fazer o que quiseres. Magoar-me de volta, se é isso que

queres. Contar tudo ao Jack. Estás no teu direito. Mas quero ter uma última noite contigo.

Senti-o a suavizar. Senti que queria acreditar em mim. Não conseguia recusar uma última hipótese de estar perto de mim. Eu conhecia-o. Conhecia os homens.

Comemos a piza e dividimos duas garrafas de vinho. Eu só beberiquei do meu copo, e o Viktor bebeu a maior parte do vinho. Fizemos amor no sofá. Ele foi bruto e agressivo. Deixei-o ser. Fechei os olhos e pensei no Jack. Evoquei a cara dele na minha mente, obriguei-me a abandonar o meu corpo enquanto o Viktor, a soluçar, me penetrava. Quando ele acabou, virou-me as costas. Levantei-me e fui-me lavar, contraí-me do ardor que senti quando me limpei lentamente. Quando voltei, ele já estava a dormir. Nada o conseguiria acordar agora.

Fui até à pequena varanda e acendi um cigarro. As luzes da cidade brilhavam na noite de Verão, e podia ouvir vozes e música. Quando acabei de fumar, acendi outro cigarro. Entrei e fui ter com o Viktor, que estava deitado de costas, a rressonar de boca aberta. Toquei-lhe. Não reagiu. Estava completamente apagado do vinho e da tempestade emocional. Pousei o cigarro na cama e fiquei ali para me assegurar de que os lençóis de material barato e facilmente inflamável pegavam fogo. Primeiro só fez fumo. Depois, começou a formar-se uma chama.

O frio gelado que sentira começava a desaparecer. O pânico ia aumentando, apertava-me as tēmporas. Tirei os olhos das chamas e despachei-me para a porta. Quando a deixei bater atrás de mim, já a cama e as cortinas estavam a arder.

Quando saí para a rua, pensei que ia vomitar. As pessoas sorridentes que passavam por mim pareciam demasiado próximas, faziam demasiado barulho. Mas tinha a minha mala num aperto firme. O diário estava seguro outra vez. E eu continuava livre.

O teste de gravidez revelara-se positivo. Na barriga de Faye, estava um embrião, uma nova pessoa. Metade dela própria. Metade de Jack. Ele sempre quisera ter um filho rapaz, um herdeiro. Talvez agora lhe conseguisse dar um.

Faye passou a mão pela barriga, ali sentada à mesa da cozinha, sem conseguir comer nada. Apercebeu-se de que não comia nada há várias horas. No fogão, estava a sua bolonhesa intocada, uma vez que Jack ainda não chegara a casa. Agora nada a impedia de comer. O bebé precisava de nutrientes para se desenvolver. Levantou-se e foi até ao fogão. Mergulhou um dedo no molho e sentiu que ainda estava morno. Colocou o esparguete no prato, afogou-o no molho da bolonhesa e comeu toda a porção de pé, junto à ilha da cozinha. Estava divino. Fechou os olhos e mastigou, enquanto a sensação de bem-estar se espalhava e o corpo relaxava. Era tão maravilhoso finalmente poder comer que até ficou com lágrimas nos olhos.

Teria de deixar a preocupação com o peso para depois de a criança nascer, agora o seu trabalho mais importante era comer o suficiente para os dois.

Precisamente como da última vez, começaria a treinar logo a seguir ao parto, mas também seguiria uma dieta rigorosa assim que parasse de amamentar. Não iria ficar absorvida na bolha do bebé, daria antes prioridade a Jack e ao seu casamento. O filho seria um recomeço, para a relação e para ela como mulher e esposa.

Serviu-se de mais uma porção e levou o prato para a mesa.

Uma hora mais tarde, a porta abriu-se, e Faye sentiu a expectativa criar-lhe borboletas no estômago. Chamou por Jack, e ele espreitou para a cozinha. Faye levantou-se e foi até ele. Daí a pouco, a ruga entre as suas sobrancelhas iria desaparecer.

—Tenho uma coisa fantástica para te contar, amor — disse-lhe. — Vem sentar-te aqui.

Jack suspirou.

—Estou mesmo cansado, não pode esperar até...?

—Não, anda cá.

Faye não podia esperar.

Jack levantou as sobrancelhas, mas sentou-se à mesa da cozinha. Faye sabia que ele ficaria feliz quando lhe contasse e decidiu ignorar o olhar stressado.

—Sim? — perguntou-lhe Jack.

Faye sorriu para ele.

—Estou grávida, amor. Vamos ter outro filho!

A expressão facial de Jack manteve-se inalterada.

—Talvez seja um rapaz — continuou Faye. — Também querias ter um rapaz.

Faye tocou na barriga e sorriu novamente. Jack sempre adorara o seu sorriso, dizia que era contagioso. Mas agora passou apenas as mãos pela cara, cansado.

—O que foi? — perguntou Faye.

O nó na garganta estava de volta.

—Agora não dá jeito nenhum, Faye. Não quero ter outro filho.

—O que queres dizer com isso?

O que se passava com ele? Porque não ficava feliz?

—Acho que estamos bem só com a Julienne.

—Mas...

Mal conseguia falar. Não reconhecia o olhar de Jack.

—Não dá. Desculpa, mas vais ter de... bem, tu sabes...

Faye abanou a cabeça.

—Queres que... queres que faça um aborto?

Jack assentiu com a cabeça.

—Sim, claro que é muito aborrecido, mas simplesmente não é possível.

Faye teve vontade de se atirar a ele. De o abanar. Mas sabia que a culpa era sua. Chocara-o, tinha de o deixar processar a informação.

Jack levantou-se.

—Está bem? — perguntou-lhe.

Faye engoliu o nó. Ele lutava tanto por ela e por Julienne. Será que poderia exigir mais do que isso?

—Sim, eu percebo — respondeu.

A expressão de Jack suavizou-se. Inclinou-se para a frente e deu-lhe um beijinho na testa.

—Vou-me deitar — disse-lhe Jack.

A caminho do quarto, virou-se para trás.

—Amanhã ligo ao médico para podermos tratar disso o mais depressa possível.

A porta do quarto fechou-se, e Faye foi a correr para cima. Apressou-se para a casa de banho e abriu a tampa da sanita. Vomitou o esparguete à bolonhesa, e o

sabor do tomate misturou-se com o sabor azedo a bÍlis. Depois de despejar o autoclismo, encostou a cabeça contra a loiça fria e deixou as lágrimas correrem.

Estocolmo/Barcelona, Setembro de 2001

Estava a dormir como um morto há mais de um dia, quando o som agudo do telefone a tocar me acordou. Era o Axel. Quando ouvi a sua voz tremida a contar o que tinha acontecido, que o Viktor tinha morrido depois de adormecer com um cigarro aceso na cama, vieram as lágrimas. Solucei tanto de choro que fiquei com o corpo todo a tremer.

Fora obrigada a fazer o que fiz, não tinha tido escolha, mas o preço era alto. O preço era sempre alto.

Depois da chamada do Axel, fiquei deitada na cama com os joelhos puxados para o peito. Concentrei-me na respiração. Inspirar e expirar.

As palavras do Viktor ainda me ecoavam nos ouvidos. «Eu *sei quem tu és*. A *questão é se ele sabe...*» O Viktor nunca iria ficar calado. Se ele sobrevivesse, a Faye teria de morrer.

Alguns dias mais tarde, grandes gotas de chuva caíram do lado de fora da janela. Era libertador. Enxaguaram o calor sufocante que se abatera como um cobertor húmido sobre Estocolmo.

A Chris estava de viagem. Os pais tinham-na convidado para ficar no apartamento de Maiorca, e eu estava outra vez sozinha em Estocolmo. Quando lhe mandei uma curta mensagem a contar sobre o Viktor, ela ofereceu-se para vir para casa, mas eu assegurei-a de que estava tudo bem comigo.

Enterrei-me em microeconomia, macroeconomia, estatística e análise financeira. A única coisa que tinha algum significado eram os estudos. Ser bem-sucedida, ser a melhor. Tudo dependia de mim, ninguém podia fazer o meu trabalho. E já me tinha decidido. Ia criar uma vida completamente diferente. Abrir uma empresa, viajar em classe executiva, ganhar mais dinheiro do que precisava, ter um marido lindo (o Jack), filhos muito bem-educados, casas e apartamentos espalhados por sítios interessantes, sobre os quais tinha lido e que vira em filmes. Queria ter tudo. Ia ter tudo.

O telemóvel, que estava em cima da cama a carregar, tocou. Provavelmente era a Chris a querer pôr-me a par das suas andanças por Espanha. Deitei-me na cama e olhei para o pequeno ecrã, antes de atender. Era um número de telefone que não tinha gravado na agenda.

—Estou?

—Olá!

—Quem é? — perguntei, apesar de ter reconhecido a voz imediatamente.

—É o Jack. O Jack Adelheim.

Fechei os olhos. Não queria soar demasiado ansiosa.

—Ah, sim, olá... — disse, hesitante.

—Estou a incomodar?

Soava bem-disposto. Contento. Ao fundo, ouvia-se música.

—Não, não. Diz o que te vai na alma?

Fiz um esforço para parecer mais ou menos indiferente e dei meia-volta até ficar deitada de costas.

—Era para saber se querias ir a algum lado comigo hoje? Hoje à noite, quero dizer. Preciso de me livrar do Henrik.

—Sim, pode ser. Em que bar nos encontramos?

—Bar? Não, estava a pensar sairmos daqui.

Ri-me. Ele estava doido.

—Ir viajar?

—Sim, alguns dias. Voltamos no domingo. Faz uma mala pequena e encontramo-nos na estação central. Vamos a Barcelona.

—Está bem — apercebi-me de que estava a sustentar a respiração.

—Quer dizer que queres vir? — perguntou o Jack, um bocado surpreendido.

—Sim!

—Então encontramo-nos daqui a meia hora.

Desliguei o telefone sem ter percebido muito bem com que acabara de concordar. Depois levantei-me da cama de um salto e comecei a fazer a mala.

Quando aterrámos, estávamos os dois ligeiramente bêbedos. Tínhamos começado a beber logo no aeroporto de Arlanda e continuado a pedir bebidas durante todo o caminho sobre a Europa. Depois de esperarmos algum tempo na fila para os táxis, conseguimos um carro. Eu não conseguia parar de me rir e estava a ficar tonta.

Também estava intensamente consciente do sangue a fervilhar-me em cada veia, de cada capilar, do meu corpo.

—*Hotel Catalonia, por favor* — disse o Jack, quando nos sentámos no banco traseiro. — *Está en el Born, lo conoce usted?*

O carro arrancou com brusquidão e, no mesmo segundo, senti a mão do Jack na minha coxa, a queimar-me a pele.

—Não sabia que falavas espanhol.

—Há muitas coisas que não sabes sobre mim — respondeu ele e piscou-me um olho.

Subiu um pouco a mão pela minha coxa, e senti o sangue todo concentrar-se entre as minhas pernas.

—Que hotel é?

—Não vais ficar desiludida.

Sorri para ele e virei a cara. Como poderia alguma vez ficar desiludida com o Jack?

A noite escura de Setembro estava quente e húmida. Pessoas com roupas leves passeavam pelas ruas à procura de frescura, jantar e convívio. Baixei o vidro e apreciei o vento contra a cara. Precisava de arrefecer.

O mais longe que tinha estado da Suécia fora a Dinamarca, para onde viajara uma vez de carro, de férias, com a minha família. Umas férias que tinham acabado abruptamente. Mas não queria pensar nisso agora. Deixei o vento que me soprava para a cara levar todas as memórias e convenci-me de que podia substituí-las por novas. Cada célula do meu corpo se renovava, era substituída. Por isso, também as memórias deviam poder ser substituídas.

—Adoro esta cidade. Vais ver que é mais fácil respirar aqui — disse o Jack e fechou os olhos.

As suas pestanas compridas e escuras projectavam-se como raios de Sol contra as bochechas.

—Já estiveste cá antes?

Ele abriu os olhos e olhou para mim com o brilho dos candeeiros da rua e dos painéis luminosos de publicidade a reflectir-se no azul profundo.

—Duas vezes.

Tive vontade de lhe perguntar se tinha sido em viagens parecidas. Se tinha estado sentado noutros táxis, com promessas implícitas no ar e a mão nas pernas de outras

mulheres. Talvez esta fosse a jogada-padrão de Jack Adelheim? Talvez estivesse só a seguir o seu habitual livro de instruções da sedução? Mas não fazia diferença. Três dias nesta cidade com o Jack era demasiado tentador para desperdiçar tempo com ciúmes sem sentido e reflexões desnecessárias. Eu estava aqui agora. Com a mão do Jack na minha perna.

Virámos numa das avenidas, parámos num semáforo vermelho e depois entrámos num quarteirão lindo. As ruas ficaram mais estreitas. As pedras da calçada beijavam a borracha do carro. Tivemos de parar para deixar passar um carro que vinha no sentido oposto. Sentia o suor escorrer-me por baixo dos braços, mas fechei os olhos e deixei-me inebriar pelos sons da cidade. Gargalhadas, talheres a baterem uns nos outros, conversas intensas e música. Por todo o lado havia bares, restaurantes, cafés. O cheiro doce de haxixe.

Apetecia-me pegar na mão do Jack, apertá-la, olhá-lo nos olhos e explicar-lhe quão maravilhoso ele era, quão feliz eu me sentia por estar ali. Mas decidira não tomar qualquer iniciativa. Não ia apressar nada.

—É aqui — disse o Jack.

Uma fachada branca com portas de vidro. Por cima, uma placa com o nome do hotel em letras grandes. Hotel Catalonia Born. Um porteiro jovem apressou-se a vir ter connosco, contornou o carro e abriu-me a porta.

—*Gracias* — disse-lhe e sorri. Já sentia falta do calor da mão do Jack quando me levantei para sair do carro.

—Já estás a aprender — exclamou o Jack, enquanto pagava ao condutor.

O porteiro levou as nossas malas, entrámos no hotel, e o Jack começou a falar o seu espanhol arranhado com o recepcionista. Ia misturando com inglês, quando as falhas de comunicação se tornavam demasiado evidentes. Preenchemos alguns papéis e entregámos os nossos passaportes. Uma copiadora zumbiu, e devolveram-nos os documentos.

—Então pronto! — disse o Jack.

O recepcionista chamou o porteiro, que estava à espera, e seguimo-lo para o elevador, que nos levou até ao quinto andar. Quando entrei no quarto, apercebi-me de que o Jack tinha reservado uma *suite*. Nunca tinha visto nada assim.

—É incrível! — exclamei, e a minha intenção de parecer habituada a este tipo de coisa foi ao ar. — Meu Deus, o meu estúdio cabia dez vezes aqui dentro!

No meio do quarto enorme, havia um conjunto de sofás dispostos em frente a

uma televisão de ecrã plano. Ao lado, um carrinho de bebidas completamente cheio. A parede para o exterior era toda ela uma janela panorâmica, com uma vista infinita.

Afastei as cortinas grossas que escondiam a porta para o terraço, abri-a e saí. O calor parecia veludo. Lá em baixo, a cidade brilhava. Os cheiros e os sons envolveram-me. Ouvia-se música de guitarra de um apartamento algures. O mar, escuro e infinito, abraçava a orla da praia.

—O que achas? — perguntou o Jack.

Pôs-se atrás de mim, abraçou-me e encostou a cabeça ao meu ombro.

—Nem sei o que hei-de dizer — respondi-lhe e virei-me. Olhei-o nos olhos. Apetecia-me atirar-me para cima dele, beijá-lo, arrancar-lhe a roupa, empurrá-lo para dentro do *jacuzzi*, enrolar as pernas à volta da cintura dele e senti-lo dentro de mim.

—O dono do hotel é meu conhecido — disse o Jack. Passou por mim e sentiu a temperatura da água.

—Sueco?

—Sim. Ofereceu-nos a estadia.

—Estás a brincar?

—Nunca brinco sobre dinheiro — respondeu o Jack. — Vamos dar uma volta e comer qualquer coisa?

À porta do hotel virámos à esquerda. Os meus saltos prenderam-se nas pedras da calçada, e eu tropecei. O Jack evitou que eu caísse ao agarrar-me pelo braço. Antes de termos deixado o quarto, eu tinha arranjado a maquilhagem, mudado de roupa interior e vestido uma saia preta. Sentia-me linda. E não tinha qualquer dúvida de que o Jack me desejava. Ele olhava constantemente para mim com olhos de fome. Uma parte de mim queria ter sugerido que esquecêssemos o jantar e que, em vez disso, ficássemos no quarto a foder até à inconsciência. Mas estava demasiado curiosa em relação à cidade.

Em cada esquina das pequenas ruas, havia grupos de pessoas. Gargalhadas roucas ecoavam pelas ruas. Um homem de olhos escuros e camisola de futebol aproximou-se de nós.

—Haxixe?

O Jack negociou o preço. O homem gesticulou. Fecharam negócio rapidamente, o Jack passou-lhe algumas notas, e o homem deu-lhe um pequeno pacote em troca.

Ele desenrolou o papel e tirou um pedaço castanho lá de dentro.

—Cheira.

Fechei os olhos e inspirei o aroma adocicado. Nunca tinha experimentado antes. Nem haxixe nem qualquer outra coisa mais forte do que cigarros e álcool. Mas aqui em Barcelona, juntamente com o Jack, parecia-me completamente natural. O Jack era uma droga que me fazia querer experimentar todas as outras drogas do mundo.

Ele dobrou cuidadosamente o papel outra vez e guardou o pacote no bolso das calças de ganga. A música ficou mais forte, e chegámos a uma pequena praceta. Mesas e cadeiras apertadas contra as fachadas. As pessoas fumavam, brindavam e partilhavam comida.

—Aqui? — perguntou o Jack e apontou.

—Claro! — respondi-lhe, demasiado distraída a tentar assimilar o ambiente para conseguir tomar uma decisão sobre onde deveríamos comer.

Sentámo-nos a uma mesa. Um empregado de camisa branca e laço veio ter connosco, e o Jack pediu *tapas* para os dois. Cerveja para ele e um *mojito* para mim.

Entregaram-nos as bebidas. O Jack inclinou-se para a frente, tirou uma folha de hortelã do meu copo e pô-la na boca.

—Qual é a tua história, Faye?

—Vais ter de ser um bocado mais específico do que isso.

—Tens tudo. És bonita, bebes como um homem e, a acreditar nas pessoas da faculdade com quem falei, és a mais esperta do teu ano. O Henrik até fala em incluir-te como sócia na nossa empresa. Tem de haver alguma coisa de errado. És um homem, na verdade? Tens pé boto?

Inclinou a cabeça e fingiu olhar para debaixo da mesa.

Eu ri-me e dei-lhe um pontapé. A mesa abanou, e ele também se riu.

—Além disso, és engraçada. Estás contente por estarmos aqui? — perguntou-me.

Uma mudança súbita na cara dele. Um laivo de seriedade e um indício de alguma coisa que parecia insegurança. Os olhos azuis olhavam fixamente para mim, trespassavam-me. Estremeci. Desviei o olhar. Não lhe podia mostrar quão louca estava por ele, ainda não. Homens como o Jack precisavam de ter de lutar, de caçar, antes de conquistarem alguém. Se não, desapareciam.

Também sabia que não podia deixá-lo descobrir nada sobre a Matilda. Mas isso não era um problema. A cada dia que passava, a memória do passado desvanecia-se. Só o Sebastian continuava a vir até mim, nos meus sonhos. Mas até isso acontecia

cada vez mais esporadicamente.

—A cidade não tem problema nenhum, mas a companhia podia ser melhor — respondi-lhe e olhei para ele com ar desafiador.

—Ai é?

O Jack rodopiou o copo de cerveja e sorriu, a olhar para mim.

—E o que aconteceu ao tal namorado? — perguntou, com curiosidade.

Vi o Viktor à minha frente, deitado na cama, ao mesmo tempo que a roupa de cama pegava fogo.

—Acabámos — respondi-lhe secamente.

O Jack nunca o tinha conhecido, não sabia pormenores de qualquer espécie. E eu também não lhos queria dar.

A chama da vela reflectia-se nos olhos do Jack.

O empregado pôs um prato de presunto e triângulos de queijo em cima da mesa. Eu comi um pedaço de presunto. Pareceu-me gorduroso nos dedos, mas derretia-se na boca.

—Gosto de estar aqui. Nunca tinha estado em Espanha.

—Então onde estiveste?

—Na Dinamarca. E em Fjällbacka.

—É de lá que vens?

—Sim. De Fjällbacka, quero dizer. Não da Dinamarca.

Pensei na nossa viagem à Dinamarca. À Legolândia. Que, previsivelmente, acabara em catástrofe.

—Como são as coisas lá?

—O oposto de aqui! — disse-lhe e fiz um gesto na direcção da praça. — Ruas vazias. Só há um sítio para ir comer. Toda a gente sabe tudo sobre todos.

—E os teus pais continuam lá? Tens irmãos?

Esticou-se para um pedaço de presunto sem nunca tirar os olhos de mim.

A cara de Sebastian surgiu-me na mente. Desfeita, naquela noite terrível.

Engoli em seco algumas vezes.

—Os meus pais estão mortos. E eu era filha única.

O empregado chegou com mais comida. Batatas assadas, camarões fritos em azeite com alho, azeitonas e almôndegas em molho de tomate.

Levei a bebida à boca. O rum queimava-me a garganta. Era um *mojito* forte. Não como as bebidas caríssimas quase sem álcool que serviam em Estocolmo. Percebi

que parecia desanimada. Fiz os possíveis para recuperar o controlo sobre a minha expressão facial, mas o álcool que bebêramos desde que tínhamos saído de Estocolmo não facilitava os meus esforços. Acendi um cigarro para ganhar algum tempo.

—Gostava de lá ir um dia.

Não perguntou mais nada sobre o resto. Adorei-o ainda mais por isso.

—Não, não gostavas.

—Gostava sim! Quero ver novos sítios. Nunca me canso de novos sítios.

Nem de novas mulheres, pensei. Mas não disse nada.

—Tenho amigos que passaram Verões em Fjällbacka. Dizem que é muito giro — acrescentou e mergulhou um pedaço de pão no azeite cheio de alho dos camarões.

—E qual é o *teu* segredo, Jack? — perguntei-lhe para mudar de assunto.

Bebi um pouco mais do meu *mojito*, enquanto as estrelas no céu nocturno pareciam aproximar-se cada vez mais.

—O meu pai é alcoólico e viciado no jogo — respondeu ele, rapidamente. Pegou noutro bocado de pão e mergulhou-o outra vez no azeite com alho. — É um falhado de merda que bebeu a maior parte da sua herança. E é a vergonha da família. Mas não consegui roubar-me o apelido. E, sim, é um nome que abre muitas portas. Mas não graças a ele, devo-o ao resto da família e aos ascendentes mais antigos.

—Não fazia a menor ideia sobre isso.

—Pois, não é exactamente uma coisa que escreva no meu cartão-de-visita. Não há muita gente que saiba. Quando as pessoas perguntam, costumo dizer que ele vive no estrangeiro. É mais fácil assim. Mas nos círculos mais finos de Estocolmo não é segredo nenhum. Toda a gente conhece o meu pai.

—E a tua mãe?

—Casou outra vez. O novo marido também é um cretino, mas ao menos é um cretino sóbrio. Ela não tem muito jeito para escolher homens. Talvez dê nisso quando se escolhem os homens consoante o dinheiro que têm. Moram na Suíça. Eu saí de casa quando tinha dezasseis anos. O meu tio paterno, o Carl, deixou-me morar num dos seus apartamentos e deu-me uma mesada para renda e comida. A contrapartida era eu ter bons resultados na escola.

—Tens irmãos?

—Não. Sou filho único, como tu.

Jack passou as mãos pelo cabelo, mas a franja caiu-lhe logo outra vez para a cara.

Passou um homem de mesa em mesa a vender rosas vermelhas. Quando chegou à nossa, o Jack abanou a cabeça, e o homem seguiu caminho.

—É fácil conversar contigo — disse-me ele. — Estou a contar-te coisas que não costumo contar.

—Engraçado. Eu sinto a mesma coisa. Gostava de saber porquê.

No segundo exacto em que disse aquilo, apercebi-me de que era mentira. Havia muitas coisas que não estava a contar ao Jack.

—Talvez porque somos muito parecidos — acendeu um cigarro e inspirou profundamente. — As outras pessoas nem devem reparar que eu e tu, na verdade, somos muito solitários.

Fiquei fascinada pelo facto de ele se considerar solitário. Nunca tinha visto o Jack sem estar completamente rodeado de pessoas.

—E como somos nós? — perguntei-lhe com curiosidade.

O facto de ele achar que éramos parecidos até me fazia vertigens.

—Gostamos das outras pessoas até um certo ponto. Percebemos os jogos dos outros. Fingimos. Fingimos ser como eles, fingimos estar satisfeitos. Mas, no fundo, somos... — calou-se e olhou intensamente para mim. — Faye, tu és uma romântica. Pensas que não se nota. Finges que não te importas, que te passa ao lado. Mas queres que a vida seja mais rica, mais bela. Não te vais contentar com uma vida normal, banal. Tu queres alcançar o topo, ser dona do mundo. Tens ambições. Foi por isso que não ficaste em Fjällbacka e te mudaste para Estocolmo. E é por isso que nos atraímos um ao outro. Somos iguais. Temos instinto. Mas tu tens uma desvantagem, se quiseses subir no mundo. És mulher. E vivemos num mundo de homens.

Eu queria protestar, dizer-lhe que ele estava enganado. Mas, lá bem no fundo, acreditava no que ele dizia. Por isso, engoli. Assenti com a cabeça. Abri a boca para lhe responder, mas fui interrompida pelo empregado, que apareceu com ainda mais travessas. A nossa mesa estava quase completamente cheia de pratos. Calamares, cogumelos salteados, *paella*, salsichas de borrego e maionese de alho. O meu copo vazio foi substituído por um copo grande de vinho tinto, e o Jack bebeu outra cerveja. Atirámo-nos à comida e apercebi-me de que não tinha olhado para as horas desde que saíra do meu apartamento.

Ficámos no restaurante mais uma hora, depois de termos acabado de comer. Não tínhamos conseguido comer tudo, nem de longe. Bebemos vinho e cerveja e

conversámos. A cada segundo, fiquei mais e mais apaixonada. Tinha a cabeça à roda. Tanto do vinho como de todas as impressões. Tinha a barriga pesada de comida e satisfação. Nunca me sentira tão feliz como ali, naquele momento. As estrelas haviam-se mudado para dentro de mim.

Dei uma passa no cigarro. Deixei o fumo subir para o céu nocturno.

—Amanhã vamos à praia — disse o Jack. — A não ser que prefiras tomar banho na piscina do telhado do hotel.

—Logo vemos.

Não conseguia escolher. Queria ter tudo.

—Tens razão, logo vemos.

Ele pagou a conta e levou-nos de volta para o hotel. Havia menos pessoas em movimento pelas ruas apertadas. Desequibrei-me de propósito nas pedras da calçada para ter uma desculpa para me agarrar a ele.

Quando chegámos à *suite*, apercebi-me de que ainda não tinha visto o quarto de dormir. Abri a porta e acendi a luz. Tal como na sala, a parede que dava para o terraço fora substituída por vidro. Arte moderna nas paredes. Duas poltronas de pele. E uma cama enorme. Em frente à parede de vidro, havia uma banheira antiga, com pés de leão dourados.

—Jack! Temos uma banheira no quarto — gritei. — Anda cá ver!

Ele apareceu atrás de mim.

—Eu sei. Um dia também vou ter uma.

—Eu também! — respondi.

—Óptimo, então estamos de acordo!

—De acordo?

—Sim, sobre como vai ser a nossa casa!

Fingi que não ouvi. Não o conhecia suficientemente bem para saber se estava a brincar comigo. Não sabia o que era a sério e o que era a gozar. E eu não era uma daquelas miúdas ingénuas e privilegiadas da classe alta, que tinham vivido a vida atrás de portões altos e que estavam habituadas a ter sempre a relva cortada. Sabia que a vida não era um conto de fadas com finais felizes. Mas, naquele momento, a vida era um conto. E isso era mais do que suficiente para alguém como eu.

Jack foi até à banheira, rodou a torneira e sentiu a água.

—Vamos experimentá-la.

—Agora?

—Sim!

Virei-me de costas para ele, puxei a camisa de alças por cima da cabeça e despi a saia. Continuava com os saltos altos calçados. Senti o olhar dele a queimar-me as costas e desfrutei do facto de o ter em meu poder. Lentamente, desapertei o *soutien* e despi as cuecas. Depois, descalcei os sapatos para ficar completamente nua. No reflexo do vidro, consegui ver que ele estava totalmente paralisado. Agora, era eu quem tinha o controlo.

Ele sentou-se na cama. Começou por descalçar os sapatos e despir as calças. Os olhos sempre colados ao meu corpo. Desfrutei do facto de o ter só para mim. À minha mercê.

—Vens ou precisas de ajuda?

—Acho que preciso de ajuda — respondeu ele.

Virei-me lentamente. Senti o vinho subir-me à cabeça. Dei alguns passos na direcção dele e despi-lhe a *T-shirt* e as calças. Ele tinha um corpo fantástico. Musculado e bronzeado. Os músculos dos braços e do peito bem visíveis. Pus-me de pé à frente dele. Depois, ajoelhei-me e olhei-o nos olhos. Ele debruçou-se para tentar beijar-me, mas eu afastei a cabeça e agarrei-lhe nos *boxers*. Ele levantou o rabo para que eu os conseguisse despir. Estava completamente teso. Debrucei-me e meti-o na boca. Um segundo. Dois. Três. Não o larguei com o olhar. Depois, levantei-me outra vez.

—Bem, está na altura de dar um mergulho — disse-lhe, provocadora, e dirigi-me para a banheira.

Ele levantou-se da cama e veio atrás de mim. A banheira estava meio cheia, a água estava quente e cheirava ligeiramente a cloro. No segundo a seguir, senti a mão dele no meu braço. A agarrar-me com força, quase de maneira agressiva. Puxou-me pelo quarto, de volta para a cama. Largou-me quando chegámos aos pés da cama e deu-me um empurrão, para que eu caísse para a frente. De barriga para baixo. Curvei as costas para lhe mostrar que estava com tanta vontade como ele, que era eu que tinha o controlo sobre ele. Quando ele me penetrou, soltei um gemido. Meio segundo de dor. Mas ele foi cuidadoso e esperou que eu relaxasse. Pus-me de gatas, e ele começou a penetrar-me lentamente. A porta para o terraço estava aberta e lá de fora ouvia-se música, misturada com risos e vozes. Um carro a apitar. Apercebi-me dos sons ao longe, distanciados pelo zumbido nos meus ouvidos. Senti as mãos dele à volta da minha cintura enquanto me penetrava. Meu Deus, como era maravilhoso

ser fodida por ele.

—Com mais força — gemi. — Mais força!

Ele agarrou-me pelo pescoço. Empurrou-me a cabeça contra a almofada e fez o que lhe pedi. Estremeci, e o orgasmo percorreu-me todo o corpo. Um segundo depois, Jack também se veio com um gemido alto. Atirou-se para a frente e pôs todo o seu peso em cima de mim. Ficámos assim deitados durante algum tempo. Calados, preenchidos pela intensidade do que acabávamos de experimentar.

Depois, mudámo-nos para a banheira. O Jack foi buscar o pacote de marijuana e fez um charro, que partilhámos um com o outro.

—Tu és tão, tão sexy — disse-me.

—Tu não és mau — respondi-lhe. — Safas-te.

Ele atirou-me água, e eu gritei, mas não consegui evitar começar logo a rir.

Depois deitámo-nos os dois nus, debaixo do edredão. Ele pôs um braço à minha volta e puxou-me para ele. Percorreu-me o corpo com os dedos, mas evitou o peito, o rabo e o meu sexo. Assim que começava a descer, parava e mudava de direcção. Era frustrante. A minha respiração estava a ficar mais pesada. O controlo já não estava do meu lado. E fiquei tonta quando me apercebi de que o deixara assumi-lo. Isso assustou-me, ao mesmo tempo que me excitou.

—Boa noite, minha querida futura mulher — segredou-me ao ouvido.

Passados alguns minutos, ouvi um leve ressonar.

Mas eu continuava excitada. Pus a mão na pila dele e senti-a inchar, deslizei para debaixo do edredão e pu-la na boca. Ele acordou e atirou o edredão para o chão. Sem lhe dizer uma palavra, montei-me nele, apoiei-me com as mãos no seu peito e inclinei a cabeça para trás. Ele pôs as mãos atrás da cabeça. Ficou a olhar para mim cheio de desejo, mas também não disse nada.

Vim-me outra vez. Deixei-o vir-se dentro de mim.

Depois, rebolei para o meu lado da cama.

—A partir de agora, é assim que desejamos as boas-noites um ao outro — disse-lhe.

A casa de Henrik e Alice Bergendahl ficava em Gåshaga, na ilha Lidingö, com cais de desembarque e praia de areia privada, e quase se encaixaria melhor em Los Angeles do que numa ilha do arquipélago de Estocolmo. A grande vivenda de seiscentos e setenta metros quadrados tinha tudo, desde cinema em casa, ginásio e piscina coberta e aquecida até cave de vinhos, sala de bilhar, mesa de pingue-pongue e não menos do que cinco casas de banho. O pé-direito da enorme «sala de estar» — poderiam estacionar-se alguns camiões ali dentro com toda a facilidade — era de dez metros.

Enquanto Faye, Henrik, Jack e Alice jantavam à luz das velas, com vista sobre a baía de Höggarnsfjärden, os seus filhos brincavam com a ama noutra parte da casa. Os quartos das crianças ficavam o mais afastados possível dos espaços onde Alice e - Henrik passavam mais tempo.

O vento soprava frio lá fora. As ondas rolavam na direcção da praia, lutavam contra ela antes de desistirem e rolarem de volta.

Alice encomendara comida de fora, e tinham um *buffet* libanês disposto ao longo da enorme mesa da sala de jantar. Faye lançou um olhar para Alice, que trazia um vestido vermelho justo, aberto dos lados, para que todos pudessem ver as suas costelas salientes, que mais pareciam um suporte de estacionamento para bicicletas. Alice ignorava o *buffet* e mastigava uma folha de alface. Em breve, provavelmente limitar-se-ia a lambar as malditas folhas.

Já Faye comera livremente do *mezze*. E bebera do vinho tinto encorpado *Amarone*. Fosse como fosse, a criança na sua barriga iria acabar a sua curta vida numa bacia metálica. Nessa noite, Faye tomaria o comprimido que fora aviar à farmácia. O primeiro de dois.

—Gostaste da comida? — perguntou Alice, com um sorriso.

Alice observara cada dentada que Faye dera. Teria certamente contado as calorias mentalmente. E, satisfeita, pudera colocá-las na sua própria conta de calorias negativas.

—Muito — respondeu Faye. — Boa ideia pedir libanês.

Jack deu uma gargalhada.

—Libanês ou não, tu comes tudo o que te põem à frente! — comentou. —

Limitas-te a enfiar a comida pela boca abaixo.

Faye olhou para o seu prato. Era essa a imagem que tinham dela? De alguém que engolia tudo o que encontrava?

Henrik inclinou-se para ela.

—Como tens andado ultimamente, Faye? — perguntou-lhe. — Nunca mais nos vieste visitar ao escritório.

—Pois não, acho que é melhor deixar-vos trabalhar em paz. Vocês andam tão ocupados.

—Sim, estamos com algumas coisas. Mas temos sempre tempo para ti.

—Obrigada, Henrik, mas acho que é melhor eu deixar-vos tratar de tudo sozinhos.

Porque soavam como estranhos? Como conhecidos bem-educados, a tentar preencher um vazio com conversa de circunstância? Antigamente, ela, Jack e Henrik divertiam-se juntos. Falavam de coisas sérias. Ela fora tratada como igual, por vezes até como superior a eles, quando, durante discussões, tinha de lhes dar lições sobre estruturas de negócios e instrumentos financeiros. Inclusivamente, fora ela quem acabara por apresentar o plano de negócios em que Henrik e Jack tinham baseado a Compare. Agora sentia-se como uma criança a quem tinham dado permissão para se sentar à mesa dos adultos.

—Estás pronto, Henrik? O táxi está quase a chegar.

Jack levantou-se e limpou a boca. Ele e Henrik iam até à cidade encontrar-se com velhos amigos. A caminho, iriam deixá-la a casa, juntamente com Julianne. Faye ouviu a filha descer as escadas a correr.

—Não quero ir para casa — disse Julianne e olhou para Jack com ar suplicante. — Quero ficar aqui.

—Está bem, então fica aqui com a mamã. Não há problema de elas ficarem, pois não, Alice?

Faye mordeu o lábio. Estava ansiosa por chegar a casa e aninhar-se no sofá, de pijama, com um copo e uma garrafa de vinho. Poder beber até esquecer todos os pensamentos sobre o dia seguinte.

—Claro que não, os miúdos vão adorar — respondeu Alice.

Como sempre, até brilhava quando olhava para Jack. Mais do que quando olhava para o seu próprio marido.

—Ótimo — disse Jack, e Julianne subiu novamente as escadas a correr.

Faye e Alice acompanharam os maridos à porta.

—Então divirtam-se, rapazes — exclamou Alice e deu um beijo na boca de Henrik.

—A ama amanhã vem às nove — disse Faye.

—Pois é. Pronto, então vemo-nos amanhã — respondeu Jack e foi-se embora.

Faye e Alice puseram os pratos na máquina de lavar a loiça e guardaram os restos da comida no frigorífico.

—Deixa ficar o resto — disse Alice. — A empregada amanhã arruma.

Foi buscar outra garrafa de vinho e sentaram-se as duas no sofá, em frente à janela panorâmica.

—O que vais fazer amanhã? — perguntou Alice.

—Tenho só uma consulta.

—Nada de grave?

—Não, nada de grave.

—Que querido, da parte do Jack, ir contigo na mesma.

Faye só conseguiu murmurar um som como resposta.

Alice, com os seus grandes olhos de veado e pele perfeita. Estaria feliz com a sua vida? Haveria alguma coisa pela qual sentisse paixão? Faye não estava com paciência para mais jogos. Estavam as duas presas numa gaiola de ouro. Como dois pavões. Embora Faye ultimamente se sentisse mais como uma das pombas sarnentas da praça Hötorget. Ratos com asas, como Chris costumava chamar-lhes, com desprezo.

Faye não queria conversar com um pássaro engaiolado. Queria conversar com uma pessoa verdadeira. Beberam mais dois copos.

Alice contou uma história fascinantemente aborrecida sobre o que o seu filho Carl fizera no infantário. Haveria mais alguma coisa no mundo de Alice para além de Henrik e das crianças? E do estatuto da vida que viviam? Haveria uma pessoa real por detrás daquilo? Sentimentos verdadeiros? Sonhos verdadeiros? Ou seria Faye que tinha um problema? Que não conseguia contentar-se com aquilo? A maior parte das pessoas sonhava ter a vida dela. Poder comprar tudo, não precisar de trabalhar, ser bem-sucedida, ter filhos lindos, ser convidada para a abertura de uma nova loja *Louis Vuitton* e poder pagar mais por uma mala de mão do que aquilo que uma pessoa normal ganhava por mês.

—O que farias se não tivesses o Henrik? — perguntou-lhe.

—O que queres dizer com isso?

—Em que gostavas de trabalhar?

Alice ficou a pensar na resposta durante algum tempo. Como se fosse uma questão sobre a qual nunca tivesse reflectido antes. Por fim, encolheu os ombros.

—Decoração, acho eu. Gosto de tornar as casas bonitas.

—Então porque não o fazes?

Alice nem sequer decorara a sua própria casa, esse trabalho fora feito por um decorador caro e conceituado, com uma longa lista de vivendas em Lidingö no seu repertório.

Alice encolheu novamente os ombros.

—E quem tratava das crianças?

Faye arregalou os olhos e olhou em volta pela sala de estar.

—A mesma pessoa que está a fazer isso agora, a ama! Sinceramente, nunca sonhas em fazer outra coisa? Em fazer aquilo que *tu* realmente queres, independentemente do Henrik e dos miúdos? Seres tu própria.

Estava demasiado embriagada, tinha consciência disso, mas não se conseguia conter. Queria entreabrir a portinhola da gaiola de ouro de Alice, ainda que fosse apenas durante um breve segundo. Mesmo que a sua própria vida parecesse igual, a diferença era enorme. Faye tinha uma formação a que podia recorrer, fizera uma escolha consciente, em conjunto com Jack, uma vez que acreditavam os dois que era o melhor para a sua família. Ao contrário de Alice, Faye não dependia do marido.

Faye bebeu mais um pouco de vinho. O bebé iria ao menos ter uma valente bebedeira como presente de despedida.

Ficou com um nó na garganta e tossiu.

—Sou eu própria — respondeu Alice. — Não quero mudar nada.

Alice humedeceu os lábios. Era realmente fabulosa. As suas penas de pavão brilhavam.

—És inacreditavelmente bonita — disse Faye.

—Obrigada.

Alice virou-se para ela com um sorriso, mas Faye já não conseguia largar o assunto, não se conseguia conter.

—Não te incomoda saber que o Henrik nunca olharia para ti se não fosses? Que é por isso que estamos aqui sentadas, nesta casa? Porque podemos ser exibidas? Como bonecas. Quer dizer, eu pelo menos costumava ser digna de ser exibida.

Serviu-se de mais vinho sem sequer ter reparado que já bebera o último copo.

—Pára com isso. Sabes perfeitamente que as coisas não são assim.

—Claro que são.

Alice não respondeu, mas esticou o seu copo, para que Faye o pudesse encher também. Parecia que pelo menos as calorias do vinho não contavam no mundo de Alice.

Fez-se um silêncio. Faye suspirou. Do interior da casa, ouviam-se gritos de crianças.

—Sabes que sempre tive ciúmes de ti? — murmurou Alice.

Faye olhou para ela com surpresa. Havia algo novo, entristecido, no olhar de Alice. Seria a verdadeira Alice a espreitar?

—Não — respondeu-lhe. — Não fazia a menor ideia.

—O Henrik fala sempre tão bem de ti, que és a mulher mais inteligente que ele alguma vez conheceu. Tu percebes as coisas de que eles falam, percebes a empresa. Comes o que queres, bebes cerveja, consegues fazê-los rir. Acho que é principalmente isso, o facto de conseguires fazer o Henrik rir, que me faz mais ciúmes. Ele... bem, ele respeita-te.

Faye mudou de posição. Reflectiu sobre o quanto do que Alice dissera já não correspondia à verdade. Ela estava a descrever um tempo passado. Já não existia nada de que sentir ciúmes. Nada a respeitar. Até lhe acontecia perguntar-se se alguma vez existira ou se era apenas uma imagem que ela própria criara de como as coisas tinham sido.

De vez em quando, surgiam-lhe fragmentos de memórias. De todas as vezes que não conseguira entrar em contacto com Jack, quando precisara dele. Algumas memórias, como o parto de Julianne, eram tão dolorosas que Faye nem conseguia aproximar-se delas. Então enterrava-as. E perdoava. Uma e outra vez.

Mudou de posição novamente. Pousou o copo de vinho na mesa de apoio. Julianne apareceu na sala a correr e a perguntar se podiam tomar banho na piscina.

—O Carl e a Saga também vão tomar banho? — perguntou Faye e lançou um olhar para Alice.

—Sim! — exclamou Julianne enfaticamente e assentiu com a cabeça ao mesmo tempo, excitada.

Quando Julianne desapareceu, Alice suspirou.

—Sim, eu sei que o Henrik nunca se teria casado comigo se não fosse pela minha aparência e pelas minhas origens. Não sou assim tão ingénua. Mas ele faz-me feliz e

é carinhoso comigo. Conheço mulheres em situações piores nesta zona — levantou o copo e já arrastava as palavras. — Nesta sociedade de merda, as mulheres não podem dizer que querem que tomem conta delas. Eu quero! Eu quero que o Henrik seja o homem da casa. Não quero saber se de vez em quando dá umas quecas por fora.

Fez um gesto com o braço e ficou prestes a entornar o vinho tinto no sofá branco. Faye não conseguia desviar o olhar de Alice.

Todas as histórias de Jack sobre as indiscrições de Henrik, como podia Faye ter achado que tinham piada? Nunca poderia ter imaginado que Alice estava consciente delas. Só pensara: coitadinha da burra e linda Alice.

—Alice, eu... — a má consciência latejava-lhe nas têmporas.

—Pára. Eu sei que é verdade. E tu de certeza também sabes — Alice encolheu os ombros. — Os homens são homens. Mas é para mim que ele volta a seguir. Com quem dorme e com quem toma o pequeno-almoço. É com os nossos filhos que brinca. Eu sei que ele me ama. À maneira dele. Sou a mãe dos filhos dele. Sinceramente, já não é um problema para mim. Eu... eu habituei-me.

Alice virou o olhar para a janela, para a água imensa e escura.

—Eu nunca seria capaz disso.

O calor na barriga. Jack não era como Henrik. E Faye não era como Alice.

Alice virou-se para ela.

—Mas, Faye, ele...

—Não digas nada! — interrompeu Faye tão alto que Alice se sobressaltou. — Eu sei que muitos dos homens que nos rodeiam são infiéis. E as mulheres também, já agora. Se tu estás bem com isso, melhor para ti. Mas eu e o Jack somos almas gémeas! Construímos imensa coisa juntos. Se alguma vez insinuares outra coisa, vou destruir tudo o que tens! Percebeste?

Os olhos assustados de Alice obrigaram Faye a assumir o controlo da raiva. Não podia mostrar a Alice quem era verdadeiramente. Quem fora.

Levantou-se do sofá, cambaleou ligeiramente.

—Obrigada pelo jantar de hoje. Agora vamos para casa.

Quando a porta da rua se fechou atrás dela e de Julianne, Faye virou-se para trás. Olhou pelos rectângulos de vidro, ao lado da porta. Alice continuava sentada no sofá, com os olhos presos na água.

Estocolmo, Setembro de 2001

No táxi, ao sair do aeroporto de Arlanda, mentalizei-me que o Jack ia desaparecer e que a vida ia voltar ao normal. A sorte só estava do meu lado muito de vez em quando, e em pequenas doses. Estava satisfeita com o que tivera, convenci-me a mim própria enquanto o táxi parecia apressar-se a entrar em Estocolmo.

Mas o Jack continuou a dar-me a mão, enquanto os subúrbios do Norte da cidade iam passando rapidamente pela janela.

—O que vais fazer hoje?

—Não sei — respondi-lhe.

Passámos o cruzamento Järva Krog, e a viagem começou logo a abrandar, por causa das filas para entrar na cidade. Por mim não fazia mal. Antes pelo contrário.

—Eu também não. Queres ir beber uma cerveja a qualquer lado?

Fizemos isso. E, nessa noite, dormimos os dois no estúdio do Jack, na rua Pontonjärsgatan, na zona de Kungsholmen.

No dia seguinte, ficámos na cama até à hora de almoço. Conversámos, vimos filmes e fizemos amor. Mas, à tarde, tive um ataque de má consciência e fui-me sentar na varanda, para estudar. O fim-de-semana em Barcelona fora maravilhoso, mas agora tinha muito a recuperar.

De repente, ouvi um grito vindo do sofá, lá dentro, onde o Jack estava sentado a ver as notícias.

—O que foi? — chamei, mas ele não respondeu.

Fechei o livro outra vez e fui ter com ele.

O Jack estava totalmente imóvel, em frente à televisão. Estava completamente pálido.

As imagens do noticiário da CNN eram piores do que qualquer coisa que eu alguma vez tivesse visto. Os aviões. Os arranha-céus a explodirem. Corpos de pessoas a caírem, de centenas de metros de altura. Pessoas a saltarem ou, ensanguentadas e cobertas de pó, a vaguearem, completamente desnorteadas, pelas

ruas de Manhattan.

—O que se está a passar? — fiquei a olhar, incrédula, para o ecrã da televisão.

O Jack olhou para mim com lágrimas nos olhos.

—Um avião embateu no World Trade Center. Primeiro, toda a gente pensou que tinha sido um acidente, mas, de repente, veio outro avião, que embateu na segunda torre. Há outros aviões sequestrados. Parece ser um ataque terrorista.

—Um ataque terrorista?

—Sim.

O ambiente no estúdio estava bastante confuso. Ficámos como que hipnotizados, em frente à televisão. Atordoados pelas impressões visuais, pelo pânico. O desconhecido. O imponderável.

O Jack levantou-se e trancou a porta de casa. Foi buscar uma garrafa de *whiskey* e dois copos. Quando as torres se desmoronaram, uma a seguir à outra, chorámos os dois. A destruição, as mortes, era um contraste tão grande com a nossa felicidade.

De repente, senti que precisava de estar mais próxima do Jack, de sentir a força dele, de saber que ele me defenderia. As minhas cicatrizes descansavam em segurança nas mãos dele. Ele não sabia da existência delas, mas isso não tinha importância nenhuma. A presença dele aliviava de qualquer maneira. Era como se as suas próprias cicatrizes se encaixassem nas minhas.

Compreendi subitamente o *babyboom* dos anos quarenta. Como homens e mulheres, em alturas de crise, precisam de consolo, procuram o animalesco, o básico, o simples. A segurança da procriação, a própria base para a sobrevivência da espécie.

Estiquei-me para o comando da televisão e desliguei o som.

O Jack olhou para mim com ar confuso.

—O que...?

Alguma coisa no meu olhar levou-o a calar-se. Puxei-o para cima. Despi-o, peça por peça, até ele estar nu, à minha frente. Depois, ele despiu-me a mim e deitámo-nos no sofá. Quando me penetrou, fui inundada por um sentimento de enorme segurança. A única coisa que importava agora era poder estar ali deitada, por baixo dele, com o seu sexo dentro de mim. Como a própria vida dentro de mim. Continuava a ver as imagens da televisão à minha frente, iam-me passando pela cabeça. Uma e outra vez, via as imagens de corpos a caírem das torres a arder. O fumo e as chamas, quando os edifícios enormes e aparentemente indestrutíveis

caíram.

Chorei.

Mas precisava de mais. Não era suficiente. Às vezes, tinha medo precisamente disso. De que nada alguma vez fosse suficiente.

—Mais força — disse para o Jack.

Ele parou. A sua respiração ofegante silenciou-se. Através da parede estreita, ouvimos o vizinho a ver o mesmo noticiário.

—Fode-me com toda a força que conseguires — murmurei-lhe. — Magoa-me.

Senti-o a hesitar.

—Porquê?

—Não perguntes — respondi-lhe. — É só aquilo de que preciso agora.

O Jack olhou-me nos olhos, inquisitivo, mas depois fez o que eu queria. Agarrou-me as ancas com mais firmeza e penetrou-me com cada vez mais força. A sua respiração ficou mais pesada e puxou-me o cabelo. Sem consideração. Sem tentar ser cuidadoso.

Estava a magoar-me, mas eu queria que magoasse. A dor era familiar. Fazia-me sentir segura. O mundo estava em chamas, e a dor era a minha âncora.

Dia 11 de Setembro.

A data já tinha um lugar de destaque na minha vida. No mesmo dia, quatro anos antes, o meu pai fora preso pelo homicídio da minha mãe. Um ano depois de o Sebastian ter sido encontrado pendurado por um cinto no roupeiro.

Eu tinha quinze anos quando ele morreu. Talvez tenha sido então que me transformei naquela que sou. Talvez tenha sido nesse dia que me tornei a Faye.

O Jack penetrou-me cada vez mais desesperadamente, e agora ouvia que ele também estava a chorar. Unimo-nos na tristeza e na dor e, quando ele finalmente caiu em cima de mim, soube que tínhamos partilhado um momento que nenhum de nós alguma vez esqueceria.

Ficámos sentados muito tempo no sofá, nessa tarde e noite, de mãos dadas, enquanto víamos o mundo a arder.

O ano seguinte seria o melhor da minha vida. O ano que iria cimentar as bases da nossa vida em conjunto e dos laços indestrutíveis que nos uniam um ao outro.

Ele contou-me tudo sobre a infância dele. Sobre a insegurança, as discussões, a constante falta de dinheiro. Os Natais sem presentes, parentes que ora mostravam

compaixão ora censuravam o pai dele. Como tudo se tinha desmoronado quando a mãe abandonou a família. A casa de onde tudo gradualmente desapareceu, onde tudo se vendeu, se penhorou. As pessoas que apareciam a horas estranhas para cobrar dívidas ou para se embebedarem com o pai. O alívio quando conseguiu deixar aquela vida para trás.

Eu, por outro lado, não lhe contei nada. E o Jack nunca mencionava a minha vida anterior. Aceitara que eu estava sozinha no mundo. Que não sobrava ninguém. De certa maneira, acho que gostava disso. Assim eu era só dele. Só nos tínhamos um ao outro, e ele podia ser o meu herói.

Eu e o Jack encontrávamo-nos nos pequenos bares da zona à volta da rua Hantverkargatan ou em Chinatown depois das aulas, às vezes sozinhos, às vezes com o Henrik e a Chris, e falávamos da vida, de economia, política e sonhos. Éramos todos iguais. Mesmo que eu e a Chris, de vez em quando, sentíssemos que éramos rainhas no mundo do Jack e do Henrik. Às vezes, podia ver o Jack a observar-me com ciúmes, quando via os olhares de outros homens. E ele não gostava que eu fizesse coisas sozinha. Queria sempre saber onde eu estava, o que estava a fazer. Eu achava que os ciúmes dele eram irresistíveis. Queria que ele fosse dono de mim. E deixei de fazer coisas sem ele. A Chris às vezes protestava, mas encontrávamo-nos tantas vezes de qualquer maneira, nós os quatro, que nem se notava muito. Deixei de vestir saias curtas e camisolas decotadas. Excepto quando eu e o Jack estávamos sozinhos. Aí, ele preferia que vestisse as roupas mais curtas, justas e decotadas possível.

—Tu não és como as outras mulheres — dizia com frequência.

Nunca lhe perguntei o que queria dizer com aquilo. Limitava-me a absorver. Queria ser diferente.

Fazíamos sexo em todo o lado. Às vezes, combinávamos encontrar-nos entre as aulas, abríamos a porta da casa de banho aos risinhos e arrancávamos a roupa um ao outro. Fodemos por Estocolmo inteira. Na biblioteca nacional, na casa de banho do McDonald's, no jardim Kronobergsparken, num auditório vazio, no Sturecompagniet, no East e no Riche, numa carruagem de metropolitano vazia a caminho de Ropsten, a meio da noite, em festas em casas de pessoas, na casa dos pais do Henrik e na varanda. Duas ou três vezes por dia. O Jack nunca se fartava de mim. Eu podia ter deixado passar algumas vezes, mas o sexo era tão bom, e ele fazia-me sentir como a mulher mais desejada que alguma vez pisara a face da Terra. Eu

ficava excitada só de o ver olhar para mim, de saber quanto ele me queria. Ele não gostava quando eu recusava, ficava aborrecido e frustrado, por isso eu simplesmente nunca recusava. Não achava que fosse mais complicado que isso. Se ele estava feliz, eu estava feliz.

Hospital Karolinska. Uma ventoinha zumbia monotonamente. Os sofás de napa gastos reclamavam quando se mudava de posição. O som de alguém a tossir ecoava por entre as paredes praticamente despidas.

Faye mexeu no telemóvel, começou a rever as fotografias do seu casamento com Jack. As suas caras bronzeadas e esperançosas. Os convidados elegantes e radiantes. O jornal *Expressen* até enviara um fotógrafo de avião que tirara fotografias de uma varanda de hotel. Faye teria preferido um casamento mais pequeno e discreto, na Suécia. Até se teria contentado com a Câmara Municipal. Mas Jack insistira num casamento enorme, em Itália. Numa casa à beira do lago Como. Quatrocentos convidados, dos quais ela conhecia uma mão-cheia. Desconhecidos que lhe davam os parabéns e lhe beijavam o rosto, por baixo do véu.

Jack escolhera o vestido de Faye. Um sonho de merengue em seda e tule, especialmente desenhado e feito à sua medida por Lars Wallin. Era lindo, mas não era ela. Se pudesse ter escolhido sozinha, teria optado por algo muito mais simples. Contudo, quando viu o olhar de Jack ao caminhar na sua direcção, ficou contente por não o ter contrariado.

Faye guardou o telemóvel. Jack ia chegar a qualquer momento. Passaria uma mão pelo cabelo, sentar-se-ia ao seu lado, dar-lhe-ia a mão e pedir-lhe-ia desculpa por ter chegado atrasado. Por a ter deixado ficar ali sozinha, à espera.

«Carregamos a felicidade e a tristeza em conjunto», como ele dissera no seu belo discurso de casamento, que levava as convidadas a verter umas lágrimas e a lançar olhares ciumentos para Faye.

Faye era a mulher mais velha na sala de espera e a única que não tinha um homem ao seu lado. À excepção de uma rapariga que parecia ter no máximo dezasseis anos e que vinha acompanhada pela mãe. Namorados abraçavam as namoradas. Acariciavam-lhes carinhosamente as mãos. Falavam em voz baixa e com olhares sérios e atentos. Todos ali sentiam que algo extremamente privado estava a ser exposto para observação pública. Só queriam estar sozinhos. Sem olhares. Sem questões. De vez em quando, vinha uma enfermeira e chamava alguém. Todos seguiam com o olhar a pessoa que se ia embora.

Chamaram o nome de Faye, e ela lançou novamente um olhar para o telemóvel.

Nenhuma mensagem de Jack. Nenhuma chamada não atendida. Sentiu-se obrigada a verificar se o telefone tinha rede ali dentro.

Levantou-se e seguiu a enfermeira até uma sala. Respondeu às perguntas de rotina e perguntou-se, durante a consulta, se a enfermeira a reconhecia. Mesmo que isso, na verdade, não fizesse diferença nenhuma. Faye presumiu que ela estivesse obrigada a respeitar o sigilo profissional.

—Vem alguém buscá-la depois? — perguntou a enfermeira.

Faye baixou o olhar para a mesa. Sentiu-se envergonhada, sem saber porquê.

—Sim. O meu marido.

As lâmpadas fluorescentes no tecto criavam um brilho frio na maca coberta de papel.

—Ok. Algumas pessoas preferem dar umas voltas aqui pelos corredores, para acelerar o processo e controlar melhor as dores. Avise-nos se precisar de alguma coisa, para podermos dar-lhe mais atenção.

—Obrigada — disse Faye.

Continuava sem conseguir enfrentar o olhar da enfermeira. Como poderia explicar o porquê de estar ali sozinha? Nem ela própria o compreendia.

—Tomou o comprimido ontem?

—Sim, tomei.

—Ótimo, aqui está o segundo.

Um comprimido dentro de um copo de plástico e uma mão quente no ombro. Faye resistiu à vontade de encostar a cabeça ao colo da jovem enfermeira e começar a chorar. Em vez disso, pôs o comprimido na boca sem olhar para ele.

—Tome isto também — disse a enfermeira e colocou alguns analgésicos à sua frente.

Faye engoliu-os. Estava habituada a engolir.

Faye estava deitada numa espécie de poltrona, grande e amarela, a olhar para o tecto. Pelo menos conseguira evitar a maca verde e estava agradecida por poder estar em paz, atrás de uma cortina. Tinham-lhe vestido umas cuecas tipo fralda, que absorveriam o feto, e Faye sentiu que já estava a sangrar. A enfermeira que fizera a ecografia dissera-lhe a idade do feto, mas Faye não ouvira a semana exacta de gestação, não quisera ouvir.

«Onde estás?», escreveu a Jack.

Nenhuma resposta.

Devia ter acontecido alguma coisa. Teria sofrido um acidente? Faye ligou para a *babysitter*, perguntou se estava tudo a correr bem com Julienne.

— Está tudo bem, estamos a ver um filme.

— E o Jack? — Faye tentou soar despreocupada. O sangue escorria-lhe por entre as pernas enquanto falava. Era absorvido pela fralda. — Disse alguma coisa?

— Não. Pensei que estivesse consigo.

A próxima chamada foi para Henrik. Mas ele também não respondeu. Os pensamentos esvoaçavam-lhe pela mente. Imaginou dois polícias com ar sério e solene baterem-lhe à porta, transmitirem-lhe as suas condolências e explicarem que Jack estava morto. O que faria então? Uma sensação de *déjà vu*. A mesma preocupação que sentira durante o trabalho de parto com Julienne.

Julienne estivera prevista para o início de Junho. Jack mostrara-se carinhoso durante toda a gravidez, mesmo não tendo tido tempo para todas as consultas médicas e todas as coisas práticas que a acompanhavam. A Compare estivera numa fase intensiva de desenvolvimento, e Faye compreendia que a empresa tinha de ser posta em primeiro lugar, agora que iam ter uma criança, e Jack queria muito construir algo para a família.

Jack estava no escritório, quando Faye sentira as primeiras contracções. Inicialmente, Faye não percebera que se tratava de contracções a sério, confundira-as com as falsas contracções que sentira ocasionalmente durante o último mês. Mas depois tinham-se tornado tão fortes que fora obrigada a segurar-se à bancada da cozinha para não cair para o chão.

Estava completamente curvada quando telefonara a Jack. Os sinais de chamada a desaparecerem na linha, um por um, até activarem o atendedor de chamadas. Enviara-lhe uma mensagem escrita a dizer-lhe que tinha de vir para casa. Imaginou que estivesse numa reunião. Quando telefonara para o hospital de Danderyd, disseram-lhe que tinha de vir imediatamente, mas Faye não queria ir sem Jack. Fantasiara que Jack a ajudaria a entrar no carro para depois, nervoso, maldizer todos os automobilistas enquanto conduzia a alta velocidade para a maternidade. Para o primeiro encontro com aquela criança tão desejada.

As contracções tornavam-se piores a cada minuto que passava, mas o telemóvel continuava sem dar sinais de vida. Nem Jack nem Henrik atendiam as suas chamadas ou respondiam às mensagens. Por fim, telefonou a Chris e perguntou-lhe

se a podia levar ao hospital e ficar com ela até Jack chegar.

Quinze minutos mais tarde, Chris entrou a derrapar pelo apartamento, sem fôlego, de saltos altos e com um casaco de estampado leopardo. Desceram as escadas com Chris meio a arrastar meio a levar Faye ao colo. Quando finalmente estavam num táxi a caminho do hospital de Danderyd, Faye apercebeu-se de que se esquecera da mala cuidadosamente preparada e que estava pronta havia mais de dois meses. Ordenou ao condutor que voltasse para trás, mas Chris deu-lhe um berro para que ignorasse Faye e continuasse em direcção ao hospital, o mais depressa possível. Tudo o que houvesse naquela mala podia ser comprado, disse Chris, e salientou que já se pariam crianças desde os primórdios dos tempos sem nenhuma lista extensa com exigências sobre acessórios.

Chris assumira a tarefa de perseguir Jack e fazia chamadas e enviava mensagens freneticamente. Quando o táxi abrandou à porta do hospital, guardou o telemóvel dentro da mala.

—Ele já sabe onde nós estamos — disse para Faye. — E sabe o que está a acontecer. Agora vamos concentrar-nos em conseguir chegar à maternidade, antes que esta criança nasça no táxi, ok?

Faye limitou-se a assentir com a cabeça. As dores inundavam-na como uma onda enorme, e não conseguia concentrar-se em mais nada que não fosse a respiração.

Agarrou-se com força ao braço de Chris quando saiu do carro, sentia-se insulada. Ao longe, ouvia a voz de Chris a dar ordens e berros ao pessoal quando entraram num corredor. Teria com certeza de pedir desculpas mais tarde, mas, naquele momento, o falsete estridente de Chris era a única segurança que tinha.

Julienne chegara ao mundo cinco horas mais tarde. Cinco horas de dores, que levaram Faye ora a recear ora a desejar a morte. Chris ficara ao seu lado durante todo o tempo. Limpou-lhe o suor da testa, pediu mais analgésicos, gritara com a parteira, massajara-lhe as costas, ajudara-a com a máscara de óxido nitroso e controlara as contracções. E, quando Julienne finalmente nascera, fora Chris a cortar o cordão umbilical, a entregá-la cuidadosamente a Faye e a ajudá-la a colocar a bebé na posição certa para mamar. Foi a única vez que Faye viu Chris chorar.

Duas horas mais tarde, um envergonhado Jack chegara ao hospital. Trouxera consigo o maior ramo de rosas que Faye alguma vez vira. Cem rosas vermelhas perfeitas, para as quais parecia impossível o pessoal encontrar um vaso. Jack olhou fixamente para os seus sapatos, a franja caída sobre a testa, e Faye sentiu a raiva e a

desilusão dissiparem-se do seu corpo.

Jack murmurou qualquer coisa sobre reuniões, o telemóvel que ficara sem bateria, uma variedade de circunstâncias infelizes. Parecia destruído, e Faye pensou que fora ele quem ficara a perder. Perdera o nascimento da criança mais perfeita que o mundo alguma vez vira.

Cuidadosamente, Faye entregou-lhe Julianne. Estava embrulhada num cobertor e fungava de satisfação depois de ter comido a sua primeira refeição fora da barriga. Jack chorou até soluçar, mas, atrás dele, estava Chris, de braços cruzados. Faye desviou rapidamente o olhar da amiga e, em vez disso, observou o marido, ali de pé, com a filha recém-nascida nos braços. Ele amava-a. E ninguém era perfeito.

Faye inspirou profundamente e afastou as memórias. Conseguira forçar-se a esquecer o parto, mas esta situação era demasiado parecida. Apesar de nenhuma criança ir hoje nascer. Em vez disso, uma vida apagar-se-ia.

Sentiu a barriga apertar-se e contrair-se. Mordeu os lábios para não chorar. Era obrigada a ser forte, por si própria e por Julianne. Jack ficaria orgulhoso dela.

Parecia-lhe que tinha a testa quente de febre, o suor fazia a roupa colar-se ao corpo. Por trás de uma cortina, ouviu alguém soluçar.

—Pronto, querida. Pronto.

Alguém a fazer festas e a consolar.

A barriga retorceu-se num nó, outra vez. Os segundos passavam. Ofegou quando os músculos descontraíram novamente. Apercebeu-se de que estava toda contraída e a sustentar a respiração. Queria que alguém a consolasse também. Já não aguentava aquela solidão. Pegou no telemóvel e telefonou a Chris. Chorou. Explicou-lhe onde estava. Não se importou se alguém a conseguia ouvir. Gemeu alto quando veio uma nova contracção e apertou o telefone com tanta força que ficou com os nós dos dedos brancos.

O suor escorria-lhe pelas costas.

—Vou já para aí — disse Chris. Como sempre.

—Vens? — perguntou Faye a fungar.

—Claro que vou, querida.

Meia hora mais tarde, o som dos saltos altos de Chris ecoava pelo corredor. Debruçou-se sobre Faye. Com as mãos bem arrançadas, acariciou-lhe o cabelo. Limpou-lhe a testa com um lenço que tirou do *necessaire* da *Yves Saint Laurent*.

—Perdoa-me — murmurou Faye. — Perdoa-me por tudo.

—Não penses nisso, querida. As coisas são como são. Agora vamos certificar-nos de que consegues tirar aquilo que tens para tirar e vamos sair daqui. Está bem?

A voz rouca de Chris, numa combinação de compaixão e objectividade, conseguiu acalmar Faye. Chris sempre tivera essa capacidade. Só naquele momento Faye se apercebeu do quanto sentira a sua falta.

Olhou-a nos olhos.

—Adoro-te.

—E eu também te adoro — respondeu Chris. — Estive contigo quando a Julienne nasceu. Claro que também ia estar contigo agora.

Faye contorceu-se de dores e apertou a mão de Chris. Era a mais bela mão que alguma vez vira.

Enquanto uma vida escorria de dentro de si, encostou a mão de Chris à sua cara.

Estocolmo, Fevereiro de 2003

Vivíamos num apartamento de três assoalhadas na zona de Bergshamra. O tio do Jack pediu-lhe o seu apartamento de volta, quando um dos filhos regressou do estrangeiro. Ficava na linha vermelha do metropolitano, perto do centro da cidade, mas, mesmo assim, era outro mundo. Os vizinhos eram uma mistura de suecos e famílias de imigrantes. Mães amáveis e gentis. Crianças que gritavam e faziam barulho nos jardins, mas eram simpáticas e bem-educadas quando nos cruzávamos com elas nas escadas.

O Jack e o Henrik já tinham acabado o curso da Faculdade de Economia e Gestão. O Henrik com notas máximas, o Jack com notas medíocres. Mas nenhum dos dois tinha procurado emprego. Em vez disso, trabalhavam dia e noite a tentar montar a Compare. O plano de negócios da empresa assentava em vendedores por telefone, com ordenados baseados em comissões, mais famintos e agressivos do que qualquer concorrente anterior. Motivação, motivação, motivação, como o Jack costumava pregar. A citação preferida dele era «lobos esfomeados caçam melhor», e o modelo de negócio que eu desenvolvera adaptava-se a lobos esfomeados. Adaptava-se, acima de tudo, a dois homens ambiciosos em ascensão, como o Jack e o Henrik.

A nossa sala de estar era o escritório deles. Dividiam uma secretária grande e trabalhavam lado a lado, sentados em duas cadeiras que eu encontrara no lixo, mas que tinha dito ao Jack que eram herdadas da minha avó.

Eu admirava a intensidade deles e tinha a certeza de que iam ser bem-sucedidos, a certeza de que estavam no caminho certo. Por isso fiquei tão surpreendida naquela tarde, quando cheguei a casa e encontrei o Jack sentado no sofá, com o olhar vazio.

—O que se passa, amor? — perguntei-lhe e sentei-me ao seu lado.

—Estamos falidos. O Henrik já gastou as poupanças todas, e eu tenho andado, em vão, de chapéu na mão, a pedinchar capital. Não consegui encontrar investidores. Falhámos, pura e simplesmente.

Passou as mãos pelo cabelo.

—Mas talvez não seja assim tão grave. Ambos vamos conseguir arranjar trabalho.

De qualquer maneira, o Henrik anda a falar em ir para Londres e trabalhar na finança. Talvez seja melhor esquecermos estes sonhos infantis e tornarmo-nos adultos de verdade. Amanhã vou dizer-lhe que quero desistir, é o melhor. Talvez também vá para Londres, é lá que está o dinheiro a sério. Ou para Nova Iorque. Wall Street. Talvez vá para Wall Street.

Aquele longo discurso do Jack destinava-se a convencer-se a si próprio, mas eu percebi que nem uma palavra daquilo era sincera. A última coisa que queria era desistir daquele sonho. E comecei a entrar em pânico só de pensar que ele podia mudar-se para qualquer lado e deixar-me sozinha. Outra vez.

Não conseguia sequer pensar na ideia de uma vida sem o Jack. Engoli as náuseas e disse-lhe, o mais calmamente que consegui e com a minha mão na dele:

—De onde vem isto tudo? Pensei que estava a correr bem, vocês estavam superentusiasmados até ontem à noite quando nos fomos deitar. Ouvi-vos a falar ao telefone.

—Acreditámos profundamente nuns investidores, mas hoje fomos informados de que afinal não estão interessados. Por isso estamos falidos, amor. Tu estás a sustentar-nos com a tua bolsa de estudo e o trabalho no café, mas eu nem sequer paguei a minha conta de telemóvel este mês.

O Jack carregava esperanças de gerações aos ombros, e via-se a desilusão na cara dele. Era ele quem teria de corrigir o que o pai deitara abaixo e de restituir a honra da família. Mas era uma cruzada da qual estava pronto para desistir.

Agarrei-lhe a cara com as duas mãos.

—Não. Não te vou deixar desistir do teu sonho.

—Mas não estás a ouvir? Precisamos de dinheiro. De um rendimento. E tu estás a estudar...

Virou-se para mim. Os olhos profundos e molhados como os de um cachorro. O Jack precisava de mim, de uma maneira que nunca ninguém tinha precisado antes.

—Posso tirar um ano sabático.

—Mas tu adoras a faculdade...

Os olhos azuis fixaram-se nos meus, e já se via a luz que se acendera nele, que só estava a protestar por protestar.

—Adoro-te mais a ti. E sei que vais conseguir, desde que possas continuar com os teus planos. Somos uma equipa, tu e eu. Jack e Faye. Vamos conquistar o mundo, foi isso que combinámos. Posso acabar o curso um ano mais tarde, e qual é a

importância de um ano no esquema geral das coisas?

O Jack encolheu os ombros.

—Tens a certeza absoluta? — perguntou-me e puxou-me para ele.

—Claro que tenho — ri-me em resposta.

A felicidade borbulhou em mim como um refrigerante. Estava a fazer-lhe uma oferta, e ele aceitou-a, porque me amava.

—Sei que farias a mesma coisa por mim. E acredito na Compare, sei que vamos ficar milionários! E, aí, podes pagar-me de volta!

—Claro que sim! Tudo o que é meu é teu! Nosso!

Ele beijou-me e depois pegou-me ao colo e levou-me para o quarto.

Um ano não era nada de especial. Para a Compare, significava tudo. Para a minha formação, não tanto. Eu tinha uma enorme facilidade na escola, enquanto o Henrik se matara a estudar para conseguir as notas máximas. Sim, claro que eu detestava limpar mesas, servir cafés, ser beliscada no rabo por homens nojentos que achavam que a empregada de mesa estava incluída no preço de um café e de um bolo. Mas o Jack era o amor da minha vida. A minha alma gémea. Elevávamo-nos um ao outro. Da próxima vez, ia ser o Jack a apoiar-me a mim.

Informei a faculdade da minha decisão nessa mesma noite e telefonei ao meu chefe no Café Madeleine. Ficou extasiado. Eu sabia que ele tinha planos para expandir o negócio, mas que estava com dificuldade em libertar-se das tarefas diárias. Ofereceu-me imediatamente o lugar de gerente. O salário mensal pareceu-me impressionante. Vinte e duas mil coroas. Aceitei logo.

A única pessoa que se opôs à minha decisão foi a Chris. Veio ter comigo ao café antes da hora do fecho. O olhar fulminante.

—Precisamos de ter uma conversa — disse ela.

Arrastou-me através da praça Stureplan encharcada pela chuva e para dentro de um bar. Bufou para o *barman* que queria duas cervejas e enfiou-me numa das mesas mais escondidas.

—Sei que não é isto o que tu queres ouvir e se calhar até vais ficar zangada comigo. Se calhar a nossa amizade vai acabar aqui e agora. Mas alguém tem de te dizer isto! Estás a cometer um erro!

Suspirei. Como é que a Chris poderia compreender? O que ela tivera com o Henrik não chegava nem perto àquilo que eu e o Jack tínhamos.

—Sei que só queres o meu melhor. Mas é isto que é preciso fazer neste momento.

O Jack precisa de se concentrar na Compare para os sonhos deles se poderem realizar.

—Então e o *teu* sonho? Porra, Faye, se o Jack e o Henrik, juntos, tivessem metade das tuas capacidades, já seriam bilionários por esta altura!

—Desde que eu esteja com o Jack, estou feliz. E os sonhos dele também são os meus sonhos.

—Tens medo de que ele te deixe se não fizeres isto?

—Não!

Quase comecei a rir. A ideia era tão absurda! Claro que a conversa dele sobre Londres e Nova Iorque me preocupara um pouco, mas apenas isso. O Jack queria estar comigo tanto quanto eu queria estar com ele.

A Chris fez um gesto irritado para o *barman* para que viesse servir mais dois copos.

—Então, pronto — murmurou ela. — Porque não pode ser ele a adiar os planos para a Compare durante um ano e ir trabalhar? Porque hás-de ser tu a desistir dos teus estudos por ele?

A Chris acendeu um cigarro com as mãos trementes.

—Foda-se, é tão típico — murmurou.

Estiquei-me para o maço de cigarros da Chris. O Jack não gostava que eu fumasse, por isso aproveitei para fumar um cigarro nessa altura. Só tinha de me lembrar de comprar pastilhas de mentol antes de ir para casa.

—Um ano, Chris. Depois volto. E, aí, o Jack e o Henrik já conseguiram lançar a Compare.

Fiz um anel de fumo perfeito e deixei-o emoldurar a cara céptica da Chris. Ela largou o assunto, mas deixou que os olhos transparecessem a opinião que tinha sobre aquilo.

Seis meses mais tarde, a Compare foi lançada e tornou-se um sucesso imediato. Os jovens vendedores por telefone e o novo método de trabalho do Jack e do Henrik surpreenderam a Suécia como um exército invasor. Apresentaram resultados como ninguém antes fizera. Havia empresas a fazerem fila para conseguir ter a Compare a tratar das suas vendas telefónicas. O dinheiro chovia-nos em cima. Depois de pouco mais de um ano, estávamos milionários.

Nem eu nem o Jack víamos qualquer vantagem em eu voltar para a faculdade. Já

tínhamos atingido o objectivo. Em conjunto. Porque havia de me esforçar com os exames da universidade quando as coisas já corriam tão bem para nós?

As pessoas estudavam para serem bem-sucedidas, e nós já tínhamos conseguido isso. O futuro parecia-me tão brilhante que precisava de óculos de sol.

A catástrofe aproximava-se cada vez mais. Claro que devia ter visto os sinais. Devia ter aberto os olhos. Diz-se que nada cega mais as pessoas do que o amor, mas Faye sabia que nada cega mais as pessoas do que o *sonho* do amor.

A esperança é uma droga poderosa.

Decidiu mudar de tática. Em vez de ficar sentada em casa, como um cãozinho abandonado, à espera de Jack, Faye iria dar-lhe mais espaço e tempo para sentir falta dela.

Faltavam duas semanas para a sua festa de aniversário. Os organizadores do evento haviam-lhe dado indicação da hora a que devia aparecer, mais nada. Para além de lhe terem dado o *dress code*: «Fato». Ela própria pensara num tema mais divertido, quando ainda achava que seria ela a organizar a festa de aniversário do marido. Algo como «The Great Gatsby» ou «Studio 54». Mas, aparentemente, não era isso que Jack queria. Por vezes, perguntava-se se só se teria convencido de que o conhecia. Parecia perceber tudo ao contrário, ultimamente. Pelo menos, no que dizia respeito a Jack.

Faye bateu à porta do escritório de Jack, na torre, ouviu um «Siiim» irritado e entrou.

Colou um sorriso na cara. Não que fizesse alguma diferença, Jack continuou com o olhar preso no monitor do computador.

—Desculpa, não queria incomodar-te. Só te queria dizer que vou levar a Julianne a passar uns dias fora.

Jack olhou para ela com espanto. O belo perfil reflectido no vidro da janela.

—Ai vais?

—Sim, tu estás tão ocupado. E eu... bem, eu não tanto, propriamente. Aluguei uma casa em Falsterbo.

Preparou-se para os protestos de Jack. Nunca ficara particularmente entusiasmado quando ela queria fazer coisas sozinha. No entanto, e para seu espanto, pareceu quase aliviado.

—É uma excelente ideia. Faz-te bem sair daqui depois de... bem, daquela situação incómoda por que passaste.

Jack evitou o olhar de Faye. Quando regressara a casa, já tarde, depois de ela ter

feito o aborto, só lhe tinha dado uma desculpa rápida sobre uma situação no trabalho. Nada mais do que isso. Nada de rosas vermelhas desta vez. Nada de lágrimas. E Faye engolira mais uma vez, aceitara o que não podia mudar, mesmo que isso lhe deixasse um sabor amargo na boca. Mas ainda conseguira sentir a mão fresca de Chris encostada à sua cara quando se fora deitar.

—Achas que sim?

Manteve a voz neutra. Olhar sempre em frente. Nunca olhar para trás. Ia conseguir dar a volta a isto. Tinha mais força do que Jack pensava. Há muito tempo que fazia o papel do sexo mais fraco. Porque era aquilo de que o Jack precisava. Mas apercebeu-se de que estava na hora de assumir o comando, sem que Jack percebesse. Ele não era o tipo de homem que gostasse de ser dirigido.

—Sim, sem dúvida — respondeu Jack com um sorriso.

A sua cara parecia mais nova, mais leve. Faye relaxou. Estava no caminho certo. Precisavam, simplesmente, de algum tempo longe um do outro.

—Também é bom teres algum tempo de mãe e filha com a Julianne — acrescentou Jack. Pareceu-lhe um pouco forçado, mas aceitava qualquer migalha. — Uma viagem de miúdas, não é como se costuma chamar? Quando ela entrar para a escola, vai ser mais difícil fazer essas coisas.

Brincava com uma caneta e perguntou com indiferença:

—Quanto tempo ficam fora?

—Pensei ficarmos cinco noites.

Faye estendeu a mão para ele, e Jack agarrou-a, para surpresa dela. E alívio.

—Está mesmo tudo bem contigo?

—Claro que sim! Mesmo que obviamente vá sentir a vossa falta.

Faye atirou-lhe um beijo antes de sair.

—Nós também vamos sentir a tua falta — respondeu-lhe.

E estava a ser sincera. Já sentia naquele momento.



O trânsito na auto-estrada era esparso e consistia principalmente em camiões. Faye apreciava a condução, e Julianne parecia estar animada por irem numa

aventura.

—Podemos tomar banho? — perguntou-lhe.

—A água está muito fria. Vamos ver o que achas quando sentires a temperatura.

Resposta diplomática. Sabia perfeitamente que Julianne ia achar que a água estava gelada. Ainda faltava algum tempo para que o mar ficasse minimamente convidativo para banhos.

Julianne mergulhou no seu *iPad*. Faye ultrapassou uma carrinha da DHL, cujo condutor ficou a olhar nostalgicamente para o *Porsche Cayenne* delas, e voltou novamente para a faixa da direita.

O telefone tocou. Era Jack.

—Como está a correr?

Soava contente, e Faye ficou com um sorriso rasgado na cara. Há muito tempo que não ouvia outra coisa para além de irritação na voz do marido.

—Papá! — chamou Julianne.

—Olá, meu amor! Estás a divertir-te?

—Sim, muito! — respondeu Julianne e voltou a atenção novamente para o *iPad*.

—Onde estão?

—Acabámos de passar Norrköping — respondeu Faye. — Vamos fazer uma pausa daqui a pouco, naquele sítio com os arcos dourados...

—McDonald's! — gritou Julianne de felicidade.

Já não era possível enganá-la.

Jack riu-se, e Faye sentiu que aquele som varria todas as más recordações, fazia-as dissiparem-se como os dentes-de-leão em que ela soprava quando era criança.

Quando desligaram, Faye concentrou-se novamente na condução. Ainda faltava um bom bocado para chegarem.

—Mamã, estou maldisposta.

Faye lançou um olhar para Julianne, que estava com um tom de pele preocupantemente pálido e esverdeado.

—Tenta olhar pela janela. Acho que estás enjoada porque estás a olhar para o ecrã.

Faye levantou a mão direita do volante e sentiu a testa de Julianne. Estava quente e húmida.

—Estás com fome? Há uma maçã no saco que está aos teus pés.

—Não, estou maldisposta.

—Podemos parar no McDonald's já ali, se quiseres.

Julienne ficou calada, com os olhos fixos na estrada em frente. Isto passa-lhe, pensou Faye.

Alguns minutos mais tarde, a filha começou a tossir e, com um esgar, Faye encostou o carro na berma da estrada. No preciso momento em que pararam, Julienne vomitou para cima do porta-luvas.

Faye apressou-se a sair do carro e dar a volta, até ao lado do passageiro. Levantou Julienne, que gemia lamentavelmente, de dentro do carro e agarrou-lhe o cabelo quando ela vomitou novamente.

Um camião passou por elas e provocou uma corrente de ar que fez o carro estremecer.

Faye voltou a sentar Julienne no assento, despejou um saco e colocou-o no colo da filha. Encontrou um rolo de papel no porta-bagagens e limpou o máximo que conseguiu dentro do carro. O cheiro provocou-lhe náuseas, e nem queria pensar no que Jack diria, quando soubesse o que acontecera. O carro seria enviado para um acondicionamento antes de Faye ter tempo de piscar os olhos.

—Se precisares de vomitar outra vez, tenta usar o saco, amor.

Faye abriu a janela e respirou pela boca. O cheiro era nauseabundo quando ligou o motor. Whitney Houston cantava que iria amar para sempre, e Faye baixou o volume. Preferia a versão original de Dolly Parton.

Depois de alguns quilómetros, entraram numa bomba de gasolina. Faye deixou Julienne sentada numa cadeira enquanto comprava detergentes e panos e tentava limpar o carro, ao mesmo tempo que se amaldiçoava pela ideia de conduzir sozinha.

Podiam ter apanhado um avião, alugado um carro no aeroporto. Porque tinha sempre de complicar as coisas? Jack tinha razão. Era completamente incompetente. Tanto enquanto mulher como enquanto mãe.

O bom humor desaparecera por completo.

Faye foi buscar Julienne, comprou uma banana, que comeu a caminho do carro, deitou a casca para um caixote de lixo e instalou a filha novamente no assento.

—Como estás, querida?

—Quero ir para casa. Por favor, podemos ir para casa?

—Tenta dormir um bocadinho que ficas melhor.

Julienne estava demasiado cansada para protestar. Encostou a cabeça à porta do carro e fechou os olhos. Faye pousou uma mão na perna da filha e saiu de novo para

a auto-estrada.

Quando estavam a trinta quilómetros de Jönköping, Faye fartou-se de Whitney Houston. Com os olhos na estrada, procurou com a mão pelo seu telemóvel para ouvir um *podcast*, mas não o conseguiu encontrar. Abrandou, ficou atrás de um *Volkswagen Golf* vermelho e inclinou-se para o banco traseiro para tentar alcançar a mala, que tinha deixado lá atrás, numa tentativa de a salvar de mais vômitos. Apalpou com a mão, e o carro deu uma guinada. Julianne gemeu, fez um som sonolento com a boca e voltou a adormecer.

Faye parou o carro novamente. Procurou em todos os bolsos, apalpou com as mãos por baixo de todos os assentos. Mas o telemóvel continuava desaparecido. Apercebeu-se de que poderia ter ficado em qualquer lugar. Na berma da estrada onde tinham parado da primeira vez. Na bomba de gasolina. Abafou um grito para não acordar Julianne. Bateu, frustrada, com as mãos no volante. Tinha o número de telefone e a morada da vizinha que lhes ia dar a chave da casa alugada gravados no telemóvel.

Faye fez inversão de marcha na saída seguinte e voltou para Estocolmo. Quando era mais nova nunca desistia, mas, nos últimos anos, ganhara muita prática nisso.

Matilda nunca desistira. Mas Faye sabia exactamente como se fazia.

Faye levava Julianne num braço e a mala de viagem no outro. A porta do elevador fechou-se, e Faye puxou a grade de correr. Olhou para o seu reflexo no espelho: papos escuros à volta dos olhos, a cara pálida e inchada. Gotas de suor na testa e no lábio superior. E aquele olhar abatido.

Julianne abriu os olhos.

—Onde estamos? — murmurou, sonolenta.

—Em casa, amor. Ficaste doente, vamos de férias para Skåne noutra altura.

Julianne sorriu, frágil. Assentiu com a cabeça.

—Estou cansada — sussurrou.

—Eu sei, querida. Já vais poder dormir.

O elevador parou com uma sacudidela. Faye abriu a grade de correr e deu um salto para fazer Julianne subir mais na sua anca. O peso estava a magoar-lhe os braços. Julianne enrolara os braços e as pernas à volta do seu corpo como um macaquinho e protestou ligeiramente quando Faye a colocou no chão para procurar as chaves de casa.

Jack detestava que Faye tocasse à porta e o incomodasse.

Finalmente, conseguiu abrir a porta e entrou aos tropeções pelo corredor. Com as suas últimas forças, conseguiu despir o casaco e descalçar as botas a Julianne, levou-a ao colo para a cama e deu-lhe um beijo de boa noite. De seguida, subiu à torre para ver se Jack lá estava a trabalhar. O escritório estava vazio e o ar abafado. Faye abriu uma janela para ventilar a divisão e colocou um vaso de flores na abertura para impedir que a janela se fechasse novamente.

Então o Jack está no trabalho, pensou Faye com alívio, enquanto se dirigia para o quarto para tomar um duche e mudar de roupa. Estava grata por ainda ter tempo de se arranjar e refrescar antes de ele chegar a casa. Sentia-se miserável e não queria que Jack a visse quando estava com um ar de esponja de cozinha espremida.

Faye abriu a porta do quarto e, de repente, foi como se a divisão à sua frente se tivesse enchido de água. Tudo à sua volta parou. A única coisa que conseguia ouvir era a sua própria respiração superficial e um zumbido nos ouvidos, que aumentava a cada segundo.

Jack estava aos pés da cama, com as costas voltadas para Faye. Todo nu. Faye olhou fixamente para o rabo do marido. Observou o tão familiar sinal na nádega esquerda. O sinal mexia-se para trás e para a frente enquanto ele, a gemer, impulsionava as ancas num movimento de vaivém. À sua frente, de gatas em cima da cama, estava uma mulher a arquear as costas selvaticamente, com as pernas completamente afastadas.

Faye cambaleou e agarrou-se à ombreira da porta para não cair.

Tudo se passava em câmara lenta. Os sons estavam abafados, enfraquecidos. As roupas espalhadas à volta da cama, como se tivessem sido despidas à pressa.

Faye não sabia ao certo quanto tempo ficou ali antes de se aperceberem da sua presença.

Talvez tivesse soltado um grito sem ter consciência disso. Jack virou-se, Ylva Lehndorf levantou-se de um saltou e tentou, em vão, cobrir-se com uma almofada.

—Mas que raio, pensei que vocês estavam em Skåne! — gritou Jack. — Que raio estás aqui a fazer?

Faye tentou encontrar palavras. Como podia ele estar zangado? Com ela? Primeiro ficou muda. Depois as palavras saíram-lhe da boca como água de uma comporta aberta. Sobre Julianne, o telemóvel, o regresso a casa. Tentou justificar-se, arranjar desculpas. Jack levantou uma mão, e Faye calou-se imediatamente.

Jack fez um sinal a Ylva com a mão para que se vestisse e agarrou bruscamente no roupão. Estava com certeza frustrado por não ter tido tempo de se vir. Detestava ser interrompido. O orgasmo por libertar ficava a remoer-lhe no corpo o dia todo, costumava dizer.

Jack sentou-se aos pés da cama. Olhou para Faye com um olhar distante e frio.

—Quero o divórcio — disse-lhe.

Faye ficou sem ar.

—Não — conseguiu dizer e agarrou-se com mais força à ombreira da porta. — Não, Jack, eu perdoo-te. Não precisamos de falar mais sobre o assunto, foi só um erro teu. Nós conseguimos ultrapassar isto.

As palavras ecoavam-lhe na cabeça. Ressaltavam entre os dois hemisférios do cérebro, saltitavam sem conseguirem parar. Mas Faye ouviu-se a si própria proferi-las. Por isso, devia tê-las dito em voz alta. E de forma intencional.

Jack moveu a cabeça de um lado para o outro. Atrás dele, Ylva conseguira vestir a roupa interior e olhava fixamente pela janela.

Jack olhou directamente para Faye, estudou-a de alto a baixo, e Faye passou uma mão nervosa pelo cabelo. Demasiado consciente do seu próprio aspecto. Jack apertou o roupão com mais força à volta da cintura.

—Não é erro nenhum. Já não te amo, não quero viver contigo.

—Nós podemos ultrapassar isto — repetiu Faye.

As suas pernas estavam prestes a ceder. As lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo. Até ela conseguia ouvir o desespero na sua própria voz.

—Não estás a ouvir o que te estou a dizer? Já não te amo. Eu... eu amo-a a ela.

Fez um gesto com a cabeça na direcção de Ylva, que se virou e também olhou para Faye. Continuava apenas de roupa interior. Cinzenta, da *La Perla*. A sua barriga firme, peito perfeito e ancas estreitas ridicularizavam Faye. Ela era tudo o que Faye já não era.

Jack suspirou, e o olhar alerta de Ylva transformou-se em desprezo quando Faye caiu de joelhos em frente a Jack. O chão de madeira duro contra os seus joelhos. Tinham remodelado todo o chão da casa antes de se mudarem para lá. Faye quisera afagar e envernizar o chão antigo original, mas Jack desprezara a ideia. Em vez disso, tinham importado chão de Itália. A vários milhares de coroas o metro quadrado. Mas aquele chão caro magoava-lhe tanto os joelhos como o antigo chão original teria feito. A humilhação era a mesma.

—Por favor — implorou-lhe. — Dá-me mais uma oportunidade. Vou mudar, vou melhorar. Sei que tem sido difícil viver comigo, que sou má... mal-humorada... estúpida. Mas posso fazer-te feliz. Por favor, Jack, dá-me uma oportunidade. Tu e a Julienne são tudo o que eu tenho. Tu és a minha vida!

Faye tentou agarrar a mão de Jack, mas ele recolheu-a bruscamente. Parecia enojado. E ela compreendia-o. Também se enojava a si própria.

Jack foi ter com Ylva, que estava agora sentada na cama com uma longa perna cruzada por cima da outra. Com uma expressão de posse orgulhosa, Jack ficou de pé ao lado dela. Colocou uma mão sobre o seu ombro nu. Ylva colocou uma mão por cima da dele. Ficaram os dois a olhar para Faye, que continuava de joelhos, no chão de madeira italiana feito à medida.

Jack abanou a cabeça e disse, sem o menor tremor na voz:

—Acabou. Quero que te vás embora agora.

Faye levantou-se lentamente do chão. Recuou do quarto, incapaz de tirar os olhos da mão de Jack em cima do ombro ossudo de Ylva. Faye não se virou até passar pela porta fechada do quarto de Julienne. Sabia que devia pensar na filha agora, tomar algum tipo de decisão, levá-la, não levá-la, dizer alguma coisa, não dizer nada. Contudo, o único pensamento que a sua cabeça conseguiu formular foi que tinha de sair dali. Imediatamente.

Com as imagens do rabo nu de Jack entre as pernas abertas de Ylva gravadas na mente, Faye saiu a cambalear pela porta do apartamento e deixou-a fechar-se atrás de si. Só quando estava nas escadas se apercebeu de que se esquecera de calçar uns sapatos.



Faye estava sentada à porta de casa de Chris. O corpo em convulsões de choro.

De alguma forma, conseguira parar um táxi, e, depois de olhar para ela, o condutor ajudara-a a entrar para o banco traseiro, sem dizer uma palavra.

Batera desesperadamente à porta, numa esperança vã de que Chris pudesse salvá-la de tudo, mas, quando ninguém apareceu para abrir, Faye desabara no chão. Agora não sabia se alguma vez conseguiria ter forças suficientes para se levantar

novamente.

—Faye?! Meu Deus, o que aconteceu?

Finalmente.

Faye levantou os olhos e viu Chris aproximar-se dela cuidadosamente. Faye esticou-se na sua direcção, a chorar tão descontroladamente que não conseguia ver nada.

—Ajuda-me — foi a única coisa que conseguiu exprimir.

SEGUNDA PARTE

—Como podem ter a certeza de que... de que foi realmente ele?

—Nesta altura não posso dizer nada — respondeu a polícia, sem olhar Faye nos olhos.

—Por favor, perdi a minha filha. Mas que tivesse sido o Jack a... sim, temos tido os nossos problemas, mas, mesmo assim, não posso acreditar que... tem de ser um engano...

—Eu não devia mesmo...

A agente olhou à sua volta. O colega saíra para ir buscar uma chávena de café para Faye. Em voz baixa, disse-lhe:

—Não foi só no carro que encontrámos sangue. O GPS do carro também mostra que o Jack, a meio da noite, conduziu até uma marina do lago Vättern. E aí encontrámos um barco, com manchas de sangue que, provavelmente, são da Julienne.

Faye assentiu com a cabeça e fez um esgar quando o movimento fez que as feridas na cara lhe doessem. O interrogatório estava a ser gravado, e Faye sabia que não lhe contariam nada que não estivessem já dispostos a revelar. Queriam que ela confiasse e estabelecesse uma relação com a mulher sentada à sua frente, de olhar compreensivo. Queriam que ela cooperasse. Não compreendiam que não precisavam de fazer nenhum jogo com ela. Ela iria cooperar. Jack não escaparia desta.

—Há alguém a quem possamos telefonar? Alguém que queira que aqui venha?

Faye abanou a cabeça. Chorou novamente de dores. Tinham-lhe posto ligaduras no hospital e precisara de alguns pontos.

—Então acho que podemos terminar por hoje. Mas vamos com certeza precisar de lhe fazer mais perguntas.

—Têm o meu número — murmurou Faye.

—O padre vem a caminho. Se quiser, claro que pode ir para casa. Mas não sei se é boa ideia ficar sozinha agora.

—O padre?

Faye primeiro não percebeu do que a polícia estava a falar. Para que queria

ela um padre?

—Sim, as pessoas que... que passam pela situação que está a passar precisam de consolo, de alguém com quem conversar.

Faye levantou os olhos e olhou para ela.

—Pessoas a quem mataram os filhos, é isso?

A polícia hesitou, mas, finalmente, disse:

—Sim.

Um movimento na cama. Alguém se sentara nela. Faye obrigou-se a abrir os olhos e foi confrontada com o olhar de Chris. Um olhar simultaneamente preocupado e decidido.

—Eu adoro-te, Faye, mas estás deitada nesta cama há duas semanas. Só de mencionar o Jack ou a Julianne, comes a chorar. Isto não pode continuar.

Fez um gesto com a cabeça para a porta.

—Se precisares de alguma coisa, tens de vir tu ter comigo. Se quiseres comida, a partir de agora levantas-te e vais tu à cozinha prepará-la sozinha. Aqui dentro, neste quarto, não volto a entrar, nem que grites que o Denzel Washington está todo nu amarrado à cama.

No dia seguinte, Faye arrastou-se até à cozinha, em cuecas e com uma *T-shirt* dos Nirvana.

Chris tinha uma chávena de café na mão e a *Vanity Fair* aberta em cima da mesa. Olhou para Faye por cima do rebordo da chávena.

—Tens coisas de pequeno-almoço no frigorífico. Eu ainda estou a fazer a dieta Lindsay Lohan.

Faye puxou uma cadeira e afundou-se nela.

—E isso é?

—Café, cigarros e uma pílula do dia seguinte.

Sorriu ironicamente.

—Come qualquer coisa. Daqui a nada vou sair para ir trabalhar. Queres vir comigo?

Faye abanou a cabeça.

—Fica em casa, então. A ver um filme, a chorar um bocado, a sentir pena de ti própria. Já fico contente que tenhas saído daquele quarto. Já começava a cheirar mal ali dentro.

Faye pôs uma mão no braço de Chris e olhou para ela.

—Obrigada — disse-lhe. — Por tudo. Por... bem, tu sabes o que quero dizer.

—Não penses nisso. Aqui, *chez Chris*, podes ficar o tempo que precisares. Desde que tomes banho regularmente!

Faye assentiu com a cabeça. Parecia-lhe uma condição com a qual podia viver.

Faye sentia-se miserável. Parecia que estava de ressaca. Quando Chris saiu, deitou-se no sofá, pegou no telemóvel e telefonou a Jack. Fizera o mesmo todos os dias. Evidentemente porque queria falar com Julianne, mas, talvez ainda mais, porque também queria ouvir a voz dele. De cada vez, Jack soava mais irritado, e as chamadas tornavam-se mais curtas. Era como se falasse com um estranho.

—Sim? — respondeu secamente.

—Olá, sou eu.

—Sim, eu vi. A Julianne não está aqui agora. Acabaram de sair para o infantário.

—Acabaram?

Jack tossiu brevemente, e Faye ouviu barulhos e vozes em segundo plano.

—Não tive tempo de a levar hoje, tinha algumas coisas para fazer, por isso a Ylva levou-a.

Faye não podia acreditar no que estava a ouvir. Só se tinham passado duas semanas, e Ylva e Jack já brincavam aos papás e às mamãs. Faye fora substituída. Como uma simples ama ou criada.

Fora uma tortura não poder ver Julianne, mas, até então, não tivera forças. Convencera-se a si própria de que era melhor para a filha permanecer no seu ambiente seguro habitual e que seria prejudicial para ela ver a mãe destróçada pela dor.

—Estou? — perguntou Jack.

—Preciso de passar aí para ir buscar umas coisas — respondeu Faye e obrigou-se a falar normalmente. — E quero ver a Julianne.

—Agora não nos dá muito jeito.

—O quê?

—Vires buscar coisas. Está tudo de pernas para o ar aqui. Nós... comprei uma casa. Estamos a meio da mudança.

Faye fechou os olhos. Concentrou-se na sua respiração. Não podia desmoronar-se.

—E para onde é que *vocês* vão viver?

—Para Gâshaga. Perto do Henrik e da Alice, por acaso. Não foi nada planeado, mas nós... pronto, surgiu uma oportunidade fantástica no Hemnet.

Nós. Jack falava deles como «nós». Jack e Ylva. Desde 2001 fora Jack e Faye, mas ele agora era um *nós* com uma pessoa completamente diferente. Faye viu-se obrigada a afastar o auscultador para não ter de ouvir. Aborrecera-o durante anos

para que se mudassem para uma casa, seria bom para Julianne, mas ele nunca quisera. Gostava da proximidade do centro da cidade e do escritório. Mas agora, aparentemente, ele e Ylva tinham encontrado «uma oportunidade fantástica no Hemnet». Apenas isto.

—... uma mensagem escrita com as coisas de que precisas e eu envio-as por estafeta.

—Vou fazer isso — respondeu Faye comedidamente. — Mas como fazemos com a Julianne? Preciso de estar com ela.

—Na verdade, acho que isso podia esperar até arranjares um sítio para viver, mas tudo bem. Podes vir na próxima semana, quando a mudança estiver acabada — disse Jack, generosamente, e desligou a chamada.

Na sua cabeça, Faye viu imagens de Ylva a brincar com Julianne, a mimá-la, a vesti-la, a acariciá-la, a verem filmes juntas, a fazer-lhe tranças no cabelo. Era de certeza especialista a fazer tranças em espinha. Mesmo daquelas invertidas, que Julianne pedia sempre e que Faye nunca conseguia fazer.

E, sempre que fechava os olhos, via Jack e Ylva à sua frente. Ylva com os seus lábios perfeitos e peito arrebitado. Jack a penetrá-la, a dizer-lhe quão bela era, a gemer o seu nome quando se vinha.

A maior ironia de todas era que Ylva Lehndorf era tudo aquilo que Faye poderia ter sido, se Jack não tivesse dito que queria uma dona de casa, que o apoiasse quando precisasse. Por que motivo teria mudado de ideias?

Fora ele quem a transformara noutra pessoa. Uma pessoa que nem ela própria reconhecia agora. E, se Faye já não era a mulher de Jack Adelheim, então quem era? Durante os anos que passara com Jack, tinha vindo a despojar-se de tudo, camada por camada. Agora, não restava nada.

Faye pedira o carro emprestado a Chris. As mãos tremiam-lhe tão violentamente que mal conseguia segurar no volante. Ia poder ver Julianne outra vez. Finalmente.

Praticamente não havia trânsito na estrada Lidingövägen. O Sol brilhava, e nuvens leves passavam pelo céu azul. Seguiu as indicações do GPS e parou em frente a uma colina. No topo, havia uma enorme casa de pedra, que parecia um palácio. Uma oportunidade fantástica. Uma casa exactamente como ela própria sempre sonhara ter.

O *Tesla* de Jack estava estacionado na rampa da garagem. Alguns homens carregavam caixas de mudanças de uma carrinha.

Faye tocou à campainha do portão, olhou para a lente de uma câmara e teve de esperar alguns segundos até que o portão se abrisse com um zumbido discreto. Faye entrou e estacionou o carro atrás da carrinha de mudanças.

Um empregado careca gritou-lhe que tirasse o carro dali, para não bloquear a passagem. Faye levantou a mão em sinal de desculpa e fez o que ele lhe disse.

Julienne saiu da casa a correr, e Faye tirou o cinto de segurança e saiu, apressada, do carro. Abraçou a filha com força, inspirou o seu cheiro. As lágrimas queimavam-lhe os olhos, apesar de ter prometido a si própria que não iria chorar. Iria aguentar-se, custasse o que custasse.

Jack saiu para as escadas. Estava vestido com umas calças *chino* bege e uma camisola verde, por baixo da qual se via uma gola de camisa azul-clara. Estava mais atraente do que nunca.

—Meu amor, tive tantas saudades tuas — disse Faye para Julianne e beijou-lhe o topo da cabeça. — Mas agora tenho de falar com o pai. Podes ir brincar um bocadinho sozinha que eu já venho?

Julienne assentiu com a cabeça, deu-lhe um beijinho na cara e desapareceu a correr para dentro da casa.

Jack sorriu despreocupadamente para Faye. Faye procurou o menor sinal de culpa nele, mas não encontrou nada. Uma parte de si queria arranhar-lhe a cara com as unhas até fazer sangue. Outra parte só queria atirar-se para os seus braços e encostar o rosto contra o seu peito.

—O que achas? — perguntou-lhe e fez um gesto com a mão para a fachada da

casa.

A situação era totalmente bizarra. Jack comportava-se como se não tivesse acontecido nada.

—Temos de falar — disse Faye, secamente.

A adrenalina corria-lhe pelo organismo, obrigava-a a mudar o peso do corpo de um pé para o outro.

—Sobre o quê?

—Sobre o que aconteceu. Sobre... bem, sobre isto.

—Mas deves ter percebido que estava a acontecer! Meu Deus, é impossível que tenha sido uma surpresa para ti.

Jack suspirou.

—Mas, pronto, entra então.

Jack entrou na casa à frente de Faye. Havia caixotes uns em cima dos outros no corredor. Dois homens carregavam um sofá pela escada acima.

—Podemos sentar-nos ali ao fundo — disse-lhe e guiou-a através de um salão, para uma varanda envidraçada, com vista para a água.

Faye sentou-se numa cadeira que não reconheceu. Ylva devia tê-la trazido de sua casa. Ou então tinham comprado tudo novo, os dois. Ali não havia tempo a perder. Quer se tratasse de mulheres ou de móveis.

—Preciso de dinheiro, Jack. Não muito, só de algum, até me conseguir orientar.

Jack baixou o olhar para as mãos, assentiu com a cabeça.

—Claro. Transfiro-te umas centenas.

Faye bufou, e Jack ergueu as sobrancelhas, espantado.

Atrás dele, Faye podia ver a água límpida. Julianne iria adorar correr por ali abaixo e tomar banho, no Verão.

—Preciso de comprar um apartamento. Queres que a Julianne esteja num sítio em condições quando estiver comigo, não queres?

—Não estou a ver como a responsabilidade de arranjar alojamento para ti possa ser minha. Cabe-te a ti resolver isso. Mas, pronto, claro que compreendo que a minha filha tem de ter um certo estatuto, mesmo que a mãe dela não tenha tomado como prioridade garantir o próprio sustento. Vou transferir algum dinheiro para que possam encontrar alguma coisa para arrendar. Mas sugiro que arranjes trabalho depressa.

Faye cerrou os dentes com tanta força que rangeram. Custava-lhe ir ali de mão

estendida. Mas todos os seus bens estavam em nome de Jack. Faye não tinha poupanças nenhuma, não tinha um emprego. E tinha de pensar em Julianne. A maternidade estava acima do orgulho. Teria de encontrar um alojamento temporário barato, até receber o dinheiro do divórcio. Não fazia a menor ideia de quanto dinheiro iria receber, mas com certeza que teria direito a uma boa parte da fortuna de Jack. Apesar de tudo, desempenhara um papel importante na sua construção. Ele dissera que tudo o que era seu era dela, que o sucesso era mérito dos dois. Como podia Jack, de repente, ter-se esquecido disso?

Faye observou-o. O cabelo estava ligeiramente mais curto do que o costume. Recordou-se de quando tinham acabado de se conhecer e ela lhe cortara o cabelo, na cozinha do apartamento em Bergshamra. «Por mais dinheiro que tenha, vais-me sempre cortar o cabelo, é tão bom quando me tocas na cabeça», dissera ele. Mais uma de todas as promessas que quebrara. Nos últimos três anos, sempre cortara o cabelo com Marre, o cabeleireiro de celebridades mais famoso de Estocolmo.

— Como fazemos com a Julianne? — perguntou-lhe Faye.

— Ela fica aqui até tu arranjares uma casa em condições, não há outra hipótese. Ela e a Ylva adoram-se, portanto, não precisas de te preocupar com isso.

Jack sorriu, satisfeito. Do lado de fora das janelas da varanda, gansos passeavam ao longo da praia. Espero que caguem tudo, pensou Faye.

Desviou o olhar das aves bamboleantes.

— Estás decidido? — perguntou-lhe, em voz baixa.

— Decidido?

— Em relação a ela. É isto que queres?

Jack coçou a testa. Olhou fixamente para Faye como se nem conseguisse perceber a pergunta.

— Não é absolutamente evidente? — perguntou. — Eu não era feliz contigo, Faye.

Faye sentiu uma pontada no peito, como se ele lhe tivesse espetado uma faca directamente nas costelas. Queria perguntar-lhe há quanto tempo estava a ter um caso com Ylva Lehndorf, mas controlou-se. Só conseguia aguentar uma facada de cada vez no coração.

Levantou-se bruscamente e chamou por Julianne.

— Então vens cá deixá-la outra vez às seis da tarde?

— Sim.

Julianne apareceu a correr. Faye pegou-lhe na mão e levou-a para o exterior.

Enquanto conduziam para fora dali, a filha contava-lhe alegremente sobre o seu novo quarto. Aparentemente, era «ainda mais giro do que o quarto da Barbie princesa».

Faye carregou no acelerador.

As semanas passaram. Fluíam numa névoa suave. Todas as noites, Faye pegava no carro de Chris, conduzia até Lidingö e parava afastada alguma distância daquela magnífica casa. Através das janelas panorâmicas, Faye podia ver a sua vida a partir do exterior, como num filme, com a diferença de que já não era Faye quem desempenhava o papel principal. E de que aquilo já não era a sua vida. Jack e Ylva desempacotavam caixas, bebiam vinho, beijavam-se, jantavam, riam-se. As velas altas nos castiçais tremeluziam no quarto deles, certamente acompanhadas de pequenas velas de cheiro da marca *Bibliothèque*. «Nunca nada em saldos, só o mais caro», como Jack gostava de dizer, meio a brincar, mesmo estando a falar a sério. De vez em quando, conseguia vislumbrar Julianne. Sempre sozinha. Ou com a ama, que Jack contratara a tempo inteiro.

A Chris, Faye dizia que apenas conduzia pela cidade, mas a amiga conhecia-a demasiado bem para se deixar enganar. A tristeza continuava a esmagá-la de vez em quando, mas Faye convenceu-se de que era passageira. Jack era a sua heroína, e, assim que conseguisse livrar-se dos sintomas de abstinência, voltaria a erguer-se, a dor acabaria por morrer com o tempo. Exactamente como acontecera antes.

Recordou-se vagamente de quando, em tempos, fora a pessoa forte da família. Essa força tinha de estar em qualquer lado. Jack não podia tê-la despojado disso também.

Faye estava sentada à mesa da cozinha de Chris, quando Jack telefonou. Durante alguns segundos, convenceu-se de que ele diria que fora tudo um erro terrível e de que lhe pediria para ela voltar para ele. Ou que os últimos tempos não tinham sido mais do que um longo pesadelo. Faye iria aceitá-lo de volta, sem qualquer hesitação. Ficaria feliz como um cachorro. A ganir e a saltar à sua volta, com a cauda a abanar.

Em vez disso, Jack explicou que Faye não iria receber dinheiro nenhum.

—O acordo pré-nupcial é válido — disse, para terminar o seu longo discurso. — E tu própria o assinaste. Tinha a certeza de que aquilo era à prova de fogo, mas queria confirmar com os meus advogados primeiro. E, sim, é válido.

Faye controlou a raiva o melhor que pôde, mas conseguiu ouvir quão tensa a sua voz soava.

—Eu desisti da Faculdade de Economia para te sustentar, enquanto tu e o Henrik construíam a Compare. Lembras-te disso? E depois, quando quis arranjar trabalho, tu é que disseste que não era preciso e para eu não me preocupar. Garantiste-me que o acordo pré-nupcial era uma mera formalidade. Para o conselho de administração. Que, naturalmente, eu ia receber a minha parte. Todas as ideias de como a empresa devia ser construída foram minhas!

Jack não respondeu.

—Isto vem dela, não vem? — perguntou Faye.

—Não percebo o que queres dizer com isso.

—É ela, a Ylva, que não quer que tu me dês dinheiro nenhum. Não achas que já me humilharam o suficiente? Eu não tenho nada, Jack. A minha vida está destruída.

—Não metas a Ylva neste assunto. O dinheiro é meu, fui eu que o ganhei enquanto tu andavas por casa descansada. Não vais dizer que foram os longos almoços no Riche com as tuas amigas que trouxeram o dinheiro para casa, pois não? — Jack bufou. — Vai mas é arranjar um trabalho como uma pessoa normal. E viver um bocado na realidade, para variar. As pessoas não têm férias prolongadas durante anos, como tu tiveste. Enquanto eu trabalhei no duro para garantir o sustento da família.

Faye obrigou-se a permanecer calma. Inspirou profundamente. E expirou. Recusava-se a acreditar que Jack pudesse simplesmente apagar os anos que haviam passado juntos. Tudo o que tinham vivido e feito.

Jack interrompeu os seus pensamentos.

—Se continuares com este conflito, destruo-te, Faye. Deixa-me em paz, a mim e à Ylva.

Quando Jack desligou, Faye ficou com o telemóvel na mão durante muito tempo. Depois, e para seu próprio espanto, começou a gritar. Um grito primitivo que não ouvia há muitos, muitos anos, de outra vida. Agora, esse grito ressaltava por entre as paredes, como um eco violento.

Faye calou-se e ofegou. Inclinou-se para trás na cadeira. Desfrutou da dor provocada pelas costas duras da cadeira. Recebeu, de braços abertos, a raiva que a invadiu como a força dos quatro elementos.

Sentiu aquela escuridão familiar invadir-lhe cada poro do corpo, a escuridão que conseguira esquecer. Fingira que ela nunca existira, que nunca fizera parte dela. Contudo, começava agora lentamente a recordar-se de quem era, de quem fora.

O ódio era familiar e seguro. Embrulhava-a num casulo quente, dava-lhe um objectivo e um significado, dava-lhe novamente um ponto de apoio. Ia dar uma lição a Jack. Ia levantar-se outra vez.

Faye andou de metropolitano pela primeira vez em anos. Entrou na estação da praça Östermalmstorg, foi até Norsborg e regressou novamente. Saiu na estação central e passou pela praça Sergels Torg, onde continuavam a vender-se drogas, exactamente como quando Faye chegara a Estocolmo, treze anos antes.

Mas Estocolmo parecia-lhe um sítio novo. Havia tanto para ver e para explorar, agora que já não precisava de se preocupar com os «não te fica bem» de Jack. Faye tinha trinta e dois anos, mas sentia-se renascida.

Junto à placa com o memorial de Olof Palme, atravessou para a rua Sveavägen.

Numa esplanada ao lado do cemitério, algumas almas corajosas estavam debruçadas sobre os seus copos de cerveja e a fumar ao vento da Primavera. Pobres, desempregados, marginalizados. Ralé, como Jack lhes chamava.

Faye abriu a porta e entrou. O empregado do bar ergueu as sobrancelhas e observou atentamente o casaco dela, que se via logo que era caríssimo. Jack deixara-a ao menos ficar com as roupas, quando despejara o apartamento.

Pediu uma cerveja e sentou-se a um canto. A cerveja estava morta. Os pensamentos galopavam na sua cabeça. Quão humilhada fora realmente? Teria sido mentira tudo o que Jack lhe dissera? Teria Ylva sido a única ou haveria mais mulheres? Eram coisas que nem tivera energia para pensar até esse momento. Agora, precisava de se afundar nesses pensamentos, dar combustível à raiva. Claro que havia mais. Ela conhecia Jack. No fundo.

Tirou o telemóvel da mala e procurou o número de Alice.

—Tens uns minutos? — perguntou Faye, quando Alice finalmente respondeu.

Faye ouviu a hesitação do outro lado.

—Quero perguntar-te algumas coisas. E quero que sejas sincera.

—Espera um segundo...

Atrás dela, ouviam-se gritos de crianças. Alice chamou a ama, fechou uma porta, e a confusão tornou-se cada vez mais distante.

—Ok, estou a ouvir-te — disse.

—Sabes o que aconteceu com a Ylva. Parto do princípio de que já se passa há algum tempo. Quero saber há quanto tempo e se houve outras.

—Faye, eu...

—Deixa-te de merdas, Alice. Sei que tu sempre soubeste. E não faz mal. Não ando à procura de problemas. Só quero saber a verdade.

Alice permaneceu em silêncio durante algum tempo. Faye não a pressionou. E, por fim, ouviu Alice inspirar profundamente.

—O Jack é infiel desde que eu conheço o Henrik. Com todas, Faye. O Jack vai para a cama com tudo o que respira. Às vezes só me apetecia esfregar-te isso na cara, arrancar-te do teu pedestal, quando começavas a julgar o Henrik. E a mim. Mas nunca o fiz. Sei o que custa.

Alice calou-se. Apercebendo-se, com certeza, de que revelara a falsidade da indiferença que até então insistira em fingir. A indiferença na qual Faye, no fundo, nunca acreditara.

Faye deixou as palavras de Alice assentarem. Não a magoavam tanto como se convencera de que fariam. Pelo contrário, sentia-se aliviada. Algures dentro de si, já o sabia.

—Lamento — disse Alice, insegura.

—Não faz mal. Já desconfiava.

—Não digas nada ao Jack sobre esta conversa, está bem?

—Prometo.

—Obrigada.

—Devias deixar o Henrik — continuou Faye, com um tom seco e objectivo. — Somos demasiado boas para esta merda, para nos pisarem e abusarem de nós desta maneira. Acho que um dia vais perceber isso. Para mim, não foi por vontade própria, mas consegui lá chegar. E, quando se consegue sair do outro lado, até é libertador estar aqui.

—Mas eu sou feliz.

—Eu também era. Pensava eu. Mas o tempo alcança-nos, Alice. Mais cedo ou mais tarde, vais estar onde eu estou, e tu também sabes isso.

Faye desligou, sem esperar por uma resposta de Alice. Sabia que a amiga não tinha resposta para dar. Que nada do que lhe dissera era uma novidade para Alice, que, certamente, se debatia com os mesmos pensamentos mil vezes por dia. Mas isso era um problema de Alice. Não dela.

Agora, estava pronta para a guerra.

Faye sabia que, no seu arsenal, tinha a melhor arma: a sua feminilidade. A feminilidade que levava os homens a subestimá-la, a objectivá-la, a estupidificá-la.

Mas Jack nunca conseguiria vencer esta batalha. Ela era mais esperta do que ele. Sempre fora. Apenas lhe permitira, e a si própria também, esquecê-lo.

Contudo, agora iria recordá-lo. Recordá-los aos dois.

Para começar, teria de o deixar acreditar que tudo continuava como de costume, que ela era a mesma Faye prostrada, desesperadamente apaixonada e ingénua. Essa era a parte mais fácil. Faye desempenhara esse papel durante tanto tempo que já o sabia de cor.

Porém, em segredo, montaria uma empresa própria, ficaria rica e, por fim, esmagaria Jack. Por enquanto, ainda não sabia como iria proceder, e havia umas quantas questões práticas a resolver. Antes de mais, tinha de arranjar alojamento. Não podia continuar a viver à custa de Chris. A questão era apenas onde. Estava demasiado falida para viver no centro, mas, ao mesmo tempo, não podia ir para um sítio demasiado longe do infantário de Julienne. Além disso, precisava de criar capital, ficar em forma, actualizar-se sobre o mundo financeiro e os mercados, conseguir uma rede de contactos própria. Havia mil coisas para fazer. Mil objectivos a atingir, antes de esmagar Jack. Sentia-se extasiada.

—Tem alguma coisa onde eu possa escrever? — pediu ao empregado do bar. — E uma caneta.

Ele colocou uma caneta no balcão e apontou para um monte de guardanapos. Faye escreveu uma lista de coisas das quais precisava de tratar. Quando terminou, telefonou a Jack para fazer as pazes. Nem lhe custou, era apenas um jogo. Uma primeira jogada de xadrez. Precisava de um cessar-fogo, para poder reunir forças e reorganizar-se.

Falou-lhe com um voz suave e ligeiramente frágil. Como ele a recordava.

—Tenho andado tão triste — começou por dizer. — É por isso que me tenho comportado tão mal contigo. Mas estou a melhorar, apercebi-me de que tens razão em muitas coisas. Achas que me podes perdoar?

Bebeu um gole de cerveja. Estava quase a acabar, e Faye fez sinal ao empregado de que queria mais uma.

—Sim, percebo que tenha sido difícil para ti — respondeu Jack, numa mistura de surpresa e generosidade pomposa.

Faye bebeu o último trago de cerveja ao mesmo tempo que colocavam uma nova à sua frente. Desenhava anéis na espuma. Recordou-se da vez em que Chris desenhara um coração na condensação do copo.

—Muito difícil. Mas isso não é desculpa para nada. Agora vou-me controlar. Pela Julianne. E por ti. A mãe da tua filha não se deve comportar sem dignidade e pedinchar dinheiro. Não sei o que me passou pela cabeça. Não tenho... não tenho andado em mim.

Calou-se, sentiu que talvez estivesse a exagerar. Mas Jack estava apenas a ouvir a confirmação daquilo que pensara o tempo inteiro, que era ele quem tinha razão e ela quem estava errada.

Jack queria ver-se a si próprio como o herói, o superior. Agora, ela dava-lhe uma oportunidade de confirmar essa auto-imagem. Tal como todos à sua volta sempre faziam.

—Não faz mal. Tenta só não ser tão... chata, só isso — respondeu Jack.

Quando desligaram, Faye acabou de beber a cerveja e pediu outra. Já ninguém iria fazer um comentário sobre isso. Começou a rir e não conseguiu parar. Embriagada pelo álcool e pela liberdade.

A vivenda vermelha de dois andares fora construída nos anos vinte e ficava numa idílica zona de moradias em Enskede. Faye abriu um portão verde, passou por entre um jardim bem cuidado e tocou à porta.

A mulher que abriu tinha as maçãs do rosto bem definidas, o cabelo branco preso num nó no topo da cabeça e vestia umas calças de fato e uma camisola de gola alta pretas. A postura era rígida, quase militar. Estendeu uma mão ossuda para Faye.

—Sou a Kerstin Tellermark. Entre — apresentou-se e deu um passo para o lado.

Faye foi guiada através de um pequeno corredor, com fotografias a preto e branco nas paredes, para uma sala de estar agradavelmente mobilada. Quadros antigos com motivos marítimos e paisagísticos adornavam o papel de parede castanho; ao longo de uma das paredes, apertava-se um conjunto de sofás usados, e, a um canto, havia um piano gasto.

—Tão gira a sua casa — disse Faye. Sinceramente.

—É um pouco antiquada — respondeu Kerstin, em tom apologético, mas Faye percebeu que ela ficou contente com o elogio. — Quer um café?

Faye abanou a cabeça.

—Então está bem. Portanto é a senhora e a sua filha que vão viver aqui?

—Sim. A Julienne. Tem quatro anos.

—Divórcio?

Faye assentiu com a cabeça.

—Dos bons?

—Não.

Kerstin levantou as sobrancelhas.

—E tem algum emprego?

—Ainda não. Mas vou tratar disso. Tenho um... andei na Faculdade de Economia e Gestão. Só preciso de me organizar primeiro.

Kerstin levantou-se e indicou a Faye que subisse as escadas. O andar de cima tinha uma sala de estar mais pequena e dois quartos. Era perfeito, exactamente aquilo de que Faye precisava.

—Cinco mil coroas por mês.

—Aceito.

Dois dias mais tarde, Chris ajudou Faye a mudar-se. Kerstin estava de pé nas escadas, de braços cruzados, a vê-las transportar as três caixas que continham tudo o que Faye possuía. Conseguira vender a maior parte das roupas que trouxera do apartamento numa das lojas mais caras de artigos em segunda mão da rua Karlavägen. Tudo para conseguir algum dinheiro.

Já não queria mais nada de Jack. Só queria tirar-lhe alguma coisa. Seria mais divertido assim.

Quando Chris se foi embora, Kerstin bateu à porta. Faye estava a retirar a roupa de uma das caixas e convidou-a a entrar, mas Kerstin permaneceu de pé à porta.

—A filha de que falou, onde está?

—Com o pai. Vem lá mais para o fim da semana — respondeu Faye e levantou uma camisa à sua frente.

—Ele deixou-a?

—Sim.

—De quem foi a culpa?

—A culpa?

—É sempre culpa de alguém.

—Nesse caso, foi dele. Punha a pila em tudo e todas, e eu fui demasiado estúpida para perceber.

Faye sobressaltou-se quando se apercebeu do que acabara de dizer, mas Kerstin limitou-se a assentir com a cabeça.

Faye pendurou a roupa no armário, aspirou o quarto, fez a cama de lavado e deitou-se com os braços cruzados atrás da cabeça. Tinha mesmo de encontrar um sustento. E depressa. De início, só para poder sobreviver. Para poder pagar a renda a Kerstin, comprar comida, as coisas de que Julianne precisava. Mas o trabalho teria de ser suficientemente autónomo para poder começar a delinear um plano de negócios em simultâneo. Não podia ter um chefe sempre em cima dela.

Faye foi até à janela. Um homem loiro, na casa dos cinquenta, passeava pela rua com um grande leão-da-rodésia, que parecia responder pelo nome de *Hasse*. O cão saltava e puxava pela trela, e o homem parecia estar com dificuldade em manter-se de pé.

Faye seguiu-os prolongadamente com o olhar.

Algumas horas mais tarde, Kerstin ofereceu-lhe um jantar de boas-vindas.

Hambúrgueres caseiros com batatas e molho. Em cima da mesa de refeições redonda, colocara frascos de pepino em conserva e de compota de arando.

—Que delícia — disse Faye.

—Obrigada.

Kerstin serviu um pouco mais de comida a Faye.

No parapeito da janela, havia uma fotografia de Kerstin em jovem. Tinha o cabelo castanho até ao queixo e vestia um vestido branco, curto.

Kerstin seguiu o olhar de Faye.

—Londres, final dos anos sessenta. Fui ama de uma família lá e apaixonei-me por um inglês, o lorde Kensington. Foram anos bonitos.

—Porque não ficou lá?

—Porque a mãe do lorde Kensington, a *lady* Ursula, não achava apropriado que o seu filho único quisesse viver com uma ama sueca. Alguns anos mais tarde, ele casou com uma rapariga da alta sociedade, chamada Mary.

—Que pena — disse Faye.

—É o que é. Não me queixo.

—Também foi casada?

—Sim, sim. Com o Ragnar.

Kerstin desviou o olhar. Puxou a gola da camisola para cima sem parecer reparar no gesto automático.

Faye observou-a e olhou em volta, à procura. Não havia nenhuma fotografia de Ragnar. Ou de Ragnar e de Kerstin juntos.

Os talheres tiniram quando Kerstin os pousou no prato. Levantou-se, desapareceu para a sala de estar e regressou com uma fotografia. Colocou-a em cima da mesa, à frente de Faye. Era o retrato de um homem em tronco nu, de calções brancos, sentado numa cadeira de praia.

—O Ragnar — disse Kerstin. — Em Palma, 1981.

—Bonito — respondeu Faye. — Deve ser difícil perder alguém com quem se viveu durante tanto tempo. Há quanto tempo morreu?

—Morreu? — Kerstin arregalou os olhos e olhou para Faye sem compreender. — Não, não, o Ragnar está vivo. Esse canalha está a apodrecer num lar de idosos em Södermalm.

—Não percebo.

—Teve uma apoplexia há três anos.

—É por isso que agora vive sozinha?

Kerstin assentiu com a cabeça.

—Sim. Mas estou bem assim — respondeu e enfiou uma batata na boca. — Calma e tranquila. A única coisa que perturba a minha paz e sossego é saber que ele ainda respira.

Olhou para a fotografia. Depois, deitou-a na mesa virada para baixo e acrescentou:

—Coma mais hambúrguer. Boa comida é um bálsamo para a alma.

Faye assentiu com a cabeça e aceitou a travessa. Era a primeira vez em muito tempo que a comida lhe sabia a alguma coisa.

Na manhã seguinte, Faye acordou cedo. Desceu as escadas rangentes e foi recebida pelo aroma de café acabado de fazer.

Kerstin já se tinha levantado. Tinha o jornal diário *Dagens Nyheter* aberto e, na mesa à sua frente, estava uma cópia dobrada do jornal de negócios *Dagens Industri*. A fotografia de Ragnar, que ficara em cima da mesa da cozinha na noite anterior, desaparecera.

—Bom dia — disse Kerstin. — Sirva-se de uma chávena.

Faye sentou-se à mesa e esticou-se para o *DI*. Leu o editorial. Percorreu um artigo de debate. Na página seguinte, deu de caras com os olhos azuis de Jack. Sobressaltou-se, ponderou por um segundo continuar a folhear o jornal, mas o seu olhar foi automaticamente puxado para o título. Combustível. Precisava do combustível.

«Adelheim nega rumores sobre notação em Bolsa», dizia. Kerstin devia tê-la ouvido sustar a respiração, pois levantou os olhos do seu jornal e observou Faye.

—Más notícias? — perguntou-lhe.

—Não, não é nada. É só uma pessoa que conheci em tempos.

No artigo, Jack mencionava de passagem que uma notação em Bolsa da Compare não era expectável. Contudo, confirmou que a directora financeira, Ylva Lehndorf, deixara a empresa para assumir uma nova posição no serviço de música Musify. Jack chamava-lhe acordo mútuo e desejava muita sorte a Ylva na sua carreira. Nem uma palavra sobre estarem agora a viver juntos. Com certeza sabiam disso, mas o *DI* era demasiado elegante para misturar bisbilhotices privadas com negócios.

Jack já começara a mudar Ylva, pensou Faye. O próximo passo seria ela deixar completamente de trabalhar. Faye não sabia ao certo como se sentir em relação a isso. Deveria regozijar-se maliciosamente? Sentir pena? De certa maneira, teria sido mais fácil se pudesse acreditar que Ylva era realmente melhor do que ela. Mais inteligente, mais forte. Porém, Ylva já começara a subordinar-se. O que fazia que parecesse ainda mais a puta de Jack. Comprada pelo seu dinheiro e charme.

Faye deu mais uma vista de olhos pelo artigo, antes de continuar a ler o resto do jornal. Ainda não sabia o que lhe poderia vir a ser útil, não tinha um plano definido. Naquele momento, estava apenas a juntar informação.

—Tem planos para hoje? — perguntou Kerstin.

—Pensei ir dar um passeio. Por acaso sabe se há algum sítio aqui perto onde possa imprimir uns folhetos?

—Que tipo de folhetos?

—Estou a pensar montar um pequeno negócio.

—Ah, sim?

Kerstin pousou o jornal em cima da mesa e observou Faye atentamente.

—Sim, um serviço de passeio de cães. Parece-me que toda a gente neste bairro tem um cão. Pensei oferecer-me para os passear durante o dia, enquanto vou reflectindo sobre o que vou fazer da vida. Para ganhar algum dinheiro, fácil e rapidamente. E depois logo vejo o que faço. Assim consigo pelo menos ganhar algum tempo.

Kerstin observou-a atentamente. De seguida, continuou a ler o seu jornal.

—Experimente na biblioteca, em Dalen — disse-lhe.

Faye imprimiu vinte folhetos, que colocou em pontos estratégicos à volta de Enskede. Pensou no que Alice e as suas amigas diriam se a vissem agora. Para sua felicidade, apercebeu-se de que não se importava minimamente. Não tinha dinheiro para ir ao ginásio, e andar o dia inteiro a passear cães serviria como o exercício físico de que precisava para perder peso. Ao mesmo tempo, ganharia dinheiro, algo de que realmente precisava para conseguir seguir em frente.

Chris far-lhe-ia um empréstimo sem qualquer hesitação, se Faye lhe pedisse. Mas Chris já fizera o suficiente. Faye sentia-se obrigada a desenvencilhar-se sozinha agora, para provar a si própria, e a todos à sua volta, que era capaz. E, pela primeira vez em anos, sentia-se cheia de vontade de lutar. O seu passado acabou por se revelar uma vantagem, e não algo que apenas a fazia acordar a meio da noite, encharcada em suor, com a imagem de Sebastian na cabeça. Recusava-se a pensar no pai. Ainda tinha esse poder sobre si própria.

Acelerou o passo, parou junto a um poste de electricidade à porta de uma vivenda amarela e pegou no rolo de fita-cola que comprara no supermercado.

Num trampolim no jardim pertencente à vivenda amarela, estavam duas meninas da idade de Julianne a saltar. Riam-se às gargalhadas e gritavam.

Faye ficou a observá-las durante muito tempo.

Quantas vezes seriam enganadas? Veriam os seus sonhos esmagados? Diante

delas, tinham uma longa sequência de maldades a que vários homens as iriam submeter. A experiência de estar dependente de um homem, de ser julgada pela aparência física, o esforço constante para pertencer, agradar — era isso que unia as mulheres de todas as idades, de todos os países, em todas as épocas.

E foi então que teve a grande revelação. Há um exército pelo mundo. Que está só à espera de poder atacar. A maior parte das mulheres, independentemente de quão ricas ou felizes, já foi enganada por um homem. A maioria tem aquele ex, o cabrão infiel, o mentiroso, o traidor que lhes partiu o coração, e todas o espezinharam. O chefe que deu a promoção ao colega do sexo masculino, com qualificações mais fracas e menos experiência. Os comentários, as mãozinhas peganhentas na festa de Natal da empresa. A maioria das mulheres tem feridas de guerra. De algum tipo.

E, no entanto, calam-se. Aguentam. Saem por cima. Mostram compreensão e perdoam. Consolam os filhos, quando ele não aparece como prometera. Desvalorizam, quando ele diz coisas depreciativas. Continuam a convidar os sogros para as festas de aniversário das crianças, apesar de eles depressa tomarem partido durante o divórcio e tecerem elogios sobre a fantástica nova companheira do filho. Porque é isso que as mulheres fazem. Viram a raiva para dentro. Contra si próprias. Não ocupam lugar nem exigem justiça. Meninas bonitas não discutem. Meninas bonitas não levantam a voz. É algo que as mulheres aprendem desde o início. As mulheres aguentam, desvalorizam, são as responsáveis por todas as relações, engolem o orgulho e reduzem-se até à fronteira da invisibilidade.

Faye não era a primeira mulher na história da Humanidade a ser humilhada pelo marido, a ser tratada como uma idiota, a ser trocada por uma versão mais nova.

Mas agora chega, pensou Faye. Juntas somos fortes e não vamos continuar caladas.

Faye não teve tempo de passar a porta, antes de o seu telemóvel começar a tocar. Durante a tarde, mais quatro donos de cães a haviam contactado, a perguntar se ela tinha tempo para tratar dos seus animais de estimação. A sua intuição fora certa. A procura daquele serviço era grande.

Do andar de baixo, ouvia-se loiça a bater na cozinha. Faye oferecera-se para fazer o jantar, mas Kerstin insistira em prepará-lo. Tinha, pelo menos, concordado que Faye pagasse duas mil coroas por mês, para as compras de comida comuns. Era uma solução com a qual ambas estavam satisfeitas.

Faye levantou a tampa do computador, abriu uma folha de Excel e criou um cronograma simples das suas futuras actividades. Já agendara dois passeios com cães para o dia seguinte. Cobrava cento e vinte coroas por hora. Quando concluiu o cronograma, registou uma empresa em nome individual, em seu nome. No dia em que transformasse a empresa em sociedade anónima, já teria o nome preparado.

A chuva caía a potes, entranhava-se pelo casaco, chegava a todo o lado. Faye não se recordava da última vez que ficara tão encharcada. *Zorro* e *Alfred* puxavam as trelas, a chuva parecia não os incomodar.

Se alguém, alguns meses antes, lhe tivesse dito que iria passar o seu dia de aniversário sob uma chuva torrencial, com dois *Golden Retrievers*, Faye teria pensado que essa pessoa era louca.

Mas a vida era feita de mudanças inesperadas. Ela, melhor do que ninguém, sabia-o.

Nas últimas semanas, conseguira estabelecer novas rotinas. Levantava-se todos os dias às cinco e meia da madrugada, tomava banho, comia um pequeno-almoço que consistia em um ovo cozido e saía de casa. Dois passeios com cães por dia tinham aumentado rapidamente para oito, alguns dos donos contratavam-na para passeios duplos. Kerstin não se opusera a que Faye também aceitasse receber cães em casa, algumas noites.

Faye espirrou. Estava ansiosa por voltar para casa e afundar-se na banheira cheia de água quente, como fazia todos os dias depois do último passeio.

—Agora já chega, rapazes — disse para os cães, quando o céu escureceu ainda

mais.

Depois de deixar os cães na casa da dona, a senhora Lönnberg, Faye apressou-se a regressar a casa, o mais depressa que conseguia. Há muito tempo não sentia os pés tão cansados.

Abriu a porta da rua cuidadosamente, para não incomodar Kerstin, que costumava estar sentada a ler àquela hora, e subiu as escadas lentamente. Quando entrou na casa de banho, descobriu que a banheira já estava pronta. No lavatório das mãos, estava um vaso com flores apanhadas do jardim.

Kerstin apareceu atrás dela.

— Obrigada — murmurou Faye.

— Achei que podias precisar — respondeu Kerstin. — Como é... comprei-te uma coisa. Um pequeno presente. Está em cima da mesa da cozinha.

— Como sabias?

— Que fazes anos? A tua data de nascimento está no contrato de arrendamento. Estou velha, mas não estou cega. Agora salta para o banho!

Quando Faye saiu da banheira, o estômago rugia de fome. Esgueirou-se pelas escadas, abriu o frigorífico e tirou alguns ovos já cozidos, fatiou-os e encheu-os de pasta de ovas. Sentou-se à mesa da cozinha com as fatias de pão com ovo num pratinho e abriu o pacote verde.

Era um par de ténis pretos *Nike*.

Os olhos de Faye encheram-se de lágrimas.

Calçou os sapatos imediatamente e deu umas voltas pela sala. Eram macios e moldavam-se perfeitamente aos seus pés. Parou à porta do quarto de Kerstin. Viu luz por baixo da porta e, por isso, bateu.

Kerstin estava deitada na cama, com um livro. Faye sentou-se à ponta da cama e dobrou a perna, para que Kerstin pudesse ver os ténis.

— Servem-me perfeitamente. Obrigada.

Kerstin fechou o livro e colocou-o em cima da sua barriga.

— Já te contei como conheci o Ragnar?

Faye abanou a cabeça.

— Eu era secretária dele. Ele era casado. Dez anos mais velho do que eu, director e milionário, tinha um sorriso que quase me fazia desmaiar. Levava-me a almoços finos, oferecia-me flores, inundava-me de elogios.

Kerstin fez uma pausa. Passou com a mão pelo edredão.

—Apaixonei-me. E ele também. Por fim, decidiu deixar a mulher, e ela pegou nos filhos e saiu de casa. E eu mudei-me para lá. Despedi-me do trabalho. Passava os dias a jogar ténis, a tratar da casa e a cuidar do Ragnar. Viajávamos nos Verões, para Espanha, para a Grécia. Um ano, fomos aos Estados Unidos. Passaram-se quatro anos. Cinco. Seis. Eu nem tinha o bom senso de sentir vergonha pelo que tinha feito à mulher dele. Não tinha coragem de dizer nada, quando via como ele a tratava e aos filhos. Pelo contrário, ficava aliviada por não ter de dividir a atenção com eles. Convenci-me de que mereciam aquilo. De que nunca o tinham amado como eu o amava.

Kerstin humedeceu os lábios com a língua.

—O resto... o resto foi-se introduzindo sorrateiramente. A escuridão. A violência. Das primeiras vezes, considerei aquilo como acontecimentos isolados. Ele vinha com desculpas. Explicações. E eu aceitava-as alegremente. Mas, gradualmente, tudo acelerou. E eu não conseguia sair. Não me perguntes porquê, nem eu sei.

Kerstin tossiu com o punho cerrado à frente da boca.

—Não tinha coragem para o deixar — continuou a contar. A voz ao mesmo tempo forte e fraca. — Apesar de ter começado a odiá-lo com todas as células do meu corpo. Com a infidelidade vivia eu bem. Isso não era nada, comparado com um corpo que ficava cada vez mais mutilado. E aquilo que ele me roubou. Nós... eu estava grávida. Mas ele bateu-me tanto que abortei. Desde essa altura só desejo que ele morra. Cada segundo que passo acordada sonho com a morte dele. Que ele pára de respirar. Quando ele teve o enfarte, primeiro pensei em não chamar uma ambulância. Fiquei sentada a olhar para ele, enquanto ele se contorcia, deitado no chão. Os olhos a suplicarem-me que o ajudasse. Tinha pensado deixá-lo ficar ali, mas um vizinho ouvira os seus gritos e viera bater à porta. Tive de abrir e, por fim, fui obrigada a chamar uma ambulância. Desempenhei bem o papel de esposa em estado de choque, mas, quando puseram o Ragnar na ambulância, vi nos seus olhos que ele tinha percebido. E que me ia matar se ficasse bem outra vez.

Faye não sabia se Kerstin pensara que ela ia ficar chocada, mas já nada que se relacionasse com a brutalidade dos homens chocava Faye.

Kerstin voltou a pôr uma madeixa de cabelo branco no lugar.

—Sei quem tu és — disse-lhe. — E percebo mais ou menos o que aconteceu. Eras casada com o Jack Adelheim.

Faye assentiu com a cabeça.

Kerstin remexeu na colcha. Depois virou o olhar novamente para Faye.

—Já percebi que andas a planear alguma coisa. Tenho-te visto com os teus blocos de notas, as tuas listas e esboços para o futuro. Diz-me o que queres que faça, e eu ajudo-te.

Faye subiu para a cama. Encostou a cabeça à cabeceira da cama e ficou a observar a sua senhoria. O que Kerstin lhe acabava de contar era tocante, mesmo que Faye já desconfiasse da maior parte da história. Que Kerstin também sofrera estava completamente assente, mas poderia confiar nela? Faye sabia que estaria dependente da ajuda de outras pessoas e decidira confiar na irmandade. Mas isso não queria dizer que podia confiar em todas as mulheres. Não era assim tão ingénua. Mas a raiva na voz da mulher mais velha comportava a mesma escuridão que a sua própria voz. Então fechou os olhos, deu um salto para o desconhecido e explicou exactamente o que planeava fazer para esmagar Jack.

O plano tomara forma durante as muitas horas de passeio com os cães, à volta do bairro, quando Faye, com calma e em paz, podia planear a sua estratégia.

Kerstin escutava e assentia. De vez em quando, sorria.

—Tenho jeito para organizar coisas. Vou poder ajudar-te bastante — disse.

Secamente. Objectivamente. Depois, pegou no seu livro e continuou a ler. Faye interpretou o gesto como um sinal de que se devia retirar.

Tudo estava em andamento. Não havia volta a dar. E agora já não estava sozinha.

Com a ajuda de Kerstin, Faye desenvolveu o negócio. Os meses passavam a correr e a empresa crescia. Contrataram duas mulheres a tempo parcial, aumentaram a área geográfica dos serviços, fizeram obras na cave para quando os donos precisassem de deixar os cães lá a dormir.

Kerstin ajudava Faye com tudo o que era administração, e as coisas que já não sabia fazer depois de muitos anos como dona de casa investigava na Internet. Era um milagre de eficiência, e, com a ajuda dela, os números passaram a positivo. Levou tempo a conseguir o capital de que Faye precisava, definira um objectivo de duzentas mil coroas, mas obrigou-se a ter paciência. Teria de levar o tempo que fosse preciso.

Era óbvio para Faye que não iria conseguir construir o capital de que precisava apenas com o negócio do passeio de cães, mas ela investia cada coroa que sobrava. Estudava as revistas financeiras e seguia todos os grandes jornais de notícias, para se manter actualizada e poder utilizar esses conhecimentos quando fazia investimentos. Manteve-se num nível onde o capital crescia lentamente, mas em segurança.

Perdera quinze quilos desde que Jack lhe dissera que queria o divórcio. Não que continuasse a importar-se com isso, mas conhecia os pontos fracos de Jack. Os pontos fracos dos homens. Ficar magra era um passo necessário para atingir o objectivo que definira.

As suas roupas antigas ficavam-lhe largas, e Kerstin tivera de fazer uns buracos a mais no cinto que mantinha as calças de ganga no lugar. Faye ria-se apenas quando Kerstin dizia que ela merecia comprar roupas novas. Nunca na vida. Duzentas mil coroas. Antes disso, não gastaria um tostão em coisas desnecessárias.

Desde que Faye se mudara para casa de Kerstin, tivera a guarda de Julianne semana sim, semana não, mas agora tornava-se cada vez mais evidente que Ylva Lehndorf se cansara de brincar às mããs e aos papás em Lidingö. E que Jack não estava interessado em ocupar-se com Julianne mais do que o estritamente necessário já Faye sabia. Dificultar o relacionamento com a filha fora apenas mais uma maneira de humilhar Faye. Com cada vez mais frequência, Jack telefonava-lhe a perguntar se ela podia ficar com Julianne.

Kerstin estava extasiada por ter uma criança em casa. Fazia tudo o que a menina lhe pedia e ia com agrado deixá-la no infantário todas as manhãs.

Faye e Kerstin partilhavam as responsabilidades em relação a Julienne. Como uma pequena família. Quando Faye perguntara se Julienne lhe roubava muito tempo, Kerstin olhara para ela como se ela fosse louca.

—A tua filha é a menina que eu sempre sonhei ter, fico feliz por não ter de estar sozinha — dissera-lhe e apontara para a sala de estar, onde Julienne estava sentada no chão a fazer desenhos. — Ela é um milagre, um anjo, e receio pelo dia em que se mudarem daqui.

Faye apercebeu-se de que sentia exactamente o mesmo.

O Sol de Agosto brilhava sobre Faye e Chris, quando passeavam pelo campo de futebol de Enskede com três cães: um *Schnauzer* miniatura e dois *Golden Retriever*. Para admiração de ambas, Chris levava a trela do *Schnauzer* miniatura chamado *Ludde*. Chris sempre detestara animais.

—Até consigo imaginar arranjar um destes — disse Chris. — Assim não preciso de andar à caça de um homem com quem partilhar a vida.

—Não é má ideia. Agora que tenho termo de comparação, posso dizer que prefiro cães a homens, sem dúvida alguma.

—Por falar em neandertais, como é que isso vai? Devo dizer que estás com ar de quem se sente espectacular consigo mesma!

Faye enfrentou o olhar de Chris.

—E sinto.

—Gosto de te ver assim, mesmo que perceba que não queiras passear cães para o resto da vida. Já viste o bem que estes meses sem aquele cabrão te fizeram?

Faye observou um dos *Golden Retriever* da senhora Lönnberg a urinar contra um poste.

—Tenho uma proposta de negócio para ti — disse. — Uma oportunidade de investimento.

—Ah, sim? Diz lá!

—Aqui não. Não neste contexto.

Fez um sinal com a cabeça para o cão baboso que agora tentava freneticamente fornicar o *Schnauzer* miniatura. Puxou-o pela trela para os separar.

—Tens tempo para um jantar esta semana? Quero mostrar-te o meu plano de

negócios.

—Claro. Com uma condição.

—Diz lá.

—Depois vamos sair. Beber um vinho, passar tempo juntas, conversar, engatar. Eu reservo uma mesa. E ofereço. A única coisa que tens de fazer é aparecer com esse plano de negócios e esse sorriso lindo de que já tinha tantas saudades. De preferência com o corpo embrulhado numa coisa bem justa. Se não tiveres nada, empresto-te. Vou enviar umas coisas por estafeta. Está na hora de começares a sacudir o pó. Se não daqui a pouco vai ser preciso um abre-latas para te abrir as pernas! Sabes que ela se fecha se não lhe deres uso durante muito tempo, não sabes?

Chris riu-se, e Faye fez um sorriso rasgado. Uma saída à noite com Chris parecia-lhe algo que seria capaz de fazer. Finalmente sentia forças para começar a viver outra vez.

Quando Jack, como de costume à última hora, telefonou a perguntar se ela podia ficar com Julianne no fim-de-semana, Faye disse-lhe «não» pela primeira vez.

—Porquê?

—Porque vou sair com a Chris.

—Mas eu e a Ylva vamos estar fora, reservámos a *suite* no Hotel Seglarhotellet, em Sandhamn.

—Que sorte então! Eles têm um *buffet* infantil espectacular.

—Mas...

—Nem mas, nem meio mas, Jack. Desculpa, mas não podes telefonar a uma sexta-feira de manhã a pedir uma coisa destas. Divirtam-se muito em Sandhamn.

Sem ouvir os protestos dele, Faye desligou o telefone.

No restaurante Teatergrillen, o chefe de sala fez um gesto gentil com a cabeça para Faye e acompanhou-a até à mesa. Faye sentiu os olhares cravados nas costas ao atravessar a sala. Trazia um vestido preto curto, apertado na cintura, e saltos altos. Tudo emprestado por Chris. O cabelo estava solto. Há anos que não se sentia tão atraente.

Chris levantou-se e bateu palmas teatralmente. Os homens de fato com colete e barrigas a rebentarem pelas costuras olharam fixamente para elas, enquanto enchiam o bandulho com fígado de pato e ostras.

—Meu Deus, estás tão sensual!

—Olha que tu também não estás lá muito desenhada — respondeu Faye e passou os dedos pelo vestido de lantejoulas prateadas de Chris.

—*Chanel* — disse Chris e sentou-se. — Uma vez que o plano era misturar negócios com prazer desta maneira, acho que podemos começar já. Porque depois quero poder embebedar-me à vontade, sem ser enganada pelas tuas invenções malucas. Nunca tomei decisões muito boas depois de grandes volumes de álcool. As mais divertidas sim, mas decididamente não as melhores.

Faye sentou-se em frente a Chris, na mesa com sofás de veludo vermelho.

Um empregado veio encher o copo de Faye enquanto ela procurava o papel onde tinha escrito o seu plano de negócios.

—Toma — disse e fê-lo deslizar por cima da mesa, na direcção de Chris.

Chris levantou o papel e leu a única palavra que lá dizia: Revenge. Começou a rir-se às gargalhadas.

—O que é...?

—Lembras-te do que me disseste quando me querias dar um emprego? — interrompeu Faye. — Disseste que eu compreendo as mulheres. Passei estes últimos meses a analisar as necessidades e desejos das mulheres. E sabes o que todas querem? Vingança. Por todas as irmãs que foram destroçadas como idiotas, por todos os maridos infiéis que nos trocaram por uma mais nova. Por todos os rapazes e homens que se aproveitaram de nós, que nos desvalorizaram e nos enganaram.

Chris parecia extremamente divertida.

—E como te vais vingar? — perguntou-lhe, ao mesmo tempo que bebericou do champanhe.

Chris tinha um aspecto caro e inteligente. Uma combinação fatal.

—Vou mostrar ao Jack que sou mais esperta do que ele e assumir o controlo da empresa. E vou conseguir fazê-lo construindo um império. Em conjunto com outras mulheres. Já pensaste em todas as empresárias fantásticas que temos neste país? Que são donas de grandes armazéns de moda, de agências de relações públicas e de empresas financeiras. Mesmo que infelizmente ainda sejam poucas, existem e começam a tornar-se visíveis. Vou criar um modelo de negócio em que sou dona de cinquenta e um por cento da empresa e tenho quarenta e nove pontos percentuais disponíveis para vender a investidoras. Vou chamar quarenta e nove mulheres de negócios e dar-lhes um por cento do negócio. Vou procurá-las uma a uma, contar-lhes a minha história, ouvir a história delas e levá-las a investir. Mas o mais importante são as redes sociais. Cada miúda com uma conta de Instagram ou um blogue vai criar um *link* para a minha série Revenge, simplesmente porque vão estar do meu lado. Não haverá qualquer dificuldade em criar algo que se torne viral à volta disto.

—Mas o que vais vender?

Chris fez um sinal ao empregado para que trouxesse mais champanhe. O seu copo fora esvaziado em três goles. Um grupo de homens de negócios na mesa ao lado começara a lançar-lhes olhares lascivos, e Chris virou-lhes as costas.

—Produtos para a pele e perfumes — respondeu Faye.

Chris assentiu com a cabeça lentamente, mas continuava com um ar céptico.

—Um mercado difícil — disse factualmente. — Bastante saturado. A concorrência é feroz. E é um negócio que requer muito investimento e capital, principalmente para *marketing* e publicidade. É um risco enorme.

—Sim. Sei tudo o que estás a dizer. Pode acontecer que isto corra da pior maneira. Mas acho que não vai acontecer. E o que te queria perguntar era se queres ser a minha primeira um por cento.

—Quanto me vai custar?

—Cem mil coroas.

—Onde tenho de assinar?

Chris levantou o copo para o empregado, que o encheu até cima. Faye também ergueu o seu. Sabia que Chris ia compreender. O primeiro, e mais fácil, ponto percentual estava feito. Agora só faltavam os outros complicados quarenta e oito.

Quando acabaram de comer, pediram ao chefe de sala que lhes arranjasse uma mesa no Riche. Foram levadas pela cozinha, o atalho que apenas os iniciados conheciam. Luzes fortes, as ordens dos *chefs* através do passa-pratos, o barulho de loiça a bater, pessoas a correrem de um lado para o outro.

O Riche estava cheio, como sempre. Chris pediu imediatamente uma garrafa de *Cava*. Já estavam numa fase demasiado embriagada para beber champanhe. Seria um desperdício de dinheiro, e, além disso, Faye preferia *Cava* ou *Prosecco* a champanhe francês. Embora numa prova às cegas provavelmente nem conseguisse identificar as diferenças.

Junto ao bar, balançava-se uma massa de pessoas embriagadas. A maioria era ligeiramente mais velha do que Faye. Não era de admirar que se chamasse ao sítio «o fosso do divórcio». Era um mercado de carne para os divorciados de meia-idade. Onde o tamanho da carteira tinha mais importância que o tamanho da pila. E onde mulheres com demasiado *botox* tentavam desesperadamente agarrar-se à ilusão de que, com a luz certa, continuavam a parecer ter vinte anos.

A garrafa foi servida num balde de gelo, e Faye levantou o seu copo num brinde para Chris.

—À liberdade — exclamou, apercebendo-se de que aquilo soara mais formal do que pretendia.

O álcool reduzira-lhe a capacidade de fazer uma triagem das banalidades.

Porém, Chris olhou-a nos olhos com seriedade.

—Sim, só levaste alguns anos a compreendê-lo — disse-lhe. — Mas agora estás

livre. Saúde! Ao Jack! Que Deus tenha piedade dele.

Soltou uma gargalhada.

—Achas que vou ser bem-sucedida? — perguntou Faye e pousou o copo. — Com a Revenge?

—Acho que a parte inicial de procura de investidoras é a mais simples. Como disseste, já todas fomos enganadas. Seja de que maneira for. Todas queremos retaliar e conseguimos identificar-nos com a tua mensagem, é um ângulo de *marketing* e de relações públicas genial. A vingança vende.

Chris sorriu e esvaziou o copo. O empregado apareceu rapidamente para o voltar a encher. Estavam habituados a mulheres com sede de vinho.

—Mas vai levar anos. Achas que é uma maluquice? Eu estar disposta a dedicar tanto tempo a uma vingança?

Faye sentiu um momento de dúvida.

—Não. Tendo em conta o que ele fez. Estás a começar a ficar com má consciência?

Antes de Faye ter tempo de responder, Chris continuou, com o copo erguido.

—Não te esqueças de que ajudaste a construir a Compare. Sem ti, o Jack e o Henrik nunca teriam conseguido. Não faz mal as pessoas divorciarem-se, são coisas que acontecem, o que faz mal é deixar a companheira de uma vida anterior, e mãe dos filhos, na miséria. Principalmente, depois de tudo o que fizeste e aturaste. De toda a merda a que ele te sujeitou. E não estou a falar só das coisas depois da separação.

—Tens razão. Eu sei que tens razão.

—Um homem nunca iria pensar como tu estás a pensar agora. Avançaria sempre, sem hesitar um segundo.

No mesmo momento, apareceu alguém junto à sua mesa. Faye levantou os olhos. Um homem à volta dos vinte e cinco anos olhou para ela. Estava vestido com uma *T-shirt* preta justa e calças escuras. Os braços cheios de tatuagens. O cabelo rapado, os lábios carnudos. Era insuportavelmente giro. Uma versão mais jovem de Jack.

—Desculpem estar a incomodar — começou por dizer. — Mas eu e os meus amigos estamos fartos de estar ali no bar aos encontrões com os outros falhados. E queríamos perguntar se podemos pedir asilo na vossa mesa. Ou, pelo menos, uma autorização de residência temporária?

Alguns metros atrás dele, dois homens levantaram a mão num aceno.

—Dá-nos um segundo primeiro — respondeu Chris.

—Claro, eu espero — respondeu ele e foi ter com os amigos.

Chris riu-se.

—O que achas? — perguntou a Faye.

Faye encolheu os ombros.

—Porque não?

—É que tu, ainda há uns meses, terias achado que era uma vergonha estar aqui sentada com rapazes giros e mais novos.

—Mas nessa altura eu era casada. Além disso, os homens passam a vida na companhia de mulheres mais novas sem a menor vergonha. Está na altura de fazermos a mesma coisa e...

Faye calou-se quando olhou directamente para os olhos de Alice. Estava acompanhada, a algumas mesas de distância. Quando percebeu que Faye a vira, desviou imediatamente o olhar.

—Deixa-os vir para aqui, vai ser giro — acabou por dizer e engoliu de um trago o que tinha no copo.

Sentiu o olhar de Alice a queimar quando lhe encheram o copo novamente. Reparou que todas sussurravam umas para as outras.

Chris pediu mais duas garrafas de *Cava* e chegou a cadeira mais para o lado, para abrir espaço para os rapazes. Os três amigos eram simpáticos e estavam impressionados. Faye pensou que aquela geração de homens era muito diferente da de Jack. Para eles, as mulheres de sucesso não eram nada de assustador. Tratavam-nas com curiosidade amigável e colocavam questões sobre os negócios de Chris. Mostravam apenas admiração por tudo o que ela alcançara.

Ao mesmo tempo, Faye compreendeu o fascínio de estar rodeada de pessoas bonitas e mais novas. Era inebriante.

A conversa fluía facilmente. Mantinha-se à superfície dos temas. Nada era complicado para aqueles rapazes, que ainda não haviam sido sobrecarregados pela vida.

Namoriscavam com elas descaradamente. Faye corava, tanto do vinho como dos elogios. O tempo inteiro, sentia os olhares de Alice e companhia a controlarem tudo o que se passava na sua mesa. Nenhuma quantidade de *botox* no mundo teria conseguido esconder as suas expressões horrorizadas. A questão era se conseguiriam sequer voltar a baixar as sobrancelhas mais tarde.

Jack iria ficar furioso, repreendê-la, mas não a poderia atingir. Já não tinha nada a ver com o que ela fazia. Ou com quem. Esse pensamento inebriava-a ainda mais do que o *Cava*. E, pela primeira vez em muitos meses, sentiu-se ficar mais quente entre as pernas. Agarrou no rapaz com a *T-shirt* preta, o que se aproximara primeiro da mesa delas, puxou-o para si e beijou-o. Ficou molhada de sentir a língua dele contra a sua, as mãos dele nas suas coxas. Manteve o olhar fixo em Alice durante todo o tempo.

O beijo durou apenas alguns segundos. Quando os seus rostos se afastaram, Faye fez um gesto com a cabeça para Alice, esticou-se para o seu copo e levantou-o num brinde. Alice ficou especada a olhar por uns segundos, mas depois virou-se deliberadamente para a companheira de mesa.

—Como te chamas? — perguntou Faye a rir e voltou a sua atenção para o rapaz da *T-shirt* preta.

Via no seu olhar que ele a desejava e, quando olhou para baixo, descobriu a protuberância entre as suas pernas. Teve de se controlar para não lhe acariciar a erecção ali, por baixo da mesa do restaurante Riche. Em vez disso, inclinou-se para ele para que pudesse ver melhor o seu decote. Faye sabia que os seus mamilos estavam bem visíveis, duros e pressionados contra o tecido do vestido. Como sempre, Chris conseguira convencê-la a não usar *soutien*.

—Robin — respondeu ele, com os olhos colados ao peito de Faye. — Chamo-me Robin.

—Eu chamo-me Faye. E estou a pensar ir contigo para casa hoje.

Inclinou-se para a frente e beijou-o novamente.

Faye acordou com uma dor de cabeça explosiva. Memórias fragmentadas da noite anterior surgiram-lhe na mente quando se espreguiçou. Bateu com a mão num braço tatuado, duro de músculos. Faye levantou-se da cama, foi até à janela e olhou para o exterior. Um parque de estacionamento e alguns prédios altos. O céu estava encoberto. Atrás dela, o rapaz do braço tatuado mexeu-se. Robert? Robin?

—Que horas são? — murmurou, sonolento.

—Não faço a menor ideia — respondeu Faye. — Mas está de certeza na hora de me ir embora.

Sentia-se desconfortável naquele estúdio em Solna.

—Que pena.

Espreguiçou-se nos lençóis pretos e olhou para Faye com olhos de cachorro. A cabeça de Faye deu-lhe mais alguns vislumbres da noite anterior. Meu Deus, não fora ontem que tivera relações sexuais numa cama de solteiro, num pequeno estúdio com todos os acessórios clássicos de homem sem compromissos: mesa de vidro, sofá preto de pele, planta *Yucca* e a obrigatória colecção de garrafas de *Absolut Vodka* numa prateleira na parede. Os rapazes pareciam resistir a todos os caprichos da moda.

—Ai é uma pena? — perguntou Faye, enquanto procurava a roupa. — O que vais fazer hoje?

—Estava a pensar ficar no *relax*. Ver um bocado de televisão.

—*Relax* — imitou Faye sem se conseguir conter. — Infelizmente, esta cota não tem tempo para o *relax* hoje. Tenho de ir para casa.

—Tu não és nenhuma cota... — sorriu simultaneamente de uma maneira carinhosa e sensual. — Não posso ficar com o teu número?

—Infelizmente não, bebé. Foi divertido. Mas neste momento não quero nada com homens.

Faye percebeu que soava amarga. A noite anterior era uma memória distante, a ressaca latejava-lhe contra as têmporas, e a língua parecia-lhe áspera.

Ele riu-se e atirou-lhe uma almofada. Faye desviou-se com um salto.

—Tu és muito *sexy*, sabias? — perguntou-lhe.

Levantou-se da cama. Nu. Os abdominais brilhavam para Faye. Deixou o olhar repousar no seu corpo. Já se esquecera da velocidade a que os homens mais novos recuperavam. A noite era uma névoa, mas Faye lembrava-se de que perdera a conta às vezes que ele a tinha possuído.

Dirigiu-se para Faye, e ela recuou, a sorrir, até à janela. O vidro estava frio contra o seu rabo. Robin beijou-a. Apertou-se contra ela. Faye sentiu a sua erecção contra a sua coxa. Sentiu o seu próprio corpo gritar por mais. Sentou-se no parapeito da janela. A cara dele percorreu-lhe todo o corpo, a mordê-la, a beijá-la, a acariciá-la. As coxas, as virilhas, a barriga. Faye gemeu alto, agarrou-lhe na cabeça e empurrou-a para baixo, entre as suas pernas. Inclinou-se para trás e permitiu-se apenas desfrutar do prazer. Sem sentir que tinha de dar algo em troca. Ele estava feliz por poder satisfazê-la, excitava-se com o prazer dela. Algo que Faye não experienciara havia muito tempo.

Quando se veio, acariciou-lhe a nuca e riu-se alto.

Era uma nova fase da vida, era a sua vez de gozar.

Faye olhou pela janela, para as árvores que passavam a correr, ao lado. Estava no comboio a caminho de Västerås, com esboços numa mala. No dia anterior, deixara ao cuidado de Kerstin o negócio dos cães, e agora ia ter uma reunião com uma empresa que desenhava rótulos e embalagens.

Os seus produtos tinham de ser bons, mas havia outra coisa que era ainda mais importante, se quisesse ser bem-sucedida. As redes sociais. Resumia-se tudo a conseguir chegar às pessoas, aparecer nos *feeds*, tornar-se viral. E a embalagem era uma forma fácil de criar desejo e conseguir que *influencers* importantes fizessem publicidade aos seus produtos nas respectivas contas de Instagram e Facebook. O produto tinha de fazer o consumidor sentir-se escolhido e de ficar bonito e chamativo em fotografias tiradas com telemóveis.

Faye decidira que os boiões de creme de corpo iriam ser pretos e que a tampa redonda seria enfeitada pela letra *R*, floreada e dourada. Mas a embalagem não dizia apenas respeito ao aspecto visual dos boiões. Também era necessário que houvesse uma história por trás. Todos os produtos com sucesso tinham, hoje em dia, uma história. Como o *Eight Hour Cream* de Elisabeth Arden. Não importava se era verdade ou não que ela desenvolvera o creme para tratar a perna de um dos seus cavalos de *dressage* feridos e que a ferida sarara em oito horas. Que os clientes quisessem *acreditar* na história é que era o factor importante. Toda a gente adorava uma boa história. E Faye tinha uma história absolutamente espectacular para partilhar.

Enquanto o comboio avançava pela paisagem de Mälardalen, Faye não sentiu nada para além de felicidade, pura e simples. Fora disto que sentira falta: de construir uma empresa de raiz. O sonho que Jack lhe roubara. Sem que Faye tivesse protestado. Quando teria sido a primeira vez que Jack lhe fora infiel? Teria alguma vez sido fiel? Mesmo quando estava segura de que ele a amava e a desejava?

Durante muito tempo, perguntara-se qual a razão para Jack a ter trocado pela bem-sucedida Ylva, quando fora ele quem quisera que Faye ficasse em casa. Mas, com o tempo, apercebera-se cada vez mais de que era a caça que interessava a homens como Jack. Queriam constantemente ter algo novo com que brincar.

Faye também se apercebera de que Jack tirava prazer desse poder. De ser capaz de a transformar em algo que ela, na verdade, não era.

Nunca mais se permitiria ser propriedade de um homem.

Uma chuva fraca mas constante caía sobre Västerås quando Faye saiu da estação. Encontrou um táxi, entrou e deu o endereço ao condutor. Västerås era muito maior do que Fjällbacka, mas, por algum motivo, aquelas pessoas levavam-na a pensar na sua terra natal. Antigamente, sempre desviara aquelas memórias, quando elas surgiam. Contudo, depois da turbulência dos últimos meses, algo tinha mudado. Pessoas da sua infância e adolescência faziam-lhe muitas vezes visita. O olhar do pai quando algo não estava como ele queria. A expressão cerrada de Sebastian. O incidente que afectara toda a localidade. Os braços pálidos da mãe e o seu choro alto. Os olhares dos colegas de escola, depois do que acontecera de seguida. Pesarosos. Curiosos. Intrusivos.

Faye deixara tudo isso para trás. Mas alguma vez lhes conseguiria escapar?

Enquanto se perdera nas memórias, o carro parara. O condutor virou-se para ela. A sua boca mexia-se, mas Faye não conseguiu ouvir um único som.

—Desculpe?

—Cartão ou dinheiro?

—Cartão — respondeu e procurou a carteira na mala.

Quando saiu do táxi, viu um enorme edifício fabril bege à sua frente. A chuva acalmara ligeiramente, mas ainda caíam pequenas e frias gotas de água. Faye abriu a porta principal e entrou para um *hall*. Uma recepcionista de cabelo ruivo com uma permanente levantou a cabeça para ela.

—Bem-vinda — disse-lhe, mas com um tom que parecia dizer «por favor, tire-me daqui». Estivera totalmente concentrada em limar as unhas quando Faye entrara.

—Obrigada. Tenho uma reunião marcada com a Louise Widerström Bergh.

A recepcionista assentiu com a cabeça e carregou nas teclas do computador.

—Pode sentar-se aí a aguardar — disse e apontou para um conjunto de sofás à janela. — Quer um café?

Faye abanou a cabeça. No parapeito da janela atrás dos sofás havia uma pilha de revistas. Pegou num exemplar com três semanas da revista *Se & Hör* e folheou-a. De acordo com um dos artigos, John Descentis terminara a relação com a namorada actual. Faye estudou a fotografia. Era a mesma mulher com quem ele estivera no Riche. Suzanne Lund era, ao que parecia, o seu nome. O jornalista afirmava que era

modelo e cantora.

«Não é fácil viver comigo», explicava John, numa citação.

Pois não, mas com quem é?, pensou Faye e recordou-se do encontro desesperado e sem sentido na sala de cinema. Da sujidade e do nojo que sentira. E que pensava que era a única coisa que merecia na altura. Agora, em retrospectiva, gostava de ter contado aquilo a Jack, de lho ter atirado à cara. Estivera perto disso algumas vezes, mas abster-se. Mais por medo de ser encarada com indiferença.

Ouviu passos no corredor. Uma mulher de camisa e calças de fato veio ao seu encontro. Com uma aparência fria, olhou Faye de alto a baixo.

—Louise Widerström Bergh — apresentou-se e estendeu uma mão mole e ligeiramente húmida.

—Faye. Faye Adelheim.

No mesmo momento em que entraram no escritório, o seu telemóvel tocou.

Era Jack. Provavelmente queria gritar-lhe e insultá-la pelo seu espectáculo no Riche. Faye rejeitou a chamada e tirou os esboços da mala. Não sabia desenhar, mas Chris ajudara-a, até conseguirem arranjar um profissional. Louise sentara-se atrás de uma secretária, enquanto Faye se afundou na cadeira das visitas.

—Isto não vai ser problema nenhum — disse Louise, colocando uns óculos de leitura no nariz. — Um projectozinho divertido para se distrair?

—Desculpe?

—Sim, obviamente sei quem é. Suponho que seja para alguma festa ou assim?

Faye inspirou profundamente.

—Quero trinta mil de cada uma das três embalagens que pode ver nestes esboços. Consegue fazê-lo ou tenho de procurar outro fornecedor?

Louise contraiu a boca.

—Trinta mil? Destas? Parto do princípio de que tem garantias. O mercado para este tipo de produtos já está saturado, sabe, e nós não temos capacidade para avançar com dinheiro por produtos que depois não nos pagam, espero que compreenda. Bem, se ainda fosse casada seria outra questão. O Jack Adelheim é uma garantia de pagamento, mas agora estão divorciados, se não estou em erro...?

—Não leu a minha conceptualização? A que enviei por *e-mail*? Não se apercebe da exclusividade daquilo que eu vou oferecer a um mercado exigente?

Faye sentiu a frustração queimar-lhe a garganta.

Louise Widerström Bergh bufou e tirou os óculos de ler. Fez um sorriso

condescendente para Faye.

—Sim, mas, como lhe disse, pensei que se tratava de um tipo de festa temática. Eu conheço o estilo de vida que as esposas de Östermalm vivem, e não é bem essa a realidade das outras mulheres. Sinceramente, parece-me que a ideia de vender uma marca baseada numa espécie de *girl power* só mostra que tem a cabeça nas nuvens. Só nas grandes cidades há dinheiro para essas coisas, aqui na província deixamos as mulheres serem mulheres e os homens serem homens. Não, não vou arriscar começar a produzir estas embalagens para depois ter de a perseguir para me pagar através de cobranças de dívidas.

Louise começou a rir-se, e Faye levantou-se. Tinha a cabeça a latejar.

—Eu tenho capital suficiente para pagar adiantado pela encomenda completa. Poderiam ter tido o dinheiro na vossa conta amanhã. E, se as coisas correrem como estou a pensar, podia ter sido uma fonte de rendimento estável e segura para a sua empresa. Talvez pagasse umas férias extra por ano, a si e à sua família. Ou uma casa de Verão, junto à água. Ou seja o que for aquilo com que sonha. Mas agora vou a outro lado. E financiar a casa de férias ou a viagem de Natal às Maldivas de outra pessoa. E, acredite em mim, vou pedir-lhes para enviarem postais de Natal de lá.

Faye levantou-se e saiu. Atrás de si, sentiu o olhar de Louise queimar-lhe as costas.



Tinha vinte chamadas não atendidas de Jack, mas Faye esperou para lhe telefonar de volta até o comboio estar a sair de Västerås. Depois de um longo monólogo sobre «que raio pensas que estás a fazer?», Jack lançou-se num discurso sobre quão inadequado era ser vista em público com casos de assistência social.

—Mas, afinal, com que estás tão zangado? — perguntou Faye, quando Jack fez uma pausa para respirar.

A irritação e a frustração provocadas pela reunião falhada ainda perduravam.

Lá fora, a paisagem passava pelas janelas cada vez mais depressa. A fúria de Jack não lhe fazia sentir nada. Faye fechou os olhos e recordou a noite com Robin. Contrariamente ao seu bom senso, acabara por lhe dar o seu número de telefone e já

tinha cinco mensagens escritas no telemóvel, com descrições do que ele queria fazer com ela. A voz de Jack trespassou as suas fantasias, e Faye abriu os olhos com irritação. Continuava a bater na mesma tecla, com a voz esganiçada e irritante. Como uma criança a quem tivessem tirado o brinquedo preferido.

—No Riche aos beijos com um gajo qualquer que tinha idade para ser teu filho. Em público! Esse tipo de merdas projecta-se em mim!

—Ah, estás a falar do Robin? Ele tem vinte e cinco anos. Eu tenho trinta e dois. Nesse caso, eu tinha tido um filho aos sete anos. Tu que gostas de números, Jack, o que tens a dizer sobre isto: a diferença de idades entre ti e a Ylva Lehndorf é maior do que a que existe entre mim e o Robin.

—Não é a mesma coisa, porra!

—Porque não? Agora estou curiosa.

—Eu pelo menos não ando aí como uma puta ordinária pelos bares, sem pensar na reputação desta família!

—Ah, pois não, tu só a fodeste nas minhas costas, na nossa casa, na nossa cama. E, sinceramente, não sei de que família estás a falar, Jack.

Jack murmurou qualquer coisa. Mais amestrado.

—Não voltes a fazer essa merda.

—Eu faço o que bem entender. Não tens nenhum mandato para me dizer como vou viver a minha vida, com quem vou para a cama ou onde o faço. Adeus, Jack.

Faye desligou a chamada. Fechou os olhos. Sentiu a língua de Robin a acariciar-lhe o clítoris. O seu telemóvel apitou novamente. Mais uma mensagem de Robin. Faye hesitou, mas acabou por enviar uma resposta rápida: «Estou agora a sair de Västerås. Apareço em tua casa daqui a duas horas. Quem poderia recusar uma oferta dessas?»

Faye bebeu mais um pouco de vinho. Consequia sentir os olhares de vários dos clientes em Sturehof, mas ignorou-os. Eles que continuem a imaginar o que aconteceu entre mim e o Jack, pensou Faye, que continuem os burburinhos e sussurros. Um dia mostro-lhes.

Lançou novamente um olhar rápido para o relógio. Sophie Duval estava consideravelmente atrasada.

Para Faye conseguir encontrar um novo parceiro de negócios, agora que Louise Widerström Bergh recusara, tinha de mostrar que tinha investidores do seu lado. Investidores que iriam não só contribuir com capital, mas que também podiam contribuir para o mito sobre a *Revenge*.

Conhecera Sophie Duval em várias ocasiões, juntamente com Jack. Ela mostrara-se sempre muito efusiva com Faye e seria uma primeira investidora perfeita, depois de Chris. Mantinha uma excelente imagem no mundo dos negócios, era nova, bonita e um quebra-cabeças para a imprensa. Era a mulher dos títulos, sempre com um homem diferente ao seu lado, sempre a falar de um novo investimento.

Faye nunca gostara de Sophie, mas agora tratava-se de negócios, e estava convencida de que iria conseguir levar Sophie a perceber as vantagens de investir na *Revenge*.

Faye já bebera o primeiro copo todo quando Sophie chegou.

—Um copo de champanhe, por favor. E hoje acho que me apetece uma travessa de marisco — pediu Sophie, sem olhar para o empregado quando se sentou.

Agitou os seus cabelos escuros e virou-se para Faye.

—Que bom ter notícias tuas! A última vez que nos vimos foi na festa dos cinquenta anos do Oscar, em Cannes, não foi?

Antes de Faye ter tempo de responder, Sophie virou-se de costas e bateu umas palmas para chamar a atenção do empregado.

—Será assim tão difícil trazer um copo de champanhe?

Olhou fixamente para o empregado, que veio a correr com um copo e uma garrafa.

—Aqui se calhar ainda não é champanhe *o'clock*, mas eu vim de Hong Kong ontem, por isso ainda estou no fuso horário de lá.

Faye suspirou em silêncio para si própria ao ouvir o riso esganiçado de Sophie. Desde que investisse, Sophie podia ser quão falsa quisesse no que tocava a Faye.

A travessa de marisco chegou ao mesmo tempo que o salmonete de Faye.

—Meu Deeeeuuus, isto é tão bom! — exclamou Sophie e sorveu uma ostra com prazer. — Melhor do que sexo, na minha opinião.

Bebeu um grande trago do seu terceiro copo de champanhe e depois olhou para Faye.

—Conta-me, querida, como estás? Já estabilizaste? Os divórcios nunca são divertidos, sei-o melhor que ninguém. Encontrei o Jack e a Ylva, no fim-de-semana passado, em Båstad, são mesmo uns queridos. Pelo que disseram, a vossa pequena Julianne é um verdadeiro amor. Estavam tristes por não se terem conseguido entender contigo, para a poderem levar com eles.

Limpou a boca ao guardanapo de linho.

—Se quiseses um conselho, temos de pensar no que é melhor para as crianças nestas situações. Independentemente de quão magoadas ou tristes estivermos — Sophie agarrou na mão de Faye. — O bem-estar dos nossos filhos é o mais importante de tudo, não concordas?

Faye engoliu em seco algumas vezes, não podia mostrar o seu nível de irritação. Aquele fora o fim-de-semana de Jack, mas, com três horas de antecedência, enviara uma mensagem a Faye a dizer que infelizmente não iria conseguir ficar com Julianne, por causa de uma viagem de trabalho de última hora.

Faye sorriu para Sophie. O mais importante era concentrar-se na perspectiva geral, conseguir o dinheiro e as investidoras de que precisava.

—Obrigada, Sophie — começou por dizer e debruçou-se para a sua mala para retirar a pasta onde tinha o prospecto da Revenge.

Sophie estendeu uma mão para meia lagosta e fez um gesto de desdém com a outra.

—Vamos comer primeiro, falamos de negócios depois.

Faye voltou a guardar a pasta na mala e, relutantemente, comeu um pouco do seu salmonete. Começava a perder o apetite, mas Sophie estava como que hipnotizada pela comida. Chupava os dedos ruidosamente e ocasionalmente gritava «oláááá, querida» quando via alguém que conhecia.

Sophie conseguiu pedir mais dois copos de champanhe antes de a travessa de marisco acabar e, satisfeita, se encostar para trás na cadeira.

—Então, o que dizes, vamos falar de negócios agora? — perguntou Faye e debruçou-se para a mala outra vez, para pegar na pasta.

—Claro que sim, querida — respondeu Sophie e, ao mesmo tempo, lançou um olhar para o relógio.

—Ai, meu Deus, já é assim tão tarde? Estou atrasada para a próxima reunião! Querida! Foi simplesmente fantástico ver-te! Temos de reagendar! Telefona à minha secretária, e arranjam os outro tempinho. Mas só vou conseguir daqui a três ou quatro semanas, antes vou a Paris, a Londres, a Nova Iorque e ao Dubai! É inacreditável, agora vivo praticamente na sala VIP do aeroporto!

Mais uma gargalhada estridente e desapareceu.

Faye permaneceu sentada, muda de espanto. Com uma conta que correspondia aos seus gastos de uma semana completa.

De início, Faye não soube dizer a que se devia a sensação de vazio que sentia dentro de si. Porém, depois compreendeu. Era resignação. Pela primeira vez, sentiu uma resignação profunda e avassaladora.

Julienne dormitava pacificamente ao seu lado. As pestanas repousadas sobre a sua face como um leque, a expressão calma e relaxada, e o nariz a franzir ligeiramente no sono. Exactamente a mesma expressão de quando era bebé e dormia no seu berço. Faye rira-se dela então, lembrava-se de ter pensado que a filha parecia um pequeno coelho a franzir o focinho. No entanto, agora só tinha forças para sorrir ligeiramente. Sentia um cansaço até à alma. As reuniões com Louise e Sophie tinham-lhe drenado toda a energia.

Não sabia dizer exactamente o que esperara. Obviamente não contara que todas as mulheres fossem compreender automaticamente o que queria fazer, o que queria exprimir, apenas por serem mulheres. Contudo, mesmo sendo ingénuo, provavelmente alimentara alguma esperança disso mesmo. E agora não sabia ao certo como poderia recarregar as baterias. Ainda lhe restava a reunião mais importante de todas. Mas e se essa também fosse mal sucedida? Nesse caso, tudo iria por água abaixo. Não conseguiria levar o seu plano a bom porto. Jack iria poder seguir em frente na vida, intocado, sem ter de pagar qualquer preço. Esse simples pensamento levava-a a sentir-se como se tivesse a pele a arder.

Os sons de Kerstin a remexer em coisas na cozinha interromperam os pensamentos de Faye. Kerstin insistira em fazer o jantar nessa noite, e Faye sabia que, quase de certeza, iria preparar algum dos seus pratos favoritos. Provavelmente salsichas enroladas em couve.

Julienne jantara antes de adormecer. Kerstin quisera que elas pudessem conversar à vontade, as duas sozinhas. Mal Faye transpusera a porta algumas horas antes, apercebera-se de que a sua falta de motivação era completamente visível. Normalmente, Kerstin costumava conseguir animá-la, mas, esta noite, Faye tinha a sensação de que era um feito impossível. As dúvidas agarravam-se a ela como resina pegajosa.

Julienne mexeu-se, irrequieta, no sono. Não era costume poder dormir na cama de Faye, mas, naquela noite, queria ter a filha perto de si. Iria jantar com Kerstin,

conversar sobre o que acontecera e, depois, cuidadosamente, voltar a deitar-se ao lado de Julianne e adormecer com o som da sua respiração. Observou a filha ali deitada, na sua camisa de noite branca com um unicórnio, colocou cuidadosamente a mão livre em cima do seu peito e sentiu os batimentos de coração. Tum. Tum tum. Tum tum. Lentamente, a sua própria pulsação começou a adaptar-se e a bater ao mesmo ritmo, o que também levou os seus pensamentos a clarear. Da cozinha, ouviu Kerstin a mexer em tachos e panelas. O aroma da comida espalhou-se pelo quarto, e Faye ouviu os sons de fome do seu estômago. Voltou a sentir a pulsação rítmica da filha contra a palma da mão. Tum. Tum tum. Tum tum. A resignação e a frustração geradas pelas reuniões malsucedidas começaram a dissipar-se lentamente. Na verdade, ainda não estava tudo perdido. Ainda tinha a reunião mais importante pela frente. E não estava a pensar falhar.

Faye percorreu lentamente as ruas de pedras da calçada, na direcção de Blasieholmen. Apercebeu-se de que estava nervosa. A reunião com Irene Ahrnell era extremamente importante. Através da sua empresa de investimentos, a Ahrnell Invest, era proprietária de avultadas *tranches* de três dos maiores armazéns da Suécia. Para além de investir na Revenge, Irene poderia, através dos armazéns, lançar os produtos em loja. Desde o início, Faye soubera que Irene Ahrnell poderia determinar se a Revenge seria um sucesso ou apenas mais uma de milhares de apostas falhadas em produtos de cuidados para a pele e perfumes.

Era realmente um mercado louco no qual apostar. Um dos mais difíceis que existiam. Principalmente para alguém como Faye, que não tinha qualquer experiência ou plataforma dentro da área.

Apesar das reuniões com Louise Widerström Bergh e com Sophie Duval não terem corrido como Faye esperara, Irene Ahrnell tinha muito mais importância para o futuro sucesso ou falhanço de Faye. Com o apoio de Irene, tudo seria possível. Até uma internacionalização.

Faye estudara tudo o que encontrara sobre a vida de Irene Ahrnell, até saber tudo sobre ela. Tinha crescido em Gotemburgo, filha de pais ricos, formada em Yale e em Oxford. Fazia donativos avultados a organizações de mulheres e apoiava empresárias do sexo feminino. Tinha uma rede impressionante, que se estendia por toda a Europa e até aos Estados Unidos. O facto de Faye ter sequer conseguido uma reunião devia-se provavelmente à curiosidade de Irene sobre ela, depois de tudo o que fora escrito sobre o seu divórcio de Jack.

Independentemente da razão, conseguira uma reunião. Faye estava-se totalmente nas tintas para o como e o porquê. Agora só dependia dela.

A Ahrnell Invest ficava no quinto andar de um belo edifício que remontava ao início do século XIX. A vista para a água era magnífica. Faye viu-se com uma chávena de café nas mãos enquanto era levada para uma pequena sala de reuniões.

A mesa tinha seis cadeiras. Faye permaneceu de pé, insegura acerca de onde se deveria sentar. Planeara uma introdução arriscada. A questão agora era saber como Irene Ahrnell reagiria. Havia um risco de ser interpretada como pouco profissional. Não obstante, a reunião com Sophie levava Faye a perceber que não podia dar-se ao

luxo de se deixar ignorar. Era necessário introduzir o tema com fogo-de-artifício e exigir a atenção de que era merecedora. Não podia esperar pacientemente que lha oferecessem de mão beijada.

Faye sentiu o suor ao fundo das costas. E começou a fazer precisamente aquilo que não podia fazer naquele momento: hesitar e questionar. Acerca de si própria e de toda a ideia.

Irene entrou na sala. Estava vestida com um fato azul-marinho. Uma blusa de seda creme era visível por baixo do *blazer*, Faye imaginou que seria uma camisa de nó da marca *Vesna W*. Andara a namorar uma igual, mas não a podia pagar enquanto não tivesse conseguido o capital inicial. O fato *Stella McCartney* que vestia agora fora-lhe emprestado por Chris. Há uns meses, não o teria conseguido fazer passar acima dos joelhos, mas agora o fato assentava-lhe na perfeição. Nem tivera coragem de perguntar a Chris quanto aquela roupa custara.

Irene pousou uma chávena de café igual à de Faye em cima da mesa e estendeu-lhe a mão.

—Irene — apresentou-se em tom neutro. — Temos dez minutos até à minha próxima reunião.

As pernas das cadeiras rasparam no chão, e as duas mulheres sentaram-se de frente uma para a outra.

Faye inspirou profundamente para acalmar os nervos. Recordou a si mesma o porquê de ali estar. Evocou a memória do rabo de Jack a embater nas pernas de Ylva, na sua própria casa, na sua própria cama.

—Quantas vezes na sua vida já foi enganada por um homem? — perguntou Faye e obrigou-se a olhar calmamente nos olhos de Irene.

A imagem do rabo de Jack perdurava na sua mente. O batimento cardíaco acalmou. A insegurança desapareceu. O primeiro dado estava lançado.

Irene pareceu inicialmente chocada, mas recuperou rapidamente. A expressão facial passou de espantada a ofendida.

—Considero essa pergunta demasiado pessoal para responder neste contexto.

Parecia estar prestes a levantar-se da cadeira.

Faye não a largou com os olhos. Recusou-se a deixar-se intimidar pela reacção inicial de Irene. O seu objectivo era precisamente chocar, e agora não havia dúvida nenhuma de que conseguira captar a atenção da investidora. Inclinou-se para a frente e juntou as mãos em cima da mesa de conferências.

—A resposta a esta pergunta é a base de toda a minha ideia de negócio — começou Faye. — Mas primeiro: repare que não perguntei *se* já tinha sido enganada. Tomo como certo que assim foi. E porque será isso tão vergonhoso para a levar a reagir assim? Não foi a Irene que fez algo de mal.

Irene endireitou as costas e inclinou-se para a frente. Parecia divertida e ligeiramente abalada em igual medida. E parecia estar a tomar uma decisão.

—Duas vezes — murmurou.

Os seus traços afrouxaram por instantes, antes de se recompor novamente. Lá fora, na avenida Strandvägen, um carro buzina freneticamente.

Faye assentiu com a cabeça.

—E obviamente não é a única. Independentemente do estatuto social, geralmente cada mulher já foi enganada por um homem, pelo menos uma vez. E, ainda assim, somos nós que sentimos vergonha. Que nos perguntamos o que *nós* fizemos mal. Porque acha que é assim?

—Não sei. A Faye sabe?

O interesse de Irene fora sem dúvida despertado agora. A porta estava entreaberta, e agora Faye precisava apenas de a transpor. E de ser convidada a ficar.

—Pois, tenho tido várias oportunidades de pensar nisso, ultimamente — respondeu. — Porque é humilhante ser descartada e trocada. Às vezes porque os nossos maridos encontraram outra pessoa com quem queriam viver o resto das suas vidas, outras vezes por causa de uma noite rasca num quarto de hotel, durante uma conferência em Örebro. Amor, filhos, tempo e trabalho que nós investimos. Tudo isso deitado a perder, por uma noite de bebedeira numa conferência. Somos substituíveis. E eles parecem nem sentir remorsos. Ou ter a decência de sentir vergonha. Como se tivessem o direito de nos pisar. E têm uma rede invisível onde não nos deixam entrar. Onde dão vantagens uns aos outros, que não nos dão a nós. Porque nos consideram inferiores.

Irene não disse nada quando Faye fez uma pausa para respirar. Mas a sua dura expressão facial suavizara-se ligeiramente. Agora parecia curiosa.

—Alguma vez sonhou poder vingar-se de um homem que a tenha traído, pisado, maltratado? — perguntou Faye.

—Claro que sim, já todas sonhámos com isso — respondeu Irene, e a sua expressão pareceu de repente despida e vulnerável.

Faye imaginou que Irene estaria a ser invadida por memórias. daquelas com que

se tem de viver o resto da vida, como cicatrizes de guerra, mas que ficam no coração, não na pele.

—E vingou-se?

—Não.

—Porquê?

Irene reflectiu por instantes.

—Realmente não sei.

—O meu ex-marido, o Jack Adelheim, o financeiro, traiu-me durante vários anos. Com quantas mulheres nem sei. Antes do Verão, apanhei-o na cama com a directora financeira da empresa, a Ylva, na nossa cama. E esta é só uma parte da traição. Na verdade, a menor parte. Ajudei-o a construir o seu império. Posso contar-lhe a história toda noutra ocasião, a acompanhar um copo de vinho. Mas, resumindo, foi graças a mim que ele conseguiu uma grande parte de tudo o que tem hoje. E, mesmo assim, não só me traiu, como também me deixou sem nada. E sabe que mais, Irene? Eu pedi-lhe e implorei-lhe que me deixasse perdoá-lo, para que tudo pudesse voltar ao normal. Era esse o ponto terrível a que eu queria salvar a nossa família. Apesar de ele me ter roubado tudo. A carreira, a casa, a segurança, o amor-próprio. Mas, por fim, decidi que bastava.

—E agora?

—Agora vou recuperar tudo. E um pouco mais.

—Como?

Os papéis estavam trocados. Era Irene quem agora fazia as perguntas. Um sinal evidente de que estava interessada. Inclinou-se ainda mais para Faye.

—Deixando de sentir vergonha — respondeu Faye e fez deslizar o esboço de uma embalagem Revenge por cima da mesa. — E apanhando um enorme público-alvo. Com *marketing* inteligente que vai tocar num ponto que nunca ninguém tocou até agora. Publicidade personalizada, levada até ao limite. *Storytelling* em combinação com produtos de qualidade.

Irene pegou no esboço e examinou-o cuidadosamente.

—O «R» quer dizer o quê?

—Revenge.

—Estou a ver — respondeu com um sorriso irónico. — Precisa de mim para quê?

—Para distribuição e campanhas de publicidade nos armazéns dos quais é accionista. Eu trato do resto. Vou juntar o máximo possível de mulheres de sucesso

neste projecto e desenvolvi uma estratégia publicitária que não se vai parecer com nada do que foi feito até hoje. Principalmente no que diz respeito a este tipo de produto. E não lhe estou a pedir para investir como uma espécie de empreendimento ideológico. Estou a explicar-lhe o meu plano para que perceba o enorme potencial que este projecto tem. O público-alvo dos nossos produtos não são só mulheres, são mulheres que estão fartas de serem desiludidas por homens.

Os olhos de Irene brilharam. Levantou o esboço outra vez e observou-o pensativamente.

Faye permaneceu em silêncio. Deixou-a reflectir.

Havia decidido que não lhe iria oferecer nada, iria, em vez disso, esperar que Irene levantasse a questão. A quota-parte de Irene seria maior do que o um por cento que pensara oferecer às mulheres que investissem. Irene teria mais. Faye já dera cinco por cento da empresa a Kerstin. Na verdade, oferecera-lhe dez, mas Kerstin recusara.

—Quero dez por cento — disse Irene.

—Dou-lhe cinco — respondeu Faye, e sentiu o coração bater-lhe no peito.

—Sete.

—Combinado!

Teve de se esforçar para não começar a gritar e a dançar de felicidade. Em vez disso, levantou-se, e Irene fez o mesmo. Encontraram-se no meio da sala e apertaram as mãos.

Irene retirou um cartão-de-visita da mala.

—Ligue-me, seja o que for que precise. Este é o meu número directo. Não precisa de contactar a minha secretária.

Quando Faye chegou à rua, sentiu o telemóvel vibrar. Na verdade, não queria ser incomodada, queria desfrutar daquele momento, mas, quando viu que era Chris que estava a ligar, decidiu atender.

—Ela aceitou, Chris! A porra da Irene Ahrnell aceitou!

—Que maravilha! — respondeu Chris, com entusiasmo. — Então parto do princípio de que estás feliz?

—Feliz? — perguntou Faye e começou a dirigir-se para Stureplan. — Estou completamente extasiada. A Revenge vai estar disponível em todos os armazéns dela. E ela também prometeu usar os contactos internacionais se o lançamento na Suécia for bem-sucedido. Tens noção do que isto significa?

—Sim, claro que tenho. Mas celebramos isso mais tarde, agora tenho aqui duas pessoas que querem falar contigo.

—Está bem... — respondeu Faye, insegura.

—Dá-me um segundo, vou pôr-te em alta-voz.

—Olá, Faye, chamo-me Paulina Dafman — ouviu-se uma voz rouca. — Estou aqui com uma amiga minha, a Olga Niklasson. Tens uns minutos?

O coração de Faye deu um salto. Olga Niklasson e Paulina Dafman tinham, de longe, as contas de Instagram mais famosas da Suécia. Juntas, tinham três milhões de seguidores.

—Sim, claro que tenho.

—Então é assim: estamos aqui no Grand Hôtel, a beber um espumante com a Chris. Nós adoraamos a Chris! E ela contou-nos o que te aconteceu, daquele porco infiel e dos teus planos de negócio, e estamos muito interessadas nessa ideia. Achas que há alguma possibilidade de nos juntarmos e de te ajudar com isso?

—Querem participar?

—Claro que queremos! — responderam as duas em coro. — E de certeza que conseguimos trazer outras miúdas giras com contas boas. Se alguém é alguém, nós conhecemo-lo, sabes perfeitamente.

—E conhecem mesmo — acrescentou Chris. — Conhecem-me a mim, por exemplo...

Faye abafou uma gargalhada e deu um salto de felicidade quando desligou o telemóvel. Uma senhora mais velha, com um pequeno salsicha ao colo, olhou para ela, espantada. Faye fez-lhe um sorriso rasgado, e a senhora apressou-se a seguir caminho.

Faye parou por um instante, viu o seu reflexo na montra da loja Svenskt Tenn e soube que estava a olhar para uma vencedora.

TERCEIRA PARTE

Uma ventoinha zumbia demasiado alto, algures, o que depreciava um pouco a sensação luxuosa que o escritório de advogados tentava transmitir.

Jack exigira vê-la, enquanto estava em prisão preventiva. A advogada de Faye bufou de indignação e abanou a cabeça quando lhe contou.

—Não percebo como ele tem estômago para pedir para a ver. Estará mesmo convencido de que iria aceitar? Depois do que fez?

Faye não respondeu. Mexeu lentamente com a colher na chávena, ali sentada na sala de reuniões. Observou, como que hipnotizada, os remoinhos no chá vermelho, o turbilhão cujo centro parecia devorar tudo.

A advogada pôs uma mão pesarosa no ombro de Faye.

—O ministério público vai pedir prisão perpétua. Não há qualquer risco de ser condenado a menos que isso, tendo em conta as provas. Depois do julgamento, nunca mais vai ter de o ver outra vez.

—Mas vai ser possível provar alguma coisa? Sem o...? A voz de Faye tremeu. — Sem o corpo dela?

—Existem provas suficientes na mesma. E depois temos os maus-tratos contra si. Acredite em mim. Ele não vai ter liberdade durante muito tempo.

Faye parou de mexer no chá. Pousou a colher num guardanapo branco e levou cuidadosamente a chávena à boca. A bebida queimou-lhe a língua, mas a dor deu-lhe prazer. Ultimamente era sua amiga. A dor vivia nas águas turvas onde guardava todos os seus segredos.

Ingrid Hansson, a repórter do jornal de negócios *Dagens Industri*, remexia numa salada César. Faye contentou-se com um chá verde. O dictafone estava colocado entre as duas, com a luz de gravação acesa.

—Tem sido realmente uma viagem impressionante, a sua e a da Revenge — disse Ingrid Hansson. — Depois do divórcio de Jack Adelheim, passou de dona de casa a directora-geral, e proprietária, de uma empresa com um volume de negócios estimado para este ano em mil milhões e meio de coroas. Qual é o segredo?

Faye levou a chávena à boca e bebeu um pouco do chá.

—Trabalho árduo, diria eu. E investidoras competentes e empenhadas.

—Mas então tudo começou com o divórcio?

Faye assentiu com a cabeça.

—Quando eu e o Jack nos separámos, não sabia bem o que fazer da minha vida. Comecei um serviço de passeio de cães com que me ocupava durante o dia. À noite, delineava o meu plano de negócios.

—Foi um divórcio feio, tendo em conta o nome? Revenge, quero dizer?

A pergunta foi colocada com neutralidade, mas Faye pressentiu que era uma armadilha. Já conhecia o jogo dos *media*, por esta altura. Os piores eram os jornalistas que fingiam ser amigalhões, que tentavam jogar com a simpatia. Que, depois de desligarem os gravadores, faziam questão de ficar mais um pouco a falar *off the record*.

No mundo dos *media* não havia nada que fosse realmente *off the record* ou «mas isto não pode publicar». Eram implacáveis. Contudo, Faye sabia como tirar partido da situação. Cruzou as pernas e colocou as mãos uma sobre a outra, por cima dos joelhos. Agora já tinha dinheiro para financiar o seu próprio guarda-roupa exclusivo, que, para ela, era um uniforme, uma armadura. Com as suas roupas, passava uma imagem de poder e sucesso. Hoje escolhera um *blazer* da marca *Isabel Marant* e uma saia *Chanel*. A blusa, no entanto, era uma pechincha da *Zara*. Faye gostava de misturar e de não se vestir exclusivamente com roupa de *designers* caros, da cabeça aos pés.

—Feio, não. Mas difícil, sim. Tal como todos os divórcios.

—Como descreveria a vossa relação hoje?

—Temos uma filha em comum e partilhámos mais de dez anos das nossas vidas. E, agora que a Compare vai entrar na Bolsa, provavelmente vou comprar algumas acções.

—Ah, sim?

—Sim, estive muito envolvida na fase inicial da Compare. Claro que agora também quero apoiar a empresa.

Ingrid Hansson limpou a boca.

—O nome «Revenge» não tem nada a ver com o divórcio, então? — perguntou.

—Tenho ouvido muitos rumores sobre como vendeu a ideia às investidoras.

Faye riu-se.

—Todos os produtos de sucesso têm uma boa história por detrás. Estórias que ganham asas e se espalham à velocidade do vento, através da Internet e das redes sociais. Não posso dizer exactamente que tenha sido uma desvantagem. É simplesmente um negócio inteligente, encontrar um denominador comum que muitas mulheres partilham.

Ingrid assentiu com a cabeça e mudou de assunto para os indicadores de desempenho, o último relatório e contas, a expansão internacional e os prestigiados prémios de publicidade atribuídos à Revenge, pelas suas campanhas de *marketing*. Fez depois umas quantas perguntas sobre os investimentos privados de Faye, sobretudo na área do imobiliário, que tinham contribuído fortemente para o aumento da sua fortuna. Faye partilhava informação e conselhos de bom grado. Não tinha nada a esconder. Pelo menos nada no que dizia respeito às suas economias.

Meia hora mais tarde, a entrevista terminou. Ingrid Hansson deixou o escritório de Faye, no charmoso edifício histórico da rua Birger Jarlsgatan. Faye permaneceu encostada à parede, junto à janela, a observar pensativamente a jornalista, e permitiu-se desfrutar de uns raros minutos de pausa.

Quando as rodas da engrenagem realmente começaram a girar, tudo atingira uma velocidade vertiginosa. Os três anos passados desde o divórcio haviam suplantado todas as expectativas. A Revenge era um sucesso desmesurado. Ainda maior do que Faye alguma vez sonhara. Tinha subestimado o impacto que as suas ideias publicitárias e produtos iriam ter. As mulheres tinham adorado o ângulo de abordagem, e, logo passados seis meses, fora contactada por grandes armazéns em França e no Reino Unido, com pedidos de licenças para poderem vender os seus

produtos. Nos Estados Unidos, tinham acabado de assinar um contrato com um dos maiores revendedores.

O grande avanço para a marca fora dado graças ao Instagram. A influência de Paulina Dafman, Olga Niklasson e as suas amigas *influencers* sobre uma nova e jovem geração de mulheres mostrara-se maior, e mais poderosa, do que Faye ousara esperar. Para centenas de milhares de mulheres pela Suécia fora, elas eram o novo ideal. As Sophia Lorens, as Marilyn Monroes e as Elizabeth Taylors do século XXI. Tudo o que usavam as outras mulheres queriam usar. Tudo o que compravam as outras mulheres queriam comprar. Como embaixadoras da Revenge, tinham escrito textos inspiradores sobre *girl power* e feito publicidade aos produtos, que iam ao encontro dos ventos feministas que sopravam na Suécia. A Revenge não poderia ter aparecido numa altura mais certa.

Em momentos de cinismo, Faye perguntava-se calmamente onde estava a mensagem feminista nas fotografias de modelos magras, em biquíni, com o rabo supertonificado virado para a lente da câmara, e nos anúncios a chás de emagrecimento. Mas Chris frisara taxativamente que, às vezes, era necessário aceitar o feminismo disponível e que o caminho não podia ser sempre a direito. Além disso, a Internet estava repleta de *influencers* masculinos, que tiravam fotografias em tronco nu e faziam publicidade a proteínas em pó. Então onde estava realmente a diferença?

A loja virtual que Faye lançara, com um fórum próprio onde as mulheres podiam partilhar as suas histórias sobre como se tinham vingado dos seus companheiros, tivera dificuldade em manter-se a par da procura. E o fórum transbordava de testemunhos. Todos os dias jorravam novas histórias, a coisa parecia não ter fim. Outra ferramenta que se mostrara determinante fora o Facebook. Tinham tido a possibilidade de dirigir os seus anúncios exactamente ao público-alvo que queriam alcançar: mulheres conscientes e altamente qualificadas. Clientes que também tinham um elevado poder de compra, o que fazia que pudessem cobrar um valor mais elevado e obter uma margem de lucro maior, em cada produto vendido.

Inicialmente, todas as vendas haviam sido feitas através da Internet. Quando chegara a hora de os armazéns de Irene Ahrnell introduzirem a Revenge no seu leque de produtos, Faye compreendeu que precisaria de algo extraordinário para manter o burburinho e a mística criados *online*. Entrou em contacto com uma dezena de mulheres artistas, escritoras e actrizes e pediu-lhes que desenhassem uma

embalagem cada uma. Com total liberdade artística. Apoiadas por uma enorme campanha nas redes sociais. E tudo lançado sob o mágico conceito de «edição limitada».

Jovens mulheres faziam fila à porta dos grandes armazéns para conseguirem o produto Revenge, que continha a mensagem implícita sobre irmandade dos seus ídolos. Alcançaram subitamente novos públicos-alvo. Dentro do seu pequeno e limitado fórum tinham criado um sentimento de revolução.

Kerstin aclarou a garganta à porta.

—Hoje vais buscar a Julianne às quatro.

—Tenho alguma reunião antes disso?

—Não, tinhas pedido que mantivesse a tarde livre.

—Pois foi. Obrigada.

—Então encontramo-nos mais tarde, em casa — disse Kerstin e fechou a porta.

Parecia ligeiramente mais tensa hoje, e Faye perguntou-se porquê. Depois lembrou-se de que Kerstin fora visitar Ragnar, à hora de almoço. Ficava sempre pouco à vontade nos dias em que o ia visitar. Quando Faye lhe perguntara por que motivo continuava a lá ir, Kerstin respondera:

—Sou, apesar de tudo, mulher dele. Vou lá só para que o pessoal não me telefone a chatear. Além disso, dá-me alguma satisfação vê-lo ali deitado. Desamparado. Mas fantasio sempre um dia simplesmente pôr-lhe uma almofada em cima da cara, até ele deixar de respirar.

Faye voltou a olhar pela janela. Lá fora, o trânsito fluía. Não faltava muito tempo para chegar a Outubro, quando a Compare seria cotada em Bolsa, depois de anos de especulações. No seguimento disso, a próxima fase do plano poderia ser lançada. Depois de vários anos de trabalho árduo, tudo dependia de como Faye gerisse os tempos mais próximos. Pegou na mala, onde tinha um computador portátil acabado de comprar, e saiu do escritório. Nas galerias Sturegallerian, encontrou um café onde a maior parte da clientela era composta por estudantes a faltarem às aulas, dos liceus da classe alta das redondezas.

Escutou distraidamente o falatório à sua volta. Eram conversas sobre que mala da *Gucci* queriam como presente de aniversário, alguém a queixar-se de ser obrigado a ir com os pais às Maldivas durante as férias de Natal, porque «não há naaaaaada para fazer lá». Faye pediu um café a uma empregada indiferente, sentou-se a uma mesa num canto, abriu o computador e ligou-se à rede aberta do café. Jack tinha a mesma

palavra-passe desde que Julianne nascera. Durante os anos que tinham passado juntos, não a alterara mais de duas vezes. Além disso, era nostálgico.

Pelo menos, sempre fora.

Os primeiros documentos da Compare estavam guardados como ficheiros PDF no seu endereço de Gmail. Mas, para Faye conseguir entrar, precisava de que a palavra-passe continuasse a ser a mesma que ele utilizara para o computador: *Julienne2010*. Faye levou a chávena branca de café aos lábios e bebeu um gole. A mão tremia-lhe. Tudo o que fizera nos últimos três anos levava-a àquele momento. Tudo dependia de Jack continuar a ser uma pessoa de hábitos e demasiado preguiçoso para alterar uma palavra-passe.

Faye escreveu a combinação de letras e números no campo respectivo e carregou no *enter*.

Palavra-passe inválida.

Tentou novamente.

Palavra-passe inválida.

Abafou um grito de frustração. O cabrão tinha acabado por mudar. Fechou violentamente a tampa do computador e saiu do café.

O que faria agora? Tinha de conseguir acesso ao *e-mail* dele.

Dez minutos mais tarde, estava de regresso ao escritório. No momento exacto em que transpôs a porta do prédio, começaram a cair as primeiras gotas de chuva. Kerstin olhou para ela, expectante.

Faye abanou a cabeça.

—Diz ao Nima para vir ter comigo — disse a Kerstin e apressou-se em direcção ao seu gabinete.

Nima, um rapaz magro como um espeto, de pele pálida e braços peludos, era o técnico informático da Revenge. Incompetente socialmente, mas absolutamente brilhante em tudo o que dizia respeito a IT.

Faye despiu o casaco e esperou atrás da sua secretária.

Alguns minutos mais tarde, Nima apareceu à porta.

—Precisavas de ajuda? — perguntou a Faye.

Faye sorriu-lhe.

—Entra — disse-lhe e fez um gesto com a mão para a cadeira das visitas.

Nima sentou-se. Apertou as mãos num gesto de nervosismo.

—Há algum problema?

—Não, de todo — respondeu Faye e sorriu-lhe amigavelmente. — Pelo contrário. Preciso da tua ajuda com uma coisa. É um bocado embaraçoso.

—Sim?

—É a Julienne, a minha filha. Ela tem um computador, e eu estou um bocado preocupada com a possibilidade de ela andar a ver *sites* menos apropriados. Quero controlar o que anda a fazer. Sou uma verdadeira mãe-galinha, preocupo-me com tudo.

Nima assentiu com a cabeça.

—Compreendo.

—Posso fazer alguma coisa?

—De que tipo de informação precisas?

—Da *password* dela para o Facebook e coisas assim. É uma preocupação constante, as crianças podem falar com qualquer pessoa e são tão ingénuas...

Nima franziu a testa por alguns segundos.

—Isso é fácil conseguir. Sugiro que instales um *keylogger* no computador dela. Assim consegues ver tudo, sem sequer precisar de entrar nas redes sociais dela.

—E como funciona...?

—*Keylogger*. É assim: tens de o activar no computador dela. Depois podes, quando quiseses, fazer *download* de um ficheiro de texto normal, com tudo o que ela escreveu no teclado. Todo o que é digitado no teclado fica simplesmente registado. Assim nem precisas de entrar no Facebook dela ou no Snapchat.

—E não há maneira de ela descobrir isso?

—Não, se for escondido entre outros ficheiros. Fica oculto no *background*. E grava tudo em segredo.

—Ótimo. E como faço para arranjar um desses *keyloggers*?

—Dá-me um segundo — respondeu Nima e levantou-se.

Regressou rapidamente com uma *pen* USB preta.

Faye desviou a sua cadeira para o lado, Nima inseriu a chave numa das saídas USB do computador e mostrou-lhe como se devia instalar.

—Eu também tenho filhos, por isso sei exactamente como é — disse-lhe.

Faye olhou para ele, surpreendida. Nem sequer pensara que ele tivesse uma namorada.

—Não sabia.

—A Astrid. Tem dez anos e está sempre na *net*. Claro que, como pais, nos preocupamos.

—Devias ser muito novo quando a tiveste.

—Tinha vinte. E foi planeado, por incrível que pareça. Fui sempre precoce para a minha idade.

—E ainda estás com a tua...?

—Johanna — o seu rosto iluminou-se quando disse o nome. — Sim, claro, somos casados.

Faye levantou as sobrancelhas. As pessoas não paravam de a surpreender.

O dinheiro muda as pessoas. Nos tempos em que Faye ainda era a senhora Adelheim, os pais das outras crianças telefonavam-lhe praticamente todos os fins-de-semana para convidar Julienne para festas de aniversário ou tardes de brincadeiras. Esforçavam-se tanto que quase faziam nas calças para que soasse como se fossem os seus filhos que queriam encontrar-se com Julienne. A verdade era que queriam aproximar-se de Faye e de Jack. Ou de Jack, para sermos rigorosos. Ela era mais um apêndice, um meio para chegar a um homem de sucesso.

Através de Julienne, queriam ser convidados para jantares, espelhar-se na sua luxúria, na esperança de que uma parte do sucesso fosse contagiosa.

Depois do divórcio, pararam os contactos. O telefone deixou de tocar. Aos seus olhos, Enskede e os outros subúrbios de Estocolmo eram a mesma coisa que Mogadíscio ou Bagdade. Não havia um único pai de Lidingö que quisesse mandar para lá o seu filho, não sem guarda-costas e vacinação internacional. Em vez disso, tinham telefonado a Jack. E ele, por sua vez, delegara as chamadas em Ylva, que passara a dedicar grande parte do seu tempo a coordenar festas de aniversário e tardes de brincadeiras, durante os fins-de-semana que tinham Julienne, o que não acontecia mais de uma vez por mês.

Nada podia ter sido mais diferente depois do sucesso de Faye com a Revenge.

Julienne começara na escola Östermalmskolan. Jack quisera inscrevê-la na escola privada Carlssons, onde as crianças da família real tinham andado, ou na escola do palácio Fredrikhov, onde havia rumores de que o jogador de futebol Zlatan Ibrahimovic planeava inscrever os filhos, mas Faye recusara-se. Não queria que Julienne se transformasse numa adolescente que passava o tempo em cafés a queixar-se em voz alta sobre férias de luxo.

Claro que não havia muitos casos de apoio social na escola Östermalmskolan, mas havia pelo menos algumas crianças que não tomavam como certo passar os Verões em Marbella ou Nova Iorque, as férias de Natal nas Maldivas e a semana do Carnaval em *chalets* em Verbier ou Chamonix.

E Julienne prosperava. Faye era o seu Sol, e Kerstin a sua Lua. Os fins-de-semana com Jack alegravam-na com antecedência, mas estava sempre desiludida quando voltava para casa. Como sempre, Jack prometia geralmente mais do que aquilo que

conseguia cumprir.

Faye estacionou o carro na rua Banérgatan. Julienne estava à sua espera num banco junto ao elevador, com a cara mergulhada num *iPad*. Faye sentou-se ao seu lado sem que a filha reparasse em nada. Apenas quando Faye lhe deu uma cotovelada leve Julienne olhou para cima.

Julienne riu-se e abraçou Faye.

—A que estás a jogar?

—Pokémon — respondeu Julienne e guardou o *iPad* na mochila.

Faye deu-lhe a mão.

—Divertiste-te hoje? — perguntou-lhe quando se dirigiram para o carro.

—Sim.

—Sabes que vais para o pai este fim-de-semana?

—Hum.

Faye abriu a porta do carro para Julienne entrar e apertou o cinto à sua volta.

—Vai ser divertido, não vai?

—Bastante.

—Não gostas de estar lá?

—Às vezes. Eles discutem muito, e não tem graça. E o pai está quase sempre fora a trabalhar.

—Os adultos às vezes discutem, Julienne. Eu e o pai também discutíamos, mas não tem nada a ver contigo. Mas eu percebo que seja desagradável ouvir. E é por ti que o pai trabalha tanto.

Acariciou a cara de Julienne.

—Queres que eu fale com o pai?

Julienne abanou a cabeça veementemente.

—O pai ia ficar zangado.

—Porque havia de ficar zangado? — perguntou Faye e abraçou-a.

—Oh, não é nada, deixa — respondeu Julienne, em voz baixa.

—Tens a certeza?

Julienne assentiu com a cabeça contra o seu peito.

Quando Faye abriu a porta do apartamento, Julienne entrou a correr à sua frente e foi directa à cozinha.

As quatro assoalhadas de cento e setenta metros quadrados em Karlavägen, em

frente ao supermercado Ica Esplanad, tinham custado quinze milhões de coroas. Mas eram só dela. Dela e de Julienne.

—Já estamos em casa, Kerstin! — gritou Julienne, e Faye seguiu-a para a cozinha.

—Olá, minha querida menina — respondeu Kerstin e levantou Julienne nos braços.

Faye sorriu. Ajudara Kerstin a comprar o apartamento do lado e jantavam juntas quase todas as noites. Se Faye tivesse de trabalhar, Kerstin tomava conta de Julienne com toda a satisfação. Já não havia amas na sua vida e na de Julienne.

Kerstin mimava Julienne até não poder mais. Na verdade, Faye não gostava muito disso, mas não tinha coragem para dizer alguma coisa. Kerstin era o seu centro e a sua âncora.

Enquanto Faye ligou o fervedor de água e arrumou a loiça na máquina, Julienne correu para a sala de estar.

—O que correu mal? — sussurrou Kerstin.

—Ele alterou a palavra-passe. Já arranjei outra maneira, mas pode levar mais tempo do que tinha esperado.

Ouviram a televisão ligar-se na sala.

—Só há um problema — continuou Faye.

—Que é...?

—Vou ter de pedir ajuda à...

Fez um gesto com a cabeça na direcção do som da televisão.

Kerstin arregalou os olhos.

—Não disseste nada sobre...?

—Claro que não. Ela não vai estar envolvida, pelo menos não conscientemente.

—Sabes uma coisa Faye, eu não tenho nada contra a maior parte das coisas que tu fazes, apoio-te e admiro-te, mas não estou a gostar disto.

—Eu também não — disse Faye. — Mas não tenho outra maneira de chegar ao computador dele.

O fervedor de água desligou-se. Faye pegou em duas chávenas e colocou-as em cima da mesa.

—Não há garantias de nada nisto — disse, baixinho. — Nem sei se os documentos ainda existem. Mas é a nossa melhor hipótese. O mais importante é não começar a sentir desespero e cometer algum erro que possa remontar a mim.

—A nós — corrigiu Kerstin e soprou para o chá. — Estamos as duas metidas

nisto. Eu apoio-te em tudo, mas continuo a não gostar.

Faye assentiu com a cabeça em resposta. Ela própria sentia um desconforto enorme por ter de usar Julianne. Não obstante, não tinha outra escolha.

Estavam deitadas na cama de Julianne a ler *Os Irmãos Coração de Leão*, de Astrid Lindgren, em voz alta. Da cozinha, ouvia-se o zumbido da máquina de lavar a loiça.

Antes de se irem deitar, Faye mostrara a *pen* USB a Julianne.

— Amor, tenho de te pedir ajuda com uma coisa — dissera-lhe quando ainda estavam à mesa da cozinha. — Estou a preparar uma surpresa para o papá.

— Qual surpresa?

Faye mostrara-lhe a *pen* USB.

— Isso ainda não posso contar, mas sabes como o pai costuma deixar o computador que está no escritório ligado, quando vai ver as notícias? Quero que ponhas isto no computador. E depois, quando o tiveres feito, quero que carregues neste botão.

Apontou para lhe explicar.

— E é só isso, na verdade. Depois podes tirar outra vez.

— E porque não posso dizer nada ao papá? Ele disse que não devíamos ter segredos um com o outro. Só temos segredos contigo.

Faye franzira as sobrancelhas ao ouvir as palavras da filha. O que queria ela dizer com aquilo?

— Porque se não a surpresa estraga-se — respondera-lhe. — E depois, quando tiveres feito isto e eu te for buscar, vou ter uma surpresa para ti!

— O quê?

— Uma coisa que tu queres há muito tempo.

— Um telemóvel?

— Tu não és nada parva. Sim, um telemóvel só para ti! Para não teres de andar sempre a usar o meu.

— E quando me vais dar?

— No domingo. No domingo ele vai estar aqui à tua espera, se me ajudares.

Faye sentira-se miserável. Mas não havia nada a fazer. Tinha de conseguir aqueles ficheiros, fosse de que maneira fosse.

Agora Julianne adormecera ao seu lado, e Faye colocou o livro na mesa-de-

cabeceira, antes de beijar a testa húmida da filha. O seu rosto tinha uma expressão pacífica a dormir, mas, nos últimos tempos, mudara um pouco. Estava mais recatada, mais calada. Faye sentiu a preocupação a crescer dentro de si e não conseguia evitar pensar que segredos a sua filha e Jack partilhavam. Provavelmente seria algo tão trivial como terem deixado Julianne comer gelado ao pequeno-almoço. Mas e se fosse alguma coisa importante que escondiam dela?

Faye estava deitada de costas na sua própria cama. Depois da operação ao peito ainda tinha dificuldade em dormir de barriga para baixo. O ar no quarto estava pesado. Levantou-se, vestiu o roupão e abriu a porta da varanda. O ar fresco de Outono refrescou-lhe a pele. Acendeu um cigarro e afundou-se no sofá de verga. De vez em quando, passava um carro na rua Karlavägen, mas, fora isso, Estocolmo dormia.

Tinham-se passado três anos. Três fantásticos, trabalhosos, felizes anos. Quando se dava ao luxo de parar e reflectir sobre tudo o que acontecera, sentia-se sempre atordoada.

Tinha construído uma empresa de sucesso, feito investimentos inteligentes, comprado um apartamento para si e Julianne, um outro para Kerstin, e conseguido tudo. No entanto, e absurdamente, por vezes perguntava a si própria se não continuaria a sentir falta de Jack. Ou, pelo menos, da ideia de Jack.

Seria por isso que a raiva nunca desaparecia? Seria essa a razão pela qual continuava a seguir o plano que desenvolvera há três anos? Claro que tivera outros homens durante esse período, mas antes de Jack ser obliterado não tinha coragem de se aventurar em nada mais sério. Não podia perder a concentração. O objectivo final era o mais importante de tudo.

Por vezes, perguntava-se se deveria contentar-se. Na verdade, já tinha tudo agora. Reconquistara o sucesso. O dinheiro. O estatuto social. Julianne. Não obstante, algures dentro de si, sabia que isso não era suficiente. Ele roubara-lhe muito mais do que isso. Pisara-a até ela quase não conseguir levantar-se novamente. Não lho podia perdoar.

E o seu ódio fora ainda mais alimentado por todas as histórias de mulheres que ouvira durante aqueles anos. Costumava começar cada dia por entrar no fórum da loja virtual, e na conta de Instagram da Revenge, e ler os novos testemunhos. Havia tanta necessidade de justiça por aí fora, de recuperar uma dignidade perdida, de

retaliar, de vingança.

Havia algo de primitivo nessa necessidade. Já no antigo testamento se falava de vingança. Olho por olho, dente por dente. Passar por cima da justiça. Faye já não era impulsionada apenas pela sua própria raiva, essa apenas se fortalecia pelas vozes de milhares e milhares de mulheres. Ela acordara algo que estivera dormente demasiado tempo.

A raiva delas era a sua. E a sua raiva era a delas também.

Faye soprou um pouco de cinza que caíra no roupão, esticou-se para o seu telemóvel e ligou o Spotify. Pôs a tocar a canção «Alice», do grupo Eldkvarn, em baixo volume.

A mãe sempre adorara o grupo Eldkvarn. Quantas vezes não lhe contara sobre a primeira vez que os vira ao vivo e apanhara a palheta de Plura Jonsson? Fora antes de conhecer o pai. Depois disso, a música silenciara-se para ela.

A música e o cigarro atiraram Faye para uma viagem de trinta anos. Até à infância, até Fjällbacka, de volta à pequena casa onde tinham vivido. Ela, Sebastian, a mãe e o pai.

Colocara o correio do dia na pequena mesa à sua frente. No topo do monte, estava mais uma carta do pai. Todas as pessoas que em tempos conhecera tinham desaparecido. Restava apenas o pai. Reconhecera-a quando os jornais tinham começado a escrever sobre a Revenge. E as cartas tinham começado a chegar outra vez, depois de muitos anos de interrupção. De início, uma por semana. Depois duas. Depois três. Faye nunca as abria.

Pedira à sua advogada para acompanhar cuidadosamente a parte judicial. Ele não podia sair agora. Faye sabia como as coisas funcionavam na Suécia, não havia pena de prisão perpétua literal. Nem para o seu pai. Mais cedo ou mais tarde, acabaria por ser libertado. Mas não podia ser agora. Decididamente, não agora. Primeiro, Faye tinha de ter tempo para fazer aquilo que planeava.

Pegou na carta e encostou o cigarro ao canto do envelope. A sensação de alívio quando o papel começou a arder era indescritível.

Fjällbacka — naquele tempo

O barulho do mar do lado de fora da janela não conseguia abafar os sons da cozinha. As vozes que ficavam cada vez mais altas. A do pai cheia de raiva, a da mãe de súplica. Ainda na esperança de conseguir impedir o inevitável. A culpa de estarem a discutir era minha. Tinha-me esquecido de arrumar as coisas depois do lanche que comi quando cheguei da escola. Como me fui esquecer disso? Sabia perfeitamente que o pai não permitia que ficassem coisas em cima da mesa. Menos ainda quando fora ele a comer. Ele nunca arrumava nada, mas nós tínhamos sempre de confirmar que ficava tudo arrumado, limpo, clínico. Eu, a mãe e o Sebastian.

Como sempre, a mãe assumiu as culpas. Eu adorava-a por isso. E desejava com toda a força poder ficar maior, mais alta e mais forte, para que ela não tivesse de ser castigada por uma coisa que eu fiz. Mas, por enquanto, ainda era demasiado pequena, ele não tinha coragem de me castigar. Às vezes ele apertava os punhos quando eu fazia alguma coisa de mal, mas tinha medo de partir os meus ossos frágeis, de me bater com tanta força que ninguém me conseguisse salvar. Por isso, tinha de se contentar com a mãe. Ela aguentava mais.

A primeira vez que me apercebi de que toda a gente tinha medo do pai foi quando tinha cinco anos e ele me deixou ir com ele ao supermercado. Tinha comprado o costume: alguns maços de cigarros, uma tablete de chocolate e o jornal *Expressen*. Nem eu nem o Sebastian podíamos comer um bocadinho de chocolate.

Quando chegámos à caixa, um homem passou à frente do pai na fila. Mesmo antes de o pai chegar à banda, o homem atirou com as coisas dele lá para cima. Via-se pela roupa que era alguém que estava de férias de Verão. O olhar horrorizado da senhora da caixa abalou-me. O seu medo da raiva do pai.

O pai não aceitava que nenhum maldito banheiro, como lhes costumava chamar, lhe passasse à frente. Mais tarde descobri que o homem fora parar ao hospital com duas costelas partidas. O livro de Matemática à minha frente estava aberto na mesma página desde que se ouviu o primeiro golpe na cozinha. Divisão. Simples, na verdade. Eu era boa com números. Mas, quando os golpes começavam, eu largava a

caneta e tapava os ouvidos com as mãos.

Uma mão no meu ombro assustou-me. Ignorei o Sebastian. Continuei a tapar os ouvidos com as mãos. Pelo canto do olho, vi-o sentar-se na minha cama. Encostou-se à parede de olhos fechados, a tentar, tal como eu, abstrair-se de tudo.

Fiquei na minha bolha. E não tinha lá espaço para mais ninguém.

Faye encontrou-se com Chris no Grand Hôtel, para jantarem e beberem uns copos. Na verdade, não estava com muita vontade, só queria que o fim-de-semana chegasse ao fim para poder saber se Julianne tinha conseguido. Não obstante, percebeu que o melhor era ir sair com Chris, embebedar-se, engatar ou ser engatada por alguém, a ficar em casa a trepar pelas paredes. O chefe de sala preparara-lhes uma mesa na varanda, com vista para a água e para o palácio real. Os sussurros propagavam-se pelo local. Ao piano do bar, do outro lado da sala, uma bela voz feminina cantava «Heal the World».

Chris pediu um hambúrguer, enquanto Faye foi para uma salada César. Ao mesmo tempo que lhes serviram os *mojitos*, duas raparigas à volta dos vinte e cinco anos aproximaram-se da sua mesa e perguntaram a Faye se podiam tirar uma fotografia com ela.

—Nós adoramos-te! — guincharam, exaltadas, antes de se irem embora. — És uma inspiração do caracas!

—Acho que da próxima vez temos de reservar uma *chambre séparée*, para poder conversar contigo em paz — disse Chris, divertida, e remexeu o *mojito* com o palito da bebida.

—Tu também não és propriamente desconhecida — respondeu Faye.

Chris sorriu de lado.

—Como estão as tuas mamãs?

—Desconfortáveis — respondeu Faye, sucintamente.

Na verdade, estava plenamente satisfeita com o seu peito natural, mas fazia o que era preciso fazer. O seu corpo era uma das ferramentas para atingir o objectivo.

—Já as experimentaste numa situação real?

Faye levantou uma sobrancelha.

—Com um homem!

—Não, ainda não.

—Então vê lá se as levas a dar uma volta. Faz bem à alma — Chris deu uma vista de olhos pela sala. — Mas claro que aqui vai ser difícil. A maior parte dos homens que aqui estão não deve ter tesão natural desde a queda do Muro de Berlim.

Faye riu-se e observou a clientela. Chris tinha razão. Muito dinheiro, pouco

cabelo, compras de grandes volumes de comprimidos azuis — era a melhor descrição daquele cenário.

Chris inclinou-se para a frente.

—E como estamos em relação ao Jack? Não falta muito tempo para a cotação na Bolsa.

—Depois de um pequeno percalço, acho que estamos no caminho certo — respondeu e explicou a Chris o que era um *keylogger*. — Mas já chega de falar de mim. O que se passa na tua vida agora?

Chris bebeu um pouco do seu *mojito* e estalou ligeiramente os lábios.

—Há uns meses pensei seriamente em reformar-me e ir viver para um sítio quente. O grupo Queen é auto-sustentável, e eu não preciso propriamente de mais dinheiro. Mas depois tive uma ideia ainda melhor.

—Ah, sim?

—Sim — respondeu Chris, sem olhar Faye nos olhos.

—E vais contar-me o que é ou tenho de te arrancar a informação à força?

—Estou, por ridículo que pareça, apaixonada. Completamente, impetuosamente e loucamente arrebatada.

Faye quase se engasgou com uma folha de hortelã. Tossiu para se controlar.

—Apaixonada?! — repetiu estupidamente. — Por quem?

—Não vais acreditar. Chama-se Johan e é professor de Sueco num liceu.

—Parece-me muito... normal — disse Faye, que estivera à espera de ouvir sobre um participante do programa *Paradise Hotel*, com bíceps inchados e cheios de tatuagens e que ainda tinha direito a desconto jovem nos transportes.

—É exactamente isso que é estranho — suspirou Chris.

—Onde se conheceram?

—Ele veio ao nosso salão da Sturegallerian com a sobrinha. Até tinha um daqueles *blazers* ridículos com remendos nos cotovelos. Quando a sobrinha se sentou na cadeira de corte, disse que queria fazer uma crista. E eu fiquei curiosa. Como iria ele reagir? Mas limitou-se a assentir com a cabeça e disse: «Também seria a minha escolha. Vai ficar fixe.»

Chris calou-se e olhou pela janela.

—Pena que o cabrão esteja ocupado, pensei eu, porque presumi que a miúda era filha dele. Mas fiquei pelo salão, só para poder falar com ele. E, quando ele foi pagar, ela perguntou quando é que o pai ia buscá-la. Então fiquei mesmo desanimada.

Pensei que fosse *gay*.

—Mas...?

—Mas quem veio buscar a miúda à porta do salão foi um homem careca, que ficou vermelho como um tomate quando viu o penteado da filha. Depois, cada um foi para seu lado, e eu... olha, merda, mais vale contar-te tudo de uma vez. Cancelei todas as minhas reuniões e segui-o.

—Seguiste-o? Tipo *stalker*?

Faye, divertida, olhou fixamente para a amiga. Isto era de loucos, mesmo para o nível de Chris.

—Sim, assim ligeiramente.

—O que é «ligeiramente»?

—Até Farsta.

—Mas tu não saís do centro da cidade desde...

—Desde o ano de graça de 2006, eu sei. Mas pronto. No centro de Farsta ele lá se virou para mim. Eu não sou propriamente um James Bond, por isso ele já tinha reparado que eu ia atrás dele desde Stureplan.

—E disse o quê?

—Que se sentia lisonjeado pela atenção e que partia do princípio de que eu teria sede depois de toda a perseguição. Confessei que sim, e ele perguntou-me se me podia convidar para um café.

—Meu Deus, Chris! Estou tão contente por ti!

Chris não foi capaz de esconder um sorriso.

—Eu também.

—E depois?

—Depois ofereceu-me um café, e eu fiquei perdidamente apaixonada. Fomos para casa dele e ficámos lá dois dias!

Chris riu-se, e Faye sentiu um calor de bem-estar na barriga.

—E agora?

—Agora continuo perdidamente apaixonada. É ele, Faye, o homem de quem estive à espera a vida toda.

Por uma fracção de segundo, o sorriso de Chris transformou-se num esgar. Alguém que não a conhecesse há tanto tempo como Faye nem teria reparado na alteração.

Algo estava errado.

—Chris, o que foi?

—O que queres dizer com isso? — perguntou e pareceu despreocupada.

—Eu conheço-te. O que se passa?

Chris levantou o copo e bebeu um pouco. Depois pousou-o novamente e olhou para Faye.

—Tenho cancro — respondeu-lhe com a voz rouca.

O tempo parou, os sons à sua volta desapareceram, os contornos ficaram desfocados, os cantos afiados ficaram arredondados.

A voz de Chris soava abafada e desconhecida.

Faye não conseguia processar a informação. A sua alegre e enérgica Chris não podia ter cancro. Mas tinha. Um tipo raro e agressivo de cancro do colo do útero. O que Chris salientou como uma ironia, tendo em conta o pouco uso que dera ao útero. Em torno delas, ouviam-se os copos a tinir. A enseada de Estocolmo estava ensolarada e brilhante como um espelho à sua frente, e o palácio real surgia do outro lado da água, a parecer-se, como de costume, mais com uma prisão medieval do que com um palácio de contos de fadas. Estava um dia de Outono excepcionalmente bonito, o que atraía os habitantes de Estocolmo em hordas para a rua. Nas mesas ao lado, as pessoas continuavam a comer canapés servidos de travessas de prata com berloques de ouro ruidosos, e Faye perguntou-se como podiam continuar a rir quando o seu próprio mundo acabava de implodir.

—Na verdade, não tinha pensado contar-te nada até estar curada. Mas pronto, é o que é.

Chris encolheu os ombros. Se os médicos não conseguissem travar o cancro, não sobreviveria. Faye procurou sinais de que Chris estava a brincar com ela, esperou por uma das suas típicas gargalhadas demasiado altas e dissipadoras. Que nunca chegou.

—Temos de sair daqui — disse Faye. Mal conseguia respirar. — Não posso estar aqui a lambuzar-me com uma merda de uma salada enquanto tu dizes que estás com cancro.

Arrependeu-se imediatamente. Percebeu que Chris devia estar aterrorizada, que estava a fazer um esforço enorme para se aguentar. Não era propriamente a altura certa para dizer o que *ela* queria. E, decididamente, não era a altura certa para sentir pena de si própria.

—Desculpa. Mas fiquei tão terrivelmente triste — disse-lhe.

Chris sorriu. Melancólica, desta vez. Uma expressão que Faye raramente, se alguma vez sequer, vira na sua querida amiga. Obrigou-se a comer um pedaço de frango. Que pareceu transformar-se em cimento na boca. Pousou os talheres, agarrou num empregado que ia a passar e pediu dois *gins* tónicos.

—Fortes, por favor.

Ficaram em silêncio até as bebidas chegarem.

—Queres falar sobre isso? — perguntou Faye, depois de beber um pouco.

—Não sei. Acho que sim. Mas não sei o que hei-de dizer.

—Eu também não. Mas tens de ficar boa.

—Sim, claro que vou ficar boa. Mas o *timing* é mesmo do piorio, com o Johan e tudo. Uma pessoa finalmente apaixonada-se, e aparece um tumor no útero para virar tudo de pernas para o ar. Alguém lá em cima tem sentido de humor.

O riso de Chris não lhe chegou aos olhos.

Faye assentiu com a cabeça. Pôs a palhinha na boca e engoliu ainda mais álcool. Sentiu-o espalhar-se-lhe pelo corpo, aquecê-la, tornar a respiração mais fácil.

—Tens medo que ele te deixe, é isso?

—Claro que sim. Ficava mais surpreendida se não me deixasse. Só estamos juntos há umas semanas, e, para eu derrotar esta doença, vou precisar de todas as forças. Vou ficar feia, com mau aspecto, sem desejo sexual, cansada. Claro que... claro que estou preocupada. Estou mesmo apaixonada por ele, Faye, mesmo muito.

—Estás com medo de...?

—... de morrer? Morta de medo! Mas isso não vai acontecer. Eu quero estar com o Johan, viajar com ele, ficar velhinha. Nunca quis tanto viver como agora.

Um novo esgar. Faye sentiu-se estranha e insegura. Por fim, colocou a mão por cima da de Chris. A mão que lhe dera força durante o aborto. Que agora tremia e estava gelada.

—Mais cedo ou mais tarde, vais ter de lhe contar. Independentemente de ele te deixar ou não.

Chris assentiu com a cabeça e engoliu o seu *gin* tónico. Faye manteve a mão em cima da dela.

Quando Faye foi buscar Julianne no domingo, a filha olhou para ela com um olhar expectante. Faye esquecera-se completamente do que lhe pedira para fazer, a doença de Chris virara tudo do avesso.

—Onde é que está? — perguntou Julianne.

—O quê?

—O telemóvel. Fiz o que pediste em casa do pai.

—Boa, querida, amanhã dou-to.

Julianne começou a protestar, mas Faye explicou-lhe que teria de esperar. Julianne foi para o seu quarto, amuada, mas Faye não teve forças para a chamar de volta.

Também não tinha forças para se sentir feliz por, em breve, vir a obter a palavra-passe de Jack.

Chris pedira-lhe que não contasse a ninguém sobre o cancro. Não queria comiserações, nenhuma chapa de doente de cancro na testa, como ela própria expressara. Tinham concordado que Faye a acompanharia ao primeiro tratamento e que, antes disso, não voltariam a falar do assunto.

Porém, era impossível pensar noutra coisa.

Uma vida sem Chris? Ela que sempre a apoiara, que fora forte quando Faye só quisera desaparecer. Agora estavam com os papéis trocados. Agora, seria Chris a precisar dela. Na totalidade.

Faye tinha dinheiro. Tinha uma empresa de sucesso. Já mostrara a Jack, e ao resto do mundo, que não precisava de ninguém. Deveria deixar aquele *keylogger* instalado no computador de Jack gravar a sua palavra-passe, tudo o que ele escrevesse, sem fazer nada com isso? Deveria limitar-se a esquecer tudo?

Simplemente não o conseguia fazer. Ficava maldisposta só de pensar em não completar a sua vingança. Não conseguia esquecer. Não queria esquecer. E que tipo de pessoa isso fazia dela, afinal? A sua melhor amiga estava doente. Talvez até em estado terminal. E ela continuava a pensar em como esmagar Jack.

Fjällbacka, naquele tempo

A primeira vez que o pai me bateu, eu tinha doze anos. A mãe estava no supermercado, tinha acabado de sair. Eu estava sentada à mesa da cozinha, e o pai sentado ao meu lado, à cabeceira da mesa, concentrado numas palavras cruzadas. Eu ia só virar-me, mas, sem querer, derrubei a chávena. Como se fosse em câmara lenta, vi-a virar-se, ainda conseguia sentir como lhe tocara com a mão.

O leite com chocolate escorreu para cima do jornal do pai, com as palavras cruzadas quase resolvidas. Parecia uma intervenção do destino, como se me quisesse dizer que agora era a minha vez.

O pai parecia quase indiferente, quando o seu braço voou e me atingiu directamente na orelha. Mas, mesmo assim, os meus olhos encheram-se de lágrimas com a dor. Ouvi o Sebastian fechar a porta do quarto dele, não ia ter coragem de sair de lá antes de a mãe voltar para casa.

Uma nova chapada atingiu-me quase imediatamente. O pai levantou-se e, desta vez, bateu-me na bochecha direita. Fechei os olhos e procurei o meu espaço interior, a escuridão que me envolvia. Tal como me envolvia na escola quando tentava ignorar os gritos.

A palma da mão do pai ressaltava-me na pele. Fiquei quase chocada pela minha capacidade de resistir à dor.

Quando finalmente se ouviram os passos da mãe no corredor, sabia que acabara. Desta vez.

Faye encontrou-se com Chris à porta do Hospital Universitário Karolinska. Uma cobertura de nuvens envolvia a cidade. Estocolmo estava cinzenta e húmida, como costumava ficar no Outono. As folhas tinham começado a cair e formavam pequenas poças de porcaria castanha no chão.

Chris estremeceu de frio, à entrada do hospital.

—O pior é que não tinha apetite nenhum hoje de manhã, e deve-se, de preferência, ingerir alguma coisa antes — resmungou a olhar para o copo do Seven Eleven de Faye, com um café com leite deplorável. — Fico nauseada só de pensar em café.

Faye atirou o copo para um cesto de papéis à entrada.

—Não precisavas de ter feito isso — disse Chris, enquanto passavam as portas giratórias.

—Estamos juntas, está bem?

—Sim — respondeu Chris e fez-lhe um olhar agradecido.

—Se fosse eu que estivesse doente, tu provavelmente já me tinhas aberto com uma faca e arrancado os tumores com as mãos — disse Faye. — Mas, infelizmente, tenho pavor a sangue, por isso contento-me com fazer-te companhia e não beber café merdoso. Acho que é um preço bastante baixo para poder passar algumas horas com a minha melhor amiga.

Puxou Chris para si.

—Como te sentes?

—Como alguém com cancro. E tu... — segredou-lhe Chris ao ouvido — ...tu não tens medo de nada. Mas obrigada por fingires. Por mim.

Faye não disse nada. Pois a única coisa que poderia responder seria que sim, tinha medo, sim. Medo de que a sua melhor amiga morresse.

Quando deixaram o hospital, Chris estava tão cansada que Faye teve de lhe pôr um braço à volta dos ombros para a apoiar. Faye não tinha a certeza se o cansaço era físico ou mental. Não sabia nada sobre cancro. Ou sobre tratamentos contra o cancro.

Na realidade, tinham combinado que Chris ia apanhar um táxi, mas Faye decidiu

levá-la a casa e ficar lá a dormir uma noite. Enviou uma mensagem a Kerstin, que lhe respondeu que então iria levar Julianne ao cinema.

Chris encostou a cabeça à janela do carro, com os olhos semicerrados, enquanto a cidade lhes passava ao lado.

—O Johan está em tua casa? — perguntou Faye.

—Não, eu disse-lhe que... disse-lhe que ia ter reuniões o fim-de-semana inteiro e que não ia ter tempo para me encontrar com ele.

—Tens de lhe contar, Chris.

—Eu sei.

Chris remexeu na porta do carro com uma unha vermelha.

—Mas quero que o conheças primeiro. Para o caso de ele...

—De ele o quê?

—De ele me deixar.

—Que merda de homem é esse, se te deixar agora?

—Um homem típico — respondeu Chris de olhos fechados e com um sorriso cansado. — Tu, melhor que ninguém, devias saber como é. Porque haveria o Johan de ser diferente?

Faye não sabia o que responder, tinha 0s milhares de histórias do fórum *online* alojados como cubos de gelo no coração. Todas as decepções. Todas as mentiras. Toda a indiferença e todo o egoísmo. Não podia, com credibilidade, dizer a Chris que ela seguramente estaria errada. Por mais que o quisesse dizer.

O curto caminho do estacionamento até ao elevador do prédio de Chris pareceu-lhe interminável. Quando finalmente chegaram ao apartamento, Chris correu imediatamente para a casa de banho e começou a vomitar. Faye segurou-lhe o cabelo. Já se tinham passado quinze anos desde a última vez que estiveram naquela posição. Parecia-lhe que fora noutra vida.

Obviamente, Faye, depois do breve acesso de hesitação, decidira dar uso a qualquer informação que conseguisse obter com a ajuda do *keylogger*. Tendo em conta que este estava instalado no computador de Jack, Faye já estava bastante avançada no processo. Contudo, ainda precisava de chegar a ele para copiar o ficheiro de texto gerado para uma *pen* USB. De seguida, só podia rezar para que tudo ainda continuasse guardado na conta de Gmail. O Jack que ela conhecia raramente fazia limpezas. Queria guardar tudo, pelo sim pelo não, «nunca se sabe

quando se pode precisar de alguma coisa».

Esperava conseguir chegar ao computador durante a festa de aniversário de Julianne, no fim-de-semana.

E depois havia Ylva. Apesar de Jack já a ter reduzido a uma sombra do que ela fora em tempos, Faye não conseguia esquecer o olhar de desprezo que Ylva lhe lançara. No seu quarto. Nua e acabada de ser penetrada pelo seu marido. Magra, tonificada e com mamas de silicone perfeitas.

Lenta mas metodicamente, Faye começara a conquistar o território de Ylva, ao mesmo tempo que Ylva começara a transformar-se numa cópia da antiga Faye. O corpo de Faye estava magro e tonificado. O peito novo. E Jack reparara na mudança. Sempre que se encontravam para ir buscar ou deixar Julianne, Jack deixava os olhos percorrerem o corpo de Faye. Da mesma maneira que fizera de início. Naquela altura, quando Faye era a pessoa de quem ele não se conseguia faltar. E, apesar de o odiar, Jack continuava a ter um efeito estranho sobre ela. E nunca se acostumara a vê-lo com Ylva. Provavelmente nunca aconteceria.

A sua própria vida amorosa limitava-se a relacionamentos temporários, geralmente com homens mais novos que conhecia em bares, com quem dormia algumas vezes e depois terminava. Não deixava ninguém aproximar-se verdadeiramente. Ninguém podia ficar. Nos seus momentos de fraqueza, sonhava esmagar Jack, de uma vez por todas... para depois o aceitar de volta novamente. Mais um dos seus segredos vergonhosos e sujos. As águas escuras estavam sempre a aumentar.

Ninguém podia acusar Jack de se controlar, pensou Faye ao entrar com o carro na propriedade. Julianne pedira que os festejos do seu sétimo aniversário fossem «uma gala», e Jack contratara uma empresa especializada em festas de crianças, que decorara o jardim com balões cor-de-rosa, uma tenda de festas com o respectivo palco e, como não podia deixar de ser, uma passadeira vermelha, que, neste caso, era cor-de-rosa. E também um fotógrafo profissional, que iria tirar fotografias das crianças que chegavam e dispô-las numa parede fotográfica. As mesas espalhadas pelo jardim já se arqueavam com o peso dos presentes e da comida. Mesmo para os padrões de Lidingö, aquilo era extravagante.

Mas Jack também tinha uma necessidade maior de se afirmar do que qualquer dos outros pais da ilha.

Julienne soltou um gritinho, saltou do carro e correu para a entrada da casa. Jack e Ylva saíram para a escada e receberam-na. Faye saiu do carro e subiu lentamente a curta rampa. Escolhera um vestido justo de manga curta, decotado e da cor da pele, da marca *Hervé Léger*, e conseguia sentir os olhares de Jack no corpo. Ylva também pareceu reparar. Abriu os braços ostensivamente para Julianne, que a abraçou imediatamente. Faye sentiu um aperto na barriga ao ver aquele gesto, mas fez um esforço para continuar a sorrir.

—Que giro que isto está — disse para os dois.

—Queríamos mesmo fazer alguma coisa especial para ela hoje — respondeu Ylva com uma felicidade ligeiramente forçada e deu dois beijinhos a Faye.

Ylva cheirava bem, a champô e a perfume. Até ela começara a utilizar um tom superficialmente lisonjeador com Faye, desde que os consecutivos sucessos da Revenge se haviam tornado demasiado grandes e evidentes para os poder ignorar.

Faye observou Ylva quando se afastou do seu abraço. Não estaria a ficar com a mesma expressão azeda à volta da boca que Faye vira no seu próprio rosto, nos últimos tempos com Jack? E um *botox* ligeiramente exagerado na testa?

—Vai depressa ao teu quarto e vais ver a primeira surpresa que preparámos para ti — disse Jack e acariciou a cara de Julianne.

Julienne correu para dentro de casa, os passos a ecoarem pelas escadas acima. Jack virou-se para Faye.

—A Ylva contratou um... como é que se chama...?

—Uma *make-up artist* — explicou Ylva. — A mesma rapariga que faz a maquilhagem da Carola, por acaso.

Um rapaz novo aproximou-se deles e apresentou-se como o mágico de serviço. Ele e Jack deslocaram-se para o interior da casa, enquanto Faye e Ylva permaneceram à porta a olhar para o jardim. Dois homens transportavam uma mesa.

—Isto está mesmo muito giro — voltou Faye a dizer, para quebrar o silêncio.

E não estava a mentir. A casa era linda, e o jardim encantador. Deviam dar um bónus ao jardineiro. Também parecia que se tinham livrado dos gansos que sujavam a praia, junto à casa. Segundo os rumores, Jack pagara a alguém para os matar a tiro, durante a noite.

Ylva sorriu.

—Queres ficar para a festa? A Juli deve querer que mantenhamos o máximo de distância, mas acho que vai ser giro.

O comentário de Faye sobre a casa parecia ter provocado um acesso espontâneo de generosidade. Pareceu, no entanto, ter-se arrependido imediatamente da sugestão, mas já não podia retirar o que dissera.

Faye teve vontade de vomitar quando ouviu Ylva chamar «Juli» à sua filha. Não obstante, em vez de salientar que a miúda não era um porquinho-da-índia, assentiu com a cabeça. Em parte porque esperava conseguir aceder ao computador de Jack, mas também porque reparou no arrependimento imediato de Ylva em relação ao convite espontâneo.

—Com todo o prazer.

—Que bom. Mesmo. O Jack tratou de conseguir que o Sean e o Ville viessem cá cantar duas músicas.

Sean e Ville eram uma *boysband* que Julianne e as amigas adoravam loucamente. Sabiam todas as letras e nunca perdiam as actualizações diárias da banda no YouTube. Alguns fins-de-semana, Julianne até obrigava Faye a ir com ela fazer esperas para a porta dos estúdios, só para depois ficarem a ver os dois inúteis saltarem para dentro de um táxi, sem sequer olhar para as raparigas, que primeiro gritavam de excitação e depois choravam de desilusão.

—Isso não deve ter sido barato — comentou Faye.

—Pois não, o *manager* deles pediu oitenta mil coroas. Mais as exigências de

champanhe. E de bolinhas de chocolate e coco.

—Meu Deus.

—O Jack hesitou primeiro, mas eu depois convenci-o. Quero mesmo que este dia seja inesquecível para ela. Queres um copo de champanhe? Podes sempre deixar aqui o carro e voltar para casa de táxi. Ou então podemos pedir um serviço de estafeta que te leve a ti e ao carro.

—Sim, por favor.

—Vamos entrar.

Na sala havia um balcão de bar em zinco. Ylva contornou-o, debruçou-se e pegou numa garrafa.

—*Cava?* — perguntou. — Melhor do que champanhe, na minha opinião, por isso tenho sempre umas garrafas.

—Sim, obrigada.

Ylva pegou num copo, abriu a garrafa e serviu Faye.

—Tu não vais beber?

Ylva abanou a cabeça.

—Nós nunca falámos sobre... bem, sobre o que aconteceu — disse.

Parecia quase arrependida. Faye apercebeu-se imediatamente de quanto a odiava. Ylva passara meses a dormir com o seu marido nas suas costas. E agora estava ali, na sua enorme casa, linda e fresca, ainda que cheia de *botox*, a fingir ser compreensiva e a pensar que eram tudo águas passadas. Teria sido mais sincero se continuasse com a mesma atitude fria e ar de superioridade, como tivera quando estava sentada nua, no quarto deles. Faye teria odiado Ylva um pouco menos então.

Mas, agora, só desejava poder vê-la estilhaçar-se à frente dos seus olhos.

Ylva e Jack. Realmente, mereciam-se um ao outro. Mereciam a tempestade que ribombava no horizonte e que, em breve, iria destruir as suas vidas perfeitas.

—Não é preciso — respondeu. — Tu e o Jack ficam bem juntos. E tudo correu bem, para os três.

Levantou o copo num brinde.

—Estou muito impressionada com o que fizeste com a Revenge — disse Ylva e sentou-se numa grande poltrona florida.

Era do *designer* Josef Frank, da loja Svenskt Tenn. Jack sempre gostara de tecidos estampados, enquanto Faye achava que se enquadravam melhor em casas de velhos reformados.

—Humm, obrigada. E tu, como estás? Estás a dar-te bem na Musify?

—Olha, vou-me despedir. Já... já estou a trabalhar em *part-time* há uns anos. O trabalho do Jack requer tanto apoio, com a representação, esta casa, a Julianne... bem, tu sabes.

Ylva fez um gesto com a mão para Faye, mas não a olhou nos olhos. E Faye perguntou-se quanto tempo poderia Julianne tirar-lhes, as poucas horas por mês que passava com eles. Mas disse apenas:

—Ah, sim?

—Nós... bem, quero dizer, a Julianne vai ter um irmão. E tu sabes como o Jack é, ele prefere que eu fique em casa. Estou ansiosa por isso também, praticamente não tenho família.

Faye olhou fixamente para Ylva. Já se tinha perguntado quando este dia chegaria. Receara-o. No entanto, nada poderia tê-la preparado para o enorme pontapé no estômago que aquela notícia implicava. Simultaneamente, apercebeu-se de que o fim estava próximo agora, para Ylva. Uma parte de Faye sentiu pena dela, outra só queria dar-lhe uma estalada na cara.

—Que bom para vocês, parabéns.

Faye fez um esforço para que a sua expressão facial se contorcesse em algo que esperava se assemelhasse a um sorriso, apesar de ter um nó tão apertado na barriga que tinha vontade de se dobrar para a frente com dores.

Ylva levou as mãos à barriga invisível e fez um sorriso radiante para Faye. Faye sorriu-lhe de volta e bebeu quase metade do copo. Foi invadida por imagens e memórias do aborto. A frieza de Jack e a sua indiferença. O nascimento de Julianne. Com cem chamadas não atendidas e mensagens por responder para Jack, enquanto ela, entre dores e pânico, paria a sua filha.

Olhou pela janela. Lá fora o pessoal contratado preparava febrilmente a chegada dos convidados para a festa.

—Para quando é? — perguntou a Ylva.

—Para daqui a seis meses.

Ylva reluziu quando Jack apareceu atrás delas. Jack serviu-se de um *whiskey* no bar e sentou-se na outra poltrona, não ao lado de Ylva. Com a vista livre para o decote de Faye.

Ylva também reparou nisso.

—Está tudo pronto? — perguntou-lhe com um tom austero.

—Praticamente. As outras crianças chegam daqui a quarenta e cinco minutos.

Virou o pulso para lhe mostrar as horas no relógio. Um *Audemars Piguet*, de cerca de meio milhão de coroas. Não um *Rolex*, que Jack considerava demasiado *mainstream*. Toda a gente tinha um *Rolex* hoje em dia. Pessoas que realmente eram alguém usavam *Audemars Piguet*. Ou *Patek Philippe*.

—Os rapazes da banda vão aparecer às quinze. Mas não digas nada à Julianne, ela não sabe de nada.

Fez um gesto com a cabeça para Faye.

—Como vão os negócios?

—Excelentes, obrigada. E os teus também. Emocionante a cotação na Bolsa, não?

—É muito trabalho, é o que é. Mas vai valer a pena, depois de tudo o que passei.

Faye sorriu para Jack e para Ylva.

—Parabéns pelo bebé. A Ylva contou-me.

Faye mudou ligeiramente de posição no sofá. Sentou-se de maneira que Jack conseguisse ver ainda mais para dentro da sua saia. Não trazia cuecas, teriam ficado demasiado visíveis por baixo do vestido colado ao corpo.

O olhar de Jack seguiu os movimentos de Faye.

Levantou o seu copo para ela num brinde. As calças subitamente demasiado apertadas na zona da braguilha.

—Hum-hum, espectacular — respondeu Jack, com a voz enrouquecida e um sorriso forçado. O olhar estava turvo.

Ylva aclarou a garganta.

—O Jack tem andado um bocado céptico. Estão a acontecer tantas coisas na empresa, e tu, melhor que ninguém, sabes quão a sério ele leva o papel de pai.

Fora assim que ela própria soara? «O Jack acha, o Jack quer, o Jack disse»? Que horror, devia ter sido completamente insuportável. E agora Ylva estava ali, uma versão mais jovem de si própria, com as mãos na barriga e um sorriso estúpido na cara, a aclamar o mesmo homem. Cega pelo amor e pela admiração. E pela dependência.

Jack preferia as mulheres assim, compreendia Faye agora. Contudo, isso só a levou a desprezar Ylva ainda mais. Teria sentido qualquer tipo de remorsos? Todas as certamente muitas vezes que dormira com Jack no escritório, em casa deles, em casa dela, enquanto Faye esperava por ele? Provavelmente. Mas estava cega de amor por Jack. E desprezava a sua patética mulher, que só andava por casa a arrastar-se,

sem uma carreira, sem ambições. Certamente Ylva comparara-se com ela, sentira-se superior. E considerara que Faye não era merecedora de alguém como Jack.

Faye bebeu o que lhe restava do espumante. Aborrecida, olhou para o fundo do copo fino. Não se sentia suficientemente corajosa para se levantar e ir ao bar encher o seu próprio copo.

—Estava a pensar ir descansar um bocado, antes de a festa começar — disse Ylva e levantou-se com um último olhar para Faye.

Quando deixou a sala, fez-se um silêncio. Passado algum tempo, Jack aclarou a garganta.

—Estás mesmo com um aspecto fantástico — disse-lhe em voz baixa.

O seu olhar não largava o decote de Faye. E ela deixou-o olhar. Desviou o cabelo para expor o pescoço e a clavícula, que já não se escondia por baixo de uma camada protectora de gordura. Estaria a mentir se dissesse que não tirava prazer do olhar de Jack, mas o facto de o seu corpo ainda teimar em reagir à presença dele não significava que tivesse controlo sobre ela.

Uma parte de si queria mostrar-lhe que já não precisava dele. No entanto, não podia cair na tentação de evidenciar a sua superioridade. Em parte, porque ia ser obrigada a levá-lo a apaixonar-se por ela novamente, o que nunca iria acontecer se ele não acreditasse que a poderia controlar. Por outro lado, porque ele, por mais que a tivesse magoado, apesar de tudo, ainda era Jack. As suas palavras continuavam a ter significado para ela. Por mais que o tentasse negar.

—Obrigada — respondeu-lhe com indiferença.

O olhar dele voltou ao seu decote e ficou por lá. Faye pegou no telemóvel e fingiu enviar uma mensagem.

—Sabes que às vezes sonho contigo? — perguntou-lhe Jack, enquanto se levantou da poltrona, foi até ao bar buscar a garrafa de *Cava* e encheu os copos de ambos.

Sentou-se no sofá ao seu lado, explicitamente perto dela.

Por momentos, o cheiro do perfume de Jack confundiu-a. Era o mesmo perfume de Barcelona. Faye inspirou, disse para si própria que não podia deixar-se embriagar pelas memórias. Tudo o que então pensara ser verdade revelara, no fundo, ser mentira. Tinha de o rejeitar, mas de continuar a manter o seu interesse. Um equilíbrio precário. Jack gostava da caça. Fora assim que Faye o conseguira da primeira vez, há muito tempo, noutra vida. Virou-se para ele e olhou-o directamente naqueles olhos azuis que agora estavam completamente focados nela.

Homens como Jack querem sempre aquilo que não é deles. Fora por isso que a traíra. Era por isso que Faye sabia que ele trairia Ylva também, se ainda não o tivesse feito. E era por isso que iria sempre trair todas as mulheres que tivesse na sua vida.

Ouviram-se passos atrás deles. Ela e Jack viraram-se ao mesmo tempo e viram Julianne vir na sua direcção. Tinha um belo vestido cor-de-rosa. A cara estava maquilhada e fazia-a parecer adulta. Faye não sabia bem o que realmente pensava disso.

—Estás tão bonita, meu amor — disse-lhe de qualquer modo. — Pareces uma princesa.

Julienne rodopiou.

—A Jessica disse que eu posso ser modelo, quando for grande — respondeu Julianne.

—A Jessica? — repetiu Faye e procurou na memória os nomes das colegas de escola da filha.

—A maquilhadora — esclareceu Jack, ao ver a sua confusão. — E tem toda a razão.

Puxou Julianne para o seu colo, e Faye sentiu um momento de hesitação. Com Julianne ali no sofá, entre eles, pareciam novamente uma família. O que levou Faye a sentir-se desorientada, perdida.

Esticou-se para o copo e levou-o aos lábios, enquanto Jack lhe lançava um olhar esfomeado.

Ouviam-se vozes estridentes do jardim. As meninas começavam a chegar. Carro de luxo atrás de carro de luxo aparecia na subida, e, de lá de dentro, saltavam as crianças de seis e sete anos, vestidas de gala. Faye manteve-se em segundo plano, enquanto Jack e Ylva conversavam com os outros pais. O monte de presentes na mesa crescia. A maior parte com embrulhos brancos e o símbolo preto da loja NK. O mágico subiu ao palco, e as meninas jubilaram. Os empregados levavam travessas de canapés e copos de refrigerantes para as crianças vestidas a rigor, sentadas à volta das mesas redondas, dentro da tenda de festa, exactamente como se fosse um verdadeiro jantar de gala. Julianne batia palmas alegremente. Um conhecido apresentador de programas infantis era o mestre-de-cerimónias e ia apresentando os diferentes actos.

Quando Sean e Ville, os últimos a actuar, entraram em palco, os gritos atingiram

o nível de êxtase. Ao mesmo tempo, Faye apercebeu-se de que agora era a sua oportunidade de ir descarregar o *keylogger*. As crianças deixaram as mesas e correram para a beira do palco. Ylva e Jack pareciam totalmente absorvidos pelas reacções geradas pela entrada em cena dos ídolos infantis. Faye deixou a tenda discretamente, entrou na casa e subiu as escadas para o primeiro andar, onde Jack tinha o seu escritório. Ainda tinha a mesma secretária da antiga casa de ambos. Por momentos, Faye sentiu falta do quarto da torre. Da sua tranquilidade majestática, a pairar por cima da cidade, uma recordação de tempos idos. Afastou esses sentimentos e disse a si mesma para se concentrar. O momento com Jack e Julianne no sofá deixara-a desconcertada. Não se podia dar a esse luxo.

Colocou a sua mala em cima da secretária e debruçou-se sobre o computador. Ao lado do monitor, havia duas fotografias emolduradas. Uma *polaroid* a preto e branco de Ylva, que devia ter sido tirada há vários anos. Olhava seriamente para a câmara, com os lábios entreabertos. Ou comia-a com os olhos, como Chris teria dito. A outra fotografia era de Jack, Ylva e Julianne num restaurante. Ylva e Julianne tinham vestidos a condizer. Pareciam uma pequena família feliz. Riam-se os três. Faye inspirou profundamente. Era apenas uma ilusão, uma fachada que Jack criara. Nada mais do que isso.

Tocou no rato, o computador despertou, e Faye inseriu a antiga palavra-passe de Jack. Susteve a respiração. Mas não. Essa não fora alterada. Apareceu uma imagem sobredimensionada de Jack e Ylva. Estavam abraçados um ao outro, numa moto de água. Faye obrigou-se a parar de olhar para a fotografia, inseriu a *pen* USB que levava na mão e seguiu as instruções que Nima lhe dera.

Alguns segundos mais tarde, encontrou a pasta escondida com as actividades informáticas de Jack e transferiu-a para a *pendrive*. Depois, abriu a pasta «Os meus documentos» e também copiou o seu conteúdo, mesmo que duvidasse de que houvesse ali alguma coisa de interesse.

Ouviu um barulho vindo do corredor. Desligou rapidamente o computador e começou desesperadamente a procurar um sítio para se esconder, mas, antes de ter tempo de fazer alguma coisa, a porta abriu-se de rompante. Faye virou-se repentinamente.

Jack estava parado à porta. A expressão facial passou de surpresa a desconfiança. Faye pensou rapidamente. Sorriu para Jack. Submissa. Apologética.

—Eu... eu só queria ver como tinhas mobilado o escritório. Sabes que eu sempre

adorei esta secretária. Acho que estava só curiosa para ver se a tinhas guardado.

Jack processou a informação. Pareceu decidir-se por pensar que ela continuava o mesmo ser patético e ingénuo que sempre fora.

—Porquê?

—Oh, isto é tão estúpido — respondeu Faye e olhou para o chão. — Desculpa. Não devia estar aqui dentro, é a vossa casa, realmente não está certo. Fiquei um bocado nostálgica, só isso...

Deu alguns passos na direcção da porta, mas, quando ia passar por Jack, ele agarrou-lhe o pulso. Faye quase deixou cair a *pen* que tinha naquela mão.

—Porque querias ver como o escritório está mobilado? — perguntou-lhe com um sorriso, ao mesmo tempo que a puxou para si.

Faye sentiu novamente o perfume tão familiar de Jack. O sexo endurecido dele estava pressionado contra a sua anca, e Faye sentiu, contra a sua vontade, que estava a ficar excitada.

—Tens saudades minhas, é isso? É essa a tua «nostalgia»? — sussurrou Jack ao seu ouvido.

—Jack, pára — murmurou Faye.

Mas Jack não prestou atenção aos seus protestos. Os seus olhos brilhavam. Não gostava que Faye protestasse. A antiga Faye nunca teria dito que não, antes pelo contrário, teria implorado pelo seu toque, pela sua atenção.

A sua voz tornou-se desdenhosa, mas não lhe largou o braço.

—Com que então a pobre Faye fez uma operação às mamas para ter alguma validação nas saídas à noite. Andas a precisar de ser fodida por um homem a sério? É por isso que vens para aqui implorar que te salte para cima? Não penses que não tenho ouvido falar do que andas a fazer. A levar homem atrás de homem dos bares para casa. Não, homens não. Miúdos. Com quantos já foste para a cama desde que nos separámos, Faye? Algum tinha um caralho maior do que o meu? E aposto que também já fodeste com vários ao mesmo tempo.

Jack ofegava cada vez mais alto com as suas próprias palavras, o seu sexo tornava-se cada vez mais duro contra a perna de Faye, pressionava-se contra ela. O corpo de Faye respondeu, e ela deixou que assim fosse, para conseguir proteger a *pen* USB. Não protestou quando ele lhe puxou o fecho das costas do vestido para baixo e lho despiu até à cintura. Rasgou-lhe o *soutien*. Deixou os dedos acariciarem-lhe o peito. Apertou-lhe os seios com força. Tinham cicatrizado bem, mas ainda não tinha

recuperado a sensibilidade na zona das costuras, e, por isso, o toque de Jack parecia-lhe estranho.

—Pobre Faye, que precisa de ser fodida a sério.

Jack virou-a de costas. Pegou nas fímbrias do seu vestido e puxou-o por cima das ancas. Desapertou a braguilha. Empurrou-a para a frente, para cima da secretária que pertencera a Ingmar Bergman, e penetrou-a. Faye ofegou. Sentiu-se invadida.

—Gostas disto, não gostas? — sibilou Jack. — De ser comida por trás, como uma secretária cheia de tesão. Agora és CEO, mas ainda gostas de ser fodida como uma puta. É assim que fazem contigo, Faye? Fodem-te assim? Aqueles miudinhos? Viram-te de costas e fodem-te por trás?

A respiração de Jack estava cada vez mais ofegante. Com o joelho, abriu-lhe as pernas ainda mais para conseguir penetrá-la mais profundamente e, com a mão a puxar-lhe o cabelo com força, empurrou-lhe a cara contra a secretária.

Os movimentos de Jack tornaram-se mais bruscos. Faye agarrou-se à secretária com a mão que não segurava a *pen* USB. Gemeu de forma ameninada, como sabia que ele gostava. Com o lado esquerdo da cara pressionado contra a secretária, ficou a olhar directamente para a fotografia com o olhar sério, a preto e branco, de Ylva.

Jack veio-se. Faye sentiu uma dor quando ele a penetrou ainda com mais força. Ele gemeu uma última vez, saiu de dentro dela, recuou um passo e começou a apertar as calças. Faye continuou deitada na mesma posição alguns segundos, antes de se endireitar e puxar o vestido para baixo.

—Sempre foste uma foda de primeira classe — disse Jack. — Senti falta disto.

Sorriu para ela e apontou para os seus seios que ainda estavam expostos, com manchas vermelhas, os mamilos grandes e inchados.

—Ficou mesmo bem, gosto delas.

Jack estava com um ar autoconfiante. A ordem estava restabelecida. Tinha-a dominado, reconquistado o que era dele, pelo menos por um momento. Faye deixou-o acreditar nisso.

Sem largar a *pendrive*, Faye voltou a enfiar os braços na parte de cima do vestido e puxou-o por cima dos ombros. Depois, virou-se de costas para Jack e levantou o cabelo, para que ele a ajudasse a puxar o fecho para cima. Um segundo depois, Jack desapareceu.

Quando Faye entrou na tenda novamente, as meninas, com os seus vestidos de estilistas famosos, estavam todas de pé a cantar para Julianne. Sean e Ville lideravam

a cantoria.

Ylva olhou para Faye e apontou para Julianne, que tinha uma coroa brilhante de princesa colocada na cabeça. O seu olhar estava desconfiado, mas resignado. Parecia enjoada como uma pescada no calor da tenda e tinha o cabelo louro colado à cabeça.

Quando toda a gente na tenda bateu palmas, Jack colocou-se ao lado de Ylva, deu-lhe um beijo na cara e pôs-lhe um braço à volta da cintura. Ylva relaxou. Faye não conseguiu evitar um pequeno sorriso. Pelo lado de dentro da perna, o esperma de Jack escorria lentamente.

Fjällbacka, naquele tempo

A mãe soluçou, lá em baixo na cozinha, mas eu não conseguia levantar-me da cama, não conseguia impedir os socos do pai quando eles caíam. Em vez disso, deixei a escuridão afastar toda a preocupação, barrar todos os medos.

O Outono estava a chegar, e o pai ia fazer coisas cada vez piores à mãe. A mim e ao Sebastian. Parecia que os Outonos tempestuosos não tinham fim, com o pai como um animal enraivecido, fechado numa jaula com as suas presas. Andávamos todos em círculos à volta uns dos outros: uma pequena unidade isolada, numa pequena comunidade isolada.

Às vezes, sonhava que alguém nos vinha salvar. Toda a gente sabia. Mesmo que não fizessem ideia da gravidade real, sabiam o suficiente. Porque ninguém nos vinha buscar? Libertar-nos. Mas toda a gente desviava cobardemente os olhos, fingiam não ver as nódoas negras e as feridas. Nunca nenhum professor dizia alguma coisa. Nenhum médico do centro de saúde comentava os ferimentos, nem os nossos nem os da mãe. No Inverno passado, a mãe teve de ir ao médico oito vezes. Um ombro deslocado. Um pulso fracturado. Um maxilar partido. Ninguém questionava ou punha em causa as suas histórias sobre quedas desajeitadas pelas escadas da cave abaixo, sobre portas de armários que de repente se abriam e atacavam. Toda a gente fechava os olhos.

Como seria este Inverno?

O choro da mãe ouviu-se ainda mais claramente quando a porta do meu quarto se abriu e voltou a fechar. O Sebastian veio em pontas dos pés até à minha cama e aninhou-se, encostado a mim. Adormeceu enrolado ao meu corpo, como um cão à procura de calor. Mas eu não sentia segurança nenhuma na presença dele. Ninguém precisava de me explicar que a única pessoa que me poderia dar segurança era eu própria. Isso já eu descobrira sozinha.

Eu era mais forte do que eles. Principalmente do que o Sebastian.

O som da respiração do Sebastian misturava-se com o barulho do mar tempestuoso lá fora. Os últimos veraneantes já se tinham despedido da temporada.

Todos fingiam não ouvir os gritos que vinham de nossa casa, uma das poucas onde uma família vivia em permanência. Não deviam querer estragar as férias de Verão com aborrecimentos. De certa maneira, compreendia-os. Mas também me perguntava se, de vez em quando, tinham em consideração as crianças da casa do lado, quando fechavam as portas ao seu Verão e regressavam às suas lindas vivendas de Gotemburgo. Provavelmente, não.

Quando Faye deixou Julianne na escola no dia seguinte, foi imediatamente fechar-se no seu escritório, abriu a tampa do computador e percorreu o ficheiro de texto. Demorou dez minutos a encontrar a nova palavra-passe da conta de Gmail de Jack: *venividivici3848*.

Faye não contara a ninguém o que acontecera no escritório de Jack. Por mais que lhe tivesse custado fazer o papel humilhante da Faye desesperada por validação, não tivera escolha. Não podia arriscar que Jack ficasse desconfiado, fora obrigada a entrar no jogo para evitar que ele descobrisse a *pen* USB que tinha na mão, em brasa. Apesar disso, não podia negar que tirara prazer de sentir Jack outra vez dentro de si. E isso preocupava-a. Perturbava-a. Era uma racha na armadura que não podia dar-se ao luxo de ter.

Faye entrou na conta de Gmail, procurou os documentos e encontrou o que procurava. Guardou tudo no seu próprio computador, organizada e metodicamente.

Tudo aquilo de que precisava estava ali.

Dedicou o resto da manhã a percorrer o resto do ficheiro de texto e a seguir tudo o que Jack fizera no computador. As suas pesquisas de pornografia por «young girl», «teen» e «petite», as conversas brejeiras com Henrik sobre a «tontinha» com que dormira no escritório e o gozo sobre o peso de uma colaboradora. Tudo lhe poderia ser útil, um dia.

Faye pegou no seu novo computador e disse a Kerstin que ia sair. Sentou-se no Starbucks da praça Stureplan e continuou a examinar o documento. Na terça-feira da semana seguinte, a Compare entraria na Bolsa. O que lhe dava tempo mais do que suficiente para pensar num plano exacto sobre como utilizar o que encontrara. Provavelmente daria início a tudo na sexta-feira. Daí a quatro dias.

O seu telemóvel apitou. Era Jack. «Não consigo parar de pensar no que aconteceu no outro dia. Queres combinar um encontro?», escreveu.

Faye ponderou como deveria responder. A roda começara a girar mais depressa do que ela previra. Teria de manter o interesse dele aceso, até chegar a hora dos últimos passos. Reflectiu por mais uns momentos e depois escreveu uma mensagem rápida e carregou em «enviar».

Chris estava a beber um sumo de laranja, numa mesa do andar de cima das piscinas de Sturebadet. O ar estava húmido. Reformados embrulhados em roupões de banho de turco branco comiam saladas de duzentas coroas, tudo emoldurado pelo som da água a borbulhar nas piscinas em baixo.

Faye puxou uma cadeira e sentou-se em frente à amiga.

—Porque querias encontrar-te aqui? — perguntou-lhe.

Chris levantou os olhos em surpresa.

—Ah, olá! Nem te vi. Não sei. Acho que este som me transmite calma. É como estar num grande útero quentinho.

Faye observou a amiga enquanto despia o casaco e o pendurou na cadeira. Chris tinha algo de distante no olhar.

—Como estás?

—Hoje é um bom dia — respondeu. — Mas também não estive no hospital. Vou jantar com o Johan.

—O que é que ele disse quando lhe contaste?

Chris olhou para o tampo da mesa.

—Ainda não lhe contei. Não... não consigo. Não o posso perder.

O olhar estava cheio de vergonha. E medo. Isso assustou Faye. Nunca vira Chris ter vergonha de nada. Nunca, jamais, a vira mostrar medo.

Pegou na mão da amiga.

—Minha querida Chris, eu percebo. Achas que seria mais fácil se eu estivesse contigo quando lhe contasses? Para o caso de... bem, só para o caso de.

Chris assentiu com a cabeça lentamente.

—Queres?

—Claro que sim, se te sentires melhor e for mais fácil para ti.

—Só não quero ser um peso. Mas sinto-me tão fraca, tão desamparada. As poucas horas que consigo ser eu própria são tão duras de aguentar que a única coisa que consigo fazer, quando não estou com o Johan, é ficar aqui sentada. Quem diria que ia ser aqui que eu ia passar os meus últimos dias. Nas piscinas de Sturebadet.

E então vislumbrou-se um sorriso sincero. Uma lasca da verdadeira Chris, pensou Faye, e sorriu-lhe de volta.

A escola onde Johan trabalhava era feita de tijolo vermelho e ficava na rua Valhallavägen. Ao portão estavam alguns rapazes e raparigas da idade de Julienne.

Viraram-se todos quando Faye e Chris saíram do táxi e entraram no recinto da escola.

Entraram para um corredor comprido cheio de cacifos azuis-turquesa. Não se via uma única pessoa.

—Sabes onde ele está? — perguntou Faye.

—Não, mas deve haver um intervalo para almoço agora, não é?

Faye olhou para o relógio. Era meio-dia. No mesmo segundo, as portas das salas de aulas abriram-se à sua frente, num movimento sincronizado, e os alunos saíram em banda. Faye agarrou um rapaz cheio de borbulhas, de boné e casaco de penas, e perguntou-lhe se sabia onde estava o professor de Sueco Johan.

—O Johan Sjölander — acrescentou Chris.

O rapaz abanou a cabeça e desapareceu.

Encostaram-se as duas aos cacifos, para evitarem ser atropeladas por um grupo de rapazes a berrar.

—Liga-lhe.

Chris levou o telemóvel à orelha direita enquanto apertava a mão livre à outra. Virou-se de costas para Faye quando Johan atendeu.

Os corredores começavam a esvaziar-se. O facto de estar numa escola básica mexeu com Faye. As diferenças de altura, os olhares inquietos e inseguros, as hierarquias. As tensões estavam todas à superfície, prontas a rebentar a qualquer momento. Matilda tentara, ao máximo, passar despercebida quando se movia neste tipo de corredor, porém, nunca resultara. Todos sabiam quem ela era. Todos sabiam o que acontecera.

Chris tocou-lhe no ombro.

—Ele vai encontrar-se connosco lá fora.

—O que é que ele disse?

—Acho que ficou... surpreendido por eu estar aqui. E contente.

Chris soava nervosa e animada ao mesmo tempo. Seguiram a corrente de alunos através de uma porta de vidro, desceram uma escada, saíram novamente para o recinto exterior e sentaram-se num banco, junto a uns arbustos.

—Como te sentes? — perguntou Faye.

—Nervosa.

—Vai correr bem, vais ver. Vai correr lindamente.

Chris assentiu com a cabeça, sem parecer particularmente convencida. Uma

porta abriu-se e de lá saiu um homem alto, de calças de ganga e camisa aos quadrados. O cabelo loiro estava despenteado. Quando as viu, dirigiu-se imediatamente a elas com um sorriso rasgado nos lábios. Parecia uma pessoa aberta e decente, Faye gostou logo dele. Não tinha nada em comum com os outros homens com quem Faye vira Chris ao longo dos anos. O que considerava uma coisa positiva. Chris nunca fora boa a escolher homens, mas Faye pressentiu que Johan era diferente.

—Chris! — exclamou Johan, animadamente. — Fico tão contente de te ver. O que estás... *estão* aqui a fazer?

Chris levantou-se e abraçou-o. Quando se afastaram um do outro, Johan virou-se para Faye.

—E tu deves ser a famosa Faye. Que bom poder finalmente conhecer-te. Já estava quase a pensar que eras uma amiga imaginária.

Faye apertou a mão estendida de Johan, que ficou com uma expressão insegura ao parecer compreender que o assunto que as levava ali não era tão feliz como primeiro pensara.

—Está tudo bem? — perguntou-lhes.

—Acho que é melhor sentarmo-nos — respondeu Faye e fez um gesto com a mão para o banco.

Chris sentou-se no meio dos dois. Inspirou profundamente, hesitou alguns segundos, mas Faye deu-lhe um toque com o cotovelo. Chris lançou-lhe um olhar fulminante, mas lá acabou por segurar a mão de Johan.

—Johan, tenho uma coisa para te contar... — começou por dizer, e Faye fez-lhe um gesto com a cabeça em sinal de apoio. — Estou doente. Tenho cancro. De um tipo que dificilmente se conseguirá tratar.

As palavras saíam-lhe a grande velocidade, quase incompreensíveis. No entanto, via-se pela expressão de Johan que percebera o que Chris dizia. Abriu a boca para dizer algo, mas fechou-a novamente. Inspirou profundamente e assentiu com a cabeça.

—Eu já sabia — respondeu-lhe calmamente.

—Já sabias?! — exclamaram as duas em uníssono.

—Encontrei a notificação para a quimioterapia em tua casa.

—Porque não disseste nada?

—Porque... achei que era melhor seres tu a decidir se me querias contar ou não.

Parti do princípio de que me ias contar, quando te sentisses preparada.

Chris abraçou-o.

—E não queres... queres acabar? Se quiseres, eu compreendo.

O olhar de Chris expressava tanto horror que Faye ficou com suores frios.

Porém, Johan riu-se e abanou a cabeça. Um riso com rachas e lascas, mas um riso, apesar de tudo.

—Achas que sim, amor? É preciso muito mais do que um cancro para eu te deixar. Nunca estive com ninguém que me faça tão feliz como tu.

—Mas se calhar vou morrer. É mais provável que morra do que o contrário.

Johan assentiu com a cabeça, pensativo.

—Sim, se calhar. E, se morreres, esta cara feiosa vai ser a última coisa que vais ver.

Ao redor deles, brincavam crianças cheias de esperanças para o futuro, crianças com momentos tanto de luz como de escuridão, pela frente. Triunfos e erros. Chris ainda deveria ter muitos erros para cometer, sempre fora a melhor do mundo a cometer erros. E sempre acreditara que eram as más decisões que tornavam a vida merecedora de ser vivida.

Faye virou-se para que Chris não pudesse ver as suas lágrimas. Pelo canto do olho, viu Chris inclinar-se para Johan, enquanto lhe explicava os pormenores exactos da situação. Apesar do conteúdo horrendo, aquela poderia ser a mais bela conversa a que Faye alguma vez assistira. E Chris sorria como uma criança assim que Johan abria a boca. Por momentos, Faye ficou a pensar como Jack reagiria se ela lhe tivesse contado algo assim. Jack não gostava de doenças. Ou de fraquezas. Teria desaparecido ao fim da primeira frase.

Faye levantou-se para lhes dar alguma privacidade, mas Johan pediu-lhe que ficasse. Virou-se para Chris.

—Agora que já disseste o que tinhas para dizer, quero contar-te uma coisa que tenho andado a evitar. E mais vale a Faye ficar aqui, porque talvez sejas tu que me vais deixar depois disto, e então vou ser *eu* a precisar de alguém que me dê um abraço.

Chris pareceu ficar preocupada e Faye ficou furiosa. Isto não era decididamente a altura certa para confessar algum deslize ou o que quer que fosse que ele estava a pensar dizer. Faye estava pronta para arrastar Chris dali para fora.

No entanto, Johan enfiou uma mão no bolso e retirou algo de lá de dentro, pôs-se

de joelhos em frente a Chris e agarrou-lhe nas mãos. Algo brilhou entre os seus dedos, e o coração de Faye começou a bater pesadamente. Olhou para Chris, mas a amiga parecia não estar a perceber nada. A raiva passou-lhe tão depressa como surgira, e Faye sentiu arrepios pelo corpo todo. Johan só tinha olhos para Chris, ali de joelhos, no asfalto do recreio da escola. Alguns alunos pareceram perceber que algo importante estava a acontecer, como cães a farejar um biscoito, e ficaram parados em pequenos grupos.

Contudo, no mundo de Johan só ele e Chris existiam. Aclarou a garganta e disse:

—Chris, tu és a pessoa mais maravilhosa que já conheci, a mulher mais gentil e inteligente com quem já convivi. Amo-te profundamente. Desde o segundo em que te vi pela primeira vez. Se não me tivesses perseguido até Farsta, já tinha pensado voltar ao salão no dia a seguir, fazer uma crista ou outra coisa qualquer. Este anel... — mostrou-lhe que segurava um anel de noivado brilhante —, comprei-o quatro dias depois de nos conhecermos. Ando com ele desde então. Não queria parecer maluquinho e dar-to demasiado cedo, mas, para mim, não há nada que seja demasiado cedo em relação a ti. E agora parece que ando é com ele há demasiado tempo. Por isso, queria saber se queres usá-lo no teu dedo. O que estou a perguntar é... queres casar comigo?

Os alunos em redor começaram a gritar e a aplaudir. Alguém assobiou. Uma rapariga gritou, estridente:

—Vá lá, diz que sim! O Johan é espectacular! O melhor professor!

Chris pôs as mãos à frente da boca e, de repente, Johan ficou nervoso. Chris engoliu e estendeu-lhe a mão, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

—Claro que quero — sussurrou. Os alunos entraram em êxtase.

Johan fez-lhes um sorriso rasgado com um polegar erguido, e os grupos de alunos gritaram e aplaudiram ainda mais, antes de dispersarem. Johan atrapalhou-se um pouco com o anel até o conseguir colocar no dedo estendido de Chris.

—Amo-te — balbuciou Chris, puxou Johan para cima e beijou-o.

Faye encontrou um café simpático na rua Götgatsbacken, pediu um café, abriu o seu portátil e ligou-se à rede aberta sem fios. Instalara um serviço de VPN para manter o endereço de IP anónimo e impossível de rastrear. Inseriu a *pen* USB onde tinha organizado o que encontrara na conta de Gmail de Jack e deu uma vista de olhos pelo conteúdo. Ordenara as pastas de forma estruturada e clara, um verdadeiro sonho para um jornalista de negócios sequioso.

Faye escolhera uma jovem repórter, chamada Magdalena Jonsson, que trabalhava para o jornal *Dagens Industri*. Faye seguia o seu trabalho há muito tempo. Era perspicaz, rigorosa e escrevia bem.

«Se estiver interessada, tenho mais», escreveu-lhe no *e-mail* e enviou-o.

Tão simples como isso. Preparou-se para se levantar e sair quando ouviu o som de correio electrónico a entrar.

«Podemos encontrar-nos?»

Faye ponderou por momentos. Sabia que os jornalistas eram rigorosos com a protecção das suas fontes anónimas, era o que tinham de mais sagrado. Mas, ao mesmo tempo, também eram pessoas. Uma palavra accidental com copos a mais, um telemóvel roubado, uma conversa confidencial com um namorado, e tudo poderia ser desvendado. Faye não podia correr esse risco. Por enquanto ainda não.

«Não. Mas diz-me se quiseses mais material.»

A resposta chegou de imediato.

«Ok, obrigada! Tenho de pedir aos nossos peritos para confirmarem a autenticidade, por isso pode levar alguns dias, mas isto é inacreditável... se for verdade...»

«É tudo verdade», escreveu Faye de volta, desligou o computador e saiu do café.

A primeira página do *Dagens Industri* anunciava: «A exortação do director-geral da Compare, Jack Adelheim, aos seus colaboradores: aproveitem-se dos velhos e fracos.» Por baixo do título, uma sequência de fotogramas da filmagem que Faye enviara a Magdalena Jonsson.

Faye bebeu o seu café junto à ilha da cozinha. A história de como Jack Adelheim, director-geral da Compare, incentivava os seus colaboradores a mentirem a idosos

para ficar com o seu dinheiro preenchia quatro páginas. Estava ali tudo o que Faye recolhera do *e-mail* de Jack e enviara a Magdalena Jonsson, transformado em manchetes bombásticas. O mais comprometedor era um vídeo, filmado com um telemóvel, numa ocasião no início da rampa de lançamento para o sucesso da Compare, em que Jack, numa conferência interna de vendas, em termos claros e explícitos, instruía os funcionários a venderem «aos velhos» tudo o que conseguissem, por qualquer meio necessário. O lucro era tudo o que importava. O que interessava eram os resultados. O filme tinha a duração de dez minutos, dez minutos que minavam e destruíam completamente a honra e a moral de Jack, enquanto homem de negócios. Aquela filmagem era a tocha que Faye tivera mais esperanças de conseguir encontrar na conta de Gmail de Jack. O resto do material era apenas a cereja no topo do bolo. A filmagem em si teria sido o suficiente para afundar Jack. E ferir mortalmente a Compare, enquanto empresa cotada na Bolsa. Faye já vira a filmagem antes e contara que Jack fosse tão arrogante que a tivesse guardado.

Agora restava apenas ver a dimensão dos danos que conseguira causar. Ainda tinha receio de que não fosse suficiente. O mundo era cínico. A imprensa, o público, o mundo dos negócios eram todos animais inconstantes. E o interesse próprio guiava tudo. A única coisa que pudera fazer fora providenciar as condições.

Faye continuou a ler. Sequiosa, ávida, vingativa. Com uma ligeira impressão de felicidade no peito, a sensação de saber que Jack agora era a presa, vulnerável.

Para seu alívio, percebeu que a imprensa era implacável. O ângulo escolhido pelo *DI* era explícito e uniforme. Políticos, conselhos municipais e familiares dos idosos enganados faziam declarações ao jornal. O colunista do *DI* chamava-lhe o maior escândalo dos últimos dez anos e afirmava que seria impossível Jack Adelheim permanecer no conselho de administração da Compare. Faye folheou o jornal freneticamente. Quando acabou de ler, passou para as páginas do jornal *Aftonbladet*, do *Expressen* e do *Dagens Nyheter*. Todos apresentavam o escândalo e citações da filmagem nas suas páginas iniciais. O *Aftonbladet* até dedicava a emissão matinal à discussão sobre o que aqueles novos dados poderiam significar para as acções da Compare. Competiam uns com os outros na perseguição dos comentários mais condenatórios, feitos pelos nomes de maior peso. E o público em geral juntava-se-lhes. Como se atrevia Jack? Como se atrevia a Compare?

Faye tentou visualizar Jack. O que estaria a fazer? Como reagiria? Seguiria os

apelos dos comentadores para que se demitisse para salvar a empresa e evitar que as acções perdessem ainda mais valor?

Talvez. Se se sentisse suficientemente em pânico, suficientemente lesionado. Tendo em conta o seu passado familiar, fugia de humilhações públicas acima de tudo. O molhado e pesado cobertor de vergonha da sua infância poderia levá-lo a deixar tudo e simplesmente fugir. Não podia acontecer. Iria contra tudo o que Faye planeara. Era obrigada a incentivá-lo a ir à guerra, a lutar com todas as suas forças para se manter à tona. Afagar-lhe o ego, dizer-lhe que ninguém estava em melhor posição de salvar e liderar a Compare do que ele. Faye não acreditava que fosse muito difícil. Sabia exactamente que botões devia pressionar.

Telefonou a Kerstin, que fora mais cedo para o escritório.

—Já viste?

—Estou a ler agora mesmo. É inacreditável. Agarraram-se mesmo ao osso. Melhor do que o esperado.

—Eu sei. O que... o que achas que devo fazer?

—Não faças nada. Ele há-de vir ter contigo.

—Achas que sim?

—Não acho, querida, *sei* que sim. Em momentos de crise, todos procuramos as pessoas que nos podem validar. Quando o Jack precisa de validação, procura-te. Vai-te pedir conselhos. Ele sempre precisou de ti. Só que nunca teve cabeça para o compreender.

—A quanto estão as acções neste preciso momento?

Faye ouviu o barulho das teclas do computador de Kerstin.

—Desceram de noventa e sete coroas, para oitenta e duas desde que a praça abriu.

Faye tossiu. Era muito, mas continuava longe do seu objectivo. Quando caíssem abaixo das cinquenta coroas, Faye daria instruções ao seu gestor de fundos na ilha de Man para que comprasse todas as acções que conseguisse encontrar. Provavelmente seria suficiente para se tornar accionista maioritária.

Jack e Henrik detinham quarenta por cento da Compare. Tinham precisado de muitos investidores no início, e esses haviam tido a oportunidade de comprar acções da empresa. Jack e Henrik tinham feito um grande alarido sobre o facto de aqueles que compraram as acções terem a mesma visão que eles próprios, no que dizia respeito à Compare. Porém, o facto de não serem accionistas maioritários tornava-os

vulneráveis. O que Faye salientara várias vezes. Sem sucesso.

—Ainda falta um bocado — respondeu a Kerstin.

—Não te preocupes. Vai resultar. Pode demorar alguns dias, mas, quanto mais aumentar a insatisfação em relação ao Jack, quanto pior for a maneira dele enfrentar isto, mais o valor das acções irá descer. Só tens de o fazer agarrar-se com unhas e dentes.

—Eu sei — disse Faye.

Ficaram em silêncio alguns momentos.

—Quando vens para o escritório? — perguntou Kerstin.

—Acho que hoje não vou, a Chris precisa de mim.

—Vai ter com a Chris — respondeu Kerstin. — Eu trato das coisas aqui.

O som do despertador de Chris ecoava pela escada. Faye não a avisara de que estava a planear aparecer. Também raramente o fazia. A porta de Chris estava sempre aberta para ela, continuava inclusivamente a ter uma chave. Faye esperou e escutou. Passado algum tempo, ouviu passos arrastados de dentro do apartamento, o trinco girou, e a porta abriu-se.

Chris parecia cansada. A pele estava acinzentada, e por baixo dos olhos viam-se uns papos escuros enormes. Quando viu que era Faye, a sua boca moldou-se num sorriso cansado.

—Ah, és tu. Pensei que era um ladrão.

—E abres a porta?

—Precisava de alguém com quem mandar vir — respondeu Chris e debruçou-se para destrancar a grade de ferro branco.

—Coitados dos ladrões, não iam ter hipótese nenhuma. Já comeste alguma coisa?

—Nada desde ontem. Não tenho apetite nenhum, já nem espumante me apetece. Acho que isso prova a gravidade da coisa. Estou a pensar perguntar no hospital se me podem dar por via intravenosa.

Chris deitou-se no sofá enquanto Faye preparou café e vasculhou o frigorífico e a despensa, em busca de algo comestível com que forçar Chris a comer. Decidiu-se por duas fatias de pão escuro, com pasta de ovas. Chris deu duas dentadas, antes de empurrar o prato com uma careta.

—Essa pasta de ovas é do Johan. Eu nem quando estou saudável gosto disso.

Esfregou a língua com um guardanapo.

—Porque não me avisaste? — perguntou Faye. — Se tivesses dito, tinha preparado outra coisa.

Chris encolheu os ombros.

—Acho que a quimioterapia me destruiu as papilas gustativas. Pensei que até me pusesse a comer pasta de ovas. Mas nem a quimioterapia me consegue fazer aceitar esse sabor. Já tentei explicar ao Johan que é comida do demónio, mas ele recusa-se a acreditar.

—O que dizem os médicos? — perguntou Faye gentilmente e pegou no prato de pão com pasta de ovas.

—Temos de falar sobre isso?

—Não. Mas estou preocupada.

Chris suspirou profundamente.

—As coisas não estão muito bem, Faye. Nada bem, aliás.

Faye sentiu o cabelo da nuca eriçar-se.

—O que queres dizer com isso?

—Exactamente isso. O tratamento ainda não produziu efeitos. Bem, para além dos enjoos constantes, dos vômitos e da queda de cabelo, claro. Mas, pronto, ao menos estou magra, por isso escuso de ir suar para o ginásio.

—Não sei o que hei-de dizer.

Chris fez um gesto dissuasor com a mão.

—Podemos falar de outra coisa? Comporta-te como normalmente. Novidades?

—Já não lês os jornais?

Chris abanou a cabeça, cansada. Faye foi até ao *hall*, pegou na cópia amachucada do *Dagens Industri* que tinha na mala e regressou à sala. Colocou o jornal na barriga de Chris.

Depois de um olhar rápido para Faye, Chris abriu o jornal e folheou-o até à página com o artigo.

Faye comeu os restos de pão com pasta de ovas, enquanto Chris lia. Não partilhava da opinião da amiga em relação à comida.

—É completamente inacreditável — disse Chris e dobrou novamente o jornal. — Estavas à espera de que escrevessem tanta coisa?

—Não. E o melhor é que tanto os dois vespertinos como o *DN* agarraram-se à história. Mais a imprensa *online*, o Facebook e tudo o que é redes sociais.

—Deves estar felicíssima?

—Não quero lançar foguetes antes da festa.

—Tu és uma seca maior do que eu, e eu estou a morrer! Temos de celebrar isto de alguma maneira. Será que consigo arranjar um suporte de soro com espumante?

—Não é preciso, Chris. Celebramos depois, quando isto acabar. Quando estiveres boa.

Obrigou-se a sorrir.

—E como vai a vida de recém-comprometida?

—Por acaso é espectacular. Bem, tão espectacular quanto possível quando se vomita três vezes por hora. O Johan tem-me trazido o pequeno-almoço à cama todos os dias.

—Mas tu não comes?

—Não, mas ele não sabe. E não tenho coragem de lhe dizer que, se comesse, acabava a vomitar o lindo pequeno-almoço que ele prepara, meia hora depois.

—Quando é o casamento?

—Pois, isso é um problema. O Johan quer casar dentro de um ano e essas coisas todas. Não sei o que se passa com os jovens de hoje, são realmente superconservadores. Eu acho que não vou ter forças para isso.

Faye absteve-se de comentar que Johan era apenas cinco anos mais novo que Chris, dificilmente se poderia classificar de «jovem». Em vez disso, olhou seriamente para Chris.

—Tens de lhe explicar que não tens forças — disse-lhe num tom mais severo do que pretendia.

Faye não queria que Johan pressionasse a amiga. Chris tinha tempo. Tinha de ter tempo.

—Mas o problema é que, de outra maneira, talvez não aconteça de todo. Infelizmente, tenho alguns tumores que não foram convidados para a festa, mas que insistem em ficar.

—O tratamento vai resultar. Tem de resultar.

—Logo se vê — disse Chris e virou-se de costas para Faye. Em poucos segundos, adormeceu.

Faye colocou um cobertor por cima dela e acariciou-lhe as pernas quando a aconchegou. Depois, saiu silenciosamente do apartamento e trancou a porta com a sua própria chave.

Faye sentiu-se desolada quando desceu as escadas do prédio. Chris sempre tivera

uma gargalhada na ponta da língua, mas agora parecia quase convencida de que ia morrer.

O noticiário económico do canal SVT mostrava um gráfico com a queda do valor das acções da Compare durante o dia. Imagens à porta de entrada da sede da Compare em Blasieholmen eram intercaladas com cenas ao portão da vivenda em Lidingö. No entanto, ninguém encontrava Jack.

—Onde é que ele estará? — murmurou Kerstin, que estava sentada no sofá, ao lado de Faye, inclinada para a frente, a olhar para a televisão.

—Deve estar sentado em reuniões com consultores de relações públicas que franzem a testa e lhe explicam como deve gerir a comunicação à volta disto — respondeu Faye.

—E isso vai ajudar?

—Provavelmente não. Mas os consultores de RP vão poder debitar alguns bons milhares em conselhos inúteis.

Virou-se para Kerstin.

—Hoje foste ver o Ragnar, não foste? Como correu?

Kerstin abanou a cabeça.

—Já sabes que não quero falar sobre ele.

Faye assentiu com a cabeça e fez a vontade a Kerstin. Desta vez.

Por cada hora que Jack se mantinha inacessível, mais a frustração dos jornalistas parecia crescer. Quando Julianne entrou na sala, Faye mudou discretamente de canal. Preparou-se para a ir deitar, mas Kerstin ofereceu-se para o fazer. Desenvolvera-se um vínculo especial entre Faye e Kerstin, com Julianne como o elo comum. Ultimamente, Kerstin utilizava o seu apartamento praticamente apenas para dormir, e Faye não queria que fosse de outra maneira.

Agora, ouviam-se risos do quarto de Julianne, e Faye sorriu. Tinha Julianne e Kerstin na sua vida, não poderia contentar-se com isso? Tinha mesmo de esmagar Jack? Julianne sempre idolatrara o pai, e as crianças precisavam de ambos os progenitores. Mesmo que Jack nem sempre tivesse tempo para a filha, mesmo que Julianne de vez em quando chorasse quando ia para casa dele ultimamente. Faye sabia que era natural em filhos de pais divorciados. A constante ansiedade da separação.

Se Jack amava Julianne ou não, Faye realmente não sabia. Sempre a tratara como

uma princesa, mas, por vezes, parecia que ela era mais um acessório bonito que ele gostava de exibir ao mundo exterior. E o amor de um pai não era garantido. Faye, melhor que ninguém, estava consciente disso.

Por vezes permitia-se ter breves momentos de dúvida, mas, no fundo, sabia que não tinha alternativa. Jack humilhara-a, rebaixara-a e traíra-a. Escolhera abandonar a família, por quem Faye abandonara tudo o resto. Os homens haviam tido poder sobre ela toda a sua vida. Não podia deixar Jack escapar sem castigo.

Decidiu não continuar a ver o resto do noticiário e foi até à cozinha buscar um copo de vinho. Quando regressou à sala e se esticou para o seu *iPad*, recebeu uma mensagem de Jack.

«Preciso de te ver», escrevia.

«Onde?», respondeu Faye.

Passou um minuto antes de o telemóvel apitar novamente.

«No sítio onde nos conhecemos.»



A chuva caía torrencialmente quando Faye fechou a porta do táxi atrás de si e, encolhida, correu para dentro do bar. À volta de uma mesa, estavam três rapazes, dos seus vinte anos, a beber uma cerveja cada um. Jack estava ao fundo da sala. Na mesma mesa onde ela e Chris tinham estado sentadas, dezasseis anos antes.

Jack estava cabisbaixo, a olhar para o seu copo meio vazio de cerveja.

O empregado do bar acenou-lhe com a cabeça.

—Duas cervejas, se faz favor — Faye assumiu que Jack acabaria rapidamente a sua cerveja actual.

O empregado estendeu-lhe dois copos, e Faye levou-os para a mesa de Jack.

Jack levantou a cabeça, e Faye estendeu-lhe um dos copos.

—Olá — disse ele, com um sorriso triste.

Estava com um ar vulnerável. Pequeno.

O cabelo escuro estava penteado para trás e tinha uma madeixa molhada colada à bochecha. Estava pálido e com a pele flácida. Os olhos raiados de sangue. Nunca o vira tão abatido. Faye teve de resistir a um impulso de se atirar para os seus braços,

de o consolar, de lhe prometer que tudo acabaria bem.

—Como estás?

Jack abanou lentamente a cabeça.

—Isto... isto é a pior coisa que já me aconteceu.

A última réstia de simpatia desapareceu imediatamente quando percebeu quanto ele sentia pena de si próprio. Já não devia restar muito pano para as suas mangas de vítima. Não tinha sequer ponderado como teria sido para ela perder tudo. Tornar-se uma pária social, indigente, rejeitada. Faye passara por tudo o que ele estava agora a experienciar. E mais ainda. Nessa altura, Jack não mostrara um pinga de compaixão para com ela. Porque haveria ela agora de lhe mostrar isso a ele?

Contudo, para conseguir o que queria, tinha de lhe dar o que ele desejava primeiro.

—O que vais fazer? — perguntou-lhe Faye, com a voz suave.

—Não sei — respondeu Jack, em voz baixa.

Faye ponderou como havia de formular as suas palavras. Jack não podia demitir-se, se não tudo iria por água abaixo. Tornar-se-ia apenas mais um homem de negócios que se revelara demasiado ganancioso. E desses já havia muitos pelo mundo. A saída de Jack tinha de ser mais espectacular do que isso.

Faye era obrigada a convencê-lo a manter-se no cargo. Queria aumentar a altura da queda. E parecia que a simples presença dela o deixara pronto para a batalha. Jack olhava para Faye com um novo brilho nos olhos. Ao fundo, ouvia-se Carly Simon a cantar «Coming around again». Faye sempre adorara essa música. Principalmente os versos «So don't mind if I fall apart, there's more room in a broken heart». Mesmo que o seu próprio coração lhe parecesse mais pequeno, desde que Jack o quebrara. Como se tivesse encolhido.

—Aquilo aconteceu há mais de dez anos — continuou Jack. — Como pode sequer ser notícia agora? Eu era novo e estava sedento, nessa altura. Faz-se o que for preciso, são negócios. A única coisa que interessa às pessoas são os resultados. Não há um cabrão que se importe com os métodos. Mas agora? Só pode ser inveja. As pessoas detestam gente bem-sucedida. Detestam as pessoas como eu e tu, Faye. Porque somos mais espertos do que eles.

Faye não respondeu. De repente, eles eram um «nós» outra vez. E, depois de ter passado tantos anos a dizer-lhe que ela era estúpida, agora falava-lhe outra vez da sua inteligência. A raiva abateu-se sobre Faye de tal maneira que teve de apertar a

mão à volta do copo. Jack continuou a sua diatribe. A voz estava agora queixosa, e começavam a aparecer-lhe manchas vermelhas no pescoço. Faye nunca o vira assim.

—Não é possível enriquecer neste país sem nos aproveitarmos de algumas coisas. Os nossos métodos talvez tenham sido agressivos, mas, porra, não eram ilegais. Os reformados também têm de saber controlar o seu dinheiro, estamos a falar de adultos. Com responsabilidades próprias. Nesta merda de país é sempre culpa de outra pessoa, outra pessoa é que tem de apanhar o lixo, ser o bode expiatório. Aí a montaria avança, quando a única coisa que se fez foi construir um negócio de sucesso, dar empregos a uma data de gente e contribuir para o PIB da Suécia.

Jack abanou a cabeça em frustração.

—O único erro que cometemos foi ganhar uns trocos, e isso deixa as pessoas azedas. Comunistas de merda. Não os vou deixar destruir tudo o que eu criei, foda-se!

Jack bebeu o que restava da cerveja que Faye pedira e fez um sinal com a mão para o empregado, para que lhe trouxesse mais uma. Faye observou-o, como se o estivesse a ver pela primeira vez. Comportava-se como uma criança birrenta, a quem tinham tirado o brinquedo favorito. Se fosse com aquela atitude para os jornais, não duraria muito tempo.

Faye tinha de o acalmar. Queria que Jack fosse assado a baixa temperatura. Não podia deixá-lo arder à rapidez de um foguete para bolos.

—Jack — começou por lhe dizer com um tom suave e colocou a sua mão por cima da dele. — Concorde contigo em relação a tudo o que estás a dizer. Mas tens de ter uma abordagem mais humilde. Dizer que eras muito novo, mas que agora tens mais experiência. Talvez possas ir a um dos vossos lares de idosos e fazer voluntariado durante um dia. Convidar a imprensa. Reconquistar a confiança das pessoas.

Já conseguia imaginar Jack a visitar um dos lares. Claro que os jornalistas não se iriam deixar enganar, o que tornaria toda a situação ainda pior. Jack seria chacinado.

Todavia, o processo seria mais lento.

—Sim, talvez.

Jack parecia pensativo. As manchas vermelhas no pescoço começavam a acalmar.

—Pensa nisso, pelo menos. O que diz o conselho de administração? E o Henrik?

—Claro que estão preocupados. Mas eu expliquei-lhes que tudo vai acabar por passar. Ninguém quer que eu me demita, não há ninguém mais capaz do que eu.

Jack endireitou-se. Continuava convencido da sua própria superioridade e excelência. Faye resistiu a um impulso de afundar lentamente os seus saltos *Jimmy Choo* nos pés calçados de *Gucci* de Jack. *Gucci* feios, ainda para mais. Jack vestia-se melhor quando a tinha a ela como conselheira de moda. Ylva parecia querer que Jack se vestisse como um milionário do petróleo russo. A cada ano que passava com Ylva, tornava-se cada vez mais ostensivo e apresentava-se coberto de logótipos de marcas.

—Claro que não — respondeu Faye, docemente. — Ainda bem que compreendem.

Jack olhou-a nos olhos.

—Estou... fico contente por teres vindo ter comigo. Sei que nem sempre foi fácil viver comigo. Aquilo que aconteceu com a Ylva... são daquelas coisas que simplesmente acontecem, coisas que não dá bem para controlar...

Jack começava a ficar embriagado e teve alguma dificuldade em fixar os olhos em Faye.

—Ela não me compreende como tu. Ninguém compreende. Nunca ninguém compreendeu. Não percebo no que estava a pensar...

Faye baixou os olhos para as suas mãos entrelaçadas.

—Eu cresci, Faye, amadureci. Acho que não estava preparado. Mas agora percebo que foi um erro. Não significou nada, na verdade. Eu só queria ter... tudo.

A sua voz estava miserável e suplicante. As palavras enrolavam-se-lhe na língua. Acariciava-lhe as costas da mão com o polegar, e Faye teve de reunir todo o seu autocontrolo para não puxar a mão de volta. A raiva tinia-lhe nos ouvidos. Como não vira antes quão fraco ele era? Teria fechado os olhos com tanta força? Teria visto apenas o que queria ver? Preenchido os espaços em branco sozinha? Como se Jack tivesse sido um enorme quadro a pintar por meio de números. Incompleto.

—Não penses nisso agora — respondeu-lhe com a voz rouca. — As coisas são como são. O mais importante é conseguires ultrapassar isto.

Jack olhou à sua volta.

—Isto está igual ao que era quando nos vimos aqui pela primeira vez. Lembras-te?

O seu rosto iluminou-se.

—Claro que me lembro. Eu estava sentada onde tu estás agora, a Chris estava sentada aqui.

Jack assentiu com a cabeça.

— Imagina se soubéssemos tudo o que íamos enfrentar, como tudo ia acontecer. Eu estava mesmo louco por ti. Porra, que tempos. Era tudo tão...

— ...descomplicado — completou Faye.

A raiva ainda lhe ressoava nos ouvidos. Afastava tudo para além da voz sentimental e pegajosa de Jack.

— Sim. Exactamente. Descomplicado.

Ficaram em silêncio alguns segundos, antes de Faye aclarar a garganta.

— O que vais fazer?

— Vou lutar — respondeu Jack. — Vou ultrapassar isto.

Apertou-lhe as mãos uma última vez.

— Obrigado.

— De nada — respondeu Faye. E esperou que Jack não tivesse reparado no tom de voz azedo.

Tinham passado três dias, e as acções da Compare estavam agora nas setenta e três coroas. Vários dos nomes de topo do mundo dos negócios tinham prestado declarações e explicado que a situação de Jack começava a tornar-se insustentável. Os accionistas vendiam as suas participações. Jack foi desconvocado como conferencista em dois seminários. Dera uma entrevista, não ao *Dagens Industri*, o jornal que publicara as filmagens pela primeira vez, mas ao *Svenska Dagbladet*. Falara sobre quanto valorizava as gerações anteriores. Que tudo, na verdade, era um grande mal-entendido, que o vídeo fora retirado de contexto, que fora há muitos anos, que se tratava de um erro de comunicação, que havia alguém que queria sabotar uma empresa de sucesso.

Desculpas, desculpas, desculpas.

E a opinião pública detestava aquilo. E detestavam Jack. A Associação Nacional dos Reformados dizia que era incompreensível ele não assumir as suas responsabilidades e abandonar a empresa.

Contudo, o conselho de administração continuava a afirmar a sua confiança em Jack. Mesmo que estivessem com medo do que os esperava mantendo Jack como director-geral, tinham ainda mais medo do que uma empresa sem Jack significaria. Jack *era* a Compare. O que era exactamente aquilo com que Faye contara, que isso acabasse precisamente por se transformar na sua queda.

Enquanto Chris fazia quimioterapia, Faye telefonou ao seu contacto bancário na ilha de Man e pediu-lhe que comprasse acções da Compare pelo valor de dez milhões de coroas. O preço das acções estabilizara ligeiramente; nem todos os investidores, aparentemente, tinham perdido a esperança na empresa. Ao mesmo tempo que adquiria uma pequena parte do bolo da Compare, dava a Jack uns momentos de descanso. A calma no olho da tempestade. Antes de fazer a próxima jogada.

Fjällbacka, naquele tempo

Fingi que estava a dormir quando o Sebastian se levantou da minha cama. Só se virou ligeiramente para o lado e pôs os pés no chão. Vestiu a roupa que estava no chão, e eu continuei de olhos fechados.

Ouvi o Sebastian abrir o frigorífico e os armários e puxar uma cadeira, que arrastou ligeiramente no chão de madeira. Um estrondo repentino fez-me dar um salto e abrir os olhos. Devia ter deixado cair uma tigela no chão, conseguia ver à minha frente os estilhaços e o iogurte espalhados pelo pavimento da cozinha. Imaginei o pânico do Sebastian.

Sentei-me na cama, sabia o que ia acontecer. O pai tinha o sono leve. Era sábado, e não queria ser acordado. O quarto da mãe e do pai ficava no andar de baixo, ao lado do quarto do Sebastian. Tinham discutido até muito tarde na noite anterior, e o pai devia estar exausto. Eu ficara acordada a ouvir os gritos e os baques, enquanto o Sebastian dormia profundamente, com o braço estendido por cima do meu peito.

O pai entrou na cozinha aos gritos. Encolhi as pernas, abracei-me aos joelhos, enquanto a escuridão se mexia dentro de mim. Os gritos estridentes do Sebastian ouviam-se através do chão, depois a voz suplicante da mãe. Mas eu sabia que a mãe não ia conseguir parar o pai. Ele precisava de expelir a raiva, precisava de desfazer alguma coisa, precisava da satisfação de alguma coisa a destroçar-se.

Quando os gritos pararam, deitei-me outra vez e puxei o cobertor por cima da cabeça. O lado da cama onde o Sebastian dormira ainda estava quente.

Faye aconchegou Chris na cama e sentou-se no sofá por alguns momentos. Ainda não queria deixar Chris. Pegou no computador e deu uma vista de olhos pelos *e-mails* de trabalho mais recentes. A respiração pesada de Chris no quarto ao lado tornava difícil concentrar-se. Era tão doloroso ouvir o sofrimento da amiga. Quando chegou a meio da caixa de entrada de correio electrónico, ouviu o telemóvel vibrar. Era uma notificação do jornal *Dagens Industri*. «Jack Adelheim responde!», dizia.

Faye sentia a pulsação nas têmporas quando clicou na página do jornal para abrir a entrevista. Era mais extensa do que rezeira, bajuladora e tão parcial que mais valia ser apresentada como «conteúdo patrocinado». Jack tivera rédea solta para interpretação e vinha descrito apenas em superlativos. O jornalista colocara-lhe todas as questões que o favoreciam, como bolas de golfe em fila.

Faye desceu a página até ao nome do jornalista. Maria Westerberg. Na fotografia que acompanhava o artigo, via-se a jornalista de pé, bem perto de Jack, à entrada de um dos hotéis caros da cidade. Ambos sorriam abertamente para a câmara. Faye olhou para a imagem com mais atenção. Jack e Maria estavam em frente a uma parede espelhada, e o editor de imagem não devia ter-se apercebido de um detalhe, quando inseriu a fotografia. Jack tinha a mão no rabo de Maria.

Faye bufou. Não tencionava deixar Jack ficar em vantagem outra vez, só porque seduzira uma jornalista. Esticou-se para o telemóvel e ligou para Jack. Ele atendeu com uma nova energia e entusiasmo na voz.

—O valor das acções está a subir outra vez. As pessoas estão a comprar acções da Compare — disse, contente. — Eu sabia que a maré ia mudar.

O tom triunfante. Uma certa autoconfiança voltara a fazer-se notar.

—Que bom para ti, Jack. Embora eu nunca me tenha preocupado, na verdade — sussurrou Faye. — Estou orgulhosa de ti.

Faye revirou os olhos enquanto se afastava da sala de estar de Chris. Johan estava quase a chegar.

—Era para saber se queres ir celebrar? — perguntou-lhe e sentiu-se satisfeita com a sua própria capacidade de representação. Precisava de mais munições para neutralizar o que ele conseguira alcançar, ao ir para a cama com Maria Westerberg.

—Claro que sim — respondeu Jack. — Estou no escritório. Mas posso escapar-me

daqui, se tiveres tempo agora.

Faye foi à casa de banho de Chris, abriu o armário onde sabia que a amiga guardava os comprimidos para dormir e pegou num *blister* de Stilnox. De qualquer maneira, Chris não ia reparar se faltassem alguns comprimidos.

—Estás aí? — perguntou Jack. — Estou? Ficaste sem rede?

—Sim, sim, estou aqui. Ainda bem que podes. Podemos encontrar-nos no Grand Hôtel.

—No bar?

—Não. Na *suite*.



Faye enviara uma mensagem a Kerstin, que prometera tomar conta de Julienne. Iam jogar *Minecraft* as duas, o que agora faziam todas as noites. Kerstin estava a tornar-se uma espécie de prodígio nessa área, até no escritório Faye dera com ela a jogar.

Nenhum preço é demasiado elevado para me vingar do Jack, dissera Faye para si própria, a caminho do hotel. E agora estava deitada na grande cama de casal, a observar o seu ex-marido, que estava eufórico de autoestima recuperada.

—Não me canso de ti — ofegou Jack e olhou para Faye por baixo dele. Jack estava de pé junto à cama, lambia-lhe os seios, mordiscava-os, mordia-os. E Faye desfrutava. Não do sexo, mas do facto de Jack pensar que era ele que se aproveitava dela.

Já não sentia a mesma fraqueza por Jack, o mesmo desejo que sentira quando tinham tido relações no seu escritório, na secretária de Ingmar Bergman. Isso fora um sonho de algo que provavelmente nunca existira.

Sentiu-se enjoada quando Jack a beijou com o seu hálito bafiento. Tinha começado a pintar o cabelo para esconder os primeiros cabelos brancos e parecia cada vez mais um capacete. Faye desconfiava de que também tinha começado a utilizar *botox*.

Aqueles pensamentos fizeram-na ficar seca como um deserto entre as pernas. Jack limitou-se a grunhir, molhou os dedos com a língua e lubrificou-a para poder

continuar a penetrá-la até se vir. Faye fingiu alguns gemidos meio indiferentes, e Jack deixou-se enganar alegremente. Não era o tipo de homem que se importava se a mulher conseguia um orgasmo ou não. Não para além de uma questão de ego pessoal, pelo menos. Faye ficou deitada na cama, enquanto Jack se levantou e passeou nu pela *suite*.

Deu por si a comparar o corpo dele com o dos homens com quem dormira desde que Jack a deixara. Apesar de saber que ele treinava num ginásio cinco vezes por semana, nem Jack Adelheim conseguia escapar à passagem do tempo. O rabo já não era tão firme. E não estaria a ficar com mamas de homem? Era como se Faye tivesse colocado um par de óculos, depois de ter passado demasiados anos a ver mal.

Teria sido a auto-imagem de Jack que se projectara em Faye? Deu por si a sentir falta do corpo firme de Robin. Ou de Mike. Ou de Vincent. Ou do outro com a *T-shirt* dos Nirvana com quem fora para casa no fim-de-semana anterior. Qualquer um dos homens que substituíra Jack na cama.

Jack entrou na casa de banho, a assobiar. Faye levantou-se rapidamente e vestiu as cuecas e o *soutien*. Esticou-se para a sua *boy bag* preta da *Chanel*, onde guardara o pó que conseguira obter depois de moer três comprimidos de Stilnox, em casa de Chris. Enquanto Jack tomava um duche, Faye ligou para o serviço de quartos e pediu um *whiskey* para ele e meia garrafa de *Cava* para si. Na casa de banho, Jack cantava «Love me tender». Despejou o pó no seu copo. Quando ele saiu do duche, Faye encheu a banheira para tomar um banho de imersão.

—Meu Deus, estou estafado — disse Jack e esticou-se na cama como um gato satisfeito.

—É a tensão a libertar-se, depois de tudo o que aconteceu. Bebe um *whiskey* e descansa um bocado — respondeu Faye e fechou a porta da casa de banho.

Afundou-se na água quente e esperou. Bebeu dois copos do seu espumante.

—Jack? — chamou, passado algum tempo.

Não obteve resposta. Levantou-se e abriu cuidadosamente a porta da casa de banho. Jack dormia de boca aberta, completamente nu. O seu pénis parecia bastante ridículo quando não estava erecto. Pendia contra a coxa, como uma lagarta branca. Faye deu uma risadinha. Jack ressonou alto, e Faye sobressaltou-se. Mas ele virou-se apenas de lado e afundou-se na almofada.

Faye vestiu um roupão, foi buscar o computador portátil de Jack, sentou-se à secretária, fez *login* e ligou-se à rede sem fios. Quantas horas teria disponíveis?

Tinha esperado que uma oportunidade destas surgisse, construía as bases para isso lentamente, ao deixar Jack aproximar-se dela de novo, ao transformar-se em alguém que ele quisesse ter outra vez. Quisera levá-lo a baixar a guarda, a deixá-la entrar, a confiar nela.

Esta noite conseguira uma oportunidade. E pensava tirar o maior partido disso.

Deu uma vista de olhos pelos *e-mails* enviados mais recentemente, mas não encontrou nada que pudesse ser de interesse, para além de parecer que tinha uma relação sexual com uma jovem estudante da Faculdade de Economia.

Faye escreveu o nome dela no Facebook e descobriu que a rapariga tinha apenas vinte anos. Faye estudou as fotografias. Era engraçada, loira, mas parecia aborrecida. Será que a imprensa estaria interessada em algo daquele género? Não, nunca publicariam aquilo. Ouviu um telemóvel vibrar no quarto e levantou-se rapidamente. Foi até ao pé de Jack cuidadosamente e olhou para o telemóvel que estava ao seu lado. Não fora aquele que recebera uma mensagem. Jack devia ter dois telemóveis. Claro que tinha dois. Provavelmente utilizava o secreto para as mulheres. Procurou nos bolsos do casaco e encontrou um *iPhone* branco.

Precisava de palavra-passe para conseguir desbloqueá-lo. Ou de uma impressão digital. Faye pegou cuidadosamente no dedo indicador de Jack e pressionou-o contra o telemóvel. Um segundo depois, tinha entrado. Confirmou que não tinha activado o som por engano.

A mensagem era de Henrik.

«Onde estás?»

Faye não se deu ao trabalho de responder e dedicou-se, em vez disso, a percorrer o histórico de mensagens. Aparentemente, Jack estava num delírio completo e, muito provavelmente, viciado em sexo. Faye ficou boquiaberta. Alguns dias, parecia ter dois ou três encontros sexuais planeados. Faye não conseguia compreender como ainda tinha tempo para se dedicar à empresa. Mulheres enviavam-lhe fotografias nuas e vídeos onde tomavam duche e se masturbavam. Jack respondia com fotografias do seu pénis. Faye sentiu-se estranhamente indiferente, apesar de algumas das mensagens e das fotografias já terem mais de três anos e, obviamente, terem sido enviadas durante o tempo em que ainda eram casados. Não o podia abominar mais do que já fazia. Contudo, estava desiludida. Nada do que encontrara no telemóvel a poderia ajudar. A imprensa sueca não publicava escândalos de infidelidade se a segurança nacional não estivesse em jogo. Em Inglaterra, por outro

lado, Jack já teria as fotografias do seu pénis a enfeitarem a capa de cada tablóide. Pelo sim, pelo não, Faye pegou no seu próprio telemóvel e filmou as fotografias que iam passando. Também filmou as mensagens escritas que Jack tinha na caixa de entrada e certificou-se de que era possível ver a quem a telemóvel pertencia. Tinha também algumas *selfies*, entre as suas pilas.

Em *Notas*, só tinha comentários breves e crípticos. Locais de encontro e horas. Faye comparou algumas notas com as mensagens escritas, mas percebeu que não correspondiam. Que encontros seriam aqueles? Provavelmente reuniões de negócios. Mas então porque não estariam registadas no calendário? Quando estava prestes a guardar o telemóvel outra vez, reparou no ícone da aplicação *Notas de voz*. Sem grandes expectativas, Faye abriu-a e verificou que havia cerca de trinta e cinco notas de voz gravadas. Quando abriu a primeira, assumiu que seria algo relacionado com sexo, mas, para seu espanto, ouviam-se dois homens a falar. Um deles era Jack, o outro Faye não conseguia identificar. Pareciam estar dentro de um carro parado. A qualidade do som era perfeita. Falavam descontraidamente, como se fossem velhos amigos.

Será que Jack também dormia com homens? Já nada a espantaria nesta altura.

Mas não, era outra coisa. Algo pior do que a filmagem de Jack, que já provocara o caos nas acções da Compare. Faye teve vontade de se rir em voz alta, mas controlou-se. Não podia correr o risco de acordar Jack antes de ter tempo de gravar aquilo tudo.

Para não deixar nenhum rasto informático, Faye abriu as notas de voz no altifalante e gravou-as com o seu próprio telefone. Quando confirmou a qualidade do som, conseguiu ouvir os roncos de Jack suavemente em segundo plano. Uma hora mais tarde, também já passara o seu computador em revista sem encontrar mais nada. Não obstante, estava satisfeita.

Valera a pena aguentar a queca surpreendentemente miserável. Perguntou-se tranquilamente se Jack sempre fora um amante tão reles. Se teria sido apenas mais uma coisa sobre a qual Faye mentira a si própria. Ou, então, simplesmente não tinha tido nada melhor com que o comparar. Pensou no rapaz com a *T-shirt* dos Nirvana e sentiu-se ficar imediatamente húmida entre as pernas. Ele dera-lhe três orgasmos. Seguidos.

Faye inseriu o código da porta do prédio de Chris com naturalidade. Chris pedira-lhe com tal veemência para ela lá ir que Faye ficou nervosa.

Entrou no elevador e tentou pensar em qualquer coisa que não na doença de Chris.

Enviara os ficheiros de som à mesma jornalista a quem dera a primeira notícia. A nova revelação de que o director-geral da Compare tivera conhecimento, e que até tentara encobrir, duas mortes devidas a negligência num dos lares da empresa, causara ondas de choque e indignação por toda a Suécia, muito para além da estreita esfera do mundo financeiro.

O valor das acções da Compare afundara-se como uma pedra. Tanto os jornais de negócios como os tablóides citavam novos políticos e personalidades públicas da área financeira, assim como fontes anónimas na direcção da Compare, que diziam que Jack agora tinha de se demitir.

Naquele momento, as acções tinham descido para as sessenta e três coroas.

O elevador parou, e Faye obrigou-se a abrir a porta. Johan pedira uma licença sem vencimento para poder tratar de Chris a tempo inteiro, o que fizera que as visitas de Faye se tivessem tornado mais esporádicas. Tinha receio de se intrometer, receio de os perturbar naquele que agora começava a compreender ser o último tempo que Chris e Johan teriam. E, por vezes, sentia que realmente não tinha forças para aquilo. Sempre que via Chris tão doente, era como se uma parte de Faye morresse também. No que dizia respeito a Chris, Faye não era corajosa. Era apenas uma cobardezinha de merda, que queria fugir da verdade e da realidade.

Johan abriu a porta.

—Como é que isto está? — perguntou Faye.

Johan encolheu os ombros.

—Está... o que hei-de dizer?

—Não queres ir dar um passeio entretanto, sair um bocado daqui?

—Sim, talvez. De qualquer maneira, a Chris queria falar contigo sozinha.

O estômago de Faye contraiu-se de preocupação.

Quando Faye entrou no quarto de Chris, teve de se esforçar para não gritar. Chris era só pele e osso, as costelas estavam visíveis, a pele à volta dos ombros apertava-lhe

as clavículas. Os olhos estavam afundados na cara, a sua tez baça, seca e acinzentada.

Lá fora, a vida prosseguia com normalidade, os autocarros andavam de um lado para o outro, pessoas discutiam, faziam amor, andavam de carro, casavam-se e separavam-se. Mas ali, num último andar da rua Nybrogatan, Chris estava deitada, a definhar lentamente.

Faye sentou-se na cadeira junto à cama e pegou cuidadosamente na mão de Chris.

—É o fim da linha para mim — disse Chris.

—Não digas isso.

—Digo, alguém tem de o dizer. E tanto tu como o Johan deviam passar os dias a fazer alguma coisa melhor do que tratar de mim. Estou a morrer.

Faye apertou-lhe a mão com mais força.

—Mas os médicos...?

—Oh, os médicos pararam o tratamento.

O cancro, tinham os médicos explicado, espalhara-se. O corpo de Chris estava cheio de tumores que não desapareciam com o tratamento. Pelo contrário, multiplicavam-se.

Já não havia mais nada a fazer para além de tentar aliviar as dores. Tinham sugerido um lar para doentes terminais. Mas Chris recusara, contou a Faye com a voz rouca.

—O Johan sabe? — perguntou suavemente.

—Não, ainda não. Não sou capaz... foi por isso que te pedi para vires cá. Queria perguntar-te se lhe podes contar. Não aguento ver a cara dele. Sei que é cobarde da minha parte, mas...

—Claro que conto — disse Faye sem hesitar. Não aguentava mais um segundo daquela conversa.

Acariciou calmamente a mão de Chris, mas teve de se levantar e de correr para a casa de banho. Incapaz de continuar a esconder as emoções, chorou em silêncio, encolhida no chão da casa banho, com a testa contra o azulejo frio.

Não sabia dizer exactamente quanto tempo ficou ali deitada. Só se levantou quando ouviu Johan abrir a porta da rua outra vez.

Faye e Johan passeavam em silêncio pela rua Nybrogatan. Faye precisara de

apanhar ar, precisava de espaço para conseguir ter aquela conversa com Johan. Viraram para a rua Karlavägen. Faye apontou para o bar The Londoner.

—Parece-me que vamos precisar os dois de álcool forte.

Faye pediu e bebeu um grande trago logo a caminho da mesa onde Johan se sentara. Ele batia com os dedos no tampo, num gesto de nervosismo. A expressão facial estava tensa.

Faye era obrigada a recompor-se agora, a ser a pessoa mais forte.

—Isto... não sei como é que te hei-de dizer, Johan. A quimioterapia não está a resultar, os tumores estão a espalhar-se. Os médicos interromperam o tratamento.

Johan assentiu lentamente.

—Eu sei.

—Sabes?

—Sim. O meu irmão mais novo é médico. Oncologista em Gotemburgo. A Chris tinha uma cópia dos relatórios na mala. Copiei-os com o telemóvel e enviei-os ao meu irmão. Ele ajudou-me a decifrar o que estava lá escrito. Percebo que te pareça horrível eu andar a mexer nas coisas dela desta maneira, e sei que ela tem o direito de só me contar o que quiser, quando quiser. Mas eu... não aguentei não saber... não consigo evitar, quando se trata da Chris. Ela tenta excluir-me disto quando não precisa de o fazer.

Faye assentiu com a cabeça. Pôs a mão em cima da dele. Compreendia perfeitamente.

Johan olhou para ela.

—Quero casar com ela na mesma. Reservei uma hora numa igreja daqui a duas semanas. Ia ser uma surpresa.

Faye inclinou-se para trás. Sentiu-se imediatamente desconfortável. Sentia que conhecia Johan bastante bem por esta altura, gostava dele, e ele não parecia ser desse tipo, mas não conseguiu conter-se. A sua própria amargura misturava-se com a dor que sentia por Chris.

—Se te queres casar com ela por causa do dinheiro — disse-lhe e inclinou-se para ele —, mato-te.

Johan sobressaltou-se. Pareceu não ter a certeza se Faye estaria a brincar.

—Percebeste? Mato-te, com as minhas próprias mãos.

Deixou-o vislumbrar a escuridão que escondia permanentemente, deixou-a vir à tona por uns segundos.

—Porque é que eu havia de...?

Johan olhou para ela em choque.

—Porque a Chris tem uma fortuna de mais de cem milhões, e eu sei o que o cheiro a dinheiro faz às pessoas. Já o vi. E sei do que os homens são capazes. Como podem ser cruéis. Eu gosto de ti, Johan, palavra que gosto, pareces-me boa pessoa. Mas a minha melhor amiga vai morrer. A única pessoa do mundo, para além da Kerstin, que me é próxima a este nível. E não vou deixar ninguém enganá-la ou aproveitar-se dela no leito de morte. Por isso, se tens algum tipo de motivação monetária para querer casar com ela antes de... antes de ela morrer... então sugiro-te, para teu bem, que esqueças o casamento e continues a fazer o papel de noivo apaixonado com credibilidade total até ela...

Faye engoliu o choro e bebeu mais um gole.

—Mas, se tens boas intenções, então ajudo-te a tratar de toda a parte prática. E vou saber distinguir, Johan. Não cometas o erro de me subestimar.

Johan olhou-a nos olhos sem se deixar melindrar pela sua escuridão. Isso acalmou o nervosismo de Faye. Johan era a sério. Não tinha medo dela.

Rodou o líquido no copo. Acabou por dizer:

—Gosto de ti. E aprecio que a queiras defender. Amo a Chris mais do que qualquer pessoa que já conheci. Não tenho nenhum motivo para além disso. Quero poder referir-me a ela como minha mulher.

Ficaram a olhar um para o outro.

—Ainda bem — acabou Faye por dizer, antes de beber um grande trago e de limpar a boca com as costas da mão. — Então vamos tratar de organizar o casamento do século.

Brindaram batendo os copos um no outro. Mas ambos se sobressaltaram com o som. Por momentos, soou-lhes a sinos fúnebres.

Fjällbacka, naquele tempo

No dia em que o Sebastian ia ser enterrado, toda a gente teve dispensa das aulas. Pela primeira vez, tinham-me deixado em paz por algum tempo, na escola. Tinham acontecido demasiadas coisas, em muito pouco tempo. O choque repousava como uma manta grossa por cima do recinto da escola, por cima das salas de aula, por cima dos cacifos metálicos com rabiscos feios e absurdos.

A igreja estava a rebentar pelas costuras. O Sebastian, que nunca tivera amigos de verdade, agora conseguira encher uma igreja. Várias raparigas da idade dele choravam e assoavam-se ruidosamente nos lenços de papel que traziam consigo. Perguntei-me se alguma vez tinham sequer falado com o Sebastian.

A mãe escolhera um caixão branco. E rosas amarelas. Na verdade, as rosas eram totalmente desnecessárias. O Sebastian nunca se interessara por essas coisas. Mas presumi que tudo aquilo era para as pessoas que cá ficaram. O Sebastian agora estava frio e morto no caixão. Com que se iria importar agora?

Foi o pai que o encontrou, pendurado por um cinto do varão do guarda-fatos. Tinha gritado pela mãe e depois puxado o Sebastian do varão. Tirado o cinto do pescoço. Tinha-o abanado, gritado com ele, enquanto a mãe telefonava a pedir ajuda.

A ambulância demorou muito tempo a chegar, mas eu sabia que não ia fazer diferença, mesmo que se despachassem. O Sebastian tinha os lábios azuis, e a pele estava cinzenta. Eu sabia que ele estava morto.

Sentia os olhares todos nas minhas costas, ali, onde estávamos sentados, na primeira fila da igreja. O braço do pai, vestido com um fato, vibrava contra o meu. De raiva. Porque a morte era a única coisa que não podia controlar. A única coisa que ele não podia aterrorizar até à obediência e à submissão.

A morte não queria saber dele para nada, e isso levava-o à loucura, ali sentado na igreja, a olhar para o caixão branco do Sebastian, com as rosas amarelas que a mãe tinha escolhido.

Não organizámos nenhum encontro para depois do enterro. Quem havíamos de

convidar? Nenhuma daquelas pessoas que tinham enchido a igreja eram nossas amigas. Eram só abutres que perseguiam a nossa dor e queriam chafurdar nela.

Tanto eu como a mãe sabíamos que o pai ia precisar de uma descarga quando chegasse a casa. Tínhamos sentido a fúria dentro dele durante semanas. A mãe disse-me para ir para o meu quarto. Primeiro obedeci, subi as escadas. Mas depois, quando cheguei ao último degrau, decidi ficar ali sentada. Encostei a cara à trave de madeira que finalizava o corrimão e senti a frescura da madeira branca contra a pele. Dali conseguia ver a cozinha. Se eles se tivessem virado, também me teriam visto, mas andavam apenas à volta um do outro, como dois tigres dentro de uma jaula. O pai, com a cabeça inclinada para a frente e os punhos a abrir e a fechar. A mãe, com a cabeça erguida, vigilante, a observar atentamente cada movimento que ele fazia. Pronta. Preparada.

Quando o primeiro golpe a atingiu, ela não se mexeu. Não se desviou. O punho do pai bateu-lhe directamente no queixo, fez a cabeça ser projectada para trás e depois voltar violentamente para a frente. O pai bateu-lhe outra vez. Saiu-lhe um esguicho fino de sangue da boca que borrifou as portas dos armários como se fossem uma pintura abstracta. Saiu-lhe uma coisa da boca que bateu no chão e fez um ruído leve e duro. Era um dente.

Ela caiu para o chão, mas o pai continuou a bater-lhe. Mais e mais e mais.

Percebi que a mãe não ia sobreviver muito mais tempo nesta casa, agora que o Sebastian tinha morrido.

Dois dias depois, as acções da Compare tinham atingido um novo mínimo. Faye estava num almoço de trabalho, sobre uma nova colaboração da Revenge com a estrela da *pop* Viola Gad, que acabava de encontrar o marido na cama com uma rapariga de dezoito anos, quando Kerstin lhe enviou uma mensagem.

«Quarenta e nove coroas e noventa e cinco cêntimos. Agora!»

Faye pousou os talheres, pediu licença a Viola e à sua *manager* e dirigiu-se à casa de banho.

Trancou a porta e sentou-se em cima da tampa da sanita. Tudo por que lutara estava subitamente ao seu alcance. Tinha capital suficiente para comprar cinquenta e um por cento das acções, assumir o controlo da direcção e certificar-se de que Jack era despedido. Sentiu-se tonta. Na realidade, queria gritar a plenos pulmões. Telefonou ao seu corretor de Bolsa britânico Steven e pediu-lhe que comprasse todas as acções da Compare que conseguisse. Se precisasse de mais dinheiro, devia telefonar-lhe de volta, e ela transferiria mais alguns milhões.

—*No problem, boss. It will be yours before nightfall* — respondeu Steven.

Depois de ficar mais um minuto sentada, recompôs-se e regressou ao seu almoço. Tinha o pulso a mil. Todavia, quando se sentou novamente em frente a Viola Gad e à piza de caviar, nada do seu caos interior era visível.

Faye deu um passeio pela praça Stureplan, onde a confusão da hora de almoço já acalmara e as pessoas voltavam para os seus locais de trabalho. O ar estava espantosamente quente. Sentou-se num banco, enquanto ponderava a que deveria dedicar o resto do dia. Não podia acrescentar nada de importante à própria aquisição da Compare. Telefonou a Chris, mas não obteve resposta. Provavelmente estaria a dormir. Johan queria tratar de todos os preparativos para o casamento sozinho, mas prometera-lhe que a contactaria se precisasse de ajuda com alguma coisa.

Os seus pensamentos voltaram à aquisição. Um homem teria festejado o sucesso, celebrado o seu trabalho árduo, sem ter vergonha, sem pedir licença. Faye decidiu fazer o mesmo e escreveu uma mensagem para Robin, com quem pensara já estar tudo terminado, a pedir-lhe para se encontrar com ela no Starbucks.

Robin estava nas proximidades, e combinaram encontrar-se dali a quinze minutos. Nada de falso orgulho masculino. Robin sabia o que ela queria e não dava importância ao facto de ela não o contactar há muito tempo.

Quando Faye entrou no Starbucks, Robin já fizera um pedido para os dois.

—Que bom ver-te! Não sei se querias café no leite? — disse e apontou para a chávena que tinha pedido para ela.

—Não vamos beber café.

Robin riu-se. O seu belo rosto estava descontraído e contente, e Faye sentiu-se relaxada por estar perto dele naquele momento. Ele não precisava de qualquer explicação, de jogos, de temas de conversa complicados ou de rodeios. Não precisava de mais nada na vida para além de treinar, de comida, de água e de sexo.

—Não queres café? — O seu sorriso mostrava que percebera perfeitamente o que ela queria dizer.

—Não, não quero café, quero sexo.

—Ai sim? — perguntou Robin, com ar provocador, mas levantou-se de imediato. Como um cachorro obediente.

—Reservei um quarto no Nobis.

Robin olhou para Faye com uma sobrancelha erguida.

—É à grande hoje? — comentou enquanto vestia o casaco.

—Acabei de comprar uma empresa por uns quantos milhões. Hoje mereço tudo.

—Gosto de ti, sabes disso?

Robin segurou a porta para Faye passar.

—Ainda bem. Isso vai facilitar as coisas que daqui a um bocado te vou pedir para fazeres.

—Hoje sou teu escravo.

—Tu és sempre meu escravo — respondeu Faye e sorriu-lhe.

Robin não protestou.

Faye e Johan estavam sentados de cada lado da cama de Chris. O seu peito erguia-se e descia, a cor da cara estava cinzenta, e a pele arrepanhada à volta do crânio. Estava tão pequena, definhara tão rapidamente.

Johan fez um sinal para a porta. Quando saíram para o corredor, encostou-se à parede.

—Não sei o que havemos de fazer. Ela já não consegue andar. Temos de cancelar o casamento.

—Isso está fora de questão.

—Está?

—Sim. Fazemos o casamento aqui em casa. No quarto, se for preciso. A Chris vai-se casar.

—Mas como...?

—Trazemos cá um padre, uma maquilhadora e o vestido de noiva. Cagamos nos convidados, para além das pessoas mais próximas. De qualquer maneira, a Chris não gosta de pessoas.

Faye reprimiu os seus sentimentos. Dominou as tempestades de aflição que a destruíam por dentro. Chris fora forte durante muito tempo. Fora como uma irmã mais velha carinhosa, que tomara conta de Faye, desde que ela chegara a Estocolmo. Agora, era a vez de Faye a carregar. É para isso que servem as irmãs. Chris ia ter o seu casamento e o seu Johan.

—Amanhã às 14 horas? — perguntou-lhe.

Johan engoliu em seco algumas vezes.

—Vou telefonar às pessoas que querem estar presentes e ao padre. O vestido de casamento...

—Eu vou buscá-lo a caminho de casa hoje. E trato de arranjar uma maquilhadora.

—E a comida?

—Eu trato disso. Certifica-te só, por amor de Deus, de que tu e a Chris estão prontos para o casamento. Eu venho cá amanhã de manhã cedo e ajudo-a a preparar-se.

Na manhã seguinte, Faye estava à porta da casa de Chris, juntamente com

Kerstin. Inspirou profundamente e tocou à campainha. Johan abriu, abraçou-as e deu um passo para o lado.

—Está tudo pronto — disse-lhes. — Toda a gente tirou o dia, compreenderam que tínhamos de fazer isto assim, para o conseguirmos fazer de todo.

—Como te sentes?

—Ser um casamento grande ou pequeno não me interessa. Mas antes de ela... desaparecer, quero casar-me com ela.

—Ótimo. Então vamos tratar disso.

Johan levou-as até ao quarto enorme de Chris.

Ela estava sentada na cama, com a ajuda de umas almofadas atrás das costas. À sua frente, tinha um tabuleiro com café, sumo de laranja e torradas.

—Como está a noiva mais bonita do mundo? — perguntou Faye e sentou-se no canto da cama.

—Bem, queria estar magra para o casamento, mas isto é realmente muito exagerado.

Faye não conseguiu rir-se da piada.

Chris levantou os olhos para Kerstin e Johan.

—Podem deixar-nos sozinhas, por favor? — pediu-lhes. — Só um bocado, enquanto eu falo com a minha dama de honor.

Quando fecharam a porta atrás deles, Faye pegou cuidadosamente na mão de Chris. Estava muito pequena e frágil, não muito maior do que a de Julianne.

—Não sei o que faria sem ti — disse Chris, suavemente.

—Não penses nisso, os casamentos são sempre divertidos de organizar, apesar das circunstâncias.

—Não estou a falar só disto, estou a falar de tudo. Todos os anos que passaram, tudo o que fizemos. Toda a merda que enfrentámos juntas. Claro que às vezes eras mais como uma borbulha no rabo, com o Jack e isso, mas a maior parte do tempo foste a melhor amiga que se podia desejar.

As lágrimas começaram a correr-lhe pela cara, Faye não as conseguia evitar.

—Temos mesmo de... temos de falar sobre isto agora? Tu vais-te casar.

—Sim, temos. Não temos muito mais tempo. E quero dizer-te isto enquanto ainda estou minimamente lúcida.

Faye assentiu com a cabeça.

—Não podia ter imaginado uma amiga melhor do que tu para a vida — continuou

Chris. — Tu realças tudo o que há de melhor em mim.

Faye limpou as lágrimas que teimavam em escorrer-lhe dos olhos.

—Tu és a fenda por onde a luz entra — disse-lhe —, aquela sobre a qual o Leonard Cohen cantava. Não consigo perceber... não sei como vou conseguir continuar sem ti.

—Oh, isso não me preocupa — respondeu Chris. — Só fico tão triste por não poder estar cá para ver.

—Fui para a cama com o Robin outra vez, a propósito. Lembras-te dele? Aquele que conhecemos quando me obrigaste a ir ao Riche, depois de andar a sentir pena de mim própria há demasiado tempo.

Chris soltou uma gargalhada.

—Estás a ver, até te desenrascas melhor sem mim.

Inclinou-se para trás, inspirou profundamente algumas vezes. Parecia que o menor movimento a deixava arrasada.

—Queres que te deixe descansar um bocado? — perguntou-lhe Faye calmamente. Chris abanou a cabeça.

—Não, nada disso. Estou é demasiado fraca para beber... mas realmente é o dia do meu casamento. Ao fundo da mesa-de-cabeceira há uma garrafa de *Jack Daniels*. Vamos fazer um último brinde, só nós as duas.

Faye debruçou-se e abriu a portinhola. Estendeu a garrafa para Chris.

—À nossa — disse Chris e levantou-a. — E a que eu nem tenha chegado perto de me tornar amarga por acabar desta maneira. Como podia ficar amarga quando pude viver uma vida destas?

Bebeu alguns tragos.

—À tua, Chris — disse Faye. — A melhor, a mais linda irmã que se podia ter.

Chris limpou as lágrimas.

—Tenho de me preparar, mas primeiro conta-me o que se passou com o Jack.

—Temos cinquenta e um por cento.

—Então está tudo pronto?

Faye assentiu com a cabeça.

—Está tudo pronto.

Chris agarrou o braço de Faye com uma força inesperada.

—Adoro-te tanto.

—E eu a ti.

Chris engoliu algumas vezes.

—Não tenho os meus pais, e tu és tudo para mim, e, mesmo não sendo uma tradição típica sueca, queria perguntar-te se tu... se queres dar-me a honra de me entregares ao Johan.

Faye abraçou Chris, abraçou-a com toda a força que tinha coragem de usar.

—Claro que quero.

Faye olhou pela janela. Consequia vislumbrar as pessoas que se moviam lá em baixo, na rua. A vida noturna que começara a ganhar fôlego.

Virou-se para o monitor novamente, tentou desviar os pensamentos de Chris e percorreu os últimos relatórios de resultados. Jack teria de ser informado em breve sobre o seu despedimento. Era um peso para a empresa e tinha de ser afastado. Não que Faye tivesse algum desejo de salvar a empresa. Uma parte de si só queria deixar a Compare ir para a cova, mas tinha de pensar nos colaboradores. Já encontrara um homem de negócios habilidoso que iria comprar as suas acções por um valor considerável. Com a contrapartida de mudar o nome da empresa. Assim, a Compare seria erradicada de qualquer forma.

Apesar de todos os escândalos, Jack continuava estupidamente a acreditar que podia manter-se agarrado ao cargo. Que *ele* continuava a ser a Compare. Se adivinhasse o que o esperava...

Acabou por ficar a trabalhar até tarde. A caminho de casa, Faye enviou uma mensagem a Kerstin a perguntar se queria passar lá. Acabavam praticamente todas as noites com um ou dois copos de vinho. Estavam certamente a tornar-se meio alcoólicas, mas tinham-se convencido uma à outra de que seguiam uma dieta mediterrânica e de que o vinho tinto diário fazia parte dela. Kerstin contara-lhe que a sua avó materna bebera uma grande colher de *whiskey* todos os dias, para o reumático. Depois disso, brincavam sempre, dizendo que precisavam de um copo de tinto por cada perna, por uma questão de saúde.

—Gostava de ver como o Jack vai reagir, quando souber que foi despedido — gritou Faye da cozinha, onde preparava umas bolachas e queijos. O queijo fazia parte do sortido de base no seu frigorífico.

Kerstin não respondeu, apesar de Faye conseguir perceber que ela já estava na sala de estar. Faye colocou os queijos num tabuleiro, juntou-lhes uvas e algumas bolachas e saiu para a sala.

Kerstin estava sentada no sofá, a olhar fixamente em frente.

—O que aconteceu?

Faye pousou o tabuleiro. Sentou-se ao lado de Kerstin e pôs um braço à sua volta.

Sentiu que a delicada mulher tremia.

—Ele... ele...

Kerstin não conseguia encontrar as palavras, só se ouviam os dentes a bater uns nos outros. Faye afagou-lhe as costas, a preocupação rasgava-lhe as entranhas. Seria possível que Kerstin também estivesse doente? Não a podia perder também, mais uma não, simplesmente não era possível. Por vezes, mal conseguia respirar com o pânico de perder Chris, apesar de o pior ainda não ter acontecido.

—O Ra... o Ragnar... — gaguejou Kerstin.

Faye congelou.

—Ele... o prognóstico mudou. Telefonaram-me do lar. Ele... está melhor. Aham que vai poder voltar para casa, se continuar no bom caminho.

Kerstin riu-se, um riso estridente, cru.

—Bom caminho! Disseram mesmo «bom caminho». Não têm maneira nenhuma de saber que, para mim, esse é o caminho mau. Como poderiam saber que aquela coisa frouxa, a quem limpam a cu e a baba, é um merdas sádico e nojento, que vai fazer a minha vida num inferno, se voltar para casa outra vez? Quem me dera ter tido coragem, ter-lhe posto uma almofada em cima da cara até ele asfixiar, quando ainda tinha a oportunidade...

Kerstin balançava para a frente e para trás, com os braços à volta do corpo. Através do tecido fino branco da blusa, viam-se as cicatrizes nas costas.

A cólera começou como um calor junto aos pés e espalhou-se pelo corpo acima, para depois explodir na cabeça de Faye.

Kerstin era a sua família, sua e de Julianne. O seu porto seguro, a sua bóia de salvação, a sua âncora. Ninguém podia ameaçar esse facto. Ninguém a podia ameaçar a ela.

Enquanto Kerstin chorava, Faye abraçou-a contra o seu peito. As lágrimas, absorvidas pela sua camisola de caxemira, em breve estariam secas.

No interior de Faye, a escuridão movia-se. Ali não havia lágrimas nenhuma.

O Sol brilhava, o céu estava de um azul-intenso, as pessoas riam, conversavam, bebiam café. Os autocarros e o metropolitano funcionavam normalmente. Mas, numa cama no último andar do Hospital Karolinska, estava a melhor amiga de Faye, ligada a fios e tubos vitais, a perder a luta que estivera destinada a perder desde o início.

Quando Faye estacionou o carro junto ao hospital, não tinham passado muitas horas desde que de lá saíra. Na sua visita no dia anterior, Chris mal tivera forças para falar, a voz estava tão frágil, os olhos tão cansados, o corpo tão fraco. A aliança que usara com tanto orgulho estava agora demasiado grande para os seus dedos finos. Por duas vezes, enquanto Faye estivera lá sentada a dizer-lhe quanto a amava, o anel caíra-lhe do dedo para o chão.

Faye chorara compulsivamente no carro, a caminho de casa, pois compreendera que o fim estava muito próximo. E, quando Johan lhe telefonara umas horas depois e explicara que era melhor ela regressar o mais depressa possível, Faye saíra de casa a correr.

Permaneceu de pé, na entrada, durante algum tempo. Como é que uma pessoa se despedia da sua melhor amiga? Como se despedia da sua irmã? Como raio era possível fazê-lo? Comprou um maço de cigarros e uma tablete de chocolate e sentou-se num banco. Algumas enfermeiras de bata almoçavam. Falavam dos filhos. Dois pais jovens levavam cuidadosamente o filho na direcção do parque de estacionamento. Paravam a cada dez metros, debruçavam-se sobre a cadeira-ovo e estudavam o pequeno milagre, sorridentes.

Depois de dois cigarros, Faye deitou o maço para o lixo, guardou o chocolate na mala e avançou para os elevadores.

—A Chris vai morrer — murmurou quando as portas se fecharam. — A Chris vai morrer.

O corredor estava em silêncio total, não se via uma pessoa. Os seus passos ecoavam. Faye parou à porta do quarto número oito e bateu antes de a abrir. Johan levantou a cabeça quando Faye entrou, mas não disse nada. Virou o olhar para Chris novamente, acariciou-lhe o cabelo.

Faye deu a volta à cama e parou ao seu lado.

—Já não falta muito — disse-lhe. — Ela já não está consciente, está numa espécie de coma. Agora... já não vai voltar a acordar. Não sei o que hei-de fazer, como é que alguma vez vou...?

A sua cara contorceu-se. Faye puxou uma cadeira e sentou-se ao seu lado.

—Ela está tão pequena, tão sozinha — sussurrou e limpou os olhos.

Faye não sabia o que responder. Em vez disso, colocou a sua mão por cima das mãos entrelaçadas de Chris e Johan.

—Pelo menos não tem dores — continuou Johan. As palavras saíam-lhe aos soluços. — Mas o que vão fazer com ela quando morrer? Não quero que a levem como um animal morto para a cave e a deixem lá completamente sozinha.

Ficou em silêncio.

Faye inclinou-se para trás. A cadeira rangeu.

—Dás-me alguns minutos sozinha com ela? — sussurrou.

Johan sobressaltou-se. Depois assentiu com a cabeça.

Levantou-se, pousou-lhe uma mão no ombro e saiu lentamente do quarto. Cuidadosamente, como se tivesse medo de acordar Chris, Faye passou para a cadeira onde Johan estivera sentado. O assento estava quente.

Faye debruçou-se sobre Chris, os lábios tocaram-lhe a orelha.

—Dói tanto, Chris — disse-lhe e lutou contra as lágrimas. — Dói tanto saber que vou ficar velha sem ti. Que aqueles sonhos que tínhamos, de irmos viver para o Mediterrâneo, abrir um restaurante, ficar na esplanada a jogar gamão, oxigenar o cabelo até ficar azul... que isso nunca vai acontecer. Agora sinto que nunca vou voltar a sentir-me feliz. Mas prometo-te que vou tentar. Sei que vais ficar zangada comigo se não o fizer...

Aclarou a garganta, inspirou profundamente.

—O que te quero dizer é que nunca te vou esquecer. O facto de ter sido tua amiga durante dezasseis anos foi a coisa mais bonita que me aconteceu. Tenho pena de nunca te ter contado a verdade sobre quem sou. Sobre o que sou. Tive medo que não compreendesses. Mas devia ter confiado em ti. Devia ter-te contado tudo. Por isso, conto-te agora, para o caso de me conseguires ouvir...

Em sussurros, Faye contou todos os seus segredos a Chris. Sobre o acidente, sobre Sebastian, sobre a mãe e o pai. Sobre Matilda e a escuridão. Não lhe escondeu nada.

Quando terminou, acariciou a cabeça de Chris e deu-lhe um beijo na cara. Este

era o seu último adeus.

Foi buscar Johan. Depois, ficaram em silêncio enquanto a vida deixava o corpo de Chris. Sete horas mais tarde, Chris deu o seu último suspiro.



Quando Faye deixou o quarto de Chris, onde Johan permanecia sentado, imóvel, com a testa apoiada na mão arrefecida da mulher morta, levou consigo um dos grandes ramos de flores que enchiam o quarto do hospital. O luto e a dor por Chris transformaram-se em resolução. Sentou-se no carro, pesquisou um endereço no Google e começou a conduzir. Agora, os seus olhos estavam secos. Já não tinha mais lágrimas. Estava vazia, ressequida. Os seus segredos estavam guardados em segurança com Chris.

Depois de estacionar o carro no parque de estacionamento, por baixo de um grande carvalho, dirigiu-se para a entrada. A porta não estava trancada. Olhou com atenção à sua volta. A recepção e o corredor estavam vazios. Ouviu vozes distantes de uma sala ao fundo, risos e o barulho de pratos a bater. Parecia-lhe que o pessoal estava a fazer um intervalo para o lanche.

Faye contou silenciosamente as portas do lado direito. A terceira porta à direita, dissera-lhe Kerstin. Sem perguntar porque Faye queria saber. Com passos rápidos, dirigiu-se até lá, abriu a porta rapidamente mas em silêncio e entrou. Não estava com medo. Apenas vazia. Sentia a falta de Chris tão claramente como se tivesse amputado um braço.

Escondera a cara por detrás do ramo de flores, para o caso de se encontrar com alguém no corredor. Colocou-o então em cima da cómoda imediatamente à entrada. Rosas amarelas. Que apropriado. Sabia que rosas amarelas simbolizavam a morte, algo que provavelmente escapara ao remetente do ramo.

Ouviu uma respiração pesada vir da cama. Avançou, pé ante pé, até à cabeceira. As persianas estavam fechadas, mas uma luz fraca atravessava-as de qualquer maneira. Ragnar pareceu-lhe fraco. Miserável. Porém, Kerstin contara-lhe o suficiente sobre o que ele lhe fizera para Faye não se deixar enganar. Era um porco. Um porco que não merecia respirar e viver, enquanto alguém como Chris estava a

arrefecer numa cama de hospital.

Faye estendeu-se lentamente na direcção de uma almofada que estava um pouco abaixo, na cama. Uma gargalhada alta no corredor fê-la sobressaltar-se, mas depois o som desapareceu. A única coisa que se ouvia era a respiração de Ragnar e os ponteiros de um relógio velho.

Olhou à volta do quarto com a almofada nas mãos. Frio. Impessoal. Sem fotografias, sem pertences pessoais. Paredes desbotadas pelo sol e um pequeno tapete de plástico no chão. O cheiro a pessoa idosa perdurava-lhe nas narinas. Aquele odor bafiento, ligeiramente adocicado, que se agarrava às pessoas mais velhas, quando ficavam doentes.

Lentamente, levantou a almofada e colocou-a por cima da cara de Ragnar. Não sentiu qualquer hesitação. Nenhuma preocupação. Ele perdera o direito ao seu tempo na Terra. Era só carne, peso morto, mais um homem perverso e maldito que deixava mulheres com cicatrizes e lágrimas atrás de si.

Inclinou-se para a frente. Projectou o peso do corpo na almofada que estava sobre o rosto de Ragnar, a tapar-lhe o nariz e a boca. Ragnar estremeceu ligeiramente quando ficou sem ar. Mas não havia força nos seus movimentos. Apenas leves espasmos nas mãos e nos pés. Faye mal precisou de se esforçar.

Pouco tempo depois, Ragnar ficou imóvel. Sem espasmos. Sem movimentos. Faye manteve a almofada em cima da cara até ter a certeza absoluta de que o marido de Kerstin estava morto. De seguida, colocou a almofada novamente em cima da cama, pegou no ramo de rosas amarelas e saiu sorrateiramente.

Só no carro, de volta à cidade, lhe vieram as lágrimas por Chris.

Fjällbacka, naquele tempo

Observei as rugas na cara do polícia. O seu olhar mostrava compaixão, mas ele não me via, não via o meu verdadeiro «eu». O que via era uma adolescente desengonçada, que perdera o irmão e, agora, provavelmente, a mãe também. Fiquei com a sensação de que queria pôr a mão por cima da minha, quando estávamos sentados ali, à mesa da cozinha, mas fiquei agradecida por não o fazer. Nunca gostara de ser tocada por estranhos.

Telefonara para a polícia às cinco da manhã, e eles tinham levado o pai uma hora depois. O cansaço fazia-me apenas querer deitar a cabeça na mesa da cozinha e fechar os olhos.

—Quando se fez silêncio?

Obriguei-me a ficar acordada, a ouvir as perguntas dele. A responder da maneira que era preciso.

—Não sei, talvez por volta das três. Mas não tenho a certeza.

—Porque te levantaste? A essa hora da manhã?

Encolhi os ombros.

—Levanto-me sempre cedo. E... e percebi que tinha acontecido alguma coisa... a mãe não ia sair de casa tão cedo.

Ele assentiu com a cabeça e fez uma expressão séria. Outra vez aquele olhar de quem me queria consolar. Tive esperança de que ele continuasse a resistir a esse impulso.

Eu não precisava de consolo nenhum. Eles já tinham levado o pai.

—Vamos continuar à procura, mas, infelizmente, estamos preocupados com a possibilidade de ter acontecido alguma coisa à tua mãe. Há algumas coisas que apontam para isso. E, daquilo que sei, o teu pai tem uma história de... violência.

Tive de me esforçar para não rir. Não que tivesse piada, mas por ser tão absurdo. «Uma história de violência.» Uma expressão tão seca, um resumo tão curto de anos de horror dentro destas paredes. «Uma história de violência.» Sim, também se podiam pôr as coisas dessa maneira.

Mas eu sabia o que eles queriam, por isso limitei-me a assentir com a cabeça.

—Talvez a consigamos encontrar — disse o polícia. — Sem ferimentos.

E depois aconteceu. A mão por cima da minha. Empática. Quente. Ele sabia tão pouco. Percebia tão pouco. Tive de me esforçar ao máximo para deixar a mão ficar quieta.

As semanas passaram. Os jornais receberam avisos de que Jack fora despedido. Graças às notícias sobre um novo proprietário, que prometia acções vigorosas e uma vistoria ética total à empresa, o valor das acções da Compare subira para níveis mais normais. Todavia, Jack não parava de se afundar e parecia completamente perdido na vida. Parecia que o tempo, de repente, decidira intervir na vida de Jack: envelheceu, ficou com mais cabelo brancos que não tinha tempo de pintar, e os seus movimentos pareciam mais lentos, mais cansados.

Para o exterior, Jack tentava manter as aparências. Continuava a ser, apesar de tudo, multimilionário. À imprensa de negócios prometia que estaria de volta, em força, muito brevemente. Contudo, à noite, podia telefonar a Faye, evidentemente embriagado, e balbuciar sobre os velhos tempos. Sobre pessoas que desiludira, sobre Chris, sobre tudo o que sacrificara.

Faye chegou à conclusão de que o achava patético. Detestava fraqueza, fora Jack quem lhe ensinara isso. O colapso de Jack só tornava mais fácil destruí-lo.

Cortou relações com Henrik, uma vez que considerava que o amigo o traía, ao permanecer no conselho de administração da Compare. Nem Henrik nem Jack ou qualquer outra pessoa da administração sabiam que era Faye quem detinha a maioria na Compare, pois apenas comunicava através dos seus advogados britânicos.

Estava na altura de dar os últimos passos. Chegara a vez de Ylva.

As suas lágrimas por Chris tinham acabado. Era espantoso a velocidade a que as coisas regressavam à normalidade. Faye pensava muito nela, sentia falta dela todos os dias, a todas as horas, mas conseguira aceitar o facto de a amiga já não existir. Aceitara que nada poderia trazer Chris de volta.

Talvez Chris a tivesse tentado impedir, se soubesse o que Faye planeava fazer. Mas nunca o saberia.

Jack estava à porta do prédio, quando Faye e Julianne chegaram com os sacos das compras. Quando Faye, nessa mesma tarde, lhe enviara uma mensagem a perguntar-lhe se queria jantar com elas, ele respondera que sim quase imediatamente.

—Olá, meus amores — disse Jack e colocou desajeitadamente um braço por cima de Julianne. — Pensei que eram dois anjos que vinham a descer a rua.

—Que bajulador — disse Faye e recebeu um beijo na cara.

De perto, conseguia sentir o fedor a álcool.

Jack fez-lhe um sorriso com olhos de carneiro mal morto.

—O que tens aí?

Apontou para os sacos das compras.

—Pensei fazer a minha bolonhesa — respondeu Faye.

—Que bom! — exclamou Jack e pegou nos sacos.

Pôs a mochila de Julianne por cima do ombro e segurou-lhes a porta.

—Como estás? — perguntou-lhe Faye, quando abriu a porta do apartamento.

Jack cambaleou ligeiramente.

—Está tudo bem.

—E a Ylva? Está quase na hora, não está? Estás ansioso?

Faye sabia que Jack detestava falar sobre Ylva.

—Ela está bem também, acho eu. Foi para os pais, por isso estou solteiro. A tua mensagem foi bastante oportuna, digamos assim.

Faye começou a colocar as compras em cima da ilha da cozinha.

—Não respondeste se estás ansioso pelo novo bebé.

—Acho que já sabes o que sinto em relação a isso. Claro que vou amar a criança, mas... sei quem é a minha família. A minha verdadeira família.

Faye teve vontade de lhe bater, mas, em vez disso, inspirou profundamente e sorriu de maneira coquete.

—Então a galinha da vizinha afinal não era melhor?

—Não, também se pode dizer isso.

—E o que vais fazer? — perguntou-lhe e começou a saltar a carne picada. — Agora que já não tens a Compare?

Jack abriu o frigorífico, tirou uma cenoura, passou-a por água e pô-la na boca.

—Isso resolve-se, as pessoas sabem o meu valor. Por falar nisso, aquela campanha que vocês estão a fazer...

—Sim?

—Não acho que aquela cantora *pop* seja a pessoa certa para a Revenge. Estive a olhar um bocado para os vossos números e parece-me que...

Faye sentiu-se como se a cabeça fosse explodir. Todo o corpo ficou tenso. Quem pensava ele que era? Mas Jack não reparou em nada, continuou apenas a tagarelar, a debitar conselhos atrás de conselhos.

—Deves ter razão — respondeu-lhe, quando ele se calou.

Respira, disse para si própria. Mantém as aparências. Lembra-te do plano.

Quando se sentaram à mesa, Faye foi atingida pelo surrealismo de toda a situação. Estavam sentados à mesa da cozinha, a conversar, da forma com que ela sempre sonhara, enquanto eram casados.

Durante muitos anos ansiara por aquilo.

—Tive saudades deste prato, Faye — comentou Jack ao ir servir-se uma segunda vez. — Ninguém faz bolonhesa tão bem como tu.

Brincou com Julianne e elogiou-a pelas palavras encorajadoras que os seus professores tinham proferido, na última reunião de pais. Disse-lhe quão orgulhoso estava dela.

Porque não podíamos ter sido assim, Jack? pensou Faye. Porque nunca te contentaste connosco quando estávamos juntos?

Por volta das nove e meia, Julianne já não conseguia manter os olhos abertos. Começou por protestar quando Jack a pegou ao colo, mas depois deixou-o levá-la para o quarto. Quando Jack voltou, ficou de pé, confuso, entre o sofá e a televisão.

—Bem, então vou para casa.

—Podes ficar mais um bocado.

—Queres que fique?

Faye encolheu os ombros e aninhou-se contra o braço do sofá.

—Não me faz diferença. Se tiveres outros planos...

Jack reagiu à sua indiferença com o entusiasmo de um cachorro.

—Então fico — disse logo e sentou-se. — Queres mais vinho?

—Sim, por favor — respondeu-lhe Faye e estendeu-lhe o copo. — Também há uma garrafa de *whiskey*, se preferires.

—Na cozinha?

Faye assentiu com a cabeça. Jack levantou-se, e Faye ouviu-o a remexer nos armários.

—No armário por cima do frigorífico — chamou Faye.

Ouviu a porta do armário abrir-se. Garrafas a tilintar.

—Este é excelente. Onde arranjaste?

—Foram uns investidores estrangeiros que me ofereceram — mentiu Faye.

Na verdade, fora Robin que se esquecera da garrafa umas semanas antes, quando

ficara lá a dormir. Tinham tido relações cinco vezes nessa noite. Faye ficou húmida entre as pernas ao pensar nele.

Quando Jack voltou para o sofá, sentou-se encostado a Faye, pegou-lhe nas pernas e colocou os pés dela ao seu colo. Começou a massajar-lhe as plantas dos pés. Faye fechou os olhos de prazer.

—Sabes que podíamos fazer isto todas as noites — disse Jack, ao fim de algum tempo.

Faye abanou a cabeça.

—Havias de te fartar ao fim de duas semanas, Jack. Vai mas é pôr a água a correr, em vez de estares aí a dizer parvoíces.

—A água a correr?

—Sim, no duche. Se vamos para a cama, não quero que estejas a cheirar a álcool velho.

As orelhas de Jack ficaram completamente vermelhas, e Faye teve de suprimir um sorriso de triunfo quando ele se levantou a correr para a casa de banho. Enquanto Jack tomava um duche, Faye colocou o computador portátil numa prateleira em frente à cama. Ligou a câmara de filmar.

Jack fez-lhe o seu melhor sorriso quando entrou no quarto, mas Faye não sentiu nada. Dormir com ele era apenas uma ferramenta. Uma forma de atingir um objectivo.

Depois, ficaram deitados na cama, lado a lado, ofegantes. Os olhos de Jack brilhavam esperançosamente.

—O que dirias de eu deixar a Ylva e me mudar para aqui?

—Não dá, Jack.

—Mas já me perdoaste ou não?

—Ter-te perdoado não quer dizer que queira viver contigo outra vez.

—Posso entrar como investidor na Revenge, ajudar-te a gerir as coisas. A empresa está a começar a ficar grande, tens a certeza de que consegues lidar com tudo? Quero dizer, tenho muito mais experiência a gerir uma empresa do que tu. E há uma grande diferença entre ser empreendedor e montar um negócio e depois administrá-lo. Fizeste um trabalho espectacular, mas agora acho que está na altura de deixares os profissionais tomarem as rédeas.

Este homenzinho, cujo afastamento da própria empresa Faye engendrara, pensava que continuava a poder controlá-la e ditar as regras.

Faye obrigou-se a si própria a manter a calma. Concentração no objectivo.

—Não preciso de investidores — respondeu-lhe. — Não te preocupes com a Revenge.

—Só te quero proteger, a ti e à Julianne. Cuidar de vocês.

Devas era preocupar-te em cuidar de ti próprio, pensou Faye. Controlar o que se passa atrás das tuas costas. Dormir com um olho aberto. Eu já te destruí. Só falta a Ylva.

—Acho melhor ires-te embora agora, Jack — disse-lhe.

—Ficaste chateada?

Aquele olhar de cachorro novamente, mas que perdera o seu poder de atracção.

—Claro que não, mas tenho uma reunião cedo amanhã e não quero que a Julianne te veja aqui. Fica confusa, e tu sabes.

—Ela também ia ficar melhor se fôssemos uma família outra vez.

—Nós éramos uma família, Jack. O teu problema é que, quando tens uma família, já não a queres ter. Vai lá ter com a tua namorada grávida.

Faye virou-lhe as costas, e Jack pegou nas suas coisas e saiu do quarto em passos vagarosos.

Quando ouviu Jack sair do apartamento, Faye pegou no computador, viu a filmagem da noite e escolheu uma cena na qual Jack estava deitado com a cabeça entre as suas pernas. Ultimamente, certificava-se de que estava sempre totalmente depilada. Os seus seios tinham um ar magnífico, quando Faye estava deitada a gemer de prazer. Fez alguns fotogramas granulados onde não era possível identificá-la, criou uma conta anónima de Gmail e enviou três imagens para Ylva.

«O teu homem sabe como satisfazer uma mulher», foi tudo o que escreveu.

Faye estava sentada à secretária, quando Jack invadiu o seu gabinete. Estava vermelho como um tomate e transpirava profusamente. Berrava num volume que se ouvia pelo escritório todo, e algumas cabeças curiosas levantavam-se por trás dos monitores. Faye sorriu por dentro. Jack era tão previsível.

—Que merda foste fazer?

Jack gritava de tal maneira que a saliva lhe saía projectada pela boca. Faye não ficou com medo. Deixara de ter medo de Jack há muito tempo. De qualquer homem.

—Por que raio fizeste aquilo?

—Não sei do que estás a falar — respondeu Faye, totalmente consciente de que Jack não iria acreditar nela.

Mas fazia parte do jogo. Faye queria que ele soubesse. Essa parte da charada estava terminada. Faye fez a cadeira rodar lentamente de um lado para o outro, atrás da bela secretária. Era uma mesa do *designer* Arne Jacobsen e custara quase cem mil coroas. A velha e carcomida secretária de Ingmar Bergman bem podia ir dar uma volta. Ingmar Bergman também podia ir dar uma volta, todo ele. Esse génio que constantemente se fizera rodear de mulheres para as espezinhar e amedrontar. Que *cliché* de homem.

Jack debruçou-se por cima da secretária. As palmas das mãos deixavam impressões suadas na superfície brilhante. Faye não se afastou. Em vez disso, aproximou a sua cara da dele. Observou o seu rosto desgastado e inchado pelo álcool, sentiu o cheiro a vinho velho e *whiskey* no seu hálito, e perguntou-se o que alguma vez teria visto naquele homem. Ele lia os livros de Ulf Lundell[1], quando se tinham conhecido. Faye devia ter visto os sinais de alarme logo por aí.

—Não percebo o que estás a fazer, Faye. Mas vou destruir-te. Vou tirar-te tudo. És uma puta louca e patética que eu apanhei da sarjeta e que não era ninguém. Toda a gente vai saber quem és e de onde vens. Sei mais do que tu pensas, sua cabra de merda! E vou fazer tudo o que estiver em meu poder para te tirar a Julienne!

Faye sentiu o cuspo de Jack contra a cara e levantou a mão lentamente. Com as costas da mão, limpou a saliva e viu, pelo canto do olho, dois seguranças corpulentos aproximarem-se.

Nesse momento, encolheu-se para trás.

—O que estás a fazer? — gritou. — Jack, pára! Socorro! Alguém me ajude! Ajudem-me!

Quando os seguranças irromperam pelo gabinete, Faye soluçou audivelmente e correu na direcção deles. Jack olhou fixamente para os homens com fardas da Securitas, dois rapazes loiros à volta dos vinte anos. Por momentos, pareceu que queria atirar-se a eles, mas, de seguida, inspirou profundamente, levantou os braços em sinal de desistência e lançou-lhes um dos seus sorrisos abertos.

—Houve aqui um mal-entendido. Não há problema nenhum. Uma pequena divergência de opiniões. Eu saio sozinho, já estava a sair...

Recuou até à porta. Faye refugiara-se no gabinete do responsável de *marketing* e olhava para Jack com uma expressão preocupada, enquanto alguns dos seus funcionários estavam à sua volta, a protegerem-na. Não se poderia ter passado de melhor forma.

Quando Faye chegou a casa, depois da cena de Jack no escritório, estava exausta. O apartamento estava vazio. Kerstin fora buscar Julianne à escola, e tinham ido as duas a uma das suas intermináveis visitas a museus.

Kerstin expressara preocupação por Julianne ultimamente. Dizia que a menina mudara de aberta e esfuziante a cada vez mais fechada. Os professores haviam mencionado que agora passava os intervalos sozinha, mas Faye não estava tão preocupada como Kerstin. Reconhecia-se a si própria em Julianne, ela também fora um lobo solitário.

As cartas do pai chegavam com intervalos cada vez mais curtos. Faye continuava a não as abrir. Sentia-se agradecida por nunca ninguém ter feito a ligação entre os dois. O caso tornara-se conhecido, mais pelo facto de o pai ter sido condenado, apesar de nunca se ter encontrado o corpo da mãe. O tribunal dissera que, ainda assim, havia indícios suficientes para justificar a sentença. Todos os relatórios hospitalares que documentavam os ferimentos da mãe. O sangue. O facto de todos os pertences pessoais da mãe continuarem na casa. O veredicto fora unânime. Prisão perpétua.

Faye serviu-se de um copo de vinho, sentou-se ao computador e abriu os *e-mails*. Vinte novos *e-mails* de Ylva. Apagou-os a todos, não estava interessada no que Ylva tivesse para dizer. Faye abriu a gaveta de cima da secretária e pegou na *pen* USB, onde tinha guardado o ficheiro do *keylogger*. Fora-lhe muito útil. Não sabia se

haveria de guardá-la como recordação ou de a deitar simplesmente para o caixote do lixo.

Faye fê-la rodopiar entre os dedos, apercebeu-se de que nunca chegara a abrir as outras pastas que gravara, pelo sim pelo não. Já conseguira informação suficiente para comprometer Jack. Inseriu a *pendrive* no computador e bebericou o vinho, enquanto as pastas apareceram no ecrã. Clicou aqui e ali, mas nenhum dos ficheiros lhe chamou a atenção. Documentos de negócios aborrecidos, contratos, apresentações em PowerPoint. *Boring, boring, boring*. A última pasta chamava-se «Doméstico», e, apesar do nome desinteressante, Faye abriu-a. Com um horror crescente, compreendeu o que a pasta continha, e o copo com *Amarone* escorregou-lhe da mão.

Olhou para os estilhaços de vidro no chão. Para a nódoa vermelha que continuava a aumentar. Sabia que seria obrigada não só a esmagar Jack, mas também a certificar-se de que o destruía para todo o sempre.

Faye deixou passar alguns dias. Depois, telefonou a Jack. Tinha um novo plano. Chorou e implorou-lhe que a perdoasse. Apesar de, na realidade, querer espancá-lo, pontapear o seu corpo caído no chão, cuspir na sua sepultura.

Jack deixou-se convencer pela sua fraqueza. Precisava da sua submissão, e Faye deu-lhe aquilo de que ele precisava.

Lentamente, voltou a ganhar a sua confiança. Jack não era complicado e deixava-se enganar facilmente. Faye desejou ter percebido isso mais cedo.

Apesar de ter pensado que nunca mais seria necessário, forçou-se a ir para a cama com ele. Essa era a parte mais difícil. Fingir que estava a ter prazer, quando todo o seu corpo estava repleto de repulsa e ódio. Quando todo o seu interior estava inundado de imagens daquilo de que Jack se tornara culpado.

Por vezes, Jack chorava no sono. O seu telemóvel, em cima da mesa-de-cabeceira, acendia-se a intervalos regulares com o nome de Ylva no ecrã. Ylva não o expulsara de casa. Agora era ela quem implorava e chorava. Ela quem, dentro de pouco tempo, estaria a dar à luz a filha deles, enquanto Jack dormia com outra mulher. Exactamente como fizera quando Julianne nascera.

Faye conseguira que lhe prescrevessem mais Stilnox. Enquanto Jack dormia profundamente, pegou no computador dele e fez as pesquisas necessárias. Às vezes, aquilo parecia-lhe demasiado simples. No entanto, sabia que seria tudo menos simples. E que o preço seria elevado. Talvez até demasiado elevado. Mas Faye era quem era, e, tendo em conta o crime de Jack, nenhuma vingança seria demasiado brutal.

Enquanto a noite caía lá fora, Faye recordou-se dos flocos de neve que se precipitavam do lado de fora do vidro brilhante do quarto da torre. Recordou-se da sensação de pairar livremente. Da sensação de liberdade e aprisionamento em simultâneo. De vez em quando, sentia falta do quarto da torre. Porém, nunca sentia falta da gaiola de ouro. Por vezes pensava em Alice, que continuava a viver na sua. De livre vontade. Mas havia partes da vida de Alice que o seu marido Henrik não conhecia. Como o facto de Alice ser uma das investidoras iniciais na Revenge e agora ser tão rica como ele. Ou que Alice lhe pedira o número de telefone de Robin e que agora se encontrava com ele uma vez por semana, quando Henrik pensava que

ela estava numa aula de Pilates.

Faye dera-lhe essa satisfação. Quando se estava presa numa gaiola de ouro, eram necessárias algumas distrações para aguentar.

Quando a madrugada chegou, Faye observou Jack, enquanto ele ia acordando lentamente, com a cabeça pesada de comprimidos para dormir e *whiskey*.

—Tenho uma viagem de negócios, na próxima semana — disse-lhe. — Podes ajudar-me com a Julianne?

—Claro que sim.

Jack sorriu para Faye. Interpretou os olhares dela como paixão. Mas os seus olhares significavam apenas «adeus».

Fjällbacka, naquele tempo

Pousei o telefone. A sentença fora proferida, e eu estava livre. Pela primeira vez. Nunca tivera essa sensação antes, não sabia como era. Mas, agora, parecia que o meu corpo flutuava por cima do chão. Nunca me sentira tão forte.

Não me tinham deixado assistir ao julgamento, acharam que eu era demasiado nova. Mas, ainda assim, eu conseguia ver o pai à minha frente, com o mesmo fato que usara no funeral do Sebastian. O pescoço a transpirar, a puxar a camisa, desconfortável, furioso, preso como nunca estivera antes. A prisão dele era a minha liberdade.

Uma pequena parte de mim rezeira que não o condenassem. Que não tivessem visto o animal dentro dele, que só tivessem conseguido ver um homenzinho patético e miserável. Mas as provas técnicas eram avassaladoras. Mesmo sem o corpo da mãe.

Ele fora condenado e ia receber um castigo duro.

Eu sabia que a vila se regozijava. Toda a gente acompanhara o julgamento. As pessoas horrorizavam-se, coscuvilhavam, arrastavam-se em conversas pelos corredores da mercearia, paravam-se umas às outras quando se cruzavam de carro na praça, desciam os vidros, compadeciam-se e falavam sobre a pobre menina. Eu conhecia-as muito bem.

Mas eu não era nenhuma pobre menina. Era mais forte do que eles todos. Preferira ficar a viver na nossa casa quando o pai foi preso, mas alguém decidiu que não podia ser. Aos olhos deles, ainda era uma criança. Na ausência de familiares, na ausência de amigos, tive de me mudar para a residência do casal de velhos que vivia mais perto. Mas eles deixavam-me ficar na nossa casa sempre que eu queria, desde que fosse comer e dormir à deles.

Os últimos tempos haviam sido uma grande e longa espera. Agora deixavam-me em paz na escola. Quando eu andava pelos corredores, dividiam-se como se eu fosse Moisés a abrir o mar Vermelho. Sentiam-se fascinados por mim. Mas evitavam-me. As pessoas só gostavam de estar perto do luto e da tragédia até um certo limite. Eu já ultrapassara esse limite há muito tempo.

Mas agora estava finalmente livre. E ele podia apodrecer no inferno.

A chuva caía a potes. Os olhos ardiam-lhe, e sentia que tinha a cabeça a explodir. Faye só queria poder dormir. Telefonou para o número de Julianne duas vezes e depois para Jack. Ficou sem resposta. O recepcionista do hotel aproximou-se e disse-lhe que o táxi estava lá fora, à sua espera. Faye agradeceu, pegou na mala e começou a marcar o número da polícia. No momento em que se sentou no banco traseiro do carro, atenderam.

—Central de alarme, qual é a emergência?

—Quero reportar um desaparecimento — disse Faye.

—Estou a ver — respondeu a mulher, calmamente, do outro lado. — De quem?

—Da minha filha de sete anos — respondeu Faye e soluçou audivelmente.

—Quando a viu pela última vez?

—Ontem à noite. Estou num hotel em Västerås, tive reuniões de trabalho aqui. O meu ex-marido está a tomar conta da Julianne. Passei a manhã toda a telefonar-lhes, mas ninguém responde.

—Então a senhora não está na cidade?

—Não. Meu Deus, não sei o que hei-de fazer.

—Existe alguma razão para acreditar que eles tenham ido a qualquer lado ou estejam num sítio onde não possam atender?

—Não, eles iam estar em nossa casa. Hoje talvez fossem ao parque Skansen. Isto não é mesmo normal com o Jack.

—Como é que a senhora se chama?

—O meu nome é Faye Adelheim. O apartamento onde eles deviam estar fica na zona de Östermalm. É o meu apartamento.

Deu o endereço à mulher ao telefone.

—Normalmente esperamos algumas horas antes de registar um desaparecimento.

—Por favor, estou extremamente preocupada.

A voz do outro lado suavizou-se ligeiramente.

—Na verdade, é demasiado cedo, mas vou pedir a um carro-patrulha para passar por lá e tocar à porta.

—Obrigada. Isso seria mesmo muito bom. Dê-lhes o meu número de telemóvel

para que me possam ligar quando lá chegarem.

Uma hora e meia mais tarde, o táxi saiu da rua Odengatan e continuou alguns metros na rua Birger Jarlsgatan, antes de entrar na avenida Karlavägen.

Estavam dois carros da polícia à porta do prédio. Um agente fardado esperava junto à entrada. Faye pagou ao taxista, lançou-se para fora do carro e correu para o agente.

—A Faye sou eu — disse, ofegante. O polícia olhou para ela com uma expressão séria. — Não estou a perceber. Disseram que tinham encontrado o Jack. Porque continuam aqui? E onde está a minha filha?

—Podemos entrar e conversar lá dentro? — perguntou-lhe, com um olhar incerto.

—O que quer dizer com isso? Se falaram com o Jack, também sabem onde está a Julianne.

Faye inseriu o código e abriu a porta.

—Como lhe disse, é melhor acompanhar-me lá acima.

Faye seguiu-o.

—Por favor, não me pode dizer o que se passa? O Jack está lá em cima?

O agente fechou a grade do elevador.

—O seu ex-marido está lá em cima, sim — respondeu. — Mas a vossa filha está desaparecida.

—Mas o Jack tem de saber onde ela está! Ela só tem sete anos, não pode ter desaparecido sozinha. Ele estava responsável por ela. Ela estava com ele. O que diz o Jack?

—Diz que não se lembra de nada.

—Não se lembra de nada?!

Faye ouviu a sua própria voz ecoar no elevador.

O elevador parou, e eles saíram. A porta do seu apartamento estava aberta. Faye esfregou as mãos na cara.

—Encontrámos uma coisa que... há sangue no seu corredor.

—Sangue? Oh, meu Deus...

Faye cambaleou, e o polícia agarrou-a. Conduziu-a pela porta. Um técnico vestido com uma bata branca estava agachado no *hall*, a esfregar um instrumento no chão, onde sangue escuro coagulava.

—Julienne! — chamou Faye, estridente. — Julienne!

Na cozinha, Jack estava sentado numa cadeira. Dois polícias falavam calmamente com ele. Quando Jack viu Faye, fez uma tentativa de se levantar, mas os polícias impediram-no. Afundou-se novamente na cadeira.

—O que aconteceu? — chamou Faye. — Onde é que ela está, Jack? Onde está a Julienne?

—Não sei — respondeu Jack, baralhado. — Acordei com o barulho da campainha da porta.

O polícia que a acompanhara puxou-lhe o braço.

—Vamos precisar de levar algo que tenha pertencido à vossa filha.

Faye olhou para ele sem compreender.

—O que quer dizer com isso? Para quê?

O polícia conduziu-a com cuidado, mas decidido, para a frente. Do corredor, ouviam-se passos e vozes. Eram mais polícias que chegavam.

—Para efeitos de identificação — respondeu-lhe. — Só para uma eventualidade.

Faye ficou ofegante, mas assentiu com a cabeça.

—Como o quê?

—A escova de dentes dela. Ou uma escova de cabelo.

Faye assentiu novamente e apontou para a casa de banho. O polícia pegou num saco de plástico, calçou umas luvas finas de borracha e seguiu à sua frente.

—É essa.

Pegou na escova de dentes cor-de-rosa e colocou-a cuidadosamente no saco de plástico. Faye mostrou-lhe onde ficava o quarto de Julienne, de onde ele também recolheu a sua escova de cabelo.

—Isto deverá ser suficiente — disse o agente para Faye, com um olhar sério.

Começara a escurecer lá fora. Faye levantou-se quando a agente da polícia entrou na pequena sala onde lhe tinham dito para esperar. Era alta e loira. O cabelo estava apanhado num rabo-de-cavalo e tinha um olhar simpático mas decidido.

—Já sabem alguma coisa?

A polícia abanou a cabeça.

—Sente-se — disse para Faye e fez um gesto com a cabeça para o sofá. — O meu nome é Yvonne Ingvarsson e sou inspectora da polícia.

Faye cruzou as pernas quando se sentou no sofá.

—Preciso de lhe fazer umas perguntas e quero que me responda o mais detalhadamente possível.

—Claro que sim.

—Ainda não encontrámos a Julianne, mas há algumas coisas que nos deixam preocupados. Muito preocupados.

Faye fechou os olhos e engoliu em seco.

—Ela está... acham que lhe aconteceu alguma coisa?

—Sinceramente, não sabemos. Mas o sangue no corredor da sua casa é humano. Os técnicos estão a compará-lo com o ADN que encontraram na escova de dentes dela e na do cabelo.

—Meu Deus... eu...

—O seu ex-marido, o Jack, não consegue explicar nada. A história dele simplesmente não é consistente. Afirma que não se lembra do que fez ontem.

—Mas é impossível que ele tivesse feito mal à Julianne. Vocês estão enganados. Alguém ter deve tê-la levado, de alguma maneira. Ele ama-a e não tem nenhum motivo para...

—E quem haveria de ter?

Faye calou-se. A inspectora inclinou-se para a frente e colocou-lhe uma mão no joelho.

—De acordo com o telemóvel e com o GPS do carro, ele andou a conduzir. De noite.

—O que quer dizer com isso?

—Foi até Jönköping. E encontrámos vestígios de sangue na bagageira do carro.

Também vamos compará-lo com o sangue no corredor de sua casa.

—Pare... por favor, pare... não quero saber...

Faye abanou a cabeça.

—Tem de ser forte agora, Faye. Sei que é difícil, mas tem de nos ajudar, se queremos encontrar a Julianne.

Faye assentiu lentamente com a cabeça e acabou por olhar a polícia nos olhos.

—Os nossos colegas de Jönköping estão a analisar os sítios por onde o Jack andou esta noite. Já analisámos os vossos computadores, e agradecia que me explicasse o que é isto.

Yvonne virou algumas páginas do *dossier* que trouxera consigo e retirou um papel. Era o *e-mail* que Faye enviara a Ylva. Faye abriu a boca para explicar, mas Yvonne antecipou-se.

—É a senhora nesta imagem?

Colocou o papel nas mãos de Faye, que olhou para ele de relance, antes de assentir com a cabeça.

—Sim, sou eu.

—Enviou isto para a companheira do Jack, a Ylva Lehndorf?

Faye assentiu novamente.

—E porque fez isso?

—Porque foi ela que me roubou o Jack. Só queria...

—A Faye tem um relacionamento com o Jack... neste momento?

—O que quer dizer com isso?

—Estou a perguntar se dormiu com o Jack desde que se separaram?

—Sim. Mas não depois de ele ter descoberto que eu enviei isto para a Ylva. Depois disso, ele... ele detesta-me.

—De acordo com o Jack, o vosso relacionamento continuou.

—Isso é absurdo. Ele foi ao meu escritório e fez uma cena em frente a toda a gente, há algumas semanas. Os seguranças tiveram de o expulsar. Mas a discussão era sobre nós os dois, não tinha nada a ver com a Julianne. Sei que ele nunca lhe faria mal.

Faye abanou a cabeça veementemente.

—Sabe o que também descobrimos? Que a senhora, através de uma empresa de investimentos estrangeira, adquiriu a maioria da Compare. A empresa que o Jack fundou. E da qual foi despedido. O Jack tem conhecimento disso?

Faye tamborilou o tampo da mesa, nervosa. O olhar de Yvonne Ingvarsson era difícil de interpretar.

—Não é suspeita de nada, Faye — continuou Yvonne. — Mas precisamos de saber, para podermos compreender o que aconteceu.

Faye assentiu com a cabeça lentamente.

—O Jack deixou-me pela Ylva. Apanhei-os no nosso quarto... a única coisa que eu queria era que sentissem a mesma dor que eu senti. Fui humilhada, perdi tudo o que tinha. Claro que me quis vingar. E fiz os possíveis para esmagar o Jack. Com todo o direito. E ele odiava-me, com todo o direito. Mas isso não tinha nada a ver com a Julianne, por isso não percebo onde ela poderá estar ou porque é que acham que ele lhe fez alguma coisa.

Faye torceu as mãos no colo.

Yvonne não respondeu à sua questão. Em vez disso, continuou as perguntas.

—Esses ferimentos na sua cara. Como foram provocados? Foi o Jack?

Faye encostou uma mão ao lado da cara, mas sobressaltou-se com a dor. De seguida assentiu, relutantemente.

—O Jack ia ficar com a Julianne, enquanto eu estava numa reunião de negócios em Västerås. Mas eu não me sentia segura, só lhe pedi mesmo por causa da Julianne. O Jack estava... ele tem andado tão zangado... tem enviado mensagens horríveis nos últimos tempos. Ameaçava-me depois de ter bebido. Não é típico dele. Ele estava zangado quando chegou, e foi aí que me bateu. Mas depois acalmou-se. Conversámos e pareceu-me que estava tudo bem quando me fui embora. Nunca o teria deixado ficar com a Julianne se pensasse que...

A voz de Faye falhou.

Alguém bateu à porta. Um polícia entrou e apresentou-se. Pediu para falar com a colega, e Yvonne seguiu-o até ao corredor. Alguns minutos mais tarde, regressou. Trazia uma chávena de café, que colocou na mesinha em frente a Faye.

—Continue — disse-lhe.

—Sabe mais alguma coisa sobre a Julianne? Já a encontraram?

—Não.

—Não me pode contar? Trata-se da minha filha!

A inspectora da polícia olhou-a com um olhar vazio.

—Não achamos que a Julianne tenha conseguido sobreviver a uma perda de sangue como a que encontrámos em sua casa.

—Mas o que querem dizer com isso? — gritou Faye. — A minha menina não pode estar morta!

Yvonne Ingvarsson colocou uma mão no ombro de Faye, mas permaneceu em silêncio. As palavras não proferidas ecoavam pela sala.

Em vez de dormir no seu apartamento, Faye utilizou a cópia das chaves de casa de Kerstin e mudou-se para lá. Todos os jornais haviam noticiado o desaparecimento de Julianne na primeira página. A polícia rastreara o carro de Jack até uma zona de floresta a norte de Norrköping. Nas proximidades, havia uma doca. No dia seguinte, descobriram pequenas quantidades de sangue num dos barcos. Mas nenhum corpo.

Nos jornais, Faye leu que trabalhavam segundo a teoria de que «o ex-marido e milionário», como chamavam a Jack, teria afundado o corpo de Julianne no lago. Os mergulhadores tinham tentado recuperar o corpo, mas a área era demasiado extensa. Julianne nunca foi encontrada.

Uma semana mais tarde, quando todas as provas apontavam para Jack e os tablóides, através de fontes na polícia, descobriram que fora encontrado sangue não só no apartamento, mas também no carro e no barco, o nome de Jack foi divulgado. Os jornalistas rodeavam a vivenda de Jack e de Ylva em Lidingö como formigas.

Yvonne Ingvarsson visitou Faye e explicou-lhe que não tinham perdido a esperança de encontrar Julianne com vida, mas que quase tudo apontava para que estivesse morta. Ofereceram-lhe apoio psicológico e sugeriram-lhe que falasse com um padre. Mas Faye recusara tudo. Fechou-se em casa de Kerstin e observou os grupos de jornalistas ficarem cada vez mais pequenos à porta de sua casa. As feridas e as nódoas negras que tinha na cara tinham começado a cicatrizar, e Faye tratava dos ferimentos minuciosamente. Não queria ficar com cicatrizes feias. A acusação feita a Jack também incluía maus-tratos a Faye.

Jack não fizera qualquer confissão. Mas as provas contra si tornavam-se cada vez mais fortes. Os investigadores haviam descoberto as mais macabras pesquisas no seu histórico de Internet. E mensagens ameaçadoras para Faye haviam sido recuperadas do telefone de Jack, apesar de terem sido apagadas. Faye também as pudera confirmar no seu próprio telemóvel. Tudo aparecia relatado nos tablóides.

As descobertas no computador de Jack tinham apertado ainda mais a corda à volta do seu pescoço. Fizera pesquisas sobre as profundidades de diferentes lagos na Suécia e guardara mapas da zona onde estacionara o carro, junto ao lago Vättern.

Mal passara um mês depois do desaparecimento de Julianne, Faye colocou o seu

apartamento à venda e notificou as investidoras da Revenge de que tencionava deixar a Suécia o mais rapidamente possível. Manteve dez por cento das acções, deu a Kerstin mais cinco por cento, além daquelas que lhe dera anteriormente, e ofereceu às investidoras a compra das restantes acções. Yvonne Ingvarsson tentara convencê-la a, pelo menos, esperar que o julgamento de Jack chegasse ao fim, antes de deixar o país, mas Faye explicara-lhe que não aguentava.

—A minha vida está arruinada, independentemente da sentença que lhe leiam. Eu tirei-lhe a empresa, destruí a relação dele com a Ylva. E ele respondeu matando a nossa única filha. Já não me resta nada aqui.

—Compreendo — dissera Yvonne. — Mas tem de tentar ser forte. A dor nunca vai desaparecer, mas, com o tempo, vai tornar-se mais fácil lidar com ela.

Quando estavam à porta, Yvonne dera um abraço a Faye, antes de apertar o casaco e sair para as escadas.

—Para onde se vai mudar?

—Não sei bem. Mas para bem longe daqui. Para um sítio onde ninguém me conheça.

Quando Yvonne lhe enviara uma mensagem a dizer que os resultados dos testes de ADN haviam chegado e que o sangue que haviam encontrado no corredor, na bagageira do carro de Jack e no barco correspondia ao ADN recolhido das escovas de dentes e de cabelo de Julianne, Faye respondera-lhe apenas com um «Obrigada». Não tinha mais nada para dizer.

Tinham-se passado sete meses desde que Faye deixara a Suécia. Observou os montes verdes, que se elevavam do solo, em frente ao Mediterrâneo. No suporte para copos tinha um café *frappé* gelado. O julgamento de Jack estava concluído, a sentença seria proferida a qualquer momento. Os *media* e a população sueca já tinham decidido o seu veredicto. Jack Adelheim era o homem mais detestado da Suécia. Obviamente, Ylva já dera uma entrevista ao tablóide *Expressen*, com a filha de Jack nos braços e uma oferta abundante de palavras condenatórias. Aparentemente, Jack submetera-a a maus-tratos e abusos psicológicos durante toda a relação. Ylva colhia comiseração e solidariedade de todos os lados. Faye riu-se para si própria ao ler aquilo.

Faye retirara finalmente as odiosas mamas de plástico e ganhara dez quilos. Mas continuara a treinar. Nunca se sentira tão confortável no seu próprio corpo como naquele momento.

Olhou para o ecrã novamente, enquanto mergulhava apazivelmente alguns biscoitos *Cantucci* num pequeno copo de vinho doce. Toda a Suécia seguira de perto o aparatoso julgamento, e Faye conseguia sentir mesmo ali, no terraço onde estava sentada, que o país sustinha a respiração.

Não estava preocupada. Fizera o seu trabalho de casa minuciosamente.

O locutor das notícias do *Aftonbladet* folheava alguns papéis, enquanto um repórter criminal inveterado franzia a testa e, com voz grave e séria, explicava que não restavam quaisquer dúvidas de que Jack seria condenado.

Faye nem esboçou um sorriso. Já sabia que vencera. O rescaldo era, na verdade, apenas uma formalidade. O seu trabalho estava terminado.

Julienne chamou por ela do interior da casa.

Faye empurrou os óculos de sol para a ponta do nariz e semicerrou os olhos.

—O que foi, amor?

—Podemos ir para a praia?

—Daqui a um bocado. A mãe vai só acabar de ver aqui uma coisa.

Julienne apareceu à porta. Os seus passos descalços ecoavam pelo terraço, quando foi a correr ter com Faye. Bronzeada e bonita, com os cabelos claros a esvoaçarem atrás de si.

«Jack Adelheim considerado culpado do homicídio da sua filha de sete anos.»

Faye fechou rapidamente a tampa do computador portátil quando Julianne subiu para o seu colo.

—O que estavas a ver?

—Oh, nada de especial — respondeu-lhe Faye. — Vamos para a praia então?

—Achas que a Kerstin também quer vir?

—Pergunta-lhe.

Faye fechou os olhos quando Julianne se afastou a correr. Os pensamentos regressaram aos dias decisivos, havia mais de meio ano.



Não tivera medo da dor física. Essa não era nada, comparada com a dor que sentira quando encontrara as fotografias de Julianne na pasta chamada «Doméstico». A sua amada filha. Aterrorizada. Confusa. Nua.

O choque fora substituído por uma fúria que quase a devorou, mas Faye manteve-a dentro de si. Sabia que iria precisar dela mais tarde. A sua fúria iria sufocar Jack como uma avalanche, não restaria nada dele, quando Faye tivesse acabado.

Envolver Jack numa falsa sensação de segurança fora fácil, fazer tudo o que precisara de fazer também não fora difícil. Só precisava de fechar os olhos e visualizar o corpo nu de Julianne à sua frente. Exposto. Profanado. Pela pessoa que a devia ter protegido.

Faye tomara alguns comprimidos analgésicos e depois colhera pouco mais de um litro de sangue de si própria. Era o dobro da quantidade retirada quando se doava sangue, mas Faye fizera umas pesquisas e chegara à conclusão de que, com a quantidade de sangue que uma pessoa tem no corpo, poderia dar-se ao luxo de sacrificar cerca de um litro.

Kerstin começara por protestar, quando Faye lhe contara o que queria fazer, mas, depois de ter visto as fotografias de Julianne, concordara que nenhum castigo seria demasiado duro para um homem como Jack.

Faye sentia a cabeça leve, estava tonta, mas manteve-se de pé. Não podia desmaiar agora.

Kerstin e Julienne iriam partir com antecedência. Fora caro arranjar passaportes falsos e uma forma segura de deixar o país, mas o dinheiro comprava tudo. E dinheiro era coisa que não faltava a Faye.

Conduziu até ao hotel em Västerås, onde Kerstin estava à sua espera. Deu-lhe o telemóvel. A partir do final da tarde, Kerstin devia começar a ligar para o telemóvel de Jack. De seguida, Faye regressou ao seu apartamento.

Quando a campainha tocou, Faye respirou fundo e foi abrir a porta a Jack. Estava na hora de o destruir. Ele perguntou onde Julienne estava, fora lá para tomar conta dela, e Faye disse-lhe que ela ia a caminho de casa. Três *whiskeys* mais tarde, Faye conseguira atraí-lo para o quarto com a promessa de sexo, mas, exactamente como esperara, Jack caíra inconsciente na cama depois de alguns movimentos toscos por dentro das cuecas.

Faye observou-se a si própria no grande espelho do quarto. Consequia ouvir a respiração pesada de Jack na cama. Dera-lhe uma dose dupla, e ele não acordaria por nada neste mundo. Quando voltasse a si, a memória estaria confusa.

Inspirou profundamente. Deixou a escuridão invadi-la por completo, sem nenhum dos obstáculos que lhe colocara no caminho durante tantos anos. Viu os rostos na água. Ouviu os gritos estridentes que subiam para o céu e faziam as gaivotas baterem as asas a fugir, assustadas. Viu o sangue misturar-se com a água salgada. Dedos pálidos que tentavam desesperadamente agarrar-se, como garras, a qualquer coisa, a qualquer pessoa.

Viu Julienne novamente. A sua cara assustada.

Com toda a força, Faye bateu com a testa na cabeceira de aço da cama.

Com um olhar crítico, observou a cara ao espelho. Seria aquele ferimento suficiente? Pareceu-lhe que sim. Via-se um corte na testa, e o sangue pulsava por baixo da pele, ficaria com várias nódoas negras.

Faye foi buscar a pequena boneca de simulação de reanimação que conseguira comprar e colocou-a no corredor. De seguida, despejou o sangue que Kerstin a ajudara a colher por cima da boneca, para que escorresse à volta da cabeça e pela parte de cima do tronco. Esperava que a quantidade de sangue fosse suficiente. Não podia ter tirado mais, se quisesse continuar a manter-se de pé. Ficou nauseada com o cheiro e ainda se sentia tonta e fraca, mas obrigou-se a continuar. Deixou a boneca ficar encharcada no sangue, enquanto tratava dos últimos preparativos, na esperança de que o sangue tivesse tempo de coagular ligeiramente em torno da

mesma.

Colocou umas luvas de borracha e pegou cuidadosamente num saco de plástico, onde guardara uma escova de dentes e de cabelo cor-de-rosa. Ambas eram enfeitadas por desenhos da personagem Elsa, do filme *Frozen*. Fora a própria Julianne que as retirara das embalagens e as colocara no saco de plástico, para que apenas as suas impressões digitais lá ficassem.

Faye começou por escovar o seu próprio cabelo. Ela e Julianne tinham o mesmo tom de loiro e o mesmo comprimento de cabelo. Penteou-se com força para que lá ficassem alguns fios ainda com a raiz. Depois, pousou cuidadosamente a escova de cabelo e pegou na de dentes. Escovou os dentes e a língua insistentemente e com bastante força, para que a escova ficasse com um aspecto mais gasto. Colocou a escova de dentes no copo da casa de banho, ao lado da sua própria escova. De seguida, foi ao quarto de Julianne e deixou a escova de cabelo em cima da sua secretária.

Quando terminou, lavou o copo onde tinha esmagado os comprimidos soporíferos e voltou a enchê-lo de *whiskey*. Pegou no copo e na garrafa de *whiskey* e foi para o quarto, onde Jack continuava a ressonar audivelmente. Faye pousou o copo em cima da mesa-de-cabeceira e deixou a garrafa ficar entornada no chão, ao lado da cama. O quarto ficou imediatamente a tresandar a álcool.

Já não havia muito mais a fazer dentro do apartamento.

Faye certificou-se de que tinha o telemóvel de Jack consigo, quando foi para o carro. Atirou rapidamente a boneca para o porta-bagagens. Iria deixar manchas de sangue. Precisamente como planeara.

O resto fora logística pura. Conduzira o carro de Jack até ao lago Vättern e de volta. Deixara algum sangue espalhado num dos barcos amarrados, sem tranca, a um dos pontões. Lavara a boneca rapidamente e atirara-a para a água. Haveria muito lixo estranho no fundo do lago, ninguém iria fazer a ligação entre aquela boneca e o desaparecimento de Julianne.

Quando estava a regressar a Estocolmo, Faye sabia que tanto o GPS do carro como do telemóvel de Jack poderiam ser rastreados ao longo de todo o caminho. O do carro com mais precisão do que o do telemóvel, mas serviriam de reforço mútuo. Em conjunto com as pesquisas no Google que Faye fizera no computador de Jack ultimamente, seria suficiente. Pelo menos esperava que sim. O diabo estava nos detalhes.

Faye estacionou o carro no passeio marítimo. Um vento quente apanhou-lhe o vestido, enquanto Kerstin ajudou Julianne a sair do carro. Encontraram três cadeiras de praia livres e pagaram. Julianne correu imediatamente para a beira-mar. Faye e Kerstin permaneceram deitadas, mas nem uma nem outra tiraram os olhos da criança.

—Ele foi condenado. E a perspectiva é apanhar prisão perpétua.

—Sim, também vi — respondeu Kerstin.

—Conseguimos.

—Pois conseguimos. Mas, na verdade, nunca estive preocupada.

—Ai não?

Kerstin abanou a cabeça.

Uma mulher veio andando pela praia. Quando as avistou, parou e acenou-lhes.

—Há espaço para mais uma? — perguntou, com um sorriso.

—Claro, mas talvez tenhas de te apertar com a Julianne — respondeu Faye.

—É um prazer.

A mulher deitou-se na cadeira, na toalha turquesa de Julianne, e colocou uns óculos de sol.

—Vens jantar connosco hoje? — perguntou-lhe Faye.

A mulher limitou-se a assentir com a cabeça. Depois virou a cara para o Sol.

As três mulheres ficaram deitadas em silêncio. Quando Faye fechou os olhos, a apreciar o som da ondulação a bater na areia e dos risos alegres de Julianne, viu Sebastian à sua frente. A sua morte conduziu-a onde estava agora. De uma maneira estranha, sentia-se agradecida ao irmão.

Virou a cabeça e observou a mulher na cadeira ao lado da sua. Lentamente, esticou o braço e acariciou a face da mãe.

Agradecimentos

Escrever um livro não é algo que se faça sozinho. Mesmo que muita gente pense que sim. Há uma quantidade de pessoas que contribuem, que possibilitam e que também tornam este trabalho um pouco menos solitário. Antes de mais, quero agradecer ao meu marido, Simon, que nunca vacila no seu amor e no seu apoio. Os meus filhos fantásticos também são uma enorme motivação: Wille, Meja, Charlie e Polly. Obrigada por estarem presentes e por serem os melhores miúdos do mundo. Obrigada também à minha mãe, Gunnel Läckberg, e aos meus sogros, Anette e Christer Sköld, por, de tantas maneiras, permitirem que eu tenha tempo e paciência para escrever. Há mais pessoas a quem agradecer: a todos os que se chegam à frente quando a vida quotidiana não se conjuga, estou-vos eternamente grata.

Um agradecimento enorme à Christina Saliba, que todos os dias trabalha arduamente ao meu lado, mesmo que não seja a escrever livros. És minha irmã, ainda que não partilhemos laços de sangue. Um muito obrigada também à Lena Hellqvist, que é uma parte incalculável do nosso trabalho diário.

Também não seria nem metade da escritora que sou sem a minha fantástica editora, Karin Linge Nordh, e sem o sempre magnífico revisor Johan Häggblom. Não tenho palavras suficientes para vos agradecer. Evidentemente, há muitas mais pessoas na Editora Forum a quem agradecer, principalmente a Sara Lindegren, por isso, obrigada a todos vós!

O mesmo se aplica à Nordin Agency: Joakim Hansson, Johanna Lindborg, Anna Frankl e outros, que fazem, há muitos anos, um trabalho fantástico na divulgação da minha escrita pelo mundo fora.

Algumas pessoas muito importantes no que diz respeito a escrever um livro são as que nos ajudam com os factos relativos a assuntos que o escritor não domina. Como, por exemplo, Emmanuel Ergul, que contribuiu com informação indispensável sobre questões financeiras. E, como sempre, Anders Torewi, que leu e deu o seu *feedback* sobre assuntos relativos a Fjällbacka.

Obrigada ao Pascal Engman, colega ridiculamente talentoso que me deu *input* importante quando precisei de discutir impressões sobre as personagens neste livro. Como sempre, a minha colega Denise Rudberg também é a pessoa que sei estar sempre presente se e quando preciso de conversar sobre a escrita. Ou sobre a vida.

E, por fim, todas as irmãs, amigas, todos os que nos rodeiam e que amam a nossa família. São tantos que não vos posso enumerar, até por rezear, por engano, me esquecer de alguém. Mas vocês sabem quem são. Amo-vos.

E obrigada, pai, por me teres transmitido o amor pelos livros.

Camilla Läckberg

Estocolmo, 20 de Dezembro de 2018

COMO A VINGANÇA DE UMA MULHER PODE SER BELA E BRUTAL



Aparentemente, Faye parece ter tudo. Um marido perfeito, uma filha que adora e um apartamento de luxo na melhor zona de Estocolmo. No entanto, algumas memórias sombrias da sua infância em Fjällbacka assombram-na e ela sente-se, cada vez mais, como se estivesse presa numa gaiola de ouro.

Antes de desistir de tudo pelo marido, Jack, era uma mulher forte e ambiciosa.

Quando ele a trai, o mundo de Faye desmorona-se e ela perde tudo, ficando completamente devastada. É então que decide retaliar e levar a cabo uma cruel vingança...

Uma Gaiola de Ouro é um romance destemido sobre uma mulher que foi usada e traída, até tomar conta do próprio destino. Uma história dramática sobre engano, vingança e redenção.

Camila Läckberg. é um dos autores mais lidos do mundo. A série Fjällbacka vendeu mais de 23 milhões de cópias em 60 países. É também uma empresária de sucesso e uma das fundadoras da Invest In Her, uma empresa de investimentos que trabalha com empreendedorismo feminino e que luta contra as disparidades salariais entre homens e mulheres. Com Uma Gaiola de Ouro, Camilla Läckberg dá um novo passo na sua carreira, conseguindo um romance cuja protagonista é inesquecível e nos traz uma clara mensagem feminista.

Título original: *En bur av guld*

Edição em digital: abril de 2019

© 2019, Camila Läckberg

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma

Esta tradução foi publicada por acordo com G. P. Putnam's Sons

© 2019, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

Tradução: Elin Baginha

Revisão: Inês Guerreiro

Capa: adaptação de Teresa

ISBN: 978-989-665-797-0

Composição digital: leerendigital.com

Suma de letras é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

[1] Ulf Lundell é um cantor e escritor sueco, com antigos e conhecidos conflitos com várias personalidades públicas feministas suecas. (*N. da T.*)

Índice

Una gaiola de ouro

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

Fjällbacka — naquele tempo

Agradecimentos

Sobre o livro

Sobre Camilla Läckberg

Créditos